

Autora dos bestsellers *Eleanor & Park* e *Fangirl*

RAINBOW ROWELL

ANEXOS

romance

"Se Anexos fosse um e-mail, eu certamente o encaminharia para toda a minha lista de contatos."

- JODI PICOULT,
autora do bestseller "Sing You Home"



novo século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RAINBOW ROWELL

anexos

Attachments
Copyright © 2011 by Rainbow Rowell
Copyright © 2014 by Novo Século Editora Ltda.
All rights reserved.
Published by agreement with the Author c/o The Lotts Agency, Ltd.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Renata de Mello do Vale
ASSISTENTE EDITORIAL Vitor Donofrio
TRADUÇÃO Márcia Men
PREPARAÇÃO Marília Pagliaro
DIAGRAMAÇÃO Project Nine
REVISÃO Equipe Novo Século
ADAPTAÇÃO DE CAPA Equipe Novo Século

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rowell, Rainbow
Anexos [livro eletrônico] / Rainbow Rowell; [tradução Márcia Men].
– Barueri, SP : Novo Século Editora, 2014.
5 Mb ; ePUB.

Título original: *Attachments*.

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-12480

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0459-1



www.novoseculo.com.br





CAPÍTULO 1

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qua, 18/08/1999 09h06

Assunto: Cadê você?

Ia te matar chegar antes do meio-dia? Estou aqui sentada entre os cacos que restam da minha vida, e você... se eu te conheço, você acabou de acordar. Está, provavelmente, comendo aveia e assistindo a *Sally Jessy Raphael*. Me mande um e-mail quando chegar, antes de fazer qualquer outra coisa. Nem leia os quadrinhos.

<<**Beth para Jennifer**>> Certo, estou encaixando você antes dos quadrinhos, mas seja rápida. Tenho discutido com o Derek sobre o fato de *For Better or For Worse* se passar no Canadá ou não, e hoje pode ser o dia em que eles vão provar que eu estou certa.

<<**Jennifer para Beth**>> Acho que estou grávida.

<<**Beth para Jennifer**>> O quê? Por que você acha que está grávida?

<<**Jennifer para Beth**>> Eu tomei três drinques sábado passado.

<<**Beth para Jennifer**>> Acho que precisamos ter uma conversinha sobre a cegonha. Não é exatamente assim que isso acontece.

<<**Jennifer para Beth**>> Sempre que eu bebo demais, começo a me sentir grávida. Acho que é porque eu nunca bebo, e, para

mim, é óbvio que na *única vez* em que resolvo me soltar, fico grávida. Três horas de fraqueza, e agora vou passar o resto da minha vida lutando com as necessidades especiais de um alcoólatra fetal.

<<Beth para Jennifer>> Acho que não é assim que os chamam.

<<Jennifer para Beth>> Os olhinhos dele vão ser separados demais, e todo mundo vai olhar para mim no mercado e murmurar: "Olha aquela bêbada horrível. Não conseguiu largar sua Zima nem por nove meses. Trágico".

<<Beth para Jennifer>> Você bebe Zima?

<<Jennifer para Beth>> É bem refrescante, de verdade.

<<Beth para Jennifer>> Você não está grávida.

<<Jennifer para Beth>> Estou, sim.

Normalmente, dois dias antes da minha menstruação, meu rosto enche de espinhas e eu tenho cólicas "pré-colicais". Mas minha pele está mais lisa que bumbum de bebê. E, em vez de cólicas, estou sentindo uma coisa estranha na região do útero. Quase uma presença.

<<Beth para Jennifer>> Eu te desafio a ligar para o Pergunte à Enfermeira e dizer que você sente uma presença na região do útero.

<<Jennifer para Beth>> Fato: este não é meu primeiro susto com gravidez. Reconheço que achar que estou grávida é praticamente parte do meu regime pré-menstrual mensal. Mas estou te dizendo, *isso é diferente*. Eu me sinto diferente. É como se meu corpo me dissesse: "Começou".

Não consigo parar de me preocupar com o que vem depois. Primeiro, eu fico enjoada. Aí, fico gorda. E daí eu morro de um aneurisma na sala de parto.

<<Beth para Jennifer>> OU... daí você dá à luz uma linda criança. (Viu como você me enrolou para embarcar na sua viagem de gravidez fictícia?)

<<Jennifer para Beth>> OU... daí eu dou à luz uma linda criança, que eu nunca verei porque ela vai passar todas as horas em que estiver acordada em uma creche com alguma escrava ganhando salário mínimo, que ela então vai pensar que é a sua mãe. Mitch e eu tentamos jantar juntos depois que o bebê foi para a cama, mas estamos ambos exaustos o tempo todo. Eu começo a cochilar enquanto ele me conta sobre o seu dia; ele fica aliviado, porque não estava a fim de falar mesmo. Ele come seu pão com carne moída em silêncio e pensa na nova (e jeitosa) professora de economia doméstica do colégio. Ela usa sapatos de salto alto pretos, meia-calça nude e saia de rayon que sobe pelas coxas sempre que ela se senta.

<<Beth para Jennifer>> O que Mitch acha? (Sobre a Presença no seu útero, não sobre a nova professora de economia doméstica.)

<<Jennifer para Beth>> Ele acha que eu devia fazer um teste de gravidez.

<<Beth para Jennifer>> Um bom homem. Talvez um cara de bom senso como Mitch estivesse melhor com aquela professora de economia doméstica. (Ela jamais faria pão com carne moída para o jantar.) Mas acho que ele está preso a você, principalmente agora, com uma criança com necessidades especiais a caminho.

CAPÍTULO 2

– Lincoln, você está com uma aparência terrível.

– Obrigado, mãe.

Ele teria que aceitar a opinião dela. Não tinha se olhado no espelho hoje. Nem ontem. Lincoln esfregou os olhos e passou os dedos pelo cabelo, tentando abaixá-lo... ou talvez apenas tentando dar uma ajeitada. Talvez devesse tê-lo penteado quando saiu do chuveiro na noite anterior.

– Sério, olhe para você. E olhe para o relógio. Já é meio-dia. Você acabou de acordar?

– Mãe, eu só saio do trabalho à uma da manhã.

Ela franziu o cenho, depois lhe entregou uma colher como se esta fosse a melhor opção para ele.

– Aqui – disse ela –, mexa esse feijão. – Ela ligou a batedeira e meio que gritou por cima do barulho. – Eu ainda não entendo o que você faz naquele lugar que não pode ser feito à luz do dia. Não, docinho, não desse jeito, você está só fazendo carinho nele. *Mexa com vontade.*

Lincoln mexeu com mais força. A cozinha toda cheirava a presunto, cebola e mais alguma coisa, algo doce. Seu estômago estava roncando.

– Eu já falei – disse ele, tentando ser ouvido –, alguém tem que ficar por lá. Caso haja um problema nos computadores, e... eu não sei...

– O que é que você não sabe? – Ela desligou a batedeira e olhou para ele.

– Acho que talvez eles queiram que eu trabalhe à noite para que eu não me aproxime de mais ninguém.

– O quê?

– Bem, se eu chegar a conhecer as pessoas – disse ele –, talvez eu possa...

– Mexa. Fale, mas mexa.

– Se eu começar a conhecer as pessoas – continuou ele, mexendo –, talvez não me sinta tão imparcial quando estiver impondo as regras.

– Ainda não gosto do fato de você ler a correspondência dos outros. Especialmente à noite, em um prédio vazio. Isso não devia ser o serviço de ninguém. – Ela experimentou o que estava batendo com a ponta do dedo, depois ofereceu a tigela para ele. – Aqui, prove isso... Em que tipo de mundo nós vivemos, para isso virar uma carreira?

Ele passou o dedo pela borda da tigela e experimentou. Cobertura.

– Pode me passar o melado?

Ele assentiu.

– O prédio não fica completamente vazio – disse ele. – Tem gente trabalhando na redação.

– Você conversa com eles?

– Não. Mas eu leio seus e-mails.

– Não está certo. Como as pessoas podem se expressar num lugar assim, sabendo que alguém está vigiando seus pensamentos?

– Eu não estou nos pensamentos deles. Estou nos computadores, que são da empresa. Todo mundo sabe que isso acontece... – Era desesperador tentar explicar. Ela nunca sequer tinha visto um e-mail.

– Me dê essa colher – suspirou ela –, você vai estragar a tigela toda.

Ele entregou a colher e se sentou à mesa da cozinha, perto de um prato de pão de milho quentinho.

– Nós tivemos um carteiro uma vez – disse ela –, lembra? Que lia nossos cartões-postais? E ele sempre fazia comentários. “Estou vendo que a sua amiga está se divertindo na Carolina do Sul.” Ou: “Eu mesmo nunca estive no Monte Rushmore”. Todos eles deviam ler os cartões-postais, todos aqueles carteiros. O pessoal do correio. É um serviço repetitivo. Mas aquele quase se orgulhava disso. Parecia se gabar. Acho que ele contou aos vizinhos que eu assinava a revista *Ms*.

– Não é desse jeito – disse Lincoln, esfregando os olhos de novo. – Eu só leio o suficiente para ver se eles estão quebrando alguma regra. Não é como se eu estivesse lendo os diários deles ou algo assim.

A mãe não estava ouvindo.

– Você está com fome? Parece estar. Para falar a verdade, você parece deficiente... Aqui, querido, me passe aquele prato.

Ele se levantou e entregou-lhe um prato, e ela o segurou pelo pulso.

– Lincoln... Qual o problema com as suas mãos?

– Problema nenhum.

– Olhe para os seus dedos, eles estão cinza!

– É tinta.

– O quê?

– *Tinta*.

Quando Lincoln trabalhava no McDonald’s na época do colégio, o óleo de fritura se entranhava em tudo. Quando ele chegava em casa à noite, tinha no corpo inteiro a sensação que se tem nas mãos quando a gente acaba de comer batatas fritas. O óleo penetrava na pele e nos cabelos. No dia seguinte, ele suava esse óleo nas roupas que usava na escola.

No *The Courier*, era tinta. Uma camada cinzenta cobria tudo, não importando o quanto alguém limpasse. Uma mancha cinza cobria as

paredes texturizadas e os azulejos acústicos do teto.

Os revisores do turno da noite manuseavam os jornais, cada edição, quentinhos, diretamente do prelo. Eles deixavam impressões digitais cinza em seus teclados e mesas. Para Lincoln, eles pareciam toupeiras. Gente séria, com óculos espessos e pele acinzentada. Mas isso podia ser pela iluminação, pensava ele. Talvez não os reconhecesse à luz do sol. Em cores vivas.

Eles com certeza não o reconheceriam. Lincoln passava a maior parte de seu tempo no departamento de Tecnologia da Informação, no andar inferior. Cinco anos e duas dúzias de lâmpadas fluorescentes antes, ali havia sido uma câmara escura, e com todas as luzes e os servidores, era como estar sentado dentro de uma enxaqueca.

Lincoln gostava de ser chamado até a redação para reiniciar uma máquina ou dar jeito em uma impressora. A redação era ampla e aberta, com uma longa parede de janelas, e nunca ficava completamente deserta. Os editores do turno da noite trabalhavam até tão tarde quanto ele. Eles se sentavam num amontoado em uma das pontas da sala, sob uma fileira de televisores. Havia duas que se sentavam juntas, perto da impressora, que eram jovens e bonitas. (Sim, Lincoln havia se decidido, *era possível* ser bonito e parecer uma toupeira ao mesmo tempo.) Ele imaginava se as pessoas que trabalhavam à noite saíam em encontros durante o dia.

CAPÍTULO 3

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Sex, 20/08/1999 10h38

Assunto: Eu meio que odeio perguntar, mas...

Já paramos de fingir que você está grávida?

<<**Jennifer para Beth**>> Não por mais 40 semanas. Talvez 38 agora...

<<**Beth para Jennifer**>> Isso significa que não podemos conversar sobre outras coisas?

<<**Jennifer para Beth**>> Não, isso significa que *deveríamos* conversar sobre outras coisas. Estou tentando não pensar nisso.

<<**Beth para Jennifer**>> Ótimo plano.

Certo. Então. Na noite passada, recebi uma ligação da minha irmã mais nova. Ela vai se casar.

<<**Jennifer para Beth**>> E o marido dela não se importa com isso?

<<**Beth para Jennifer**>> Minha outra irmã mais nova. Kiley. Você conheceu o namorado dela... digo, o *noivo* dela, Brian, na casa dos meus pais, durante o Memorial Day. Se lembra? Ficamos tirando sarro da tatuagem Sigma Chi no tornozelo dele...

<<**Jennifer para Beth**>> Claro, Brian. Eu me lembro. Nós gostamos dele, certo?

<<**Beth para Jennifer**>> Nós adoramos ele. Ele é ótimo. É o tipo de cara que você torce para que a sua filha conheça algum dia em uma festa vira-vira de margarita.

<<**Jennifer para Beth**>> Isso é alguma piada alcoólica-fetal?

Esse casamento é culpa dos seus pais. Foram eles que a chamaram de Kiley. Ela estava destinada desde o nascimento a se casar com um estudante de medicina bonito.

<<**Beth para Jennifer**>> Direito. Mas Kiley acha que ele vai acabar dirigindo a empresa de material para encanamento do pai.

<<**Jennifer para Beth**>> Podia ser pior.

<<**Beth para Jennifer**>> Dificilmente poderia ser melhor.

<<**Jennifer para Beth**>> Ah. Desculpe. Acabo de perceber que essa não é uma boa notícia. O que Chris disse?

<<**Beth para Jennifer**>> O de sempre. Que Brian é uma besta. Que Kiley ouve muito Dave Matthews. Ele também disse: "Eu tenho ensaio essa noite, então não me espere acordada, ei, pode me passar aqueles Zig-Zags, você vai ao casamento? Legal, pelo menos vou poder te ver em outro daqueles vestidos de Scarlett O'Hara. Você é uma dama de honra linda, vem aqui. Já escutou aquela fita que eu deixei para você? Danny disse que eu estou tocando por cima da linha do baixo dele, mas Deus do céu, estou fazendo um favor para ele".

E então ele me pediu em casamento. No Mundo Bizarro.

No mundo real, Chris nunca vai me pedir em casamento. E eu não consigo me decidir se isso faz dele um babaca ou se, talvez, a babaca seja eu por querer tanto esse pedido. E eu nem posso conversar sobre a ideia, sobre casamento, porque ele diria *sim*, que topa. Logo. Quando ele estiver embalado. Quando a banda estiver

engrenando. Que ele não quer ser a minha âncora, não quer que eu tenha que sustentá-lo...

Por favor, não aponte que eu já o sustento – porque isso é só parcialmente verdade.

<<Jennifer para Beth>> Parcialmente? Você paga o aluguel dele.

<<Beth para Jennifer>> Eu pago o aluguel. Eu teria que pagar aluguel de qualquer jeito... Eu teria que pagar a conta do gás e da TV a cabo e tudo o mais se morasse sozinha. Não economizaria um centavo se ele saísse de casa.

Além do mais, eu não me importo de pagar a maioria das contas agora e não vou me importar em pagá-las depois que estivermos casados. (Meu pai sempre pagou as contas da minha mãe, e ninguém a chama de parasita.)

Mas a questão quem-paga-as-contas não é o problema. É a questão agir-

-como-um-adulto. No mundo de Chris é aceitável que um cara more com sua namorada enquanto trabalha em sua demo. Porém não é tão legal correr atrás de seu sonho como guitarrista enquanto sua esposa está no trabalho.

Se você tem uma esposa, você é um adulto. Não é isso o que Chris quer ser. Talvez não seja quem eu quero que ele seja.

<<Jennifer para Beth>> Quem você quer que ele seja?

<<Beth para Jennifer>> Na maior parte do tempo? Acho que quero o músico de cabelo maluco. O cara que te acorda às duas da manhã para recitar o poema que ele acaba de escrever na sua barriga. Quero o menino com olhos de caleidoscópio.

<<Jennifer para Beth>> Muito provavelmente não haveria mais poemas às duas da manhã se Chris arrumasse um emprego de verdade.

<<Beth para Jennifer>> Isso é verdade.

<<Jennifer para Beth>> Então, você está bem?

<<Beth para Jennifer>> Não. Estou prestes a tirar medidas para outro vestido de dama de honra. Tomara que caia – Kiley já escolheu. Estou a anos-luz de estar bem. Mas acho que não posso reclamar, posso? Eu o quero. E ele quer esperar. E eu ainda o quero. Então não posso reclamar.

<<Jennifer para Beth>> É claro que pode reclamar. Isso é inalienável. Mas, vendo pelo lado bom, pelo menos você não está grávida.

<<Beth para Jennifer>> Nem você. Faça um teste.

CAPÍTULO 4

Só para registro – seu registro próprio, interno –, Lincoln nunca teria se candidatado para esse emprego se o anúncio classificado dissesse: “Procura-se alguém para ler o e-mail de outras pessoas. Turno noturno”.

O anúncio do *The Courier* dizia: “Oportunidade em tempo integral para administrador de segurança de internet. 40 mil anuais + assist. méd. e dental”.

Administrador de segurança de internet. Lincoln tinha se imaginado construindo *firewalls* e protegendo o jornal de perigosos *hackers* – não enviando memorandos toda vez que alguém da contabilidade encaminhasse uma piada cabeluda para a pessoa da baia vizinha.

The Courier foi provavelmente o último jornal da América a dar a seus repórteres acesso à internet. Ao menos, foi isso o que Greg havia dito. Greg era chefe de Lincoln e líder do setor de TI. Greg ainda se lembrava de quando os repórteres usavam máquinas de escrever elétricas.

– E eu me lembro – disse ele – porque não faz tanto tempo assim: 1992. Nós mudamos para computadores porque não conseguíamos mais encomendar as fitas para as máquinas. É sério.

Segundo Greg, toda essa coisa online estava se desenrolando contra a vontade da administração. Para o editor, dar aos empregados acesso à internet era o mesmo que dar a opção de trabalhar se tivessem vontade e de ficar vendo pornografia se não tivessem.

Mas o não acesso à internet estava ficando ridículo.

Quando o jornal lançara o site no ano anterior, os repórteres sequer podiam ler suas histórias online. E todos queriam mandar mensagens ao editor via e-mail já naquele momento, até as crianças da terceira série e os veteranos da Segunda Guerra Mundial.

Na época em que Lincoln começou a trabalhar no *The Courier*, a experiência com a internet estava em seu terceiro mês. Todos os funcionários agora tinham e-mail interno. Funcionários essenciais e basicamente todo mundo no setor de jornalismo tinham algum acesso à rede mundial de computadores.

Se você perguntasse a Greg, ele diria que tudo estava indo bem.

Se perguntasse a qualquer um do alto escalão da administração, aquilo era um caos.

As pessoas estavam comprando e fofocando, inscrevendo-se em fóruns online e ligas de futebol americano de mentirinha. Havia jogos de azar rolando. E um pouco de pornô.

– Mas nem é tão ruim assim – argumentava Greg. – Isso nos ajuda a eliminar os esquisitões.

A maior preocupação dos chefes de Greg com relação à internet era que agora ficara impossível distinguir uma sala cheia de gente trabalhando diligentemente de uma sala cheia de pessoas fazendo o teste de personalidade online “Que tipo de cachorro sou eu?”.

E assim... Lincoln.

Logo em sua primeira noite, Lincoln auxiliara Greg a instalar um novo programa chamado WebShark na rede. O WebShark iria monitorar tudo o que todos estavam fazendo na internet e na intranet. Cada e-mail. Cada website. Cada palavra.

E Lincoln monitoraria o WebShark.

Uma pessoa de mente especialmente suja (talvez Greg) havia definido os filtros de e-mail do programa. Havia toda uma lista de

alertas ou bandeiras vermelhas: palavrões, xingamentos racistas, nomes de supervisores, palavras como “secreto” e “classificado”.

Esta última, “classificado”, travou toda a rede durante a primeira hora de funcionamento do WebShark, uma vez que ele marcou e arquivou todos os e-mails, cada um deles, enviados para ou vindos do departamento de Classificados.

O Shark também marcava anexos muito grandes, mensagens suspeitosamente compridas, mensagens suspeitosamente frequentes... Todos os dias, centenas de e-mails potencialmente ilícitos eram enviados para um *inbox* seguro, e era o trabalho de Lincoln verificar cada um deles. Isso significava ler todos; então, ele os lia. Mas não gostava.

Não podia admitir para a mãe, mas isso lhe dava a *sensação* de algo errado, como se estivesse escutando escondido. Talvez, se ele fosse o tipo de pessoa que curtisse algo assim... Sam, sua ex-namorada, sempre costumava espiar o armário de remédios dos outros.

– Robitussin – relatava ela no carro, voltando para casa. – E Band-Aids genéricos. E um negócio que parecia um espremedor de alho.

Lincoln não gostava nem de usar o banheiro dos outros.

Havia um processo, bastante complicado, que ele deveria seguir se, de fato, flagrasse alguém quebrando as regras do *The Courier*. Mas a maioria das ofensas requeria apenas uma advertência por escrito, e a maioria dos flagrados entendiam a mensagem depois disso.

Na verdade, a primeira onda de advertências funcionou tão bem que Lincoln passou a não ter o que fazer. O WebShark continuava marcando e-mails, algumas dúzias por dia, mas quase todos eles eram alarme falso. Greg não parecia se importar.

– Não se preocupe – disse ele a Lincoln no primeiro dia em que o WebShark não pegara nem um violador legítimo sequer. – Você não

vai ser demitido. Os caras lá de cima adoram o que você está fazendo.

– Mas eu não estou fazendo nada – disse Lincoln.

– Claro que está. Você é o cara que lê os e-mails deles. Todos têm medo de você.

– Quem está com medo? Quem são eles?

– Todo mundo. Você está brincando? O prédio todo está falando de você.

– Eles não têm medo de mim. Têm medo de serem pegos.

– De serem pegos *por você*. Só de saber que você está espionando as pastas de *enviados* toda noite é o bastante para mantê-los seguindo as regras.

– Mas eu não estou espionando.

– Poderia estar – disse Greg.

– Eu poderia?

Greg voltou ao que estava fazendo, algo semelhante a uma autópsia em um laptop.

– Olha, Lincoln, eu te disse. Alguém tem que ficar aqui à noite de qualquer maneira. Alguém precisa atender ao telefone e dizer: “Help desk”. Você está só sentado ali, eu sei. Não tem serviço suficiente, eu sei. Eu não ligo. Faça palavras cruzadas. Aprenda uma língua estrangeira. Nós tivemos uma garota aqui que costumava fazer crochê...

Lincoln não fazia crochê, mas lia o jornal. Levava para o trabalho quadrinhos, revistas e livros de ficção. E ligava para sua irmã de vez em quando, caso não estivesse muito tarde e ele se sentisse sozinho.

Na maior parte do tempo, navegava na internet.

CAPÍTULO 5

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qua, 25/08/1999 10h33

Assunto: Isso é apenas um teste. Em caso de uma emergência de verdade...

Veio. Retorne à programação normal.

<<Beth para Jennifer>> O quê?

<<Jennifer para Beth>> Você sabe... *aquilo*, a coisa que te avisa que você não está grávida.

<<Beth para Jennifer>> *Aquilo?* Você quer dizer sua menstruação? Seu fluxo? O Chico chegou para uma visita de cinco a sete dias? Você está... *naqueles dias?*

Por que você está falando como se fosse uma propaganda de absorvente?

<<Jennifer para Beth>> Estou tentando ser mais cautelosa. Não quero disparar uma daquelas bandeiras vermelhas e colocar algum cão de guarda dos computadores em frenesi só porque enviei um e-mail sobre *aquilo*.

<<Beth para Jennifer>> Não acredito que alguma das palavras escolhidas pela empresa para levantar uma bandeira vermelha envolva menstruação.

<<Jennifer para Beth>> Então não está preocupada com isso?

<<Beth para Jennifer>> Com a sua menstruação?

<<Jennifer para Beth>> Não, com aquele recado que nós recebemos. Aquele que avisava para não enviarmos e-mails pessoais. Que dizia que poderíamos ser demitidos por uso impróprio de nossos computadores.

<<Beth para Jennifer>> Se eu estou preocupada que os vilões de *Tron* estejam lendo nosso e-mail? Ah, não. Todo esse negócio de segurança não foi feito para gente como nós. Eles estão tentando pegar os pervertidos. Os viciados em pornografia online, os jogadores de *blackjack* na internet, os espiões corporativos...

<<Jennifer para Beth>> Essas provavelmente são palavras de bandeira vermelha. *Pervertidos. Pornografia. Espiões.* Aposto que *bandeira vermelha* é uma bandeira vermelha.

<<Beth para Jennifer>> Eu não ligo se eles estão lendo nossos e-mails. Pode vir, *Tron*! Eu te desafio! Tente arrancar minha liberdade de expressão. Eu sou uma jornalista. Uma guerreira do discurso livre. Eu sirvo no Exército da Primeira Emenda. Não aceitei este trabalho pelo salário ruim, nem pela cobertura de saúde regressiva. Estou aqui pela verdade, pela luz do sol, pela abertura de portas fechadas!

<<Jennifer para Beth>> Guerreira do discurso livre. Sei. Pelo que você está lutando? Pelo direito de dar cinco estrelas a *Billy Madison*?

<<Beth para Jennifer>> Ei, ei. Eu não fui sempre uma crítica de cinema mimada. Não se esqueça dos meus dois anos cobrindo North Havenbrook. Dois anos nas trincheiras. Eu sangrei tinta por todo aquele subúrbio. Dei uma de Bob Woodward na bunda dele.

E vou além, eu teria dado a *Billy Madison* seis estrelas se elas fossem minhas para distribuir. Você sabe como me sinto em relação ao Adam Sandler – e que eu dou estrelas extra por músicas do Styx. (Duas, se a música for “Renegade”.)

<<Jennifer para Beth>> Tudo bem. Eu me rendo. A política de internet da empresa que se d@ne: fiquei menstruada ontem à noite.

<<Beth para Jennifer>> Fale alto, fale com orgulho. Parabéns.

<<Jennifer para Beth>> É, então, sobre isso...

<<Beth para Jennifer>> Isso o quê?

<<Jennifer para Beth>> Quando começou, eu não senti meu furacão habitual de alívio e vontade de tomar Zima.

Digo, eu fiquei aliviada – porque, além de tomar Zima, acho que não ingeri nada que contivesse ácido fólico nos últimos seis meses, acho até que comi coisas que retiram ácido fólico do organismo, então eu definitivamente fiquei aliviada –, mas não fiquei extasiada.

Eu descii as escadas para contar ao Mitch. Ele estava trabalhando em diagramas de marcha para bandas, o que, normalmente, eu não interromperia, mas isso era importante. “Só para avisar”, falei, “minha menstruação veio”.

Ele largou o lápis e disse: “ah”. (Desse jeito mesmo, “ah”.)

Quando eu perguntei por que ele tinha dito aquilo daquele jeito, ele falou que pensou que talvez eu estivesse mesmo grávida dessa vez – e que seria legal. “Você sabe que eu quero ter filhos”, ele disse.

“Certo”, eu respondi. “*Algum dia.*”

“Algum dia em breve”, disse ele.

“Algum dia, eventualmente. Quando estivermos prontos”.

E então ele voltou aos diagramas. Não com raiva ou impaciente. Só triste, o que é muito, muito pior. Então eu falei: "Quando estivermos prontos, certo?" E ele disse...

"Eu estou pronto agora. Estava pronto no ano passado, Jenny, e estou começando a achar que talvez você nunca estará. Você nem mesmo quer estar pronta. Você age como se ficar grávida fosse uma doença que se pode pegar em banheiros públicos."

<<Beth para Jennifer>> O que você disse?

<<Jennifer para Beth>> O que eu podia dizer? Eu *não estou* pronta. E talvez eu o tenha enrolado toda vez que usei as palavras "algum dia" e "eventualmente". Eu não consigo me ver com filhos...

Mas eu também não conseguia me imaginar casada, até conhecer o Mitch. Sempre pensei que a ideia de um filho fosse me conquistar aos poucos, que toda essa vontade saudável do Mitch me contagiaria e que um dia eu acordaria pensando: "Mas que belo mundo para se colocar uma criança".

E se isso nunca acontecer?

E se ele resolver reduzir seu prejuízo e encontrar alguma mulher perfeitamente normal que, além de ser naturalmente magra e nunca ter precisado recorrer a antidepressivos controlados, também queira ter os bebês dele assim que for possível?

<<Beth para Jennifer>> Como a Barbie, mas em um estado de ovulação perpétua.

<<Jennifer para Beth>> Isso.

<<Beth para Jennifer>> Como a nova professora de economia doméstica fictícia.

<<Jennifer para Beth>> Isso!

<<Beth para Jennifer>> Não vai rolar.

<<Jennifer para Beth>> Por que não?

<<Beth para Jennifer>> Pelo mesmo motivo que Mitch tenta plantar abóboras gigantes todos os verões, apesar de o seu quintal ser pequeno demais, infestado de besouros e não receber sol suficiente. Mitch não quer o que é mais fácil. Ele quer trabalhar um pouco mais para conseguir aquilo que realmente deseja.

<<Jennifer para Beth>> Então ele é um tonto. Um tonto cujas sementes não se agarram em nada.

<<Beth para Jennifer>> Esse não é o ponto. O ponto é: ele é um tonto que não vai desistir de você.

<<Jennifer para Beth>> Não sei se você tem razão, mas acho que me sinto melhor agora. Então, bom trabalho.

<<Beth para Jennifer>> Sempre às ordens.
(Você sabe que eu quero dizer *sempre* desde que seja depois das 10h30, certo?)

<<Jennifer para Beth>> (Sei, sim.)

CAPÍTULO 6

Jennifer Scribner-Snyder, de acordo com o catálogo da empresa, era uma revisora de grandes matérias.

Beth Fremont, Lincoln conhecia. Conhecia o *nome*, pelo menos. Ele lera suas críticas de filmes. Ela era divertida, e ele normalmente concordava com suas opiniões. Por causa dela assistiu *Cidade das sombras*, *Procurando encrenca* e *Babe, o porquinho atrapalhado*.

Quando Lincoln percebeu que não tinha enviado um alerta a Beth Fremont e a Jennifer Scribner-Snyder – depois de quantas ofensas? Três? Uma dúzia? –, não conseguiu se lembrar por que não enviara. Talvez porque ele nem sempre conseguia descobrir que regra elas estavam quebrando. Talvez porque parecessem completamente inofensivas. E legais.

E agora, ele não podia enviar uma advertência a elas, não esta noite. Não quando estavam, de fato, preocupadas em receber uma advertência. Aquilo seria esquisito, não? Saber que alguém tinha lido um e-mail que você escreveu sobre se havia, de fato, alguém lendo o seu e-mail? Se você fosse uma pessoa excessivamente paranoica, isso poderia levá-lo a questionar se todas as *outras coisas* com as quais você se preocupava *também* eram verdade. Isso podia levá-lo a pensar: *Talvez eles estejam mesmo tentando me pegar*.

Lincoln não queria ser o vilão de *Tron*.

Além disso... Bem, ele meio que gostava de Beth e Jennifer, tanto quanto se pode gostar de uma pessoa lendo alguns de seus e-mails.

Ele releu toda a conversa. “Traseiro”, definitivamente, era uma palavra marcada para alerta. Assim como “*blackjack*” e

“pornografia”. Não tinha certeza sobre “pervertido” e “menstruação”. Ele apagou os arquivos e foi para casa.

– Você não precisa mandar um lanche para mim – disse Lincoln à mãe. Apesar de gostar quando ela fazia isso. Ele tinha praticamente aberto mão de *fast food* desde que voltou para casa. Sempre havia algo cozinhando, ou fritando, ou fervendo, ou esfriando na cozinha de sua mãe. Ela estava sempre empurrando marmitas de vidro nas mãos dele quando Lincoln se dirigia à porta.

– Não estou montando um lanche – disse ela. – Estou preparando seu jantar.

– Mas não precisa – afirmou. Ele não ligava de morar com a mãe, mas há um *limite* nisso de morar com mãe. E ele tinha uma razoável certeza de que deixar que ela preparasse todas as suas refeições ultrapassava todos os limites. Ela tinha começado a planejar seus dias em torno da alimentação do filho.

– Eu não *tenho* que fazer nada – retrucou ela, entregando-lhe uma sacola de mercado com uma pesada vasilha de vidro lá dentro.

– O que você fez? – perguntou ele. Aquilo cheirava a canela.

– Frango tandoori. Acho. Quer dizer, eu não tenho um tandoori ou um tandoor, um daqueles fornos, e eu não tinha iogurte suficiente, eles usam iogurte, não é? Eu usei creme azedo. E páprica. Talvez seja frango pápricash... Eu sei que não preciso fazer o jantar para você, sabe? Eu quero fazer. Eu me sinto melhor quando você come. Quando come comida de verdade, não algo que vem embrulhado em papel. Eu já ando tão preocupada com você, o modo como não dorme, e nunca sai ao sol...

– Eu durmo, mãe.

– Durante o dia. Nós fomos feitos para estar acordados com o sol, nos encharcando de vitamina D, e dormir à noite, no escuro.

Quando você era pequeno, eu nem te deixava dormir com uma luminária, se lembra? Isso interfere na produção de melatonina.

– Tudo bem – disse ele. Não conseguia se lembrar de nenhuma vez que tivesse discutido com a mãe e vencido.

– Tudo bem? O que isso quer dizer?

– Quer dizer “tudo bem, entendi”.

– Ah. Bem. Então isso não quer dizer nada. Leve o frango, está bem? E coma.

– Vou comer. – Ele segurou a sacola contra o peito e sorriu. Tentou parecer alguém com quem ela não precisava se preocupar tanto. – É claro que vou comer – disse. – Obrigado.

Greg estava à espera de Lincoln quando ele entrou no departamento de TI. Estava sempre alguns graus mais frio ali, por causa dos servidores. Era de se imaginar que isso fosse gostoso. Refrescante. Mas era mais abafado do que frio.

– Ei, Senador – disse Greg. – Eu estava pensando no que você disse há alguns dias, sabe, sobre não ter muito o que fazer. Então encontrei algo que você pode fazer.

– Ótimo – disse Lincoln, falando sério.

– Você pode começar a arquivar e comprimir todos os arquivos dos usuários dos últimos seis meses mais ou menos – disse Greg, claramente pensando que aquela era uma ideia inspirada.

Lincoln não tinha tanta certeza.

– Por que você iria querer que eu fizesse isso? – indagou ele. – É um desperdício de tempo.

– Pensei que era por isso que você estava procurando.

– Eu estava procurando... Bem, eu não estava procurando por nada. Eu só me sinto mal sendo pago para não fazer nada.

– E agora não precisa se sentir mal – disse Greg. – Acabo de te dar algo para fazer.

– Sim, mas arquivar e comprimir... isso pode levar anos. E não faz sentido.

Greg vestiu sua jaqueta e apanhou uma pilha de pastas. Estava saindo mais cedo para levar seu filho ao ortodontista.

– Não tem como te agradar, não é, Lincoln? É por isso que você não tem uma mulher.

“Como ele sabe que eu não tenho uma mulher?”, imaginou Lincoln.

Ele passou o resto da noite organizando e comprimindo arquivos, só para espezinhar Greg. (Embora Greg jamais fosse notar que o trabalho havia sido feito, quanto menos que fora feito por birra.) Lincoln organizou e comprimiu e pensou muito seriamente em se demitir. Talvez o tivesse feito ali, naquela mesma hora, se houvesse alguém no setor de TI para aceitar sua demissão.

Eram quase dez da noite quando ele se lembrou do frango tandoori de sua mãe.

A vasilha virara dentro da sacola, abrindo-se, deixando vazar uma piscina de molho laranja-brilhante no carpete sob sua mesa. A garota que ocupava o lugar durante o dia, Kristi, ficaria brava. Ela já havia deixado um recado em *post-it* para que Lincoln não comesse na mesa dela. Disse que ele estava derrubando migalhas no teclado.

Lincoln levou o que sobrara do frango até a copa do segundo andar. Quase ninguém usava essa salinha à noite – os revisores comiam em suas mesas –; no entanto, ainda era mais animado do que o departamento de TI vazio. Ele gostava das máquinas de venda de comida, e, às vezes, seu intervalo coincidia com o do zelador. Mas não hoje. A sala estava vazia.

Pelo menos uma vez, Lincoln ficou contente em estar sozinho. Ele pegou um garfo de plástico e começou a comer seu frango em uma

mesa no cantinho. Nem se incomodou em esquentar a comida.

Duas pessoas então entraram na copa, um homem e uma mulher. Eles estavam discutindo sobre algo. Amigavelmente.

– Dê um pouco de crédito aos nossos leitores – disse a mulher, abanando uma seção de Esportes enrolada na direção do homem e se apoiando contra a máquina de café.

– Não posso – disse ele –, eu conheci muitos deles.

O homem vestia uma camisa branca vagabunda e uma gravata marrom grossa. Ele parecia não ter trocado de roupa ou tido uma boa noite de sono desde o mandato de Carter. A mulher era mais jovem. Tinha olhos brilhantes e ombros largos e cabelos que caíam até o meio de suas costas. Ela era bonita demais para se olhar.

Todas eram bonitas demais para se olhar. Ele não era capaz de se lembrar da última vez que fitara uma mulher nos olhos. Uma mulher que não fosse sua mãe. Ou sua irmã, Eve.

Se ele não olhasse, não se arriscava a contato visual acidental. Odiava aquela sensação – no banco, em elevadores – de quando você, sem querer, encontra o olhar de alguém, e a pessoa se sente obrigada a demonstrar que não está interessada. Elas faziam isso às vezes, desviavam o olhar ostensivamente antes mesmo que você percebesse que as estava olhando. Lincoln já tinha até pedido desculpas para uma mulher certa vez, quando os olhos dos dois se encontraram, sem querer, acima de uma bomba de gasolina. Ela fingiu não ter escutado e desviou o olhar.

– Se você não arranjar ninguém com quem sair – Eve sempre ameaçava –, eu vou começar a te arrumar encontros com boas meninas luteranas. Luteranas ferrenhas. Do Sínodo de Missouri.

– Você não faria isso – ele dizia a ela. – O fato de alguma das suas amigas conhecer a mamãe arruinaria a sua reputação. Ninguém mais iria querer se sentar a seu lado no grupo adulto de estudos da Bíblia.

A mulher na copa riu e chacoalhou a cabeça.

– Você está sendo maldoso – disse ela.

Ela estava tão preocupada com seu argumento que parecia quase seguro observá-la. Usava jeans desbotados e uma jaqueta verde macia que subiu quando ela se inclinou para pegar o café. Lincoln desviou o olhar.

– Não há nada de errado com você, Lincoln – sua irmã lhe diria. – Você já teve encontros. Já teve uma namorada. Não há nada a seu respeito que o torne inerentemente “inamorável”.

– Isso era para me animar? Porque tudo o que consigo ouvir é “inerentemente ‘inamorável’”.

Lincoln já saíra com garotas. Ele tivera uma namorada. Vira a parte mais baixa das costas de uma mulher antes. Já ficara de pé em shows e jogos de futebol americano e festas em porões com sua mão nas costas de uma mulher, nas costas de Sam, com seus dedos deslizando para dentro do suéter dela. Ele se sentira como se estivesse escapando com alguma intimidade secreta, tocando-a daquele jeito quando ninguém prestava atenção.

Lincoln não era inerentemente “inamorável”. Ele tivera um encontro três anos atrás. A irmã de um amigo precisava de companhia para um casamento. Ela dançou a noite inteira com um dos padrinhos, que acabou se revelando primo dela em segundo grau, enquanto Lincoln comia exatamente treze suspiros.

Ele não estava exatamente com medo de começar a sair outra vez. Apenas não conseguia visualizar isso. Podia imaginar-se dali a um ano, naquele ponto confortável, o ponto de colocar-a-mão-nas-costas-dela. Mas o encontro, o como fazer uma garota gostar dele... Era um inútil nessas coisas.

– Eu não acredito nisso – disse Eve. – Você conheceu Sam. Você fez com que ela se apaixonasse por você.

Ele não tinha feito nada, na verdade. Nem mesmo reparara em Sam até que ela começasse a cutucar seu ombro no segundo ano do ensino médio na aula de Geografia.

– Você tem uma postura muito boa – ela havia dito. – Sabia que você tem uma verruga na parte de trás do pescoço?

– Eu passo muito tempo olhando para a sua nuca – disse ela. – Provavelmente, poderia identificar o seu corpo se houvesse um acidente. Desde que seu pescoço não ficasse irremediavelmente desfigurado.

Aquilo fez com que ele corasse. No dia seguinte, ela lhe disse que ele cheirava a pêsego. Era barulhenta. E divertida. (Mas não tão divertida quanto barulhenta.) E, para ela, não havia nada de mais em olhar diretamente em seus olhos – na frente dos outros – e dizer: “Não, Lincoln, é sério, você cheira a pêsego”. E então ria, e ele enrubescia.

Ela gostava de deixá-lo constrangido. Gostava de ser capaz disso.

Quando ela o convidou para o baile de formatura, ele pensou que talvez fosse uma piada, que a garota passaria a noite toda provocando-o na frente das amigas. Mas aceitou, mesmo assim. E ela não fez isso.

Sam era diferente quando eles estavam a sós. Era quieta – bem, *mais* quieta –, e ele podia lhe contar tudo, até mesmo coisas importantes. Ela gostava de conversar sobre coisas importantes. Fazia tudo com paixão e garra.

Ele não fizera Sam se apaixonar. Ela simplesmente se apaixonou.

E ele a amou de volta.

Lincoln olhou para a máquina de café, mas o homem de camisa amassada e a garota sardenta já tinham ido embora.

CAPÍTULO 7

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Seg, 30/08/1999 11h24

Assunto: Quem fica bem num vestido tomara que caia?

Não só tomara que caia. É um tubinho tomara que caia. Quem consegue uma coisa dessas?

<<**Jennifer para Beth**>> Hum, Joan Collins. Lynda Carter. Shania Twain...

<<**Beth para Jennifer**>>

Você só assiste ao canal Lifetime? Ou também assiste a *Hollywood Squares* de vez em quando?

Mesmo essas adoráveis senhoras pareceriam cadeirudas perto das damas de honra da minha irmã. Todas elas têm vinte anos e quadris que gritam "eu posso não estar vomitando no banheiro da república depois do jantar, mas minha colega de quarto está, e eu gosto de pegar o jeans dela emprestado".

Talvez eu conseguisse me virar com um tubinho tomara que caia há algum tempo... tipo, um dia, em 1989, mas esse dia já se foi há muito.

<<**Jennifer para Beth**>> Se foi há dez anos.

<<**Beth para Jennifer**>> Obrigada por lembrar. Ah, e eu te contei que o casamento talvez tenha um tema? O noivo de Kiley quer fazer algo relacionado ao Novo Milênio.

<<Jennifer para Beth>> O que raios isso quer dizer?

<<Beth para Jennifer>> E eu lá sei? Queria que isso significasse que eu poderia usar um macacão prateado.

<<Jennifer para Beth>> Talvez a sua irmã te deixasse usar um xale ou um suéter, algo assim, para você não se sentir tão exposta.

<<Beth para Jennifer>> Boa ideia. Talvez eu possa convencer Gwen a usar um também, assim não serei a única.

<<Jennifer para Beth>> A sua irmã Gwen também estará no casamento? Ela não é uma adolescente de república minúscula. Você não vai ser a única dama de honra em tamanho real.

<<Beth para Jennifer>> Não, você tem razão. Tem toda a razão. Não sei por que estou tão chateada com isso. Esse vestido, esse casamento. Eu estou feliz pela Kiley, de verdade. E por você e por todas as outras senhoras bem casadas.

A não ser pelo fato de que não estou, de verdade, feliz por vocês. Quero que vocês todas morram. Quando Kiley me mostrou o anel dela – platina, 1,4 quilates –, eu tive muita vontade de dizer alguma maldade sobre ele. Quem precisa de um anel tão grande, eu te pergunto? Foram anéis daquele tamanho que fizeram nossas avós pensarem que Elizabeth Taylor era uma puta.

E daí eu realmente disse algo maldoso, disse vários “algos” maldosos.

Estávamos na loja de vestidos de noiva para nossa primeira prova (sim, já), e eu disse que verde-sage é cor de água de aquário suja. E que crepe de poliéster cheira a cê-cê antes mesmo que alguém o vista.

E quando ela nos disse qual será sua música de casamento – é claro que eles já escolheram a música do casamento, e é claro que é

“What a Wonderful World”, do Louis Armstrong –, eu disse que escolher essa música é o equivalente sonoro a comprar molduras e nunca trocar as fotos que já vêm dentro delas.

<<Jennifer para Beth>> Essa doeu. Você ainda está no casamento?

<<Beth para Jennifer>> Eu ainda sou dama de honra.

Ninguém estava ouvindo minhas grosserias. Kiley estava experimentando véus, e as outras damas de honra estavam ocupadas demais contando as costelas umas das outras para prestarem atenção.

Eu me senti um ser humano tão abominável quando saí daquela loja de noivas. Me senti mal por ter feito uma cena. Fiquei com raiva porque ninguém tinha reparado. Me senti o tipo de pessoa que botaria fogo em alguma coisa só para chamar atenção. O que, de repente, me pareceu uma ótima ideia...

Colocar fogo em alguma coisa. Alguma coisa feita de crepe de poliéster.

Eu não podia incinerar o vestido da Kiley – ainda não, eu nem mesmo estou com ele, pois só o receberei dentro de dez a doze semanas –, mas tenho um armário cheio de vestidos mortos. Vestidos de formatura. De dama de honra. Eu estava preparada para juntá-los, em braçadas fofas, e lançá-los à lixeira do lado de fora do meu prédio. Eu acenderia um cigarro na chama deles, como se eu fosse a garota descolada do *Atração mortal*...

Mas não fui capaz. Porque eu não sou aquela garota. Não sou a personagem da Winona Ryder em filme nenhum. Por exemplo: Jo, de *Adoráveis mulheres*, jamais teria começado a colocar todos aqueles vestidos em cima da cama e provado todos eles, um por um...

Inclusive aquele com o ombro caído que usei no casamento do meu irmão, doze anos atrás. É azul-esverdeado (o verde-sage de 1987) com mangas bufantes e rosetas em pêssego na cintura. Claro que ficou justo demais, e claro que o zíper não fechou – porque eu não tenho mais dezesseis anos. Foi quando eu dei por mim: *Eu não tenho mais dezesseis anos.*

E eu não digo isso de maneira descuidada, tipo, “bem, é óbvio”. Digo isso como “Jack & Diane”. Como: “Ah, sim, a vida segue, muito depois que a emoção de viver já se acabou”.

Sequer sou a mesma pessoa que podia fechar o zíper daquele vestido. Aquela pessoa pensava que usar um vestido feio no dia mais feliz da vida de outra pessoa era só o começo – a fila na qual você tem que ficar para conseguir seu próprio dia mais feliz.

Não existe essa fila. Existe apenas a cena da sala de espera de *Os fantasmas se divertem*. (Outro filme em que eu não sou a Wynona.)

Quando o Chris voltou para casa, eu tinha vestidos espalhados por todo o quarto de hóspedes. Tentei pensar em alguma razão normal para eu estar usando um vestido empoeirado de dama de honra e chorando. Mas ele estava fedendo a fumaça de cigarro e foi direto tomar um banho, então eu não precisei explicar – o que foi ainda pior, porque eu realmente queria que alguém mais ficasse com pena de mim.

<<Jennifer para Beth>> Eu sinto pena de você.

<<Beth para Jennifer>> Mesmo?

<<Jennifer para Beth>> Mesmo. Acho você patética. É quase dolorosamente embaraçoso ler suas mensagens quando você está assim.

<<Beth para Jennifer>> Você sabe exatamente o que dizer para uma garota. Daqui a pouco vai me dizer que, um dia, eu serei

uma linda noiva...

<<**Jennifer para Beth**>> E será. Claro que será. E, quando Chris finalmente resolver pedir a sua mão, aposto que todo mundo vai se casar em macacões prateados.

CAPÍTULO 8

– Por que você se importa se eles te pagam para ficar aí sentado?
– perguntou a irmã de Lincoln.

Ele ligara para Eve porque estava entediado. Porque já tinha lido tudo na pasta WebShark. Algumas coisas, lera duas vezes...

Beth e Jennifer de novo. Ele não lhes enviara uma advertência. De novo. Estava começando a sentir como se as conhecesse, como se elas fossem suas colegas de trabalho. Estranho. Mais uma razão para largar esse emprego.

– Eu *não* me importo – disse ele para Eve.

– Deve se importar. Me telefonou para choramingar sobre o assunto.

– Eu não estou choramingando – disse Lincoln, um pouco enfático demais.

– Esse deveria ser o seu emprego insignificante. Você me disse que queria um emprego que não exigisse demais do seu cérebro, para poder dedicar toda a sua energia a decidir o que fazer em seguida.

– É verdade.

– Então, por que se importar se estão te pagando para não fazer nada? Para mim, parece a situação ideal. Use esse tempo para ler Qual a cor do seu paraquedas?. Comece a trabalhar no seu plano de cinco anos. – Ela estava praticamente gritando para ser ouvida por cima de algum barulho mecânico.

– Está passando o aspirador?

– O miniaspirador – disse ela.

- Pare. Isso faz você soar estridente.
- Eu sou estridente.
- Bem, faz você soar excessivamente estridente – disse ele. – Agora não me lembro mais do que eu estava falando.
- Você estava choramingando por ser pago para não fazer nada. – Eve desligou o miniaspirador.
- É que ser pago para não fazer nada é um lembrete constante de que eu não estou fazendo *nada* – disse Lincoln. – E não fazer nada requer mais energia do que se imagina. Eu estou cansado o tempo todo.
- Como você pode estar cansado o tempo todo? Toda vez que eu ligo, você está dormindo.
- Eve, eu saio do trabalho à uma da manhã.
- Você deveria estar de pé ao meio-dia.
- Eu chego em casa à uma e meia. Estou ligado. Fico no computador por mais uma ou duas horas. Pego no sono mais ou menos às quatro. Acordo à uma, uma e meia da tarde. E aí passo as três horas seguintes pensando em como não tenho tempo suficiente para fazer mais nada antes de ir para o trabalho. Assisto reprises de *Quantum Leap* e volto pro computador mais um tempo. Vou para o trabalho. Lave, enxágue, repita. O segundo verso é igual ao primeiro.
- Parece horrível, Lincoln.
- É horrível.
- Você devia largar esse emprego.
- Eu devia largar esse emprego... – disse ele. – Mas, se eu o mantiver, posso sair da casa da mamãe.
- Em quanto tempo?
- Assim que eu quiser. O salário é bom.
- Não se demita – disse Eve com firmeza. – Saia da casa da mamãe. Encontre outro emprego. Aí, sim, se demita.

Ele sabia que ela diria isso. Na cabeça de Eve, todos os problemas de Lincoln desapareceriam se ele saísse da casa da mãe.

– Você nunca vai ter sua própria vida enquanto morar lá – Eve lhe dizia sempre que tinha a chance. Ela lhe diria para manter um emprego em uma empresa de processamento de carne se isso significasse conquistar seu próprio apartamento.

Mas Lincoln não tinha certeza se queria mesmo se mudar. Ele gostava da casa da mãe. Gostava da forma como tudo ali já era usado. Lincoln tinha todo o andar de cima para si, tinha até seu próprio banheiro. E ele normalmente não se importava com a proximidade de sua mãe. Só queria que ela lhe desse um pouco mais de espaço, às vezes. Espaço *mental*.

– Você não odeia dizer aos outros que ainda mora com sua mãe? – perguntava Eve.

– Quem me pergunta onde eu moro?

– Gente nova.

– Eu não encontro gente nova.

– Você *nunca* vai encontrar gente nova enquanto estiver morando com ela.

– E quem é que eu vou encontrar se me mudar para meu próprio apartamento? Você me imagina ficando na piscina? Começando conversas na sala de musculação comunitária?

– Talvez – disse ela. – Por que não? Você sabe nadar.

– Eu não gosto de complexos de apartamentos. Não gosto do carpete e das sacadinhas de concreto e dos armários.

– Qual o problema com os armários?

– Eles são feitos de MDF e cheiram a rato.

– Que nojo, Lincoln, no apartamento de quem você andou?

– Eu tenho amigos que moram em apartamentos.

– Apartamentos nojentos, pelo visto.

– Apartamentos de solteiro. Você não sabe como é.

Eve tinha saído de casa aos dezenove anos. Casara-se com Jake, um cara que conheceu na faculdade comunitária. Ele era dez anos mais velho e tinha sido da Força Aérea. Comprou uma casa em estilo rancheiro para ela no subúrbio e Eve pintou cada cômodo em um tom diferente de creme.

Lincoln costumava dormir na casa deles nos finais de semana. Ele tinha onze anos, e Eve permitia que tivesse seu próprio quarto. “Você é sempre bem-vindo aqui”, ela lhe dizia. “Sempre. Por quanto tempo você quiser. Esta também é sua casa.”

Ele gostava de ficar com Eve e Jake, mas nunca sentiu que precisava fugir para lá. Nunca havia sentido a necessidade de escapar da mãe, não do mesmo jeito que Eve. Ele não compreendia a raiva entre elas. Não reconhecia a própria mãe nas histórias que Eve lhe contava.

– Mamãe nunca teve um bong – protestava ele.

– Ah, teve, sim. Era feito com uma garrafa de Dr. Pepper, e ela o mantinha na mesinha de centro.

– Agora eu sei que você está mentindo. Mamãe jamais tomaria Dr. Pepper.

Quando Lincoln chegou ao trabalho na tarde seguinte, Greg estava discutindo com alguém ao telefone. Ele contratara um consultor externo para cuidar dos problemas do jornal com a virada do milênio, o famoso Y2K, e agora o consultor dizia que não conseguiria chegar ao *The Courier* antes do início de fevereiro. Greg chamou o cara de charlatão e cigano caolho, e desligou na cara dele.

– Eu posso ajudar com o negócio do Y2K – disse Lincoln. – Já fiz um pouco de programação.

– É – disse Greg –, teremos você, eu... um par de estudantes de ensino médio... Tenho certeza de que vai dar tudo certo... – Ele

desligou seu computador arrancando o cabo de alimentação. Lincoln fez uma careta. – Apesar de toda a minha fúria, sou só um rato numa gaiola – disse Greg, reunindo seus papéis e sua jaqueta. – Te vejo amanhã, Senador.

Hum. Programar. Debugar. Não era a atividade favorita de Lincoln, mas era melhor que arquivar e comprimir. Ao menos, era um problema a resolver. E seria só por alguns meses, talvez até menos tempo.

Ele conferiu a pasta WebShark. Só havia duas bandeiras vermelhas. O que significava que Lincoln tinha de trinta segundos a cinco minutos de trabalho de verdade para ajudá-lo a atravessar a noite. Já havia decidido poupá-lo para depois do jantar.

Hoje, ele tinha um plano.

Bem... um plano para bolar um plano. Havia acordado cedo naquele dia, ao meio-dia, e ido à biblioteca para pegar aquele livro do paraquedas que Eve mencionara. O exemplar estava em sua mochila, junto a uma cópia dos classificados de hoje, um marca-texto amarelo, um caderno Mead com dez anos de idade, uma revista *Entertainment Weekly* e um sanduíche de peru que cheirava tão bem que Lincoln estava com dificuldades para pensar em qualquer outra coisa.

Ele tinha acabado com o sanduíche e a revista às sete.

Pensou em olhar os classificados em seguida ou abrir *Qual a cor do seu paraquedas?*, mas, em vez disso, pegou o caderno. Colocou-o na mesa e folheou com cuidado, passando por anotações sobre a Guerra da Revolução e pelo rascunho de um ensaio sobre *Admirável Mundo Novo*.

Lincoln sabia o que estava procurando, em algum lugar perto do meio... Ali estava... A letra de Sam. Tinta roxa. Letras maiúsculas em excesso.

“COISAS NO QUE LINCOLN É BOM”

Ela fizera a lista no último ano do ensino médio, quando ele tentava decidir o que cursar na graduação. Lincoln já sabia para que faculdade iria: qualquer uma para onde Sam fosse.

Sua mãe queria que ele ficasse perto de casa. Lincoln havia recebido a oferta de uma bolsa de estudos integral na universidade estadual, a apenas 45 minutos de distância. Mas Sam jamais iria para lá. Sam queria ir para algum lugar grande, importante e BEM LONGE. E Lincoln queria ir com ela. Sempre que sua mãe tocava no assunto da bolsa de estudos, ou comentava como o *campus* da estadual era bacana, ou como ele poderia voltar para casa para lavar suas roupas... Lincoln pensava em Sam colocando suas coisas na minivan do pai dela e indo para o oeste como o último pôr do sol. Ele podia lavar as próprias roupas.

Assim, deixou que Sam fizesse a seleção da escola. Ela encomendava brochuras e ia em viagens de final de semana para visitar *campi*. "Eu quero ficar perto do mar, Lincoln, do mar! Quero sentir as marés. Quero ficar igual a uma daquelas garotas que moram perto do mar, com o cabelo soprado pelo vento e as bochechas coradas. E quero montanhas também; pelo menos uma montanha – estou pedindo demais? E árvores. Não necessariamente uma floresta inteira, eu me contentaria com um bosque. Cenário. Eu quero cenário!" *Algo em que pensar*, matutou Lincoln.

Sam escolheu uma universidade na Califórnia – não muito distante do mar, não muito distante das montanhas – com um *campus* forrado de árvores e um robusto programa de teatro. Lincoln também foi aceito, com ofertas de meia dúzia de bolsas de estudos.

Tecnicamente, ele disse para a mãe, era a mesma quantia que a estadual estava oferecendo.

- Sim – disse ela –, mas o preço é quatro vezes maior.
- Você não vai pagar por ela – argumentou ele.

- Que coisa mais maldosa de se dizer.
- Eu não quis ser maldoso. – E não quisera.

Ele sabia que a mãe se sentia mal por não poder pagar a faculdade. Bem, sabia que ela se sentia mal às vezes. A faculdade era coisa dele. Ela esperava que ele pagasse pela faculdade, do mesmo modo que esperara que ele custeasse o próprio Nintendo.

– Você pode comprar se quiser, se estiver disposto a pagar por ele. Guarde o seu dinheiro.

– Mas eu não tenho dinheiro – dissera ele, na oitava série.

– Fique contente por isso, Lincoln. Dinheiro é uma coisa cruel. É o que se coloca entre você e as coisas que você quer e as pessoas que você ama.

– Como é que o dinheiro se coloca entre você e as pessoas que você ama?

– Está se colocando entre nós dois agora mesmo.

Não era, de fato, o valor da mensalidade que incomodava a mãe a respeito da Califórnia. Ela não queria que ele fosse para a Califórnia porque não queria que ele se fosse. Não queria que partisse para tão longe. E não queria que partisse para tão longe com Sam.

A mãe dele não gostava da Sam.

Ela achava que Sam era autocentrada e manipuladora. (“O sujo falando do mal lavado”, tinha sido o comentário de Eve.) Sua mãe pensava que Sam era escandalosa. E mandona. E cheia de opiniões. Ela reclamava quando Lincoln passava muito tempo na casa de Sam. Mas, quando ele trazia Sam para casa, era pior ainda. Sam faria alguma coisa – arrumar o armário de temperos, acender muitas lâmpadas, dizer que não suportava pimentões verdes nem nada com nozes nem a Susan Sarandon – e irritaria sua mãe.

- Ela é sempre assim, Lincoln?
- Assim como?
- Ela é sempre tão *tão*?

– Sim – diria ele, tentando não soar tão feliz quanto se sentia. – Sempre.

A mãe dele tolerou a situação com Sam, quase em silêncio, por cerca de um ano. E então começou a falar com Lincoln sobre como ele era jovem, novo demais para ficar tão sério com alguém. Ela lhe pedia para ir mais devagar, para pensar em sair com outras garotas.

– É como comprar camisas, Lincoln. Quando você sai para comprar camisas, não compra a primeira que experimenta. Mesmo que tenha gostado. Você continua olhando, continua experimentando outras coisas. Você tem que ter certeza de encontrar a camisa que lhe cai melhor.

– Mas mãe, e se a primeira camisa for a melhor camisa? E o modelo estiver esgotado quando eu terminar de fazer compras? E se eu nunca mais encontrar uma camisa como aquela?

Ela não estava habituada com o filho discutindo.

– Isso não é sobre camisas, Lincoln.

Ela sempre usava o nome dele quando conversavam. Ninguém mais dizia o nome dele, a não ser que estivessem tentando chamar sua atenção. Era como se ela estivesse parabenizando a si mesma por pensar em um nome tão bom – ou talvez estivesse tentando lembrá-lo de que havia sido *ela* que o nomeara. Que ele tinha sido feito por ela.

Uma vez, durante aqueles levemente turbulentos anos da adolescência, os anos com Sam, ele gritara para a mãe:

– Você não me entende!

– É claro que eu te entendo, Lincoln – respondeu ela. – Sou sua mãe. Ninguém mais vai te conhecer do jeito que eu conheço. Ninguém jamais vai te amar como eu te amo.

Sam provara que sua mãe estava enganada.

Depois provara que ela estava certa.

Mas antes disso tudo, Sam tinha sentado na cama dele com um caderno Mead e dito:

– Vamos lá, Lincoln, você precisa escolher sua área.

– Escolha você minha área – dissera ele. Havia colocado a cabeça no colo dela e continuava a leitura de um livro de fantasia, algo com espadas e rainhas *goblins*.

– Lincoln. É sério. Você tem que escolher sua área. É um requisito. Vamos nos concentrar aqui. O que você quer fazer da sua vida?

Ele abaixou o livro e sorriu para ela, até ela sorrir de volta.

– Você – disse ele, tocando o queixo dela com o polegar.

– Você não pode se formar em mim.

Ele retornou ao livro.

– Então depois eu vejo.

Ela tirou o livro das mãos dele.

– Podemos, por favor, conversar sobre isso? De verdade?

Ele suspirou e se sentou junto dela.

– Certo. Estamos conversando.

– Certo. – Ela sorriu; estava conseguindo o que queria. – Agora, pense nisso: o que quer fazer para ganhar a vida?

– Eu não sei.

– O que você acha que *pode* querer fazer?

– Eu não sei.

– No que você é bom? E não diga que não sabe.

Ele não falou nada. Ela parou de sorrir.

– Ótimo – disse ela. – Vamos fazer uma lista.

Ela abriu o caderno e escreveu COISAS NO QUE LINCOLN É BOM no topo da página.

– Esse “no” está errado, o correto seria “em” – disse ele. – Um começo duvidoso.

Número 1, escreveu ela, Gramática.

– E em soletrar – lembrou ele. – Ganhei o concurso de soletrar no quinto ano.

2. Soletrar.

3. Matemática.

– Eu não sou bom em Matemática.

– É, sim – disse ela. – Você está na turma avançada de Cálculo.

– Sou bom o bastante para estar na turma avançada, mas não sou bom em Cálculo Avançado. Vou tirar um B.

Ela sublinhou Matemática.

– O que mais? – perguntou ela.

– Eu não gosto disso – disse ele.

– O... que... mais? – Ela o espetou no peito com a ponta da caneta de tinta roxa.

– Não sei. História. Sou bom em História.

4. História.

– Você também é bom em Física – disse ela – e em Estudos Sociais. Eu vi o seu boletim.

– Você está fazendo parecer que eu sou bom em seis coisas diferentes, quando, na verdade, é tudo a mesma coisa.

Ele pegou a caneta dela e passou uma linha sobre a lista. Na margem, escreveu:

1. Escola.

Sam pegou a caneta de volta.

2. Estragar listas perfeitamente boas.

Ele tentou tomar a caneta de novo.

– Não – disse ela –, esta não é mais a sua lista. É minha.

– Por mim, tudo bem.

Ele apanhou o livro e colocou o braço ao redor da cintura dela, puxando-a para junto de seu corpo. Ela continuou escrevendo. Ele continuou lendo. Uma hora depois, mais ou menos, levou-a até o

carro. Quando voltou ao quarto, encontrou o caderno aberto sobre seu travesseiro.

COISAS NO QUE LINCOLN É BOM

Escola.

Estragar listas perfeitamente boas.

Evitar o problema.

Não se preocupar com coisas que ele REALMENTE deveria se preocupar.

Não se preocupar com coisas que ele realmente não deveria se preocupar.

Ficar calmo/ser calmo/calma.

Virar a página com uma mão só.

Ler.

E escrever.

Basicamente, qualquer coisa que tenha a ver com PALAVRAS.

E basicamente qualquer coisa que tenha a ver com NÚMEROS.

Adivinhar o que os professores querem.

Adivinhar o que eu quero.

SEGUNDA BASE. (Ha.)

Rir das minhas piadas.

Lembrar de piadas.

Lembrar de letras de músicas.

Cantar.

Destruir computadores/desemaranhar gargantilhas.

Explicar coisas confusas/dar boas instruções de direção.

Dirigir em tempo ruim.

Alcançar coisas.

Ser prestativo.

Ser fofo.

Fazer eu me sentir fofo.

Fazer eu me sentir ARREBATADORA.

Arrebatador.

Fazer eu me sentir importante.

E amada.

Me escutar quando ninguém mais consegue suportar.

Olhar para mim como se soubesse de algo que eu não sei.

Saber coisas que eu não sei.

Ser ESPERTO.

Ser SENSÍVEL.

Ser GENTIL.

Ser BOM.

Na manhã seguinte, quando ela foi apanhá-lo para ir para a escola, Sam disse a Lincoln que havia escolhido uma área para ele.

– Estudos Americanos – disse ela.

– O que é isso?

– É meio que tudo. Tipo, tudo o que já aconteceu na América. E tudo que está acontecendo. E cultura pop. É juntar as coisas e fazer com que façam sentido.

– Parece fascinante – disse ele.

– Não seja sarcástico – disse ela.

– Não estou sendo. Parece fascinante. Parece perfeito.

Era fevereiro e Sam estava usando uma jaqueta pink volumosa e um cachecol branco. Ele abaixou o cachecol para beijá-la.

– Perfeito para mim – disse ele.

A família de Sam deu uma festa de despedida para ela naquele agosto, apenas alguns dias antes de ela e Lincoln partirem juntos para a Califórnia. Os pais dela compraram fogos de artifício e alugaram uma máquina de karaokê. A festa ainda estava animada quando Lincoln pegou no sono em uma cadeira no gramado, lá pela

meia-noite. Ele não tinha certeza de que horas eram quando Sam se espremeu na cadeira junto dele. Ela cheirava a cinco de julho, a suor e foguetes feitos com garrafa de refrigerante.

– Você já se despediu? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– Me despedi por você também. Você beijou todo mundo na boca. Foi meio embaraçoso.

– Me mostre.

Ela o beijou rapidamente. Parecia estranha, urgente e ansiosa. Totalmente desperta.

– Você está bem? – perguntou Lincoln.

– Humm... Acho que sim. É. Não sei. Deus, eu não sei como estou.

Ela se levantou da cadeira e atravessou o deque dos pais, apanhando copos plásticos sujos e colocando-os no chão de novo.

– Eu só me sinto... pronta.

– Pronta para quê?

Lincoln se sentou direito e se esforçou mais para tentar acompanhar o que ela estava dizendo. A lua estava estreita, ele não conseguia enxergar o rosto dela.

– Estou pronta para tudo mudar – afirmou ela. Sentando-se em uma mesa de piquenique, começou a remexer as bandeirinhas. – Eu sinto que já mudou. Tipo, eu pensei que ficaria tão triste me despedindo de todo mundo. Pensei que iria chorar e chorar, mas não chorei. Não senti a menor vontade de chorar. Senti vontade de cantar. Eu me senti, tipo, Deus, é, isso aí, adeus! Não um “já vai tarde”, só “adeus” mesmo.

– Estou mais do que pronta para conhecer gente nova – disse ela, jogando as bandeirinhas para cima. – Dentro de dois dias vou estar em um lugar onde poderei andar sem reconhecer nenhum rosto. Todas as pessoas serão novinhas em folha. Tipo, fresquinhas, cheias

de potencial. Nada além de potencial. Eu não conhecerei nenhuma das histórias delas. Ninguém vai estar no limite da minha paciência.

Ele foi até a mesa de piquenique e se sentou ao lado dela.

– Por 36 horas.

– O que você quer dizer com isso?

– Apenas que você está muito em contato com o limite da sua paciência.

Ela levantou o queixo.

– Talvez isso esteja prestes a mudar. Eu também serei nova em folha. Talvez a nova eu seja paciente.

– Talvez. – Ele colocou o braço em torno dela. Era tão miúda, que ele sentia poder abraçá-la toda de uma vez só.

– Você não sente isso, Lincoln? Como se tudo estivesse mudando?

Ele a abraçou apertado.

– Nem tudo.

Lincoln tinha desenterrado esse caderno uma dúzia de vezes desde o ensino médio. Ele o pegava toda vez que mudava de área, toda vez que começava um novo programa ou terminava um estágio.

Ele continuava esperando poder ver algo naquela lista que não notara em todas as outras vezes, alguma verdade básica a respeito de si mesmo, uma pista para o que ele deveria estar fazendo. Ou não deveria estar fazendo. Como é que sua vida havia ficado presa no número 19, destravar computadores? Porque uma pessoa não podia ganhar a vida desemaranhando gargantilhas, era isso? Por que não podia ter ficado preso no número 29? Ou mesmo no 27?

Sempre que Lincoln olhava para essa lista, ele acabava pensando mais a respeito de Sam do que nos rumos de sua carreira. Naquela

noite, ele não chegou aos classificados, nem ao seu paraquedas,
nem ao seu plano.

CAPÍTULO 9

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qua, 01/09/1999 13h14

Assunto: Quer sair hoje à noite?

Eu preciso de uma folga do Mitch. Ele ainda está chateado por nosso uso bem-sucedido de anticoncepcionais.

<<**Beth para Jennifer**>> Não posso. Finalmente vou assistir a *De olhos bem fechados*.

<<**Jennifer para Beth**>> Ugh. Eu não gosto do Tom Cruise.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu também não. Mas normalmente eu gosto dos filmes do Tom Cruise.

<<**Jennifer para Beth**>> Eu também... Hum, talvez eu até goste do Tom Cruise. Mas odeio a pressão para achá-lo atraente. Eu não acho que seja.

<<**Beth para Jennifer**>> Ninguém acha. É uma mentira perpetuada pela mídia americana. Tom Cruise e Julia Roberts.

<<**Jennifer para Beth**>> Os homens não gostam da Julia Roberts?

<<**Beth para Jennifer**>> Não. Os dentes dela os assustam.

<<**Jennifer para Beth**>> Bom saber.

CAPÍTULO 10

Quando Lincoln desceu as escadas na quinta-feira de manhã, sua mãe estava inclinada sobre a mesa da cozinha, raspando a tinta verde-limão de uma gaveta da cômoda. Pedacinhos de tinta se espalhavam por toda a mesa e pelo chão. Havia fragmentos em seu cabelo e na manteigueira. Esse tipo de coisa dava enxaquecas em Eve.

– Você não acabou de pintar essa cômoda? – perguntou Lincoln.

– Sim, pinte. – Ela franziu o cenho para a gaveta.

– Por que está arrancando a tinta?

– Isso era para ser “caminho na clareira”. Era o que dizia na amostra. Mas isso não é “caminho na clareira”. É verde-limão.

– Parecia mais com “caminho na clareira” na amostra de tinta?

– Claro que parecia. Dizia “caminho na clareira” lá, então era inevitável que tivesse uma aparência “clareirística”. Mas olha só para isso: é puro verde-limão.

– Mãe, posso te perguntar uma coisa?

– Claro. Tem biscoitos salgados no forno e molho de presunto. Vou pegar um pouco para você. Quer mel? Temos mel fresco de abelhas locais, sabia que é melhor comer mel de abelhas locais?

– Nunca tinha pensado nisso... – disse ele, tentando não soar impaciente. – Mãe, você acha o Tom Cruise atraente?

A mãe largou o formão e olhou para Lincoln como se estivesse tentando se decidir se ele era “caminho na clareira” ou verde-limão.

– Querido, *você* acha o Tom Cruise atraente?

– Mãe! Não! Por que você perguntaria isso? Jesus.

– Por que *você* está perguntando isso?

– Eu perguntei se *você* achava o Tom Cruise atraente. Não perguntei se achava que eu era gay. *Você* acha que eu sou gay?

– Eu não disse isso – respondeu ela. – Pensei, uma vez ou outra, que talvez pudesse ser, mas não disse isso. Eu só estava tentando ajudar.

– Me ajudar em quê?

– Te ajudar a me contar, se *você* fosse. O que *você* não é. *Você* está dizendo que não é, certo?

– *Sim* . Quer dizer, não sou. *Você* está falando sério?

– Bem, Lincoln, *você* tem que admitir que isso explicaria muita coisa.

– O quê? O que isso explicaria?

– Explicaria por que *você* não tem uma namorada. Por que *você* não tem uma namorada, sabe, querido, há muito tempo. Desde Sam, certo? E, francamente, também explicaria Sam.

– Como isso explicaria Sam?

– Ela não era muito feminina, era?

– Ela era bastante feminina.

A mãe dele torceu o nariz e deu de ombros.

– Ela me parecia um tanto moleca. Nem tinha seios.

Lincoln pressionou a palma de uma das mãos no olho.

– Ela tinha seios.

– É mesmo – disse a mãe, sem entonação. Ela tinha um jeito de perguntar “é mesmo” que não chegava nem a ser uma pergunta. Era mais como um desafio.

– Eu não sou gay.

– É claro que *você* não é gay.

– Eu só... eu ia te perguntar se *você* acha o Tom Cruise atraente porque eu não acho a Julia Roberts atraente, e eu estava pensando que talvez isso fosse uma grande mentira perpetuada pela mídia.

– Você não acha a Julia Roberts atraente? Hum. É mesmo.

Na sexta-feira, Lincoln acordou tarde. Ele pegou a metade final de *Quantum Leap*, ajudou sua mãe a mover um sofá, depois se encontrou com a irmã no shopping para ajudá-la a escolher um celular novo. Então eles comeram cachorro-quente na praça de alimentação, e Lincoln mostrou a Eve o livro que pegara na biblioteca.

– Então – perguntou ela –, de que cor é o seu paraquedas?

– Verde – palpitou ele. Podia ser verde.

Eve ficou tão contente com o seu progresso que insistiu em lhe comprar um *smoothie* de frutas. Daí se lembrou de que ele estava ganhando mais do que ela agora e insistiu para que *ele* lhe comprasse um *smoothie*.

Naquela noite, no trabalho, teve a sensação de estar usando a calça de outra pessoa. A calça de alguém mais magro. Não deveria ter comido dois cachorros-quentes. Devia começar a se exercitar. Talvez pudesse esconder algum equipamento para exercícios no escritório. O que ele podia colocar em sua mochila? Pesos livres? Um aparelho Thighmaster? A bola inflável de ioga de sua mãe?

Ele comeu três potinhos de iogurte das máquinas de venda no lugar do jantar e passou quatro horas jogando *Tetris* no computador. Talvez também pudesse trazer seu PlayStation escondido. Ele ainda podia enxergar os blocos de *Tetris* caindo no interior de suas pálpebras quando finalmente abriu a pasta WebShark.

CAPÍTULO 11

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Sex, 03/09/1999 13h14

Assunto: Esse fim de semana.

Ei, todos os filmes dessa semana estrearam na quarta, então eu tenho a noite de folga e Chris tem um show. Você ainda precisa de uma folga do seu marido chateado? Quer sair comigo? Assistir a um filme ou algo assim?

<<Jennifer para Beth>> Por que você iria querer ver um filme quando está de folga de assistir a filmes? Eu não escrevo manchetes na minha folga. (Embora eu corrija erros gramaticais. O que dá nos nervos de Mitch.)

Eu adoraria ver um filme, mas hoje é o primeiro jogo em casa dos North. Mitch já deve ter separado a blusa de moletom azul e dourado que comprou de presente para o meu aniversário. Vou passar minha noite todinha sentada em uma arquibancada dura e fria, assistindo a meu marido conduzir "Tequila" e "All Hail the Golden Vikings". (E estranhamente gostando disso tudo.)

Ei, por que não se junta a nós? Vamos ao jogo. Eu até te empresto algumas peças vikings – o que você acha de gorros de lã com chifres?

<<Beth para Jennifer>> Ei, por que não? Talvez porque eu ainda seja legal demais para me sentar com o pessoal da banda?

Não sei... Acho que pode ser divertido. Eu poderia fazer contato visual escandaloso com caras do ensino médio.

<<Jennifer para Beth>> Caras do ensino médio só parecem bonitões para as meninas do ensino médio. Tem algo a ver com a iluminação fluorescente nas salas de aula, acho. Na verdade, eles são bem magrelos e cheios de espinhas, e têm pés gigantescos. Por que você não vai ao show do Chris?

<<Beth para Jennifer>> Eu não vou mais aos shows dele. E eu sei que você vai me perguntar por que não, então vou te contar:

Na faculdade, eu nunca perdia um show. Ficava uma hora passando delineador em mim, mais uma hora passando delineador nele. Chegava ao clube cedo, ajudava a montar tudo, assistia às duas primeiras bandas, depois garantia meu lugar bem na frente e à esquerda. Assim, quando ele tirasse os olhos da guitarra e levantasse a cabeça, eu estaria bem no meio do seu campo de visão. Como Courtney Cox no clipe de "Dancing in the Dark". Era o nirvana. (O nirvana pré-Nirvana.)

E aí eu comecei a trabalhar na seção de Entretenimento. E todos os amigos do Chris ficaram sabendo sobre o meu emprego e começaram a me abordar durante os shows para me dar fitas e fingir que gostavam de mim.

E aí Stef e Chris tiveram aquela briga a respeito de eu trabalhar para o jornal...

E eu trabalho a maioria dos finais de semana de qualquer jeito, então...

É mais fácil ficar em casa nas noites de show e esperar por ele acordada.

<<Jennifer para Beth>> Que briga? E o Chris não sente sua falta nos shows? (Você nunca fala sobre a faculdade. Eu posso até imaginar você suspirando, uma *groupie* total.)

<<Beth para Jennifer>> Eu falo sobre a faculdade, sim. Não falo? Eu adorava a faculdade. Queria poder voltar para lá.

A briga foi besta. Stef estava convencido de que a banda conseguiria uma cobertura melhor se eu não trabalhasse para o *The Courier*.

<<Jennifer para Beth>> Ah, eu odeio o Stef. Ele tem um trauma de Yoko Ono.

E, na verdade, você não fala sobre a faculdade. Eu nem sei como é que você e o Chris se conheceram.

<<Beth para Jennifer>> Amém para o trauma de Yoko. É porque ele acha que é o Paul McCartney. Mas o Paul McCartney é uma alma gentil. E monógamo.

<<Jennifer para Beth>> E um cavaleiro.

<<Beth para Jennifer>> E um ativista pelos direitos dos animais! O mais perto que Stef chega de Sir Paul McCartney é por ser um maconheiro.

Você sabe como eu conheci o Chris. Na União Estudantil.

<<Jennifer para Beth>> “Na União Estudantil.” Isso não é *como* vocês se conheceram, isso é *onde* vocês se conheceram. Eu quero saber se foi amor à primeira vista. Quem reparou em quem primeiro. A história toda.

E você não respondeu a minha pergunta: ele não sente a sua falta nos shows?

<<Beth para Jennifer>> Honestamente, eu acho que é mais fácil para ele se eu não for assisti-lo tocar. Os outros caras da banda são solteiros e doidões. Eu não bebo muito, não fumo nada e não consigo resistir a comentar sobre o comportamento totalmente imaturo e sexista deles. Eu atraso o lado deles.

<<Jennifer para Beth>> Era de se imaginar que uma banda chamada Sacajawea* desse mais apoio a mulheres livre-pensadoras.

<<Beth para Jennifer>> Você sempre diz isso.

<<Jennifer para Beth>> Não digo não, só falei isso uma vez antes, mas é tão corrosivo que eu não pude resistir à repetição. (“Corrosivo”, eu colocaria esse nome na minha banda.)

<<Beth para Jennifer>> Eu chamaria a sua banda de “Corrorível”.

Enfim. Obrigada pelo convite para o jogo, mas acho que vou ver um filme hoje à noite. (Sobram mais caras do ensino médio para você.) *Matrix* está passando no cinema de um dólar. E eu realmente gosto de cineminha na minha noite de folga. É relaxante. Eu não sinto que sou obrigada a pensar criticamente, nem mesmo a prestar atenção.

Talvez eu até pare para ver a Sacajawea depois do filme. Você está fazendo eu me sentir uma péssima namorada.

<<Jennifer para Beth>> Você devia passar um monte de delineador e ficar lá na frente.

<<Beth para Jennifer>> Sei lá, talvez.

* Índia americana que atuou como intérprete em uma expedição de exploradores e comerciantes junto com o marido. (N.E.)

CAPÍTULO 12

Lincoln estava com vontade de sair naquele final de semana. Sair mesmo.

Em geral, nas noites de sábado, ele jogava *Dungeons & Dragons*. Ele vinha jogando com as mesmas cinco ou seis pessoas desde a faculdade. Isso era outra coisa que Eve achava estar lhe prejudicando.

– É quase como se você estivesse *tentando* não conhecer garotas – dissera ela.

– Mas tem garotas lá – argumentou ele. Uma, pelo menos. Christine sempre fora a única garota no grupo deles. Logo depois da universidade, ela se casara com Dave, um cara robusto que gostava de ser o Mestre, e o jogo se mudou permanentemente para a sala de estar deles.

– Será que você e seus amigos de *Dungeons & Dragons* não podiam fazer *outra coisa* juntos? – sugerira Eve. – Tipo, ir para algum lugar onde *todos* pudessem conhecer garotas?

– Acho que não – respondeu Lincoln. – Todos os outros caras são casados.

Bem, exceto Troy. E até Lincoln podia ver que Troy não era o tipo de cara que alguém levasse para conhecer garotas. Troy pensava que todo mundo – de verdade, todo mundo mesmo – queria conversar sobre *Babylon 5*. Ele tinha uma barba loira imensa e malcuidada e óculos com aro de metal, como o de um professor de Matemática. E gostava de usar coletes de couro.

Talvez Eve tivesse razão. Talvez Lincoln devesse expandir seu círculo.

Ele ligou para Troy na sexta-feira para avisar que ele teria de encontrar outra carona para o jogo de *D&D* daquele fim de semana. (Troy não pensava em adquirir um carro.) E então ligou para Justin.

Justin era exatamente o tipo de cara que você levaria para conhecer garotas.

Lincoln e Justin tinham feito o ensino médio juntos. Ambos jogavam golfe universitário e foram parceiros de laboratório em Química; e quando Lincoln se transferiu para Nebraska no segundo ano da faculdade – ou no que deveria ter sido seu segundo ano –, eles acabaram dividindo o mesmo dormitório.

Justin imediatamente recebeu Lincoln em seu grupo de amigos da faculdade. Eles costumavam ficar no quarto um do outro, jogando Mega Drive e pedindo pizza ruim. Às vezes, frequentavam reuniões de ginástica feminina. Às vezes, alguém conseguia uma caixa de cerveja.

Os amigos de Justin provavelmente não eram o tipo de cara que Lincoln teria procurado por si só. Mas eles o aceitaram sem questionar, e ele ficou grato por isso. Começou a usar um boné de beisebol todo dia e ficou muito bom em *Sonic*.

No ano seguinte, o resto dos caras conseguiu um apartamento fora do *campus*. Lincoln permaneceu no dormitório porque sua bolsa de estudos cobria o aluguel. Ele não os viu muito depois disso... Não falava com Justin há pelo menos dois anos, o mesmo tempo que transcorreria desde a última vez que fora a um bar.

– Lendário Linc!*_ Cara. Como vai, seu gênio do mal?

– Sabe como é, o de sempre. – Lincoln tinha ligado para Justin no hospital em que ele trabalhava, no marketing. Ele não entendia por que um hospital precisava de um departamento de marketing; para quem eles dirigiam o marketing, para os doentes?

– Ainda está na faculdade? – perguntou Justin.

– Não, eu me formei... de novo. Estou de volta à cidade, morando com a minha mãe, sabe, por enquanto.

– Ei, cara, bem-vindo de volta. Vamos sair juntos. Contar as novidades. Vou ser honesto com você, eu gostaria de ter companhia. Está casado?

– Nem de longe.

– Bom. Eu juro por Deus, todos os outros fodidos me abandonaram. O que é que eu vou fazer, ir para os bares sozinho? Como algum pervertido? Tenho saído com o meu irmão caçula, mas não é legal. Ele toma grana emprestada e sempre acaba pegando a garota. E ainda tem cabelo, o bostinha.

– Foi por isso que eu liguei, na verdade – disse Lincoln, aliviado por Justin já estar assumindo o controle. – Em muitas das noites eu trabalho, então é difícil sair, mas pensei que podíamos tentar juntos, talvez...

– Vamos, sim, ô de casa. Você trabalha amanhã à noite?

– Não. Amanhã está ótimo.

– Eu passo pra te pegar às nove, que tal? Sua mãe ainda mora no mesmo lugar?

– Sim, sim – disse Lincoln, sorrindo para o fone. – Mesmo lugar, mesma casa. Te vejo às nove.

Justin chegou no maior veículo esportivo-utilitário que Lincoln já vira. Amarelo berrante. Vidros fumê. Justin se inclinou para fora da janela do motorista e gritou:

– Cara, vamos lá, você vai sentado na frente.

Já havia outros três ou quatro rapazes sentados atrás. Lincoln pensou ter reconhecido o irmão caçula de Justin. Ele se parecia com Justin, mas um pouco mais alto, um pouco mais revigorado. Justin

mesmo não havia mudado muito desde o ensino médio. Um cara baixinho, de olhos enrugados e cabelo loiro-acinzentado. Camisa polo limpa. Jeans sérios. Um imaculado boné de beisebol. Ele tinha um aparelho na porta do dormitório que fazia uma curva perfeita na aba do seu boné.

– Olha só você – disse Justin, sorrindo. Ele podia sorrir e conversar sem jamais tirar o cigarro da boca.

– É bom te ver – disse Lincoln, não alto o suficiente para ser ouvido acima do som do carro. Era Guns N’ Roses, “Welcome to the Jungle”. Lincoln não conseguia ver as caixas de som, mas elas pareciam estar embaixo dele.

– O quê? – gritou Justin, inclinando-se para fora da janela para soltar a fumaça. Ele era educado em relação a isso. Se você estivesse sentado em frente a Justin na mesa, ele sempre soprava a fumaça para trás.

– Onde estão as caixas de som? – gritou Lincoln. – Estão nos bancos?

– Sim, diabos! Porra, incrível, né? É como ter o Axl Rose no seu rabo!

– Bem que você queria! – gritou alguém no banco traseiro. Havia três bancos traseiros. Justin mostrou o dedo do meio para alguém e seguiu falando.

– Não se preocupe com essas merdas. Eu tive de trazê-los, era a minha vez de ser o motorista da rodada. Mas eles não vão te atrapalhar na caça, eles ficam na área infantil.

– Sem problema – disse Lincoln.

– O quê?

– Sem problema! – Lincoln não via problema algum. Ele não tinha nenhuma caça que pudesse ser atrapalhada.

Eles dirigiram para o subúrbio e pararam em um shopping, diante de um lugar chamado The Steel Guitar.

– Este não é um bar de country? – perguntou Lincoln.

– Era, na época em que todo mundo curtia dancinhas coreografadas. Agora eles fazem isso só uma vez por semana. Nas quintas, acho.

– O que eles fazem no resto da semana?

– O de sempre. É aqui que as garotas vêm, então é pra cá que a gente vem.

O lugar já estava lotado. Havia gente na pista de dança e o hip-hop estava tocando bem alto – o tipo mais feio de hip-hop, cheio de batidas e gritos sobre carros de luxo. Justin encontrou uma mesa alta perto da pista de dança e chamou uma das garçonetes, uma mulher usando uma bandoleira cheia de copos de *shot*. Havia garrafas de bebidas alcoólicas presas ao cinto dela. Tudo parecia muito pesado.

– Dois Jägermeisters, moça – disse Justin. – Obrigado.

Ele empurrou um copo para Lincoln e ergueu o seu no ar.

– A você, Lincoln. O formado!

Lincoln fez tim-tim e conseguiu engolir a bebida.

– Pensei que você fosse o motorista da rodada – disse Lincoln.

– Eu sou.

Justin acendeu um cigarro.

– Pensei que isso significasse que você não podia beber.

– Não, significa que *you* não pode ficar bêbado. Ou tem que ficar bêbado cedo, para poder dar tempo de passar...

Justin já estava pedindo mais duas doses e analisando o bar.

O lugar era grande, praticamente cavernoso, e todo pintado de preto. Havia uma máquina de fumaça em algum lugar e luzes negras para todo lado. Uma escultura de metal retratando uma guitarra, de aparência cara, estava pendurada no escuro acima da pista de dança.

Era ali que se encontravam todas as garotas. A maioria dançando sozinhas ou com amigas. Havia uma despedida de solteira bem no meio, onde as moças dançavam em um círculo. A música era terrível para se dançar; tudo que se podia fazer era balançar a cabeça para cima e para baixo e se encolher no ritmo da música. As garotas pareciam estar todas ouvindo a mesma história triste. “Sim, sim, sim, é terrível. Sim, sim, sim.”

Algumas haviam subido para umas plataformas pretas elevadas nos fundos da pista de dança, embaixo de uma fileira de holofotes verdes piscantes. Elas dançavam com os quadris juntos, cavalcando mecanicamente as coxas umas das outras e arqueando as costas. Era desagradavelmente excitante vê-las. Como se masturbar em um banheiro químico.

Justin também assistia a cena.

– Coisinhas indecentes – disse ele, balançando a cabeça. – Quando estávamos crescendo, as meninas não dançavam assim nem com os meninos...

– Olha ali – disse Justin, apontando para uma mesa perto da porta. – Aquelas são as nossas garotas. Autoestima demais para se esfregar nas amigas, mas não tanta a ponto de recusar um drinque oferecido por nós.

Justin já estava andando, então Lincoln o seguiu. Eles pararam numa mesa em que duas mulheres estavam sentadas, assentindo no ritmo da música. Lincoln não saberia dizer a idade delas com aquela luz. Mal conseguia discernir uma da outra. Ambas eram jovens, quase loiras e usavam a mesma fantasia de sábado à noite: regatas, alças de sutiã em cores vivas, cabelo bagunçado na altura do ombro e lábios de um bege pálido.

– Oi – Justin estava dizendo –, se importam se nos juntarmos a vocês? Meu amigo Lincoln aqui está pagando a bebida.

As garotas sorriram e tiraram suas bolsas-mochilas pretas do caminho. Lincoln se sentou no lugar deixado vago por Justin e sorriu para a garota mais próxima. Estranhamente, não estava nervoso. Aquele lugar e aquela garota estavam tão longe da sua vida cotidiana que nem pareciam reais. Definitivamente menos reais do que as mulheres que ele sentia evitando-o nas calçadas e corredores. Além do mais, havia Justin ali tomando a dianteira, quebrando o gelo e pedindo as bebidas. O que era essa obsessão de Justin com Jägermeister? E quantas doses ele já havia tomado até agora? Duas? Três? Pelo menos três.

– Eu me chamo Lisa – disse a garota, estendendo uma mão pequena e de unhas bem-feitas.

– Lincoln – apresentou-se, sorrindo. – Posso pedir algo para você?

– Seu amigo acabou de pedir para nós.

– Ah, é, certo, desculpe...

– Mas aceito um cigarro, se você tiver um.

– Desculpe – disse ele –, eu não fumo.

– Tudo bem. Eu também não. Digo, eu fumo, mas só quando estou em um bar ou festa ou algo assim. Odeio o cheiro. Mas se já vou ficar cheirando a fumaça de cigarro de qualquer maneira, acho justo que pelo menos eu tenha fumado.

– Meu amigo tem cigarros... – Lincoln se virou para Justin, que já estava levando sua garota para a pista de dança. Droga. Lincoln realmente não queria dançar.

– Não se preocupe com isso – disse Lisa.

– Você quer dançar? – perguntou Lincoln.

– Mais ou menos. Você quer?

– Na verdade, não. Tudo bem?

– Ótimo – disse ela. – Não dá para conversar lá mesmo.

Agora Lincoln estava nervoso. Justin tinha levado todo o ímpeto da noite com ele para a pista de dança.

- E então – ele perguntou à garota –, o que você faz da vida?
- Sou técnica em higiene dental. E você?
- Computadores.

Ela sorriu e assentiu.

- Computadores – repetiu ela. – Isso é ótimo.

Os olhos dela começaram a se afastar dele. Terminaram as bebidas e Lincoln pediu outra rodada, só para ter algo que fazer. Ele devia ter jantado antes de sair. Uma pena que aquele não fosse mais um bar country. Bares country não tinham sempre amendoins? Ou será que isso só acontecia nos filmes, para dar aos atores algo que fazer com as mãos?...

Lisa estava rasgando o porta-copo em tirinhas e cantando baixinho junto com a música. Ele pensou em se levantar para que ela tivesse a chance de conhecer outra pessoa. Ela podia definitivamente conhecer outra pessoa. Era bonita... provavelmente. Nessa luz negra e esverdeada, lembrava um hematoma de uma semana atrás. Todos lembravam.

– Este é um lugar terrível para conhecer gente nova – disse Lincoln.

- O quê? – Lisa inclinou-se para frente.

– Este é um lugar terrível para conhecer gente nova – repetiu ele, mais alto.

Lisa estava tomando sua bebida por um canudinho minúsculo. Ela parou, o canudo ainda na boca, e olhou para ele como se estivesse tentando se decidir se deixava a mesa agora mesmo ou se esperava pela amiga. Podia ser uma longa espera. Justin e a garota tinham saído da pista de dança e ido para um canto. Quando o holofote girou, Lincoln pôde vê-los se beijando. Justin ainda estava segurando um cigarro aceso e uma garrafa de cerveja.

– Desculpe – disse Lincoln. – Eu não quis dizer que você é uma pessoa terrível de se conhecer. Quis dizer que este é um lugar

terrível para conhecer *qualquer um*.

Os olhos dela ainda estavam estreitados.

– Você gosta daqui? – ele perguntou.

– É legal – disse ela, dando de ombros. – Igual a qualquer outro bar.

– Exatamente. São todos terríveis.

– Quanto você já bebeu? – perguntou ela. – Você é um daqueles bêbados tristes?

– Não sei, não fico bêbado com frequência. Mas como se pode evitar ficar triste em um lugar assim?

– Eu não estou triste – disse ela.

– Então você não está prestando atenção. – Ele estava gritando para ser ouvido acima do barulho, mas o fato de estar gritando fez suas palavras soarem raivosas. – Digo, *olhe só* este lugar. Ouça essa música.

– Você não curte rap? Eles tocam country às quintas.

– Não – disse ele, balançando a cabeça. Ele também se sentia com raiva. Não com a Lisa, na verdade, mas com a situação toda. Ele estava como Martin Luther, cheio até a tampa. – Não é a música. É que, bem, você vem até aqui para conhecer alguém, certo? Para encontrar um cara?

– Certo.

– Talvez para encontrar *o* cara, certo?

Ela olhou para a bebida.

– Certo.

– Bem, quando você pensa nesse cara – que, aliás, nós dois sabemos que não sou eu –, quando você pensa em se encontrar com ele, você pensa em conhecê-lo num lugar como esse? Um lugar tão feio? Tão barulhento? Você quer que ele cheire a Jägermeister e a cigarros? Quer que a primeira dança de vocês seja com uma música falando de strippers?

Ela olhou ao redor do bar e deu de ombros outra vez.

– Talvez.

– Talvez? Não, é claro que você não quer.

– Não me diga o que eu quero – disse Lisa, procurando por um cigarro na bolsa da amiga.

– Tem razão – disse Lincoln. – Me desculpe.

Ela encontrou um cigarro e o colocou na boca. Ele ficou lá dependurado, apagado.

– Onde mais eu poderia conhecer um cara? – indagou ela, observando os dançarinos. – Tipo, em um jardim?

– Um jardim seria bacana – disse ele. – Eu pagaria o preço do *couvert* para entrar em um jardim de solteiros.

– Isso parece algo que a igreja da minha mãe faria. – Ela voltou a revirar a bolsa da amiga. – Acho que, se eu encontrasse um cara, sabe, *aquele* cara, eu não me importaria com o lugar ou com o cheiro dele. Eu só ficaria, tipo, *feliz*... Olha – disse ela, levantando-se –, foi legal te conhecer. Vou tentar arranjar um isqueiro.

– Ah... hum... tudo bem... – Ele começou a se levantar, bateu a cabeça em uma placa de neon da Bud Light e voltou a se sentar. – Foi legal te conhecer também – disse ele.

Ele sentiu vontade de pedir desculpas outra vez, mas não pediu.

E não ficou olhando ela se afastar.

Lincoln ainda estava na mesa uma hora depois, quando Justin voltou.

– Cara, eu preciso de um favor. Estou fodido demais para dirigir, você pode levar minha picape para casa?

– Hum, não sei se...

– Linc, de verdade – Justin colocou as chaves na mesa –, eu estou indo para casa com a Dena.

- Mas e os outros caras, o seu irmão...
 - Acho que eles já foram.
 - O quê?
 - Eu busco a picape amanhã. Deixe as chaves embaixo do capacho e tranque as portas.
 - Eu realmente não acho...
- Lincoln pegou as chaves e tentou devolvê-las para Justin, mas o outro já tinha ido embora.

Eve estava sentada na mesa da cozinha quando Lincoln desceu as escadas na tarde seguinte. Ele tinha passado a noite em um dos bancos traseiros de Justin, depois dirigido para casa em algum momento após o sol nascer. Seu pescoço ainda parecia estar dobrado por cima de um descanso de braço, e sua boca estava com gosto de alcaçuz e carne azeda.

- O que está fazendo aqui? – ele perguntou à irmã.
- Bem, bom dia, raio de sol. Eu trouxe os meninos para brincar com a mamãe.

Ele olhou pela cozinha, depois se jogou pesadamente na cadeira ao lado da irmã.

- Eles estão lá no quintal dos fundos, construindo uma fortaleza – disse ela. – Tem rolinho primavera no forno. E arroz frito. Está com fome?

Lincoln assentiu, mas não se mexeu. Já estava pensando em tudo o que faria quando tivesse de novo energia para ficar de pé. Tipo, voltar para a cama. Essa era a primeira coisa.

- Credo – disse Eve, levantando-se para fazer um prato para ele. – Você deve ter tido uma bela noitada.

De pé junto ao fogão, mexendo o arroz, ela se parecia uma versão mais nova da mãe deles – uma versão mais jovem *mais velha*. Aos

36 anos, Eve se parecia com a mãe deles aos 45.

– Ser responsável dá rugas – dizia a irmã quando a mãe deles não estava por perto.

– A Eve não parece cansada? – dizia a mãe, quando Eve estava ou não por perto.

– Mamãe disse que você só chegou em casa às sete da manhã – denunciou Eve, entregando-lhe um prato. – Ela está furiosa, aliás.

– Por que ela está furiosa?

– Porque você não ligou. Porque ela ficou acordada metade da noite te esperando.

Lincoln deu uma mordida e esperou para ver se seu estômago já havia lhe perdoado.

– O que tem nesses rolinhos primavera? – perguntou ele.

– Queijo de cabra, acho, e talvez salmão.

– Eles estão ótimos.

– Eu sei – disse ela –, eu comi quatro. Agora pare de enrolar e me conte onde você esteve a noite toda.

– Eu fui a um bar com o Justin.

– Conheceu alguém?

– Literalmente, sim – disse ele, de boca cheia.

– Você estava com uma garota na noite passada?

– Não. Eu estava bêbado e dormindo no banco de trás da picape de Justin. Ainda tem um utilitário amarelo aí na frente?

– Não. – Eve parecia desapontada.

– Por que está me olhando desse jeito? – Lincoln já estava se sentindo muito melhor. Talvez até tomasse uma ducha antes de voltar para a cama. – Você preferiria ouvir que eu passei a noite tendo sexo pré-marital com uma garota que acabei de conhecer no The Steel Guitar?

– Você foi a um bar country?

– Só é country nas noites de quinta.

– Ah. Bem. – Eve pegou um dos rolinhos dele. – Você podia ter ficado a noite toda acordado *conversando* com uma garota que conheceu no The Steel Guitar. Eu adoraria ouvir isso.

– Certo – disse ele, levantando-se para pegar mais –, da próxima vez, é isso o que vou te dizer.

CAPÍTULO 13

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 06/09/1999 10h14

Assunto: TODOS SAÚDEM OS VIKINGS DOURADOS!

Eu sei que você devora a seção de esportes, então provavelmente já sabe que os North High Vikings *atropelaram* os Southeast Bunnies na noite de sexta. A única coisa que falta em nossa cobertura é o quanto a defesa dos Vikings melhorou quando a banda tocou "Whoomp! (There it is)". Você perdeu uma bela noite.

<<**Beth para Jennifer**>> Por que toda escola nessa cidade tem o nome de uma direção? Alguém morreria se chamasse algo de John F. Kennedy ou Abraham Lincoln ou Boutros-Boutros Ghali?

Mitch fez eles tocarem *Jock Jams*? Ele não sente vergonha?

<<**Jennifer para Beth**>> Bem, era um jogo de futebol americano. Além do mais, a molecada adora essa música. É muito fofo, as tubas tocam a parte do "Whoomp". Como foi seu fim de semana? Você foi assistir ao Chris? A banda dele tocou alguma música das *Jock Jams*?

<<**Beth para Jennifer**>> Claro. Você tinha que ouvir o solo de guitarra dele em "Tootsee Roll". Meu fim de semana foi bom. Eu passei no show da Sacajawea na sexta à noite e acabei pegando todas as músicas. Havia algumas que eu não tinha ouvido antes.

<<Jennifer para Beth>> Chris ficou surpreso em te ver no show?

<<Beth para Jennifer>> Nah.

<<Jennifer para Beth>> Nah? Você é tão evasiva... Estive pensando no motivo de você não querer me contar como vocês se conheceram. Acho que deve ser algo escandaloso. Ele era casado? Vocês são parentes?

<<Beth para Jennifer>> Sim e sim.

<<Jennifer para Beth>> Lá vai você de novo. Evasiva.

<<Beth para Jennifer>> Desculpe. É só que...

Eu sei como você se sente em relação ao Chris. (Eu sei como *todo mundo* se sente em relação ao Chris.) E me parece estranho ficar contando histórias melosamente românticas a respeito dele. Eu posso captar o seu desdém.

<<Jennifer para Beth>> *Como* eu me sinto? E quem é *todo mundo*?

<<Beth para Jennifer>> Você não gosta dele.

E todo mundo é todo o mundo. Meus pais. Minhas irmãs. Você – eu já mencionei você?

<<Jennifer para Beth>> Isso não é justo. Eu gosto do Chris.

<<Beth para Jennifer>> Mas acha que eu mereço coisa melhor.

<<Jennifer para Beth>> Isso não é exatamente verdade.

Eu te amo. E quero que você seja feliz. E você não está feliz. Então procuro o que, na sua vida, está te fazendo infeliz. E acho que

o Chris, às vezes, te faz infeliz.

<<Beth para Jennifer>> Mitch te faz infeliz às vezes.

<<Jennifer para Beth>> É verdade.

<<Beth para Jennifer>> Você está pensando: "Mas..."

<<Jennifer para Beth>> Me desculpe. Eu não quero que sinta que não pode me contar coisas sobre o Chris, melosas e românticas ou não. Eu te conto tudo, e é um conforto enorme ter alguém com quem conversar.

E, também, talvez se você me contasse todas as coisas melosas e românticas sobre o Chris, eu entenderia por que você aceita as *outras* coisas, as que me fazem revirar os olhos.

<<Beth para Jennifer>> Esse é um bom argumento.

<<Jennifer para Beth>> Então...

<<Beth para Jennifer>> Então?

<<Jennifer para Beth>> Então, conte-me algo meloso e romântico. Conte como vocês se conheceram.

"Era uma vez, numa reunião de família, eu conheci um homem casado..."

<<Beth para Jennifer>> Você não precisa gostar dele para ser minha amiga. Desde que goste de mim, tudo bem.

<<Jennifer para Beth>> Eu quero gostar dele.

<<Beth para Jennifer>> Eu não devia ter falado aquilo sobre Mitch te fazer infeliz. Eu amo o Mitch. Me desculpe.

<<Jennifer para Beth>> Não, tudo bem. Você tem razão. Mitch me faz infeliz de vez em quando, e você não usa isso contra

ele.

“Era uma vez, numa reunião de família...”

<<**Beth para Jennifer**>> Certo. Bem. Eu conheci o Chris na União Estudantil.

<<**Jennifer para Beth**>> Não diga.

<<**Beth para Jennifer**>> Nós costumávamos estudar lá entre as aulas das 9h30 e das 11h30.

Eu já o tinha visto no *campus* antes. Ele estava sempre com uma blusa de moletom amarela e fones de ouvido gigantes. O tipo de fone que diz: “Eu posso não levar minhas roupas a sério. Posso não ter penteado ou sequer lavado meu cabelo hoje. Mas pronuncio a palavra ‘música’ com ‘M’ maiúsculo. Como Deus”.

Já está revirando os olhos?

<<**Jennifer para Beth**>> Está brincando? Eu adoro histórias de amor. Prossiga.

<<**Beth para Jennifer**>> Daí eu já havia reparado nele antes. Ele tinha o cabelo do Eddie Vedder. Castanho-avermelhado, cacheado. Era magro demais (muito mais magro do que é agora), e havia manchas permanentes sobre seus olhos. Como se fosse descolado demais para comer ou dormir.

Eu achava ele *um sonho*.

Eu o chamava de Garoto dos Fones. Não pude acreditar na minha sorte quando percebi que estudávamos na União no mesmo horário.

Bom, *eu* estudava. Ele puxava um livro do bolso e lia. Nunca era um livro didático. Às vezes só ficava ali, sentado, de olhos fechados, ouvindo música, as pernas relaxadas e esticadas. Ele me levava a pensamentos impuros.

<<Jennifer para Beth>> Você não vai parar aí! Não pode parar com "pensamentos impuros".

<<Beth para Jennifer>> Tenho que parar. A Pam acabou de vir para cá. Um dos cinemas antigos está fechando, o Indian Hills. Lá tem uma das últimas telas Cinerama que restam no país. Eu não acredito que eles querem fechar aquele lugar. (Eu assisti a todos os quatro *Star Wars* lá. Preciso completar a série, droga.) Pam quer uma matéria a respeito disso pela manhã. Então, agora eu tenho um prazo. Como uma repórter de verdade. Não tenho tempo para histórias de amor.

<<Jennifer para Beth>> Certo, está desculpada. Por enquanto. Mas você vai terminar essa história.

<<Beth para Jennifer>> Vou sim, eu juro.

CAPÍTULO 14

Lincoln jamais enviaria uma advertência a Jennifer Scribner-Snyder e Beth Fremont.

Ele podia, ao menos, admitir isso para si mesmo. Jamais lhes enviaria uma advertência. *Porque ele gostava delas.* Porque as achava legais e espertas e engraçadas. Engraçadas de verdade – às vezes, elas o faziam rir alto em sua mesa. Ele gostava do modo como elas se provocavam e cuidavam uma da outra. Ele queria ter um amigo no trabalho com quem pudesse conversar daquele jeito.

Certo. Então. Era assim que a coisa funcionaria. Ele nunca iria enviar uma advertência a elas.

Logo. Portanto. Assim... Tecnicamente, *eticamente*, ele não tinha motivo algum para continuar lendo os e-mails delas.

Lincoln havia dito a si mesmo, o tempo todo, que era OK fazer o seu trabalho (que era OK ser um intrometido e bisbilhoteiro profissional), desde que não houvesse nada de voyeurístico a respeito. Desde que ele não desfrutasse das intromissões e bisbilhotices.

Mas agora ele estava desfrutando. Flagrava-se torcendo para que as mensagens entre Beth e Jennifer fossem apanhadas pelo filtro, flagrava-se sorrindo toda vez que via seus nomes na pasta WebShark. Às vezes, em noites mais morosas, lia as mensagens delas duas vezes.

Havia até lhe ocorrido uma ou duas vezes que ele podia abrir o arquivo pessoal delas e ler toda a correspondência de ambas, a qualquer momento, se realmente quisesse.

Não que ele quisesse. Não que fosse fazer isso, jamais. Isso seria esquisito.

Isso era esquisito, pensou ele.

Ele devia parar de ler as mensagens delas. Se nunca iria lhes enviar uma advertência, ele devia parar.

“Certo”, Lincoln disse a si mesmo, “estou parando”.

CAPÍTULO 15

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Ter, 07/09/1999 09h56

Assunto: Bela história.

E na primeira página, ainda. Você não perdeu a manha.

<<**Beth para Jennifer**>> Ora, obrigada. Foi excitante trabalhar com os editores de notícias outra vez. Todos são tão intensos por lá. Eu me senti como a Lois Lane.

<<**Jennifer para Beth**>> Normalmente, você se sente como Roger Ebert, não é?

Ei, adivinha quem escreveu a sua manchete?

<<**Beth para Jennifer**>> Agora que você tocou no assunto, foi uma manchete muito sagaz. Corrosiva até. Deve ter sido o Chuck.

<<**Jennifer para Beth**>> Engraçadinha.

<<**Beth para Jennifer**>> Nós formamos uma bela dupla, você e eu. Deveríamos unir nossas forças e... abrir um jornal ou algo assim.

<<**Jennifer para Beth**>> Mitch leu a sua história no café hoje cedo e ficou p*to. Ele adora aquele cinema. Assistiu *Os Goonies* lá seis vezes. (A namorada dele na sétima série tinha uma quedinha pelo Corey Feldman.) Ele disse que a tela Cinerama fazia qualquer filme ficar bonito.

<<Beth para Jennifer>>

Mitch tinha uma namorada na sétima série? Ah, garanhão!

Espero que ele não tenha insinuando que *Os Goonies* é um filme ruim. Eu adoro a Martha Plimpton, e Corey Feldman estava excelente. Ele nunca mereceu virar uma piada. Você viu *Conta comigo? Meus vizinhos são um terror? O cão e a raposa?*

Eu adoro imaginar vocês lendo o jornal juntos no café da manhã. É tão perfeitamente doméstico.

<<Jennifer para Beth>> Essa manhã não foi, não.

Eu estava lendo a página Nacional, e havia lá uma história sobre uma mãe cujo filho a amarrou porque ela não queria comprar um PlayStation para ele, e eu disse: "Jesus, mais um motivo para não ter filhos". E Mitch fungou (de verdade, ele *fungou*) e falou: "Você está anotando tudo em algum lugar? Todas as razões por que não podemos ter filhos?".

Eu pedi para que não fosse maldoso, e ele disse: "Não seja maldosa *ocê*. Eu sei que você não está pronta para um bebê. Não precisa esfregar isso na minha cara".

"Esfregar o que na sua cara?", eu perguntei. "Você está magoado?"

Aí ele disse que estava cansado e que eu deveria simplesmente esquecer o assunto. "Eu te amo", ele disse, "estou indo trabalhar". Eu pedi para não falar daquele jeito, como se tivesse que dizer isso para pedir licença e sair da mesa. E ele perguntou se eu preferia que ele saísse sem me dizer "eu te amo".

Eu falei: "Eu preferiria que você dissesse 'eu te amo' porque está tão cheio de amor por mim que não consegue se conter. Eu *preferiria* que você não saísse de casa bravo comigo".

E então ele falou que não estava bravo comigo, estava bravo com a situação. A situação de filhos. Ou melhor, a situação da falta de filhos.

Mas *eu sou* a situação da falta de filhos. E foi o que eu disse. "Você está bravo comigo", eu disse.

"Certo", disse ele, "eu estou bravo com você. Mas eu te amo. E eu tenho que ir trabalhar. Adeus."

Daí fiquei morrendo de medo de que ele se envolvesse em um acidente de carro no caminho para o trabalho, e eu passasse o resto da vida pensando em como eu não disse "eu também te amo".

Não tomei minha pílula de ácido fólico de propósito depois do café da manhã, só de desfeita. Para nós dois.

<<Beth para Jennifer>> Quando você começou a tomar ácido fólico?

<<Jennifer para Beth>> Depois da última vez que pensei estar grávida. Parecia que isso me daria uma coisa a menos para me preocupar. Você acha que eu devia ligar para o Mitch e me desculpar?

<<Beth para Jennifer>> Sim.

<<Jennifer para Beth>> Mas eu não quero fazer isso. Foi ele que começou.

<<Beth para Jennifer>> Talvez toda a sua ansiedade a respeito de gravidez esteja começando a afetá-lo.

<<Jennifer para Beth>> Está sim. Eu sei que está. E não o culpo. Mas não sou boa em pedir desculpas. Sempre termino piorando ainda mais as coisas. Eu vou dizer "me desculpe" e ser toda meiga e, assim que estiver perdoada, dizer "mas foi você que começou".

<<Beth para Jennifer>> É horrível, não faça isso. Isso é exatamente o que a sua mãe diria.

<<Jennifer para Beth>> É exatamente o que a minha mãe me disse, *um milhão de vezes*.

Eu herdei isso. Sou programada geneticamente para ser uma pessoa execrável.

Falando na minha mãe, eu, muito boba, contei para ela que Mitch e eu andamos brigando sobre ter ou não um bebê. Ela suspirou – você já escutou o suspiro dela? É como um balão morrendo – e disse: “É assim que começa. É melhor você se cuidar”.

O que começa, claro, é o divórcio. Que ela tem certeza que eu herdei também, junto com os dentes retos e as desculpas horrorosas. Está só esperando. Fica cutucando meu casamento com um palito de dentes. *Quase acabado!*

Aí eu fiquei tipo “Sério, mãe? Começa com brigas? E eu aqui, pensando que tinha começado com a professora da terceira série”.

(Que foi, é claro, quando o divórcio dela começou. Embora seja possível argumentar que o divórcio dos meus pais começou no dia do casamento forçado, que o caso de meu pai com a sra. Grandy foi mais um sintoma do que a doença.)

Então, depois desse comentário horrível e cáustico, minha mãe e eu estávamos brigando, e eu disse mais coisas horrorosas, e ela finalmente falou: “Pode dizer o que quiser, Jennifer, mas nós duas sabemos quem é que vai catar os caquinhos quando tudo isso se despedaçar”.

Aí eu desliguei na cara dela, e Mitch – que tinha entrado na sala, mas não sabia por que estávamos brigando – disse: “Queria que você não falasse com ela desse jeito. Ela é sua mãe”.

E eu não podia dizer: “Mas ela acha que você vai me deixar, e já está ficando do seu lado no divórcio”. Então eu só franzi a testa para ele.

Daí, no domingo, minha mãe ligou de novo e foi como se nós nunca tivéssemos discutido. Ela queria que eu a levasse ao shopping

e insistiu em comprar um suéter vermelho para mim na Sears, pelo qual eu provavelmente vou acabar pagando na próxima vez que ela não conseguir pagar seu cartão.

<<Beth para Jennifer>> É o suéter que você está usando hoje? Você comprou na Sears? É uma gracinha.

<<Jennifer para Beth>> Não me distraia. (Obrigada. É, não é?)

<<Beth para Jennifer>> Sua mãe é doida. Seu casamento não tem nada a ver com o dela. Sua vida não tem nada a ver com a dela. Ela já havia se casado e divorciado, e tinha uma filha de dez anos, quando tinha a sua idade.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei, mas a minha mãe tem um jeito de falar desses fatos como se fossem algo ruim. Na visão dela, eu estou só demorando para aflorar – estou levando um tempão para arruinar minha vida, e ela está perdendo a paciência.

Eu me lembro quando passei dos dezoito, a idade que ela tinha quando eu nasci, e pensei: “Ufa, consegui. Cheguei aos dezenove sem engravidar”. Como se engravidar fosse uma preocupação. Aos dezenove, eu nem tinha *beijado* um cara ainda.

<<Beth para Jennifer>> É mesmo? Quantos anos você tinha quando deu seu primeiro beijo?

<<Jennifer para Beth>> Vinte. É patético. Os caras não querem beijar as gordas.

<<Beth para Jennifer>> Não é verdade. Tem todos aqueles caras no *Jerry Springer*, tem o presidente Clinton...

<<Jennifer para Beth>> Corrigindo: nenhum cara que eu quisesse beijar queria beijar uma gorda.

<<Beth para Jennifer>> Aposto que você nunca deu uma chance para ninguém. Mitch disse que você praticamente bateu nele com um cajado.

<<Jennifer para Beth>> Eu estava tentando poupá-lo.

<<Beth para Jennifer>> Como ele te conquistou?

<<Jennifer para Beth>> Ele simplesmente não me deixava em paz. Sentava-se atrás de mim na aula de escrita de poesia e vivia perguntando se eu tinha planos para o almoço. Como se eu quisesse que aquele loiro musculoso me visse *comendo*.

<<Beth para Jennifer>> Eu posso até vê-lo. Um garoto da fazenda com ombros sexy de sousafone... usando um daqueles chapéus que eles dão de brinde na cooperativa de grãos e uma calça Wrangler justinha. Lembra daqueles adesivos que o pessoal colava nos para-choques na época da faculdade: "As garotas ficam loucas por traseiros em Wrangler"?

<<Jennifer para Beth>> Ah, sim. E é o tipo de lembrança que me faz desejar ter cursado uma faculdade em outro estado. Algum lugar na Filadélfia. Ou em Nova Jersey.

<<Beth para Jennifer>> Sabe, se você tivesse ido à faculdade em Nova Jersey, jamais teria conhecido o Mitch. Não teria arranjado um emprego aqui. Nunca teria me conhecido.

<<Jennifer para Beth>> Mitch diz que era o destino dele me encontrar. Diz que eu poderia voltar e refazer minha vida de modo totalmente diferente e ainda assim acabaria me casando com ele.

<<Beth para Jennifer>> Viu? Ele não tem nada a ver com o seu pai. Ele é maravilhoso. Eu queria que você e eu tivéssemos sido amigas na faculdade. Por que não fomos?

<<**Jennifer para Beth**>> Provavelmente porque eu era gorda.

<<**Beth para Jennifer**>> Não seja estúpida. Provavelmente foi porque eu estava ocupada demais sendo a namorada do Chris para fazer amizades.

<<**Jennifer para Beth**>> Provavelmente porque eu estava ocupada demais trabalhando no *Daily*. Eu nunca conheci nenhum estudante de outro curso, além de Jornalismo, até começar a andar com os amigos de banda de Mitch.

<<**Beth para Jennifer**>> Mas eu era estudante de Jornalismo! Isso é outra coisa que eu nunca fiz porque estava ocupada demais me apaixonando: nunca trabalhei no jornal da escola.

<<**Jennifer para Beth**>> Confie em mim, não perdeu nada. Era um ninho de cobras. Um ninho de cobras bêbadas.

Sabe... aqui estamos nós, conversando sobre a faculdade. Eu não tenho nenhuma história para editar, você está desfrutando as benesses de um brilhante furo de primeira página...

Esse seria um ótimo momento para completar *A conquista de Beth*.

<<**Beth para Jennifer**>> Estava mais para *A conquista de Chris*.

<<**Jennifer para Beth**>> *A conquista do Garoto dos Fones*.

Lá estava ele, blusa de moletom amarela, livro. Lá estava você, pensamentos impuros...

<<**Beth para Jennifer**>> Hã-hã. Bem. Lá estávamos nós. Na União Estudantil. Ele sempre se sentava no canto. E eu sempre me sentava na fileira na frente da dele, a três assentos de distância de seu lugar. Eu saía mais cedo da aula das 9h30 só para poder me

arrumar e estar no meu lugar, toda casual, na hora em que ele entrava.

Ele nunca olhava para mim – nem para mais ninguém, para o meu alívio – e nunca tirava os fones. Eu fantasiava sobre que música ele podia estar ouvindo... e se seria a primeira dança no nosso casamento... e se faríamos fotografias tradicionais no casamento ou em preto e branco... Provavelmente preto e branco, estilo revista. Haveria montes de fotos espontâneas e levemente desfocadas de nós dois nos abraçando, com uma expressão romântica e distante em nossos olhos.

Claro, o Garoto dos Fones já tinha uma expressão distante nos olhos, o que minha amiga Lynn atribuía a um “café da manhã com a Maria Joana”.

<<Jennifer para Beth>> E aí...

<<Beth para Jennifer>> Eu sei o que você está pensando. Não pode acreditar que eu iria me envolver de propósito com um usuário de drogas.

<<Jennifer para Beth>> Eu me envolvi de propósito com um cara que toca tuba. Termine a história.

<<Beth para Jennifer>> Bem, no começo eu tinha certeza de que ele podia sentir as forças cósmicas nos empurrando um para o outro. Eu o queria tanto que podia sentir meu coração tentando alcançá-lo a cada batida. Era o destino. Ele era um ímã, e eu era o aço!

Isso começou em setembro. Em algum ponto de outubro, um dos amigos dele passou e o chamou de “Chris”. (Um nome, finalmente. “Diga-o em voz alta, e música ressoará. Diga-o em voz baixa, e é quase como rezar.”*) Em uma terça à noite, em novembro, eu o vi na biblioteca. Passei as quatro terças-feiras seguintes lá, torcendo para que isso fosse um padrão. Não era. Às vezes, eu me permitia

segui-lo até sua aula das 11h30 no Andrews Hall, e então era obrigada a atravessar todo o *campus* correndo para chegar na minha aula no Temple Building.

No final do semestre, eu já tinha passado há muito do ponto em que podia começar uma conversa natural e casual com ele. Havia parado de tentar fazer contato visual. Até comecei a sair com um cara da fraternidade Sig Ep que conheci na aula de Sociologia.

Mas eu não conseguia abrir mão do meu encontro das 10h30 com o Garoto dos Fones. Imaginei que, depois das férias de Natal, nossas agendas fossem mudar e isso resolveria tudo. Eu esperaria até então para seguir em frente.

<<Jennifer para Beth>> Adoro isso, você realmente me convenceu de que toda esperança está perdida. Astuta.

<<Beth para Jennifer>> Toda a minha esperança *estava* perdida.

E daí... na semana antes das provas finais, cheguei na União no horário de costume e encontrei Chris sentado no meu lugar. Os fones de ouvido estavam em volta do pescoço e ele me observou caminhando até ele. Ao menos, eu achei que estava me observando. Ele nunca tinha olhado para mim antes, *nunca*, e a ideia fez minha pele arder. Antes que eu pudesse resolver o problema de onde me sentar, ele estava falando comigo.

<<Jennifer para Beth>> Ele disse: "Pare de me seguir, sua psicopata"?

<<Beth para Jennifer>> Não. Ele disse "Ei".

E eu disse "Oi".

E ele disse: "Olha...". Os olhos dele eram verdes. Meio que espremia os olhos quando falava. "Eu tenho uma aula às 10h30 no

próximo semestre, então... nós provavelmente deveríamos fazer outro arranjo”.

Eu fiquei bestificada.

E disse: “Você está zombando de mim?”.

“Não”, ele disse, “estou te chamando para sair.”

“Então, estou aceitando.”

“Bom...” disse ele. “Nós podemos jantar. Você ainda pode sentar na minha frente. Seria exatamente igual a uma terça de manhã. Mas com palitinhos de queijo.”

“Agora você está zombando de mim.”

“Sim.” Ele ainda estava sorrindo. “Agora eu estou.”

E foi isso. Nós saímos naquele fim de semana. E no fim de semana seguinte. E no seguinte. Foi loucamente romântico.

<<Jennifer para Beth>> Uau, que banana. (Digo, bacana.) Ele sabia o tempo todo que você o estava observando?

<<Beth para Jennifer>> É, acho que sim. Esse é o Chris. Ele nunca se apressa. Ele nunca mostra suas cartas. Ele sempre desliga primeiro.

<<Jennifer para Beth>> O que isso quer dizer, ele sempre desliga primeiro?

<<Beth para Jennifer>> Tipo, quando começávamos a conversar no telefone, era sempre ele que desligava primeiro. Quando nos beijávamos, era ele quem se afastava primeiro. Ele sempre me mantinha à beira da loucura. Sentindo que eu o queria demais, o que só fazia com que eu o quisesse ainda mais.

<<Jennifer para Beth>> Isso parece excruciante.

<<Beth para Jennifer>> Excruciante e maravilhoso. É gostoso querer algo tanto assim. Eu pensava nele do jeito como você pensa

no jantar depois de ficar uma dia e meio sem comer. Como se você pudesse vender sua alma por aquilo.

<<Jennifer para Beth>> Eu nunca fiquei um dia e meio sem comer.

<<Beth para Jennifer>> Nem quando estava gripada ou algo do tipo?

<<Jennifer para Beth>> Talvez, uma vez. O que aconteceu com o Sig Ep?

<<Beth para Jennifer>> Ah, meu Deus. Foi terrível. Eu não me lembrei de dar um pé nele até a tarde de domingo. Eu tive dois namorados por, tipo, umas nove horas. Não que eu chamasse o Chris de meu namorado então. Não queria assustá-lo. Aquele primeiro ano foi esquisito. Eu me sentia como se uma borboleta tivesse pousado em mim. Se eu me mexesse ou sequer respirasse, pensava que ele voaria para longe.

<<Jennifer para Beth>> Porque era sempre ele que desligava primeiro?

<<Beth para Jennifer>> Isso. E por outras coisas também. Eu nunca sabia quando o veria ou quando ele iria ligar. Podia se passar uma semana sem que eu falasse com ele. E então eu encontrava um bilhete passado por baixo da minha porta. Ou uma folha. Ou letras de músicas escritas em uma caixa de fósforo.

Ou o próprio Chris. Encostado contra a minha porta em uma tarde de quarta-feira, esperando eu voltar da aula de economia. Talvez ele ficasse por quinze minutos. Talvez fosse embora durante a noite, depois que eu pegasse no sono. Ou talvez ele me convencesse a matar aula pelo resto da semana. Talvez nós não deixássemos o

quarto até a manhã de sábado, quando finalmente tivesse acabado meu estoque de molho e picolés e Coca diet.

Ele me deixava nervosa. Eu passava bastante tempo olhando pelas janelas, tentando trazê-lo até mim com a força do pensamento. Alugava filmes sobre garotas que mastigavam o próprio cabelo e tinham manchas febris nas bochechas.

Eu nunca tinha sido mais feliz.

<<Jennifer para Beth>> Acho que descobri por que nós não éramos amigas na faculdade. Você era meio assustadora.

<<Beth para Jennifer>> Assustadora, não. Determinada.

<<Jennifer para Beth>> Assustadoramente determinada.

<<Beth para Jennifer>> Eu era focada. Sabia o que queria na vida. Eu queria o Chris. E era um alívio não ser distraída por nada. Eu não tinha tramas secundárias chatas.

Você nunca foi assim com o Mitch?

<<Jennifer para Beth>> Nunca desse jeito.

Digo, eu fiquei totalmente apaixonada. Mas ele ficou ainda pior do que eu, se é que era possível, e eu acho que é por isso que ainda estamos juntos. Eu precisava que Mitch fosse totalmente transparente com suas emoções. Eu era tão insegura que precisava que ele derrubasse minha porta e enchesse meu quarto de flores.

<<Beth para Jennifer>> Ele encheu mesmo o seu quarto de flores?

<<Jennifer para Beth>> Sim. Foram cravos, mas mesmo assim, flores.

<<Beth para Jennifer>> Hum. Em teoria, acho que isso soa maravilhoso. Mas, na prática, eu me senti atraída por Chris porque

ele não fazia esse tipo de coisa. Porque ele nunca faria nada romântico, no sentido mais tradicional da palavra. E não apenas porque ele estava tentando ser diferente, mas porque seus instintos eram (*são*) muito diferentes dos de outros caras. Era como namorar o homem que veio do céu.

<<Jennifer para Beth>> Estou feliz que você finalmente tenha me contado tudo isso. Eu odiava sentir que havia uma grande parte da sua vida sobre a qual nós não podíamos falar.

Tendo dito isso, não acho que você precise se preocupar com a possibilidade de um dia eu fugir com ou passar uma cantada bêbada em Chris. Ele me deixaria doida.

<<Beth para Jennifer>> Idem sobre estar feliz por ter conversado sobre isso. Mas não posso dizer idem sobre passar uma cantada bêbada. Mitch é uma gracinha.

<<Jennifer para Beth>> *Agora* eu estou revirando os olhos.

CAPÍTULO 16

Eles deviam ter mais ou menos a idade dele. Jennifer e Beth e o namorado da Beth. Vinte e oito, por aí. Talvez tivessem ido todos para a faculdade juntos. Após sua transferência para a estadual, depois que Sam terminou tudo com ele, Lincoln permaneceu na faculdade um bom tempo, se formando em vários assuntos. Havia uma boa chance de que tivesse visto Beth no *campus*.

Belo jeito de parar. Belo jeito de fazer o que ele sabia, técnica e eticamente, que devia fazer.

Ele pretendia jogar fora as mensagens de Beth e Jennifer, assim que elas aparecessem na pasta WebShark. Mas aí... não jogou. Ele as abriu e, assim que começava a ler, via-se envolvido pelas histórias delas, pelo bate e volta, bate e volta.

Estou me envolvendo, pensou, depois de terminar de ler sobre como Beth conheceu seu namorado, depois de ler toda a história uma segunda vez e passar alguns minutos pensando naquilo, pensando nelas, imaginando qual seria a aparência de todos eles... Qual seria a aparência dela...

Estou me envolvendo, pensou ele. *E isso não é bom... é?*

Mas talvez não seja totalmente ruim também...

CAPÍTULO 17

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Sex, 10/09/1999 13h23

Assunto: Caçarola de arenque.

Não devia ser permitido comer peixe no trabalho. Juro por Deus, sempre que Tony trabalha, eu vou para casa fedendo a maresia. Eu sei que ele é de Rhode Island, onde eles comem peixe o dia todo, mas ele deveria presumir que todo mundo em volta dele tem nojo desse fedor.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu já te vi comendo espetinhos de peixe. E camarão empanado.

<<**Jennifer para Beth**>> Ambos têm uma camada protetora de massa frita. Eu só como peixe que já foi processado até ficar irreconhecível, mas jamais comeria isso no trabalho. Eu nem faço pipoca aqui. Não gosto de impor o odor da minha comida aos outros.

<<**Beth para Jennifer**>> Muita consideração de sua parte.

Eu trocaria com você o fedor marinho do Tony pela mania do Tim de cortar a unha num piscar de olhos.

<<**Jennifer para Beth**>> Pensei que você tivesse roubado o cortador de unhas dele...

<<**Beth para Jennifer**>> Eu roubei. Ele comprou outro. Não sei o que me incomoda mais... os barulhos constantes de clic-clic ou

saber que a baía dele está completamente contaminada por minúsculas lascas de unhas.

<<Jennifer para Beth>> Se algum dia precisarmos do DNA dele para um teste de paternidade ou um feitiço vodu, já sabemos onde procurar.

Ei, você se lembra quando costumávamos sair das nossas mesas para ter esse tipo de conversa?

<<Beth para Jennifer>> Não acho que um dia a gente tenha tido conversas desse tipo. Eu sei que nunca me aventurava na terra dos repórteres a menos que estivesse de posse de fofoca incrivelmente boa ou se precisasse muito, muito mesmo conversar.

<<Jennifer para Beth>> Ou a menos que alguém trouxesse cookies.

Lembra-se daquela moça que se sentava no cantinho, a que sempre trazia cookies? O que aconteceu com ela?

<<Beth para Jennifer>> A repórter da prefeitura? Ouvi falar que foi demitida quando descobriram que ela andava com uma arma carregada na bolsa.

<<Jennifer para Beth>> Não parece justo. Desde que ela a mantivesse na bolsa.

<<Beth para Jennifer>> Uau. Para você não seriam trinta moedas de prata, não é? Seriam cookies.

<<Jennifer para Beth>> Não. (*Sim. De canela.*)

CAPÍTULO 18

Naquela tarde, Greg apresentou Lincoln para os universitários que ele contratara para assumir o projeto Y2K. Havia três deles, um do Vietnã, um da Bósnia e um do subúrbio. Lincoln não saberia dizer qual a idade deles. Muito mais jovens que ele mesmo.

– Eles são como uma força de ataque internacional – disse Greg –, e você é o comandante.

– Eu? – disse Lincoln. – O que exatamente isso quer dizer?

– Quer dizer que você tem que se certificar de que eles estejam de fato fazendo alguma coisa – disse Greg. – Se eu soubesse algo sobre codificação, eu seria o comandante. Você acha que eu não quero ser o comandante?

Os garotos do Y2K ocupavam uma mesa no canto. Eles trabalhavam principalmente durante o dia, entre suas aulas, então Lincoln tentava se encontrar com eles assim que chegava. Ele não comandava muita coisa nessas reuniões. Os universitários pareciam já saber o que precisavam fazer. E eles não conversavam muito sobre outros assuntos, fosse com Lincoln ou entre si.

Depois de cerca de uma semana, Lincoln tinha uma certeza razoável de que eles haviam *hackeado* os *firewalls* e estavam rodando mensagens instantâneas e Napster em seus computadores. Ele disse isso a Greg, mas Greg respondeu que não dava a mínima, desde que ainda tivesse um emprego no dia primeiro de janeiro.

Ninguém na Força de Ataque tinha e-mail no escritório, então ninguém os monitorava. Às vezes, Lincoln imaginava se havia alguém monitorando o e-mail dele mesmo. *Talvez Greg*, pensou ele,

mas aquilo não importava, pois Greg era o único que lhe mandava mensagens.

CAPÍTULO 19

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Qua, 22/09/1999 14h38

Assunto: Uuuu-óóó-uuu-óóóó

Uuuu-óóó-uuu-óóóó

<<**Jennifer para Beth**>> O que é isso?

<<**Beth para Jennifer**>> É o Alarme de Caras Fofos.

<<**Jennifer para Beth**>> Parece um passarinho.

<<**Beth para Jennifer**>> Tem um cara fofo trabalhando aqui.

<<**Jennifer para Beth**>> Não tem, não.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu sei, essa também foi a minha primeira reação. Pensei que ele tivesse vindo lá de fora, para manutenção, talvez, ou um consultor. Foi por isso que eu esperei por duas visões confirmadas antes de soar o Alarme de Caras Fofos.

<<**Jennifer para Beth**>> Esse Alarme de Caras Fofos é algo que você inventou com suas amigas na sétima série? Eu preciso estar vestindo macacões da Guess para entender isso?

E também: confirmadas por quem?

<<**Beth para Jennifer**>> Confirmadas por mim. Eu conheço um cara fofo quando vejo um. Lembra-se de quando eu te contei

sobre o mensageiro fofo? (E eu acabei de inventar o alarme. Me pareceu necessário.)

<<Jennifer para Beth>> Ah, aquele mensageiro *era* fofo.

<<Beth para Jennifer>> E foi por isso que ele não durou. Este lugar não é capaz de sustentar a fofura, não sei por quê. É amaldiçoado com antifofurice.

<<Jennifer para Beth>> Você é bem fofa.

<<Beth para Jennifer>> Ah, eu era. Antigamente. Antes de vir para essa fábrica de desfofurização. Olhe ao seu redor. Nós, jornalistas, somos um povo sem graça.

<<Jennifer para Beth>> Matt Lauer não é sem graça.

<<Beth para Jennifer>> Isso já é uma questão de opinião. (E eu não acredito que você foi direto no Matt Lauer. Você já viu o Brian Williams?) De qualquer maneira, jornalistas televisivos não contam; ser fofo faz parte do trabalho deles. Não há razão para ser bonito no jornalismo impresso. Os leitores não se importam se você é fofo. Especialmente os meus leitores. No único momento em que estou em público, estou sentada no escuro.

<<Jennifer para Beth>> Agora que você mencionou isso, eu não uso batom para vir trabalhar faz três anos.

<<Beth para Jennifer>> E ainda assim é fofa demais para o setor de revisão.

<<Jennifer para Beth>> Me cubra de elogios falsos, por favor. Mas conte mais sobre esse cara fofo que você imaginou.

<<Beth para Jennifer>> Não tem muito o que contar – além da fofura *monumental* dele.

<<Jennifer para Beth>> *Monumental?*

<<Beth para Jennifer>> Ele é muito, muito alto. E tem uma aparência forte. Como o tipo de cara que você sente que está perto de você antes de poder vê-lo de fato, porque ele bloqueia bastante a luz ambiente.

<<Jennifer para Beth>> Foi assim que você o viu?

<<Beth para Jennifer>> Não, eu o vi pela primeira vez passando no corredor. E depois eu o vi no bebedouro – e pensei comigo mesma: “Olha só, uma montanha tomando água...”. Ele tem um cabelo castanho muito bonito e um rosto de herói de ação.

<<Jennifer para Beth>> Explique-se.

<<Beth para Jennifer>> Masculino. Meio quadrado. Estilo Harrison Ford. O tipo de cara que você pode imaginar negociando por reféns e também saltando para longe de uma explosão.

Você acha que é escandaloso que alguém em uma relação séria como eu esteja olhando para caras no bebedouro?

<<Jennifer para Beth>> Não. Como você poderia *não notar* um cara fofo por aqui? É como detectar em um pombo-passageiro.

<<Beth para Jennifer>> Um pombo-passageiro com uma bela bunda.

<<Jennifer para Beth>> Você precisava dizer isso?

<<Beth para Jennifer>> Só para te atormentar. Eu nem olhei para o traseiro dele. Nunca me lembro de olhar.

<<Jennifer para Beth>> Estou voltando ao trabalho agora.

<<**Beth para Jennifer**>> Você me parece meio irritadiça. Está tudo bem?

<<**Jennifer para Beth**>> Estou bem.

<<**Beth para Jennifer**>> Viu só? Irritadiça.

<<**Jennifer para Beth**>> Certo, eu não estou bem. Mas estou envergonhada demais para dizer o porquê.

<<**Beth para Jennifer**>> Não diga, então. Escreva.

<<**Jennifer para Beth**>> Só se você não repetir para ninguém o que eu vou te contar. Isso me faz parecer desequilibrada.

<<**Beth para Jennifer**>> Não vou repetir. Eu juro. Por minha mãe, por Deus etc.

<<**Jennifer para Beth**>> Certo. Mas isso é muito besta. Mais besta do que o de costume. Eu estava no shopping ontem à noite, passeando sozinha, tentando não gastar dinheiro, tentando não pensar em um delicioso Cinnabon... e me peguei passando pela Baby Gap. Eu nunca estive em uma Baby Gap. Então, decidi entrar. Em um impulso.

<<**Beth para Jennifer**>> Certo. Um impulso. Conheço a sensação. E então...

<<**Jennifer para Beth**>> Então... Fiquei admirando a Baby Gap, olhando minúsculas calças capri e suéteres que custam mais do que... sei lá, mais do que deveriam. E fiquei totalmente apaixonada por um casquinho de pele miudinho, ridículo. O tipo de casaco que um bebê poderia precisar para ir ao balé. Em Moscou. Em 1918. Para combinar com as perolazinhas dela.

Aí estou lá, olhando esse casaco absurdo, e uma mulher da Baby Gap vem até mim e diz: "Não é um doce? Quantos anos tem a sua filha?". E eu respondo: "Ah, não, ela não tem idade nenhuma. Ainda".

E ela diz: "Para quando você está esperando?".

E eu digo: "*Fevereiro*".

<<Beth para Jennifer>> Uau.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei. Eu simplesmente menti. Sobre estar grávida. Se eu estivesse *mesmo* grávida, não estaria na Baby Gap, estaria num quarto escuro, soluçando.

Então a moça da Baby Gap diz: "Bem, então você vai querer um desse para a próxima estação, tamanho seis a doze meses. Esses casacos estão uma pechincha. Nós reduzimos o preço dele hoje".

E eu concordei que um casaco de pele falsa por apenas \$32,99 era, de fato, uma oferta irresistível.

<<Beth para Jennifer>> Você comprou roupinhas de bebê? O que Mitch disse?

<<Jennifer para Beth>> Nada! Eu escondi no sótão. Me senti como se estivesse escondendo um cadáver.

<<Beth para Jennifer>> Uau. Nem sei o que dizer. Isso significa que você está amolecendo na questão do bebê?

<<Jennifer para Beth>> Acho que isso significa que eu estou amolecendo na questão da sanidade. Estou vendo isso como um apêndice disfuncional à minha psicose geral sobre bebês. Ainda tenho pavor de engravidar. Mas agora estou comprando roupas para a criança que estou apavorada de ter e, adivinha só, *é uma menina*.

<<Beth para Jennifer>> Uau.

<<**Jennifer para Beth**>> Eu sei.

CAPÍTULO 20

Em algum momento depois da meia-noite, Lincoln foi até a redação. Estava praticamente vazia. Havia uns poucos revisores do turno da noite ainda, debruçados sobre o jornal da manhã seguinte. Alguém estava sentado na mesa da editoria de Cidade, ouvindo um rádio policial e trabalhando nas palavras cruzadas de amanhã.

Lincoln caminhou até o outro lado da sala comprida, onde presumia que o pessoal de Entretenimento trabalhasse. Ali atrás, as baias eram cheias de pôsteres de filme, entradas de shows, fotos promocionais e brinquedos.

Ele parou em uma impressora e abriu-a, só para parecer que tinha algo a fazer. Por qual mesa ele estava procurando? Talvez fosse aquela com as entradas para o R.E.M. Provavelmente não era aquela com um Bart Simpson de pelúcia e meia dúzia de bonecos do filme *Alien...* mas talvez fosse. Talvez. Será que Beth teria um calendário de gatinhos com uma página por dia? Um vaso de planta? Um pôster do Sandman? Um passe de imprensa para o Marilyn Manson?

Um pôster do Sandman.

Ele olhou para o setor de revisão. Mal podia enxergar os revisores dali, o que significava que eles também mal podiam vê-lo. Foi até a baia de Beth, até aquela que achava ser a baia dela.

Um pôster do Sandman. Um pôster de *Rushmore*. Um folheto de três anos atrás anunciando Sacajawea em Sokol Hall. Um dicionário. Um dicionário de francês. Três livros de Leonard Martin. Um prêmio de jornalismo do ensino médio. Copos vazios de café. Papéis de bala Starburst. Fotografias.

Ele se sentou à mesa dela e começou a desmontar o mouse, sem jeito.

Fotografias. Uma era de um concerto, um cara tocando guitarra. Obviamente o namorado dela, Chris. Em outra, o mesmo cara, sentado em uma praia. Em outra, ele vestia um terno. Ele parecia um astro do rock, mesmo sem a guitarra. Esguio e meio curvado. Nunca sorrindo de todo. Sempre olhando para além da câmera. Despenteado. Malandro. Bonito.

Havia fotos de família também, de bebês angelicais, de cabelo escuro, e de adultos bonitos e bem-vestidos – mas nenhum deles parecia ser Beth. Eles não tinham a idade certa, ou estavam junto a quem era claramente seus maridos e filhos.

Lincoln voltou a olhar para o namorado. Para seu meio-sorriso ali e suas maçãs do rosto proeminentes. Para sua cintura longa e meio torcida. Ele parecia ter um cartão de “saia da cadeia de graça” em seu bolso traseiro. Se você tivesse aquela aparência, as mulheres te perdoariam. Elas esperariam ter de te perdoar de vez em quando.

Lincoln largou o mouse e voltou ao departamento de TI. Arrastando-se. Ele podia ver seu reflexo apagado nas vidraças escuras do escritório ao longo do corredor. Sentia-se pesado e feio. Desajeitado. Grosso. Cinzento.

Ele não devia ter feito isso. O que tinha acabado de fazer. Ir até a mesa dela.

Parecia errado, como se ele tivesse ultrapassado algum limite.

Beth era engraçada. Era esperta. Era interessante. E ela tinha o tipo de emprego que deixava alguém mais interessante. O tipo de emprego que uma mulher teria em um filme, uma comédia romântica estrelando John Cusack.

Ele desejava ver qual era a aparência dela. Desejava ver onde ela se sentava quando escrevia as coisas que ele lia.

Estava feliz por não ter encontrado uma foto dela. Já tinha sido o bastante ver as fotos das pessoas que ela amava. Ver como ele não se encaixava ali.

– Pensei que, se eu voltasse para casa – disse Lincoln para Eve quando ela ligou, no dia seguinte –, arranjará minha vida.

– Você é retardado?

– Pensei que você tinha parado de falar “retardado” e “gay” para que seus filhos não aprendessem essas palavras.

– Não consigo evitar. É o quão retardado você soa agora. Por que você pensaria algo assim? E por que você se refere a isso como *voltar* para casa? Você nunca saiu daí.

– Saí, sim. Eu fui para a faculdade dez anos atrás.

– E voltava todos os verões.

– Nem todos. Em alguns eu tive aula.

– Que seja – disse ela. – Como você pôde pensar que se mudar para junto de sua mãe te ajudaria a arranjar sua vida?

– Porque isso significava que eu finalmente tinha acabado de estudar. Foi quando todos os meus amigos arranjaram a vida deles, depois de se formarem. Foi quando eles arrumaram empregos e se casaram.

– Certo...

– Acho que eu perdi a minha janela – disse ele.

– Que janela?

– Minha janela de oportunidade para arranjar a vida. Acho que eu deveria ter dado um jeito nisso tudo em algum ponto entre os 22 e os 26, e agora é tarde demais.

– Não é tarde demais – disse ela. – Você está arranjando a sua vida. Arrumou um emprego, está poupando para se mudar. Está conhecendo gente nova. Foi até a um bar...

– E aquilo foi um desastre. Na verdade, tudo tem sido um desastre desde que parei de estudar.

– Você não parou de estudar – disse ela. Ele podia ouvi-la revirando os olhos. – Você terminou seu mestrado. Outro mestrado.

– Tudo tem sido um desastre desde que eu decidi que a minha vida, como ela era, não era boa o bastante.

– Ela *não era* boa o bastante – disse ela.

– Era boa o bastante para mim.

– Então por que você vem se esforçando tanto para tentar mudá-la?

Naquele sábado à noite, Lincoln jogou *Dungeons & Dragons* pela primeira vez em um mês.

Christine sorriu quando o viu na porta.

– Lincoln, ei! – Christine era baixinha e arredondada, com cabelo loiro desarrumado. Ela carregava um bebê em uma espécie de tipoia, e, quando abraçou Lincoln, o bebê ficou espremido entre os dois.

– Pensamos que tínhamos te perdido para a cidade grande – disse Dave, entrando na sala.

– E perderam – disse Lincoln. – Eu encontrei um grupo de jogadores mais jovens e bonitos.

– Todos sabíamos que isso ia acontecer em algum momento – disse Dave, dando tapinhas nas costas de Lincoln e levando-o para dentro de casa. – Este jogo ficou muito caótico e malvado sem você. Tentamos matar o seu personagem na semana passada para puni-lo por nos abandonar, mas Christine não quis deixar, então acabamos te deixando em um poço. Possivelmente um poço cheio de cobras, você vai ter que resolver isso com Larry, ele é o Mestre esta semana.

– Acabamos de começar a jogar – disse Christine. – Você deveria ter ligado, nós teríamos te esperado.

– Você deveria ter ligado – disse Troy, da mesa na sala de jantar. – Eu não teria pedalado por dezenove quilômetros para chegar até aqui.

– Troy, eu disse que buscava você – disse Larry. Larry era um pouco mais velho que o resto deles, no começo dos trinta, um capitão da Força Aérea com uma família e um emprego secreto envolvendo inteligência artificial.

– Seu carro cheira a caixas de suco – disse Troy.

– Você faz alguma ideia de qual é o seu cheiro? – perguntou Larry.

– É sândalo – disse Troy.

– Você cheira a uma loja Pier One com cê-cê – disse Lincoln, encontrando seu lugar no cantinho. Eles tinham guardado o lugar dele. Dave lhe entregou uma fatia de pizza.

– É um cheiro masculino – disse Troy.

– Eu não disse que não gostava – disse Lincoln. O que fez Rick rir. Rick era magro e pálido e nunca vestia nada que não fosse preto. Ele tinha até pedaços de tecido e couro preto amarrados nos pulsos. Se não fosse por Rick, Lincoln seria o Tímido do grupo.

Lincoln olhou ao redor da mesa, imaginando qual seria sua situação.

Se Dave era o Intenso, e Christine era a Garota... E Larry era o SériO (e o Intimidador e o Mais Provável Integrante de uma Equipe de Operações Secretas)... Se Rick era o Tímido, e Troy era o Esquisito, e Teddy, um residente de cirurgia que parecia o pai no *De volta para o futuro*, podia ser na verdade o Nerd...

Então, quem era Lincoln?

Todos os adjetivos que vinham à sua mente (perdido, atrofiado, filhinho da mamãe) o deprimiam.

Hoje era o bastante ser um deles. Estar em algum lugar onde sempre tinha um assento reservado para ele na mesa, onde todo mundo já sabia que ele não gostava de azeitonas na pizza e sempre pareciam felizes ao vê-lo.

Quando Lincoln percebeu que estava reescrevendo a música tema de *Cheers*, decidiu parar de pensar e simplesmente jogar.

O jogo prosseguiu por sete horas. Todos fizeram do resgate do personagem de Lincoln – um anão bom e seguidor das leis chamado Smov o Matadordenove – a prioridade. Eles derrotaram uma nefasta bruxa do vento. Eles pediram mais pizza. O filho de Dave e Christine, de três anos, pegou no sono no chão mesmo, assistindo a *Toy Story*.

Lincoln ficou até depois do jogo terminar e todos os outros irem para casa. Dave abriu uma janela e os três se sentaram no sofá, respirando o ar fresco e limpo e ouvindo os sinos de vento de Christine.

– Sabe o que nós devíamos fazer agora? – disse Dave, esfregando sua barba da madrugada.

– O quê? – perguntou Lincoln.

– Eixo vs. Aliados.*

Christine jogou uma almofada nele.

– Deus do céu, não!

Dave apanhou a almofada.

– O Lincoln quer jogar Eixo vs. Aliados. Posso ver nos olhos dele...

– Acho que Lincoln quer nos contar o que ele anda fazendo ultimamente. – Christine sorriu, cálida, para Lincoln. Tudo nela era cálido e suave e receptivo.

Eles tinham se beijado uma vez, na faculdade, no quarto dele, antes de Christine começar a sair com Dave. Lincoln havia se oferecido para ajudá-la a estudar para a prova final de Física.

Christine não precisava cursar Física; ela queria ser professora de Inglês. Mas ela dissera a Lincoln que não queria viver uma relação baseada na fé em coisas como a força centrífuga e a gravidade. Enquanto dizia isso, tirou as sandálias e se sentou com as pernas cruzadas em estilo indiano na cama dele. Ela tinha cabelos compridos, ondulados e da cor do trigo que nunca pareciam penteados.

Christine disse a Lincoln que ele explicava tudo muito melhor do que seu professor de Física, um homem severo com um sotaque eslavo que parecia se ofender toda vez que ela fazia uma pergunta boba. Foi aí que ele a beijou. Foi como beijar um banho de imersão quente.

– Isso foi bom – disse Christine quando ele se afastou. Ele não conseguiu identificar se ela queria que a beijasse de novo. Ela estava sorrindo. Parecia feliz, mas isso não significava nada. Sempre parecia feliz...

– Você se sente preparada para a prova? – perguntou ele.

– Podemos dar mais uma olhada em torque?

– Sim – disse ele –, claro.

Christine sorriu mais um pouco. Eles voltaram a estudar e ela acabou tirando B na prova final de Física.

Às vezes, Lincoln desejava que tivesse continuado beijando-a aquela noite. Seria tão fácil amar Christine, estar apaixonado por ela. Você jamais levantaria sua voz. Ela nunca seria maldosa.

Mas ele não ficou com ciúmes quando ela começou a sair com Dave alguns meses depois. Christine irradiava felicidade quando estava com Dave. E Dave, que podia ser realmente, verdadeiramente, dolorosamente intenso algumas vezes – o tipo de cara que se aproxima demais quando está argumentando alguma coisa, que pode ser malcriado com você duas semanas depois do seu personagem de *D&D* ter vencido o dele em uma luta de espadas

–, ficava relaxado e generoso quando Christine estava por perto. Lincoln gostava da casa bagunçada e calorosa deles, de seus filhos bagunçados e arredondados, da sala de estar com luminárias e almofadas em excesso, do jeito como as vozes deles ficavam mais suaves ao falar um com o outro.

– Eu acho – disse Lincoln – que se começarmos a jogar Eixo vs. Aliados agora mesmo, eu estarei dormindo antes que a Rússia acabe de comprar tanques.

– Isso é um sim? – perguntou Dave.

– Isso é um não – disse Christine. – Você devia dormir aqui, Lincoln. Parece cansado demais para dirigir.

– É, fique – disse Dave. – A gente faz panquecas de *blueberry* para o café da manhã.

Lincoln ficou. Ele dormiu no sofá e, quando acordou, ajudou Christine a fazer panquecas e discutiu com Dave sobre o enredo de um romance de fantasia que ambos haviam lido. Depois do café, eles o fizeram prometer que voltaria para o jogo na semana seguinte.

– Ainda temos que falar das novidades – disse Christine.

– É – disse Dave. – Você ainda não nos contou sobre o seu trabalho.

Foi um final de semana tão bom que Lincoln ainda se sentia alegre e não solitário quando chegou ao trabalho na noite de segunda. Estava se sentindo praticamente radiante quando sua irmã ligou.

– Você já leu mais um pedaço daquele livro do paraquedas? – perguntou ela.

– Não. É intimidante demais.

– O quê?

– O livro – disse ele. – O futuro.

- Então, para você, chega de futuro?
- Estou estreitando meu foco.
- Em quê?
- No futuro próximo – disse ele. – Posso lidar com o futuro próximo. Hoje à noite, por exemplo, vou ler por prazer. Amanhã, vou tomar uma cerveja no almoço. No sábado, vou jogar *Dungeons & Dragons*. E domingo, talvez vá ver um filme. Esse é o meu plano.
- Isso não é um plano – disse ela.
- É sim. É o meu plano. E eu estou bem contente com ele.
- Essas não são coisas que você planeja. Você não planeja ler ou tomar uma cerveja no almoço. Essas são coisas que você faz quando tem um tempinho entre eventos planejados. São coisas incidentais.
- Não pra mim – disse ele. – Esse é o meu plano.
- Você está regredindo.
- Ou talvez esteja progredindo.
- Eu não consigo mais falar com você – disse Eve. – Me ligue no fim de semana.
- Eu vou te encaixar na agenda.

Todo o negócio do Y2K estava mantendo Lincoln mais ocupado no trabalho – ele estava ajudando na codificação e tentando ficar de olho na força de ataque de Greg – mas, mesmo assim, ainda tinha horas de tempo livre todas as noites. Na noite de sexta, quando ele disse a si mesmo como tinha sorte de ser pago para reler a série *Fundação*, de Isaac Asimov, quase acreditou nisso.

Dinheiro e tempo, essas eram as duas coisas sobre as quais as pessoas normalmente reclamavam, e ele tinha ambas em abundância.

Não havia nada que Lincoln quisesse que não pudesse comprar. Mas o que ele realmente queria, afinal? Comprar livros novos

quando eles eram lançados, em capa dura. Não ter que pensar em quanto dinheiro havia na sua carteira quando estava pedindo o jantar. Talvez tênis novos... E não havia nada que ele quisesse fazer para o que não pudesse arranjar tempo. Sobre o que ele podia reclamar, de verdade? O que mais ele desejava?

Amor, ele podia ouvir Eve falando. Propósito.

Amor. Propósito. *Essas* eram coisas para as quais não se podia planejar. Essas eram coisas que simplesmente aconteciam. E se não acontecessem? Você passava a vida toda ansiando por elas? Esperando para ser feliz?

Naquela noite, Lincoln recebeu um e-mail de Dave avisando que o jogo de *D&D* do sábado havia sido cancelado. Um dos filhos deles estava com rotavírus, algo de que Lincoln sequer tinha ouvido falar. Parecia medonho. Ele visualizou um vírus com lâminas giratórias e um motor. Dave disse que ocorrera muito vômito, que eles foram ao pronto-socorro e que Christine estava morrendo de medo.

– Provavelmente faremos um intervalo nas próximas duas semanas – escrevera Dave.

– Sem problemas. Espero que ele melhore logo. Descanse um pouco – respondeu Lincoln.

Pobre menino. Pobre Christine.

Isso não era nada, Lincoln disse a si mesmo. O plano era flexível. Ele ainda podia ir ver um filme no final de semana. Podia ir buscar seus quadrinhos. Podia ligar para Justin.

Havia 23 mensagens com bandeira vermelha na pasta WebShark. Talvez até houvesse algo ali no meio de que Lincoln devesse cuidar. Ele abriu a pasta, repetindo para si mesmo que podia fazer por merecer seu salário por uma hora naquela noite.

Ele abriu a pasta, torcendo.

CAPÍTULO 21

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Qui, 30/09/1999 15h42

Assunto: Se você fosse o Superman...

... e pudesse escolher qualquer *alter ego* que quisesse, por que diabos você escolheria passar suas horas como Clark Kent – que já seriam uma porcaria, porque você tem que usar óculos e não pode voar – em um jornal?

Por que não posar como um playboy ricoço como o Batman? Ou como líder de uma nação pequena, mas importante, como o Pantera Negra?

Por que você optaria por passar seus dias cumprindo prazos, com um salário de merda, lidando com editores terminalmente rabugentos?

<<Jennifer para Beth>> Pensei que tínhamos concordado em não xingar em e-mails.

<<Beth para Jennifer>> Concordamos que provavelmente seria uma boa ideia parar de xingar em e-mails.

<<Jennifer para Beth>> Ainda pensando na Lois Lane?

<<Beth para Jennifer>> Mais ou menos. Quer dizer, eu entendo por que Lois Lane foi para a faculdade de jornalismo. Eu conheço o tipo dela. Quer fazer a diferença, quer descobrir grandes

verdades. Intrometida. Mas Clark Kent... por que não Clark Kent, o sexy homem do tempo da TV? Ou Clark Kent, prefeito de Cincinnati?

<<Jennifer para Beth>> Você não estaria perdendo o ponto aqui? Clark Kent não quer ser famoso. Ele não quer gente olhando para ele. Se realmente olhassem para ele, veriam que ele é só o Superman de óculos.

Além do mais, ele precisa estar em algum lugar como uma redação, onde será o primeiro a ouvir notícias importantes. Ele não pode se dar ao luxo de ler sobre "o ataque do Coringa à lua" no dia seguinte, no jornal.

<<Beth para Jennifer>> Você tem um argumento excelente. Especialmente para alguém que não sabe que o Superman nunca luta com o Coringa.

<<Jennifer para Beth>> Especialmente para alguém que não dá a mínima. Espero que você não esteja certa sobre a vida ser uma porcaria para todos que não podem voar e usam óculos. Isso descreve todos aqui nessa sala.

Em que você está trabalhando?

<<Beth para Jennifer>> É verdade, todos nós usamos óculos. Esquisito.

Outra história sobre o Indian Hills. Estou mais esperando por um telefonema do que trabalhando.

Afinal, o hospital ao lado do cinema já comprou o terreno. Há meses. Eles vão transformá-lo em estacionamento. Estou esperando que a porta-voz do hospital retorne minha ligação para ela poder dizer: "Sem comentários". E aí eu posso escrever: "A porta-voz do hospital não quis comentar sobre a aquisição". E aí posso ir para casa.

Você sabe o quanto é entediante esperar sentada que alguém ligue para você para poder oficialmente não te dizer nada? Não acho que o Superman suportaria esse tipo de coisa. Ele estaria lá fora, encontrando escoteiros perdidos e tampando vulcões com rochas gigantes.

<<Jennifer para Beth>> Superman trabalha em um jornal porque está tentando namorar a Lois Lane.

<<Beth para Jennifer>> Ele provavelmente ganha o dobro do salário dela.

CAPÍTULO 22

Na manhã de sexta-feira, Lincoln pegou a agenda de primavera da faculdade municipal. Havia uma professora no departamento de Antropologia especialista em estudos afegãos. Por que não acompanhar algumas aulas? Ele tinha bastante tempo durante o dia e sempre podia estudar no trabalho. Ele adoraria estudar no trabalho.

– O que é isso? – perguntou sua mãe quando viu a agenda.

– Um negócio que pensei ter guardado na mochila. – Ele tomou a brochura das mãos dela. – Sério, mãe, o que você está fazendo com a minha mochila? Está abrindo minhas cartas no vapor também?

– Você não recebe cartas. – Ela cruzou os braços. Era impossível ficar ofendido ou consternado com a mãe; ela sempre estava um passo à frente. – Eu estava conferindo se tinha alguma louça para lavar lá dentro. Esses papéis significam que você está voltando a estudar?

– Não de imediato.

As aulas do semestre de outono já haviam começado.

– Eu não sei como me sinto a respeito disso, Lincoln. Acho que você pode ter um problema. Com a escola.

– Eu nunca tive problemas com a escola – disse ele, sabendo como aquilo soava vazio, sabendo que se recusar a participar da conversa não era o mesmo que evitá-la.

– Você sabe o que eu quero dizer – disse ela. Ela balançou uma colher suja para ele. – Um problema. Como aquelas mulheres que se viciam em cirurgia plástica. Elas continuam voltando sempre,

tentando ficar com aparência cada vez melhor, até não ter mais como melhorar. Elas não têm como melhorar porque nem parecem mais com elas mesmas. E aí é só para ficar cada vez mais diferente, acho. Eu vi uma mulher numa revista que parecia um gato. Você já viu? Ela tem bastante dinheiro. Acho que é da Áustria.

– Não – disse ele.

– Bem, ela parece bastante infeliz.

– Certo – disse ele em voz baixa, enfiando a agenda de volta na mochila.

– Certo?

– Você não quer que eu volte a estudar, nem que eu faça cirurgia plástica para ficar parecendo um gato. Certo, entendi. Anotado.

– E você não quer que eu abra a sua mochila...

– Não mesmo.

– Ótimo – disse ela, voltando para a cozinha. – Anotado.

The Courier tinha começado a fazer reuniões semanais de Prontidão para o Milênio. Todos os chefes de departamento precisavam comparecer, inclusive Greg, que deveria dar um relatório sobre os preparativos em cada uma delas. Em geral, ele voltava dessas reuniões com o rosto vermelho, parecendo hipertenso.

– Eu não sei o que eles esperam de mim, Lincoln. Sou apenas um homem. O editor acha que eu deveria ter previsto essa coisa do Y2K. Na semana passada, ele gritou comigo por enviar nossas máquinas de escrever elétricas para as igrejas em El Salvador. Apesar de a diretoria ter me dado uma placa em homenagem a isso três anos atrás. Está pendurada no meu antro... Acho que eu acabo de convencê-los a comprar geradores reserva.

Lincoln tentou dizer a Greg, de novo, que ele realmente não acreditava que nada de ruim fosse acontecer na noite de Ano-Novo.

Mesmo que a codificação falhasse, disse Lincoln, o que provavelmente não iria acontecer, os computadores não ficariam confusos e se autodestruiriam.

– *Fuga no século 23* não é real – disse ele.

– Então por que eu me sinto velho demais para essa merda? – perguntou Greg.

Aquilo fez Lincoln rir. Se ele trabalhasse durante o dia com Greg, talvez não passasse tanto tempo pensando em se demitir.

CAPÍTULO 23

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qui, 07/10/1999 09h27

Assunto: Outra história legal.

Do jeito que você estava reclamando na semana passada, eu havia reduzido minhas expectativas. Mas olha só você: primeira página, acima da dobra. Foto gigante, belo título, belo arremate. Gostei especialmente da citação daquele manifestante: "Se o Taj Mahal tivesse sido construído na esquina da 84 com a Dodge, eles o colocariam abaixo para construir um estacionamento".

<<Beth para Jennifer>>

Pare, você é gentil demais. É como a minha mãe ou algo assim.

Aquele manifestante era muito fofo. Lindos cabelos vermelhos. E estudante de farmácia, ainda por cima. (Agora *eu* soei como a minha mãe.) Tivemos uma conversa muito bacana sobre o modo como essa cidade idolatra bons estacionamentos. Por fim, eu disse que vamos demolir todos os edifícios marcantes e simplesmente abriremos corredores de transporte para Des Moines e Denver. Teremos uma economia baseada em estacionamentos. Ele achou isso muito engraçado, eu reparei. E, então, quando eu pedi um telefone de contato, caso eu tivesse mais perguntas, ele pediu pelo *meu* número. (!!!!)

<<Jennifer para Beth>> O quê? Isso aconteceu ontem? Por que você está escondendo as coisas de mim? Se estudantes de farmácia ruivos e fofos me dessem bola, você seria a primeira a

saber. Não que isso vá acontecer um dia. Nem peões de obra assoviam para mim.

<<Beth para Jennifer>> Isso é porque você emana raios de morte "me deixe em paz". Além do mais, qualquer um que chegue a três metros de você pode ver uma pedra imensa no seu dedo.

<<Jennifer para Beth>> Além disso, eu sou atarracada. O que você disse ao fofuxo antiestacionamento?

<<Beth para Jennifer>>

Se você continuar insistindo que é atarracada, vou parar de compartilhar minhas desventuras românticas com você. Vai ter que ler a respeito na seção "Cartas da Penthouse", como todo mundo.

Eu fiz algo estranho. Menti para ele.

<<Jennifer para Beth>> Você não disse a ele que tinha um namorado?

<<Beth para Jennifer>> Não. Eu disse a ele que tinha um noivo.

"Me desculpe", eu disse. "Não posso. Sou noiva." E aí ele olhou para a minha mão e corou. (Foi um rubor adorável, ruivo.) E eu falei: "Eu deixei a aliança na pia."

Eu me senti como você na Baby Gap, comprando macacõezinhos de recém-nascido. Inventando a minha vida. (Na verdade, foi mais patético – porque você nem quer um bebê. Eu quero ficar noiva. Meio que desesperadamente, vamos encarar.)

Na noite passada, quando Chris voltou para casa e se deitou, eu não consegui olhar nos olhos dele.

Primeiro porque parte de mim queria, de fato, dar meu telefone para aquele cara.

E, segundo, porque eu tinha mentido.

<<Jennifer para Beth>> Não fique remoendo a vontade de dar seu telefone. Você ficou lisonjeada. Atraída. É natural. Eu sei disso por ler *Glamour* e assistir a *The View*, não por experiência pessoal, é claro.

O Chris notou que você não conseguiu encará-lo?

<<Beth para Jennifer>> Não, não houve tempo. Ele pegou no sono antes que eu pudesse perguntar como foi o ensaio. Uma longa noite mandando brasa deixa a pessoa esgotada.

<<Jennifer para Beth>> Eca. Isso é um eufemismo para masturb@ção?

<<Beth para Jennifer>> Não. Acho que é um eufemismo para toc@r guit@rr@. Ou um@ expressão, não sei. Você acha mesmo que “masturbação” é uma das palavras bandeira vermelha do *Tron*?

<<Jennifer para Beth>> Bem, agora não importa. Se formos demitidas porque você insiste em cutucar o dragão, você vai ter que sustentar a mim e ao meu hábito caro de comprar na Baby Gap.

<<Beth para Jennifer>>

Cutucar o dragão. Isso é outra referência a masturbação?
Baby Gap. Ainda?

<<Jennifer para Beth>>

Ha.

Ainda. No último fim de semana, consegui uma roupinha para neve verde-sage com luvinhas combinando por \$3,99!

<<Beth para Jennifer>> Verde é uma escolha inteligente – bom tanto para uma menina imaginária como para um menino imaginário. E a estação nem chega a ser relevante com crianças imaginárias.

<<Jennifer para Beth>> Exatamente. Eu nem vou mais à Gap adulta. Quando você vira uma mãe imaginária, é difícil tirar tempo para você mesma.

<<Beth para Jennifer>> Imagino.

<<Jennifer para Beth>> E, então, sobre o que é a história de Indian Hills de amanhã?

<<Beth para Jennifer>> Não tem nenhuma amanhã.

<<Jennifer para Beth>> É melhor que tenha. Você está marcada aqui para ocupar 38 centímetros.

<<Beth para Jennifer>> PΩrra!

CAPÍTULO 24

Então, era a esse ponto que a vida romântica de Lincoln havia chegado. Ler o que mulheres escreviam sobre outros homens, outros homens *atraentes*. Deuses da guitarra e heróis de ação e ruivos.

Aquela noite, depois de jogar na lixeira as mensagens de Beth e Jennifer, depois de deixar o *The Courier*, Lincoln entrou na rodovia. Ela formava uma espécie de quadrado ao redor da cidade. Uma vez na rodovia, era possível dirigir o quanto quisesse sem sair dela, sem chegar de fato a lugar nenhum.

Era o que ele e Sam costumavam fazer nas noites em que não queriam estar perto dos pais ou sentados em algum restaurante. Lincoln dirigia e Sam abria sua janela e recostava a cabeça contra a porta, cantando junto com o rádio.

Ela gostava de ouvir um programa chamado *Conversa de travesseiro* na estação de rock. Era um programa de pedidos. As pessoas ligavam e dedicavam músicas no ar. Elas sempre pediam músicas melosas que já tinham dez ou quinze anos mesmo naquela época, canções do Air Supply, Elton John ou Bread. Sam gostava de zombar das dedicatórias ao vivo, mas raramente mudava de estação.

Ela cantava junto, e eles conversavam. Para ele, era fácil conversar enquanto dirigia, talvez porque não precisasse fazer contato visual ou porque tivesse algo que fazer com suas mãos. Porque estava escuro e a estrada, vazia. Por causa das canções de amor. E do vento.

– Lincoln – Sam perguntara em uma daquelas noites, no verão anterior ao último ano do ensino médio –, você acha que nós vamos nos casar algum dia?

– Espero que sim – ele havia murmurado. Normalmente não pensava naquilo daquele jeito, “casado”. Pensava em como nunca queria ficar sem ela. Como ela o fazia feliz e como queria continuar sendo feliz daquele jeito pelo resto da vida. Se um casamento pudesse lhe prometer aquilo, ele definitivamente queria se casar.

– Não seria romântico – disse ela –, casar com sua namoradinha de colégio? Quando as pessoas nos perguntarem como nos conhecemos, nós diremos: “Nos conhecemos no ensino médio. Eu o vi e simplesmente soube”. E perguntarão: “Você nunca imaginou como seria estar com outra pessoa?”. E você responderá... Lincoln, o que você responderá?

– Eu direi: “Não”.

– Isso não é muito romântico.

– Não é da conta delas.

– Diga para *mim*, então – disse ela, desafivelando o cinto de segurança e colocando o braço ao redor da cintura dele. – Diga-me, agora, você nunca vai pensar como seria a sua vida com outra pessoa?

– Primeiro, coloque o cinto – disse ele. Ela colocou. – Eu não vou pensar nisso porque já sei como seria a minha vida com outra pessoa.

– Como você sabe? – perguntou ela.

– Sabendo.

– Então como seria?

– Seria menos – disse ele.

– Menos?

Ele olhou para ela, apenas por um segundo, sentada de lado no banco, e apertou o volante.

– Teria que ser. Eu já te amo tanto. Sinto como se algo no meu peito fosse explodir quando te vejo. Eu não poderia amar alguém mais do que eu te amo; isso me mataria. E não poderia amar alguém menos, porque aí sempre sentiria como algo menor. Mesmo que amasse outra garota, isso é tudo em que eu conseguiria pensar, na diferença entre amá-la e amar você.

Sam se remexeu até escapar da parte de cima do cinto de segurança e recostou a cabeça no ombro dele.

– Essa foi uma resposta *tão* boa.

– Era uma resposta verdadeira.

– E se – a voz dela agora estava suave e feminina –, algum dia, alguém te perguntar se você já imaginou como seria... *estar* com outra pessoa?

– Quem me perguntaria isso?

– Esse cenário todo é hipotético.

– Eu nem mesmo sei como é *estar* com você. – Lincoln disse isso em voz baixa e sem ressentimento.

– Ainda.

– Ainda – disse ele, concentrando-se na estrada, no pedal do acelerador e em respirar.

– Então... você não vai olhar para outras garotas e imaginar o que está perdendo?

– Não – disse ele.

– Não?

– Eu sei que você quer uma resposta com mais de uma palavra. Deixe-me pensar sobre isso por um minuto, eu não quero soar estúpido ou desesperado.

– Você se sente desesperado? – Ela estava beijando o pescoço dele agora e se apoiando com força contra ele.

– Estou me sentindo... sim. Desesperado. E como se eu pudesse matar nós dois. Eu não consigo... Não consigo manter meus olhos

abertos quando você faz isso, é como espirrar. Estamos quase na próxima saída. Deixe-me dirigir, só por mais alguns minutos. Por favor.

Ela voltou a se sentar em seu banco.

– Não, não pegue essa saída. Continue dirigindo.

– Por quê?

– Eu quero que você continue falando. Quero que responda à minha pergunta.

– Não – disse ele. – *Não*, eu nunca vou imaginar como seria *fazer sexo* com outra pessoa pelo mesmo motivo que não quero beijar outra pessoa. Você é a única garota que já toquei. E sinto que é assim que deveria ser. Eu te toco e todo o meu corpo... ressoa. Como um sino ou algo assim. E eu poderia tocar outras garotas, e talvez houvesse alguma coisa, sabe, talvez houvesse algum som. Mas não como é com você. E o que aconteceria se eu continuasse tocando-as, e então... e então, tentasse tocar em você outra vez? Talvez eu não conseguisse mais nos ouvir. Talvez não soasse verdadeiro.

– Eu te amo, Lincoln – disse Sam.

– Eu te amo – disse ele.

– E eu amo você.

– Eu amo você – disse ele –, *eu amo você*.

– Pare de dirigir agora, está bem?

Não aconteceu naquela noite, o estar um com o outro. Mas aconteceu naquele verão. E aconteceu no carro. Foi desajeitado e desconfortável e maravilhoso.

– Só você – prometera ele. – Só você, sempre.

Conversa de travesseiro não ia mais ao ar. Havia, agora, outro programa em seu lugar, um programa retransmitido em que as

peças ligavam e contavam suas histórias de amor, e a radialista, uma mulher chamada Alexis, escolhia a música para elas. Não importava qual fosse a situação, Alexis sempre receitava um sucesso adulto contemporâneo. Algo de Mariah Carey ou Celine Dion.

Depois de alguns poucos minutos de Alexis, Lincoln desligou o rádio e abriu a janela. Pôs a mão para fora, sentindo o vento, e recostou a cabeça contra a porta, dirigindo ao redor da cidade até que seus dedos ficassem frios e dormentes.

CAPÍTULO 25

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Qui, 14/10/1999 11h09

Assunto: Outubro, finalmente!

Viva! Hurra!

<<Jennifer para Beth>> Finalmente? Outubro já está quase acabando. E o que tem outubro?

<<Beth para Jennifer>> Não é o que outubro “tem”, é o que outubro é. Meu mês favorito. E que, aliás, mal passou do começo.

Algumas pessoas o acham melancólico. Bono canta: “Outubro, e as árvores estão despidas...”.

Eu não. Há uma brisa que eleva meu coração e faz meu cabelo se eriçar. Cada momento parece ter sido feito para mim. Em outubro, sou a estrela do meu próprio filme – ouço a trilha sonora na minha cabeça (neste instante, é “Suite: Judy Blue Eyes”) – e tenho fé em meu próprio movimento elevatório.

Nasci em fevereiro, mas ganho vida em outubro.

<<Jennifer para Beth>> Você é louca de pedra.

<<Beth para Jennifer>> Louca de noz. De avelã.

Outubro, me batize com folhas! Envolve-me em veludo cotelê e alimente-me com sopa de ervilhas. Outubro, enfie barrinhas minúsculas de doces nos meus bolsos e esculpa meu sorriso em milhares de abóboras.

Ó outono! Ó chaleira! Ó graça!

<<Jennifer para Beth>> Adoro barrinhas minúsculas de doces.

<<Beth para Jennifer>> Feliz outubro!

<<Jennifer para Beth>> Certo, feliz outubro! Por que não?

Há outros fatores para o seu irracional bom humor? Razões não outonais?

<<Beth para Jennifer>> Não, acho que não. Tive uma noite péssima ontem – fui a uma festa do Sacajawea com o Chris – mas acho que isso está, na verdade, colaborando para meu bom humor hoje. Acordei pensando como, não importa o quanto tudo o mais esteja ruim, ainda há outubro.

<<Jennifer para Beth>> Quem dá uma festa numa noite de quarta-feira?

<<Beth para Jennifer>> Músicos.

<<Jennifer para Beth>> A maioria deles não tem trabalhos diurnos?

<<Beth para Jennifer>> Os trabalhos diurnos deles são noturnos. (Às vezes, vespertinos, no final da tarde.) Só as namoradas precisam acordar cedo, e mencionar que você precisa acordar cedo – que você não deveria estar em uma festa em dia de escola, por assim dizer – é uma blasfêmia para uma namorada de banda.

<<Jennifer para Beth>> O que acontece com as blasfemas?

<<Beth para Jennifer>> Assim que você sai, arrastando seu homem consigo ou não, todos os outros cavalheiros abraçam suas damas e agradecem por elas não serem uma estraga-prazer. Elas, por sua vez, sentem-se especiais e amadas e vão trabalhar no dia

seguinte esgotadas, com dor de cabeça e usando uma palheta de guitarra ao redor do pescoço como um albatroz.

<<Jennifer para Beth>> Você é uma estraga-prazer?

<<Beth para Jennifer>> Ah, a pior. Uma estraga-prazer de proporções míticas. Para começar, eu não permito que eles façam festas no meu apartamento. E eu saio de todas as festas cedo, lá pela meia-noite. Parei de fingir que ficar acordada a noite toda, fumar e beber não têm efeito nenhum sobre o meu corpo.

E não seria muito melhor se eu ficasse. Não é permitido recusar educadamente participar da devassidão deles. É como se você estivesse julgando.

A noite passada foi especialmente ruim. Stef veio para cima de mim. Ele estava doidão, e acho que queria impressionar alguma garota que pegou em um show.

“Beth”, ele disse, “por que você não se diverte mais?”.

Eu o ignorei, o que ele não suporta. “É sério, Beth, você mudou. Antes você era legal.”

“Eu não mudei. Nunca fui legal.”

“Era, sim. Quando Chris começou a trazer você, o resto de nós ficou com ciúme. Você tinha aquele cabelo que vinha até a cintura e camisetas justinhas do Hüsker Dü, e você ficava bêbada e passava a noite toda acordada reescrevendo nossos refrões.”

Ele é repugnante em vários níveis:

Insinuando que ele algum dia gostou de mim.

Me fazendo lembrar como ele costumava encarar meus seios.

Me forçando a revirar a memória em busca de um jeito para insultá-lo sem insultar Chris. Quero dizer, não posso falar “Eu sou uma adulta agora” ou “Não há nada para reescrever, vocês estão tocando as mesmas músicas há seis anos”...

Então eu disse: “Dá um tempo, Stef, eu estou cansada”.

E aí ele ficou todo se fingindo de simpático e sugeriu que eu fosse para casa para descansar para o trabalho de manhã. Eu disse a ele que críticos de cinema nunca vão trabalhar antes do meio-dia. Regras do sindicato.

“Acho que foi isso o que te mudou, Beth. Seu emprego. A *crítica de cinema*. Críticos são parasitas. Eles vivem da criatividade dos outros. Não trazem nada para este mundo. Eles são como mulheres estéreis que roubam os bebês de outras pessoas nos estacionamentos de mercados. Aqueles que não podem fazer, ensinam, e os que não podem ensinar, criticam.”

Quando ele estava se ajeitando para se lançar em uma longa diatribe, um dos outros caras decidiu interrompê-lo: “Ei, Chris, você não vai defender a sua namorada?”.

E o Chris disse: “Beth não precisa da minha ajuda para se defender. Ela é uma valquíria”.

O que meio que me fez sentir bem. Que ele me ame como sou, forte e independente. Mas eu também gostaria de ser defendida um pouco. Além disso, valquírias não roubavam as almas dos guerreiros caídos? Ou elas só os escoltava até o paraíso ou o Valhalla ou seja lá onde fosse? De qualquer forma, isso não faz de mim uma guerreira. Talvez uma valquíria seja só outra parasita, refletindo a glória das almas que ela reclama. Eu não sei, não era o que eu queria que ele dissesse.

Eu queria que ele dissesse... “Vá se foder, Stef.”

Ou: “Beth não é a âncora do meu barco. Ela é o vento nas minhas velas. E, sem ela, filmes como *Armageddon* e *Eu ainda sei o que vocês fizeram no verão passado* teriam feito centenas de vítimas inocentes, nossos amigos e vizinhos. O trabalho dela é importante, é *criativo*”.

Ou: “É isso, eu desisto dessa banda estúpida. Vou voltar a estudar. Sempre quis ser dentista”.

<<Jennifer para Beth>> Dentista? Jura, um dentista?

Se o Chris voltasse a estudar para se tornar um dentista, acho que você o largaria.

<<Beth para Jennifer>> Não largaria, não!

<<Jennifer para Beth>> Eu simplesmente não consigo te imaginar casada com um dentista, alguém que use sapatos confortáveis e sempre cheire a tratamento de flúor.

<<Beth para Jennifer>> Eu consigo... Ele teria um consultório pequeno e confortável na vizinhança com números antigos de *Guitar World* na sala de espera. Eu passaria para vê-lo em algumas tardes, e ele abaixaria a máscara para me dar um beijo de oi. As crianças brigariam por causa de um conjunto de dentes gigantes e a assistente dele, gentil e com jeito de avó, daria a cada uma delas um pirulito sem açúcar...

<<Jennifer para Beth>> Espere um instante, as crianças?

<<Beth para Jennifer>> Pode apostar. Um menino e uma menina. Com o cabelo cacheado dele e a minha nota média na escola.

<<Jennifer para Beth>> E o seu emprego?

<<Beth para Jennifer>> Está brincando? Sou casada com um dentista.

<<Jennifer para Beth>> Essa sua fantasia dental acontece quando, em 1973?

<<Beth para Jennifer>> Eu sempre pensei em ficar em casa enquanto meus filhos fossem pequenos. Se eu tiver filhos. Se eu puder fazer isso. Minha mãe ficou em casa conosco, e a gente se

saiu bem. Acho que poderia aguentar ser uma mãe e dona de casa por alguns anos.

<<Jennifer para Beth>> Humm... Acho que eu gostaria de ser uma mãe e dona de casa, mas sem filhos.

<<Beth para Jennifer>> Você quer dizer, só dona de casa?

<<Jennifer para Beth>> Fazendo coisas de mãe. Bolos. Artesanato.

<<Beth para Jennifer>> Que tipo de artesanato?

<<Jennifer para Beth>> Suéteres de crochê e *scrapbooks* elaborados. Eu poderia comprar uma daquelas pistolas de cola quente.

<<Beth para Jennifer>> Se as nossas antepassadas pudessem nos ouvir, iriam se arrepender de ter vencido a revolução sexual.

<<Jennifer para Beth>> Minha mãe não lutou na revolução sexual. Ela não estava nem ciente de que isso estava ocorrendo. Meu pai saiu de casa há vinte anos, e ela ainda continua discursando sobre O Homem ser o cabeça da casa.

<<Beth para Jennifer>> Então você cresceu numa casa sem o cabeça?

<<Jennifer para Beth>> Exatamente. Com minha mãe, a esposa e dona de casa sem marido.

<<Beth para Jennifer>> Sua mãe é deprimente. Vou voltar à minha fantasia do dentista.

<<Jennifer para Beth>> E eu vou voltar ao trabalho.

<<Beth para Jennifer>> Estraga-prazer.

CAPÍTULO 26

Beth e Jennifer pareciam ter se esquecido por completo sobre as regras e restrições. Elas não se censuravam mais. Beth era tão descuidada que alguns de seus e-mails para outros colegas de trabalho também iam parar na pasta WebShark.

Beth.

Lincoln não era capaz de explicar, nem para si mesmo, por que ele se importava tanto com ela. Ela e Jennifer eram ambas engraçadas, ambas carinhosas, ambas espertas como elas só. Mas a sagacidade de Beth sempre o pegava.

Ele sentia que podia ouvi-la falando quando lia suas mensagens, como se pudesse vê-la apesar de não saber qual era sua aparência. Ele sentia ser capaz de ouvi-la rindo.

Ele amava o modo como ela lidava com toda a delicadeza quando Jennifer falava sobre Mitch e seu casamento. Ele amava o jeito como ela sempre falava sobre suas irmãs e seus chefes e ela mesma. Ele tentava não amar que ela pudesse recitar cenas de *Os Caça-Fantasmas*, que ela amasse filmes de kung fu e fosse capaz de dizer os nomes de todos os X-Men originais – porque esses pareciam motivos pelos quais um cara podia se apaixonar por uma garota em um filme do Kevin Smith.

Apaixonar... Estaria ele se apaixonando? Ou estaria apenas entediado?

Às vezes, quando seu turno acabava, talvez uma ou duas vezes por semana, Lincoln passava pela redação, pela mesa de Beth, só para olhar a bagunça de copos de café e blocos de anotação. Só

para ver provas da existência dela. À uma da manhã, até os revisores normalmente já tinham ido embora, e a sala era iluminada apenas pelas luzes da rua. Se Lincoln sentia uma pontada na consciência em sua passagem pela redação, dizia a si mesmo que não era muito errado o que estava fazendo. Desde que ele não tentasse ver Beth pessoalmente. Ele dizia a si mesmo que era como ter uma paixãoite por uma garota em uma novela, uma *radionovela*. Não era algo de que pudesse se orgulhar, mas era inofensivo. Algo para fazer as noites passarem mais depressa.

Em algumas noites, como hoje, ele se permitia parar por um momento na mesa dela.

Um copo de café. Um Toblerone pela metade. Uma pilha de cliques de papel espalhados. E algo novo, um folheto de show, preso acima do monitor dela. Era rosa-choque com o desenho de uma guitarra – Sacajawea no Ranch Bowl, sábado à noite. *Este sábado à noite*.

Hum.

Justin topou ir ao show. Justin topava tudo, sempre. Ele se ofereceu para dirigir, mas Lincoln disse que seria melhor eles se encontrarem no bar.

– Cara, eu entendo, você é um andarilho. Eu não vou te prender.

Eles se encontraram no Ranch Bowl cerca de meia hora antes do Sacajawea subir ao palco. Justin ficou claramente desapontado com o lugar. Era sujo e apertado, não havia mesas ou doses especiais, e você precisava se espremer por trás do palco só para chegar ao bar. O público era composto em sua maioria por homens, e a banda no palco – “Razorwine”, de acordo com o kit de bateria – soava como alguém tocando um álbum dos Beastie Boys em uma serra industrial. Lincoln e Justin encontraram um lugar na parede para se

apoiarem, e Justin na mesma hora começou a falar em ir embora. Ele estava desencorajado demais até para comprar uma bebida.

– Lincoln, o que é isso? Esse lugar é deprimente. É um cemitério. Pior. Um cemitério de animais. Lincoln. Cara. Vamos embora. Vamos lá. Eu pago as bebidas pelo resto da noite.

Alguém perto deles, um cara encorpado em uma camisa de flanela, acabou mandando Justin calar a boca.

– Alguns de nós vieram aqui para ouvir música.

– Isso é problema seu – disse Justin entredentes, soltando uma baforada de Camel. Lincoln agarrou o amigo pela manga da camisa e puxou-o de volta.

– Do que é que você está com medo? – perguntou Justin. – Você é um muro de tijolos. Pode derrubar aquele cara.

– Eu não quero derrubá-lo. Só quero ouvir essa banda, a próxima que vai tocar. Pensei que você gostasse de metal.

– Isso não é metal – disse Justin. – Isso é uma bosta.

– Meia hora – disse Lincoln. – Aí eu vou para onde você quiser.

A banda da serra industrial acabou seu set e o Sacajawea começou a montar seus instrumentos. Não foi difícil encontrá-lo, o namorado de Beth. Ele era tão bonito em pessoa quanto nas fotos dela. Esguio e de cabelos selvagens. Todos os caras da banda tinham cabelo comprido e feminino. Eles usavam calças justas e camisas abertas e esvoaçantes.

– Que porra é essa? – disse Justin.

O público em volta deles estava mudando. Os caras fortes foram para o bar, e grupos de mulheres emergiram das sombras. Garotas em jeans de cintura baixa. Garotas com piercings na língua e tatuagens de borboleta.

– De onde vieram todos esses piercings de umbigo? – Justin quis saber.

As luzes baixaram e o set do Sacajawea começou com um solo acelerado de guitarra.

As mulheres se apertavam adiante, na direção do palco. Como Lincoln, a maioria das garotas só tinha olhos para o guitarrista. O vocalista – *aquele seria Stef*, pensou Lincoln – precisava conquistar a atenção delas. Ele ronronava como Robert Plant e pisoteava como Mick Jagger. No final da primeira música, Stef estava puxando garotas para o palco para se esfregarem contra o pedestal do seu microfone. Chris não. Chris estava concentrado em sua guitarra. De vez em quando, ele levantava a cabeça e olhava para as garotas da plateia, sorrindo, como se tivesse acabado de notá-las ali. Elas adoravam isso.

– Vamos – Lincoln disse a Justin, sem saber mais ao que viera assistir. Ele tinha deixado o *D&D* por isso.

– Vá se foder – disse Justin. – Esses caras mandam muito bem!

Eles mandavam mesmo, Lincoln admitiu para si mesmo. Se você gostasse desse tipo de coisa. Depois que acabou, Justin quis ir ao Village Inn, do outro lado da rua. Ele passou vinte minutos recontando o show e mais duas horas falando sobre uma garota, a mesma que ele tinha levado para casa na noite em que ele e Lincoln foram ao Steel Guitar juntos. O nome dela era Dena, e ela era técnica em higiene dental. Eles tinham saído ou ficado em casa juntos todas as noites desde que se conheceram, e agora Dena queria exclusividade, o que era estúpido, Justin disse, porque ele não tinha tempo para ver mais ninguém mesmo.

Mas ser exclusivos na prática, disse Dena, era diferente de ser oficialmente exclusivos. O primeiro, argumentara ela, significava que Justin ainda tinha permissão para fazer sexo com outra pessoa, desde que tivesse quinze minutos de tempo ocioso e uma parceira disponível. O que estava exatamente correto, disse Justin. Ele não queria uma namorada. Odiava a ideia de ficar com apenas uma

pessoa – quase tanto quanto odiava a ideia de compartilhar Dena com outra pessoa.

Lincoln comeu dois pedaços de torta de chocolate e ouviu.

– Se você realmente quisesse estar com outra garota – disse ele afinal, cogitando um terceiro pedaço –, já estaria. Não estaria aqui comigo agora, falando sobre Dena.

Justin pensou por um momento.

– Mas é um gênio do mal! – disse ele, dando um tapa no braço de Lincoln e se arrastando para fora da cabine onde estavam. – Cara. Obrigado. Eu te ligo.

Lincoln ficou no restaurante para terminar seu café e pensar se o universo havia recompensado Justin com o amor verdadeiro no Steel Guitar só para punir Lincoln por ter dito que o cupido jamais passaria pelo leão de chácara de lá.

O Village Inn tinha chegado a seu nadir às três da manhã quando Lincoln se levantou para sair. O restaurante estava vazio exceto por um homem sentado em uma cabine no canto, usando fones de ouvido e lendo um livro. Mesmo na luz da madrugada, cheia de gordura de bacon, Chris parecia impecável. A garçonete que enchia os potes de ketchup o encarava, mas ele parecia não notar.

CAPÍTULO 27

– Você já esteve na redação antes? – Greg perguntou a Lincoln quando ele chegou ao trabalho, segunda-feira à tarde.

– Não. – Como Greg sabia? O que Greg sabia? Não, espere, nada. Não havia nada para saber. – Me desculpe – disse Lincoln –, o quê?

– O quê? A redação – disse Greg. – Você já esteve na redação, certo?

– Certo – disse Lincoln.

– Certo, enfim. Então você sabe onde ficam os revisores?

– É, acho que sei.

– Preciso que você instale essas novas torres em algumas das estações. – Greg apontou para uma pilha de caixas de computadores e entregou a Lincoln um pedaço de papel.

– Agora?

– É. Eles sabem que você está indo. Mudaram o pessoal deles para outras mesas.

Lincoln colocou as caixas em um carrinho e pegou o elevador para a redação. O lugar era quase irreconhecível às quatro da tarde, à luz do dia. Havia gente em todo canto, todos digitando ou conversando ou indo para lá e para cá. Ninguém imaginaria que escrever e revisar faria tanto barulho. Telefones tocavam, televisores zumbiam, bebês choravam...

Bebês? Havia uma pequena multidão em uma ponta do setor de revisão, todos em volta de um carrinho. Um menino estava sentado na mesa de alguém brincando com um grampeador.

Lincoln começou a desconectar cabos e desembaraçar fios, tentando não olhar muito para nenhum deles. Jennifer devia se sentar por ali, com os outros revisores diurnos. Ela ainda devia estar ali. Essa podia até ser a mesa dela. Não, a menos que ela fosse obcecada por basquete do Kansas. O que ele sabia sobre ela? Que ela era casada; teria aparência de casada? Que ela pensava que era gorda... isso poderia ser qualquer uma delas. Beth podia estar ali também. Andando. Conversando com um editor. Brincando com aquele bebê.

Não, disse a si mesmo, não olhe.

Ele levou mais ou menos três horas para instalar os novos computadores. A redação já tinha se transformado em sua versão noturna enquanto Lincoln trabalhava. Ficado mais quieta e escura. As pessoas usando gravatas deram lugar a gente usando camisetas amassadas e shorts. Um dos editores noturnos, uma garota com rabo de cavalo loiro e murcho e olhos azuis e gentis trouxe pão de banana e lhe ofereceu um pedaço.

Ele agradeceu; depois foi para o departamento de TI vazio sem olhar para trás.

CAPÍTULO 28

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 18/10/1999 16h08

Assunto: Isso aqui não é uma creche, sabe?

É uma redação.

<<**Beth para Jennifer**>> Aonde você quer chegar? Eu não deveria estar tirando uma soneca? Ou não deveria usar um copo com canudinho? Porque isso é tudo parte do meu método.

<<**Jennifer para Beth**>> Estou querendo dizer que eu não deveria ser obrigada a escutar a conversinhas e balbucios sem sentido enquanto estou tentando revisar a seção "Querida Abby".

<<**Beth para Jennifer**>> Por que você precisa revisar a "Querida Abby"? Isso não vem tudo em um pacote por telegrama?

<<**Jennifer para Beth**>> Alguém tem que escrever a chamada. Alguém tem que dar uma bela olhada, garantir que não haja palavras ou parágrafos inteiros faltando. O conteúdo não aparece por magia no jornal. Por isso a sala cheia de editores.

<<**Beth para Jennifer**>> Editores, hein? Por Zeus... você tem razão. Eles estão *em todo lugar*. O que é este lugar? O paraíso?

<<**Jennifer para Beth**>> Ha.

<<**Beth para Jennifer**>> Você deveria dizer: "É Iowa."

<<Jennifer para Beth>> Talvez na próxima.

Por que as pessoas trazem crianças para o trabalho? Este não é o lugar para crianças. Não tem brinquedos aqui. Não tem fraldário. Os bebedouros são todos para adultos.

Isto é um *local de trabalho*. As pessoas vêm para cá para ficar longe de seus filhos – para ficar longe de tudo que diz respeito a crianças. Se quiséssemos trabalhar com crianças, teríamos arranjado empregos em escolas primárias e shows de marionetes. Andaríamos por aí com barras de alcaçuz nos bolsos.

Isso é uma redação. Você vê alguma barra de alcaçuz?

<<Beth para Jennifer>> Você alitera quando fica nervosa. É adorável.

<<Jennifer para Beth>> Você está muita engraçadinha hoje. Muito engraçadinha.

<<Beth para Jennifer>> Falando em adorável, eu vi meu cara fofo de novo semana passada.

<<Jennifer para Beth>> Tem certeza? Eu não ouvi o alarme. E quando foi que ele virou o *seu* cara fofo?

<<Beth para Jennifer>> Ninguém mais tomou posse. Ele definitivamente trabalha em Propaganda. Eu o vi sentado lá.

<<Jennifer para Beth>> O que você estava fazendo em Propaganda? Isso fica do outro lado do prédio.

<<Beth para Jennifer>> Eu estava à caça de caras fofos. (E, também, Propaganda tem a única máquina de refrigerantes do prédio que vende cerveja-de-raiz.) Ele estava sentado em sua mesa fofa, digitando em seu computador fofo, parecendo super, superfofo.

<<Jennifer para Beth>> Propaganda, hein? Tenho quase certeza de que eles ganham mais do que a gente por lá.

<<Beth para Jennifer>> Eles podem só *parecer* ganhar mais. E ele não parece necessariamente como se vendesse propaganda. Ele não é um daqueles caras de terno e com sorriso de *O sucesso a qualquer preço*. Ele não parece usar nenhum produto no cabelo.

<<Jennifer para Beth>> Eu quero vê-lo. Talvez devêssemos fazer um intervalo para tomar cerveja-de-raiz.

<<Beth para Jennifer>> Como é que alguém que detesta crianças pode gostar de cerveja-de-raiz?

CAPÍTULO 29

Beth tinha estado lá. Na mesa dela. Na mesma sala que ele, ao mesmo tempo. Pensando em outra pessoa. Em alguém que trabalhava em Propaganda, nada menos. Lincoln odiava os caras da Propaganda. Sempre que WebShark pegava alguma piada suja, ela havia se originado inevitavelmente de um cara da Propaganda. Gente de vendas. Lincoln odiava gente de vendas. Exceto Justin. E, honestamente, se ele não conhecesse Justin, era provável que também o odiasse.

Uma vez, ele precisara reconstruir um disco rígido em Propaganda. Levava algumas horas, e, no dia seguinte, quando Lincoln tinha colocado seu moletom, ele ainda cheirava a Drakkar Noir. *Não é de se espantar que minha mãe pense que sou gay.*

Ciúmes, ele pensou, enquanto passava pela mesa de Beth aquela noite – copos de café, doces de Halloween, Discman –, *estou com ciúmes*. E nem é do namorado. Ele se sentia tão distante do nível de Chris, que não conseguia sentir ciúmes dele. Mas de um cara que trabalhava em Propaganda, um cara que tentava vender mais, que fazia ligações...

Lincoln pegou uma barra em miniatura de Mr. Goodbar e a abriu. Beth havia estado sentada ali enquanto ele trabalhava na redação. Ele poderia tê-la visto, se tivesse olhado.

CAPÍTULO 30

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qui, 26/10/1999 09h45

Assunto: Acho que estou grávida.

Estou falando sério dessa vez.

<<**Beth para Jennifer**>> Você foi exposta a radiação? Comeu muito atum? Andou injetando heroína?

<<**Jennifer para Beth**>> Não, honestamente, não é paranoia. Acho que estou grávida.

<<**Beth para Jennifer**>> Porque sua menstruação está três minutos atrasada. Porque você teve que fazer xixi duas vezes na última hora. Porque você sente uma *presença* no seu útero.

<<**Jennifer para Beth**>> Por causa de fazer sexo sem proteção quando estava ovulando.

<<**Beth para Jennifer**>> Isso é uma piada? Eu estou numa pegadinha? Quem é você, e o que fez com a minha amiga?

A Jennifer Scribner-Snyder que eu conheço e amo jamais admitiria publicamente ter feito sexo e certamente não sujaria as pontas de seus dedos digitando isso desse jeito.

Ela também jamais começaria uma frase com "por causa". Onde está minha amiguinha pudica? O que você fez com ela?

<<Jennifer para Beth>> Não tenho tempo para medir palavras.

<<Beth para Jennifer>> Por que não? O quão grávida você está?

<<Jennifer para Beth>> Quatro dias.

<<Beth para Jennifer>> Isso é um tanto específico. (Quase grotescamente específico.) Como você poderia já saber? E como sabe que está ovulando? Você é uma dessas mulheres que conseguem sentir seus óvulos se mexendo?

<<Jennifer para Beth>> Eu sei que estava ovulando porque comprei um monitor de fertilidade.

<<Beth para Jennifer>> Pode presumir que minha resposta para suas próximas doze declarações é: "como é que é?"

<<Jennifer para Beth>> Eu pensei que, se soubesse quando estava ovulando, podia evitar contato íntimo nessa época (o que, honestamente, não tem sido um problema nos últimos tempos).

Então, quatro dias atrás, eu sabia que estava ovulando. Naquele dia, mal conversei com Mitch. Ele saiu para a escola enquanto eu ainda estava dormindo. Quando eu voltei do trabalho, ele estava no andar de cima, praticando com a tuba. Eu poderia ter subido para avisá-lo que estava em casa, mas não subi. Eu poderia ter gritado para ver se ele queria um sanduíche de queijo grelhado, mas não gritei.

Quando ele veio para a cama, eu já estava lá, assistindo a uma reprise de *Fraser*. Eu o vi se preparar para a cama, e ele não disse uma palavra para mim. Não é que ele estivesse bravo; era mais como se eu fosse um detrito no meio da estrada que ele tivesse que contornar.

Pensei comigo mesma: "Meu casamento é a coisa mais importante na minha vida. Eu preferiria ter um casamento feliz a qualquer outra coisa: um bom emprego, uma boa casa, polegares opostos, o direito ao voto, *qualquer coisa*. Se o fato de não querer um filho está destruindo meu casamento, eu vou ter um bebê. Vou ter dez bebês. Vou fazer o que for preciso".

<<Beth para Jennifer>> O que Mitch achou disso?

<<Jennifer para Beth>> Não sei. Não falei para ele sobre a parte da ovulação. Ele ficou surpreso pela parte do sem proteção. Eu não sei.

<<Beth para Jennifer>> Certo, então você pode estar grávida. Mas pode não estar.

<<Jennifer para Beth>> Quer dizer, eu posso ser infértil.

<<Beth para Jennifer>> Não, eu quis dizer que você pode ter ao menos mais um mês para pensar se realmente quer engravidar. A maioria dos casais tem de tentar mais de uma vez. Você pode não ter selado o seu destino quatro dias atrás.

<<Jennifer para Beth>> Eu espero que tenha selado. Só quero acabar logo com isso.

<<Beth para Jennifer>> Escreva isso, para lembrar de colocar no livro do bebê.

Quanto tempo até saber com certeza?

<<Jennifer para Beth>> Não muito. Eles têm aqueles testes de gravidez supersensíveis que podem dizer até se você está pensando em engravidar.

<<Beth para Jennifer>> Então, estamos torcendo por um resultado positivo ou negativo aqui?

<<Jennifer para Beth>> Só torça por mim.

<<Beth para Jennifer>> Eu sempre torço.

CAPÍTULO 31

– Eu não te ouço reclamar do trabalho há algum tempo – disse Eve. – Está gostando agora?

Ela havia trazido os meninos para o café de domingo depois da igreja. A mãe de Lincoln fizera caçarola de batatas com ovos, peru, tomates, cogumelos, mostarda e três tipos de queijo.

– O trabalho vai bem – disse Lincoln, dando uma garfada.

– Você não está entediado? – indagou Eve.

– Acho que estou me acostumando – disse ele, cobrindo a boca.

– Ainda está procurando por algo com horário melhor?

Ele deu de ombros.

– Esse horário vai ser ótimo se eu resolver voltar a estudar.

Eve franziu o cenho. Ela parecia especialmente ansiosa esta tarde. Quando entrara na casa, a mãe deles havia perguntado aos meninos se eles tinham tido uma boa conversa com o poder superior.

– Jesus – dissera Eve. – Nós o chamamos de Jesus.

– É um dos nomes pelos quais ele atende – a mãe deles respondera.

– Então – Eve disse a Lincoln agora, espetando um cogumelo –, você deve ter dinheiro suficiente guardado para arranjar uma casa perto do *campus*.

– Não é muito longe daqui de carro – disse ele, calmamente.

A mãe deles começou a servir caçarola para todos pela segunda vez. Ele podia ver que ela estava dividida. Por um lado, ainda não gostava que ele estivesse voltando a estudar; por outro, odiava quando Eve o pressionava.

– Por que eles estão fazendo aquilo? – disse a mãe dele, franzindo a testa para os netos. Os meninos estavam separando a caçarola em pilhas em seus pratos.

– Fazendo o quê? – perguntou Eve.

– Por que não estão comendo a comida?

– Eles não gostam quando as coisas encostam umas nas outras – disse Eve.

– Que coisas? – perguntou a mãe dele.

– A comida deles. Eles não gostam quando comidas diferentes se tocam ou se misturam.

– Como você serve o jantar, em bandejas de gelo?

– Nós só comemos duas coisas, vovó – disse o filho mais velho de Eve, Jake Júnior, de seis anos.

– Que duas coisas? – ela perguntou.

– Tipo salsicha e macarrão – disse Jake. – Ou hambúrguer e milho.

– Eu não gosto de ketchup no meu hambúrguer – disse Ben, o de quatro anos.

– Eu gosto de ketchup, mas separado – disse Jake.

– Ótimo – disse a mãe de Lincoln, pegando os pratos deles e despejando seus conteúdos no seu próprio. – Vocês ainda estão com fome? Eu tenho fruta. Tenho bananas, vocês gostam de banana?

– Então você vai ficar aqui? – Eve se voltou para Lincoln com ferocidade renovada. – Vai simplesmente continuar morando aqui?

– Por enquanto – disse ele.

– Lincoln é sempre bem-vindo aqui – disse a mãe deles.

– Tenho certeza de que é – disse Eve. – Ele é bem-vindo para apodrecer aqui pelo resto da vida.

Lincoln largou o garfo.

– Vovó – disse Ben –, essa banana está suja.

– Isso não é sujeira – disse ela.

– É marrom – disse ele.
– É cor de banana.
– Bananas são amarelas – disse Jake.
– Lincoln não está apodrecendo – disse a avó deles.
– Ele não está vivendo – disse Eve.
– Não me diga como criar meu filho.
– Ele tem 28 anos – disse Eve. – Seu trabalho já está feito. Ele já está criado.
– Como Jesus – disse Jake.
– Não como Jesus – disse Eve.
Lincoln ficou de pé.
– Alguém mais quer suco? Ben? Jake?
Seus sobrinhos o ignoraram.
– Você nunca acaba de criar seus filhos – disse a mãe dele. – Você vai ver. Não termina até você morrer.
– Jesus morreu quando tinha 33 – disse Jake.
– Pare de falar sobre Jesus – disse Eve.
– Jesus! – disse Ben.
– Ainda sou a mãe de Lincoln. Ainda sou sua mãe. Goste disso ou não, não acabei de criar nenhum de vocês dois.
– Você nunca começou a me criar – disse Eve.
– Eve... – Lincoln fez uma careta.
– Vocês podem ir, meninos – disse Eve.
– Ainda estou com fome – disse Ben.
– Podemos ir ao Wendy's? – pediu Jake.
– Conte-me mais sobre como ser uma boa mãe – disse a mãe de Eve.
– Eu vou te contar uma coisa – disse Eve. – Meus meninos vão ter vidas próprias. Eles vão sair, namorar, e casar, e se mudar. Eu não vou fazer com que sintam que não têm permissão de se despedirem de mim.

- Eu nunca te fiz sentir assim.
- Você foi ao jardim de infância comigo pelo primeiro mês.
- Você me pediu.
- Eu tinha cinco anos – disse Eve. – Você deveria ter dito não.
- Você estava com medo.
- Eu tinha *cinco anos*.
- Eu só enviei Lincoln para lá quando ele tinha sete, e fico feliz por isso. Ele estava muito mais preparado.

Lincoln estivera preparado para o jardim de infância. Ele já sabia ler e fazer um pouco de adição e subtração. Acabara pulando a primeira série.

– Ah meu Deus – Eve bateu o garfo na mesa. – Você consegue se ouvir?

- Não fale sobre Jesus, mamãe – sussurrou Ben.
- Venham, meninos – disse Lincoln –, vamos lá fora. Vamos jogar futebol.
- Você joga futebol muito mal – disse Jake.
- Eu sei – disse Lincoln. – Vocês podem me ensinar.

As janelas da cozinha estavam abertas. Mesmo depois que Lincoln levou seus sobrinhos para fora, eles ainda conseguiam ouvir sua mãe e sua irmã gritando.

– Toque de comida! – Lincoln ouviu sua mãe dizer. – O mundo se toca!

Depois de cerca de vinte minutos, Eve se inclinou para fora da porta dos fundos e disse para os meninos se despedirem da vovó. Eve parecia frustrada e brava, e estivera chorando.

- Vamos passar no Wendy’s – disse ela a Lincoln –, quer vir?
- Não, estou cheio.
- Eu não me sinto mal por nada do que falei – disse ela. – É tudo verdade. Você está apodrecendo aqui.
- Talvez – disse ele. – Talvez eu esteja amadurecendo.

Eve bateu a porta dos fundos ao fechá-la.

CAPÍTULO 32

Quando Lincoln chegou ao trabalho na segunda-feira, Greg o puxou de lado para conversar sobre o projeto milênio.

– Parece que eles estão trabalhando, certo? – perguntou Greg, olhando para o canto dos meninos do Y2K. – Digo, eles estão fazendo toneladas de horas.

Lincoln decidiu não contar a Greg que sua Força Internacional de Ataque ficava até bem tarde algumas noites jogando *Doom*. (Bem na frente de Lincoln. Era de se imaginar que eles pelo menos o convidassem para jogar.)

– Eles são tão quietos – disse Greg. Lincoln assentiu. – Às vezes, eu olho para eles e as telas estão cheias de código, e eu penso em quando tirei meu apêndice e acordei na mesa de operação... Digo, eles poderiam estar fazendo *qualquer coisa* lá.

– Acho que eles estão só escrevendo código – disse Lincoln.

– Porra de milênio – disse Greg.

CAPÍTULO 33

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qua, 10/11/1999 10h11

Assunto: Positivo.

Bem, eu fiz o teste na noite passada, e me sinto prestes a vomitar desde então. Não por ter enjoo matinal, acho que é cedo demais para isso.

<<Beth para Jennifer>> Ah, meu Deus! PARABÉNS!!!
Parabéns, parabéns! AH MEU DEUS!!!

<<Jennifer para Beth>> Eu não me sinto merecedora de parabéns no momento. Eu te disse, me sinto prestes a vomitar. Acho que cometi um engano terrível. Assim que vi aquela linha azul, me lembrei do quanto não quero ter filhos, chacoalhar o bebê, etc...

<<Beth para Jennifer>> Estamos falando de chacoalhar o bebê de fato ou chacoalhar figurativamente?

<<Jennifer para Beth>> Potencial. Eu não te pareço o tipo que faz isso?

<<Beth para Jennifer>> Não seja tonta. Você vai se dar bem. Você vai ser maravilhosa. O Mitch já sabe?

<<Jennifer para Beth>> Eu contei a ele ontem à noite. Ele ficou extasiado. É sério, ele ficou tão feliz que quase começou a chorar. Não parava de me abraçar. Foi assustador.

<<Beth para Jennifer>> Isso não parece assustador. Parece bacana.

<<Jennifer para Beth>> Falou a mulher que não está incubando um organismo parasita.

<<Beth para Jennifer>> Você faz parecer que está com uma solitária.

<<Jennifer para Beth>> Espere até começar a chutar.

<<Beth para Jennifer>> Já contou aos seus pais?

<<Jennifer para Beth>> Mitch ligou para os pais dele. Eles também ficaram assustadoramente empolgados. Não vou contar para a minha mãe, nunca.

<<Beth para Jennifer>> Ela pode notar quando começar a ficar visível.

<<Jennifer para Beth>> Ela vai me dizer que eu estou gorda.

<<Beth para Jennifer>> Estou tão feliz por você. Assustadoramente feliz. Pode apostar que vou fazer seu chá de bebê.

<<Jennifer para Beth>> Isso soa terrível.

<<Beth para Jennifer>> Terrivelmente incrível. Eu serei uma especialista em chás quando chegar a hora de você ter o bebê. Vou ter que ir a três chás de panela para minha irmã nas próximas seis semanas, e vou ser a anfitriã de um deles.

<<Jennifer para Beth>> Três chás? Isso não é excessivo?

<<Beth para Jennifer>> Um deles é um chá sensual.

<<**Jennifer para Beth**>> Ah, eu odeio esses! Se é sensual, não deveria ser um chá. Quem quer abrir lingerie na frente de seus amigos e parentes?

<<**Beth para Jennifer**>> Lingerie é coisa leve. Minha prima ganhou brinquedos sexuais em seu chá sensual. E suas damas de honra fizeram-na experimentar as novas e minúsculas peças e desfilar para a gente. Minha tia ficava falando: "Sexy, sexy!".

<<**Jennifer para Beth**>> Por que você me contou isso? Agora, vou ficar com cara de "eca!" pelo resto do dia.

<<**Beth para Jennifer**>> Vou tentar dar um clima mais refinado para o chá que vou oferecer a ela. Vamos fazer ao estilo inglês. Farei sanduichinhos especiais.

<<**Jennifer para Beth**>> Adoro sanduichinhos especiais.

<<**Beth para Jennifer**>> Quem não adora, né? Sabe... Eu podia fazer um chá inglês para o seu chá de bebê.

<<**Jennifer para Beth**>> Sem brincadeiras?

<<**Beth para Jennifer**>> Ah, haverá brincadeiras, sim. Isso é inegociável. Mas sem lingerie sexy, eu juro.

<<**Jennifer para Beth**>> Vou pensar no assunto.

Mas chega de falar de mim e da minha solitária. Como vai você?

<<**Beth para Jennifer**>> Você não pode contar a alguém que está grávida e então mudar de assunto.

<<**Jennifer para Beth**>> Isso é tudo sobre o que vão conversar comigo pelos próximos nove meses. É tudo de que vão falar comigo pelo resto da minha vida. *Por favor*, podemos mudar de assunto? Como vai você? Como está o Chris?

<<Beth para Jennifer>> O Chris está... Chris, acho. Ele está numa de suas fases distantes. Fica fora de casa por longos períodos, e, quando está em casa, liga o som alto demais para conversar. Ou se senta no quarto com a guitarra. Eu pergunto se ele quer sair, e ele diz que não está com vontade. Mas quando eu chego em casa, ele não está.

<<Jennifer para Beth>> Você está preocupada?

<<Beth para Jennifer>> Na verdade, não.

<<Jennifer para Beth>> Não acha que ele está saindo com outra pessoa?

<<Beth para Jennifer>> Não. Talvez eu devesse pensar isso.

Acho que ele simplesmente fica assim de vez em quando. Como se precisasse se afastar. Eu penso nisso como o inverno. Durante o inverno, não é que o sol tenha ido embora (ou esteja te traindo com outro planeta). Você ainda pode vê-lo no céu. Ele só está mais distante.

<<Jennifer para Beth>> Isso me deixaria louca. Eu perderia minha paciência – ou ficaria grávida – só para agitar as coisas.

<<Beth para Jennifer>> Perder minha paciência não iria ajudar. Não posso imaginar o que aconteceria se eu engravidasse. Aí ele provavelmente iria embora *de verdade*.

<<Jennifer para Beth>> Não diga isso. Ele não iria embora.

<<Beth para Jennifer>> Na verdade, acho que iria, sim. Ou ele esperaria que eu não levasse a gravidez adiante.

<<Jennifer para Beth>> Isso é terrível.

<<Beth para Jennifer>> Acha mesmo? Você sabe como é não querer filhos, como é desejar que seu relacionamento continue por um certo caminho. Não acho que Chris se sentiria responsável por eu engravidar. Ele veria isso como algo meu, uma escolha minha. E seria, não é?

<<Jennifer para Beth>> Vamos mudar de assunto outra vez.

<<Beth para Jennifer>> Pois não. Parabéns!!

CAPÍTULO 34

Lincoln tinha visto o namorado de Beth meia dúzia de vezes agora. Justin realmente gostara do Sacajawea depois daquele primeiro show. Agora ele chamava Lincoln sempre que a banda ia tocar. Dena, a namorada de Justin, ia também. Eles normalmente acabavam no Village Inn depois do show. Todos pediam torta e escutavam Justin dissecar o show daquela noite.

– Como é que esses caras não são astros do rock, porra? – Justin sempre perguntava. – Por que não estão na MTV, em vez daquela merda de Backstreet Boys?

Lincoln deu de ombros.

– Olha – disse Dena, indicando o setor de fumantes com a cabeça –, ali está o guitarrista de novo.

Chris estava sentado em uma cabine, comendo uma fritada de café da manhã e lendo.

– Como é que um cara desses não tem namorada? – perguntou Dena.

– Talvez ele tenha – disse Lincoln.

– De jeito nenhum – disse Dena. – Caras com namoradas não passam as noites de sexta comendo sozinhos no Village Inn.

– Ele deveria estar por aí, pegando *groupies* – disse Justin.

– Ele está sempre sozinho – disse Dena.

– Se eu tivesse aquela cara – disse Justin, com a boca cheia de merengue –, estaria pegando uma garota diferente toda noite.

– Você estaria fazendo isso de qualquer jeito – disse Dena, rolando os olhos –, mesmo com a sua cara.

– Tem razão – disse Justin. – Se eu fosse como ele, estaria saindo com *duas* garotas diferentes toda noite.

– Talvez ele tenha uma namorada – disse Lincoln.

– Então eu tenho pena da namorada dele – disse Dena.

– Talvez ele tenha um namorado – disse Justin.

– Então eu tenho pena do namorado dele – disse Dena.

– Eles têm outro show amanhã – disse Justin. – Devíamos ir.

– Vou jogar *D&D* amanhã à noite – disse Lincoln.

– Falando em coisas que se faz quando não se tem uma namorada – disse Justin.

Justin estava sempre provocando Lincoln para sair mais. Para estar por perto de mulheres. Para tentar. Talvez porque Justin conhecera Sam no colégio. Porque ele se lembrava dos dias quando era Lincoln que sempre estava com uma linda garota nos braços. “Um tanto bocuda para o meu gosto”, dissera Justin uma vez durante o treino de golfe. “Mas mais quente do que um milk-shake de pimenta jalapeño.”

Depois da Califórnia, quando Lincoln apareceu na universidade estadual um ano depois de todo o mundo, Justin nunca perguntou o que aconteceu com Sam. Lincoln até tentara lhe contar uma noite, enquanto comiam pizza do Papa John e tomavam seis latas de Dr. Diablo, mas Justin o interrompeu.

– Cara. Deixa para lá. Que as más companhias vão com Deus.

CAPÍTULO 35

No final, Lincoln não contou a ninguém o que acontecera com Sam na Califórnia. (Apesar de sua mãe ter lhe perguntado várias vezes e eventualmente confrontado a mãe de Sam no mercado.)

Ele não falara a respeito porque falar a respeito seria aceitar. Dar-se por derrotado. E porque, se ele contasse a alguém, sabia que não soaria tão ruim. Que aquele era um caso muito típico de coração partido na adolescência. Que a parte mais triste da história toda era ele ter perdido um semestre da faculdade e todas as suas bolsas de estudo. Essa seria a parte mais triste para outra pessoa, para quem observasse de fora.

Ele não falou com a mãe a respeito, nenhuma vez, nunquinha, porque sabia como ela ficaria feliz por ter estado certa.

Quando ele partiu para a faculdade, ela lhe telefonava duas vezes por semana.

– Eu nunca nem sequer estive na Califórnia – dizia ela.

– Mãe, está tudo bem. É um belo *campus*. É seguro.

– Eu não sei qual a aparência do lugar – dizia ela. – Não consigo visualizar você aí. Eu tento pensar em você e te enviar energia positiva, mas não sei em que direção enviá-la.

– Oeste – dizia ele.

– Não é isso que eu quis dizer, Lincoln. Como é que eu vou visualizar coisas boas acontecendo para você se não consigo visualizar você?

Ele também sentia saudade dela. Sentia falta do Meio-Oeste. Toda a paisagem que Sam tinha desejado estava lhe dando dor de

cabeça. O norte da Califórnia era belo de uma forma nada prática. Para todo lugar que se olhasse havia árvores e riachos, quedas-d'água, montanhas, o mar.. Não havia lugar nenhum que se pudesse olhar por olhar, só para pensar. Ele vinha passando muito tempo na biblioteca do *campus*, um lugar sem janelas.

Sam vinha passando muito tempo no teatro da faculdade. Ela ainda não estava tendo aulas no departamento de drama, mas tinha tentado algumas peças e conseguido papéis menores. Na época do colégio, quando Sam ia para os ensaios, Lincoln ia com ela. Ele levava seu dever de casa e se sentava na última fila do auditório. Podia estudar muito bem daquele jeito. Conseguia bloquear a conversa e os ruídos. Gostava de ouvir a voz de Sam surgindo de vez em quando através de seus problemas de química.

Lincoln teria estudado alegremente no teatro da faculdade enquanto Sam ensaiava, mas ela sentia que ele chamava muita atenção para ela ali.

– Você está lembrando a eles que eu sou estrangeira – disse ela. – Que eu sou caloura, que não sou daqui. Eu preciso que eles olhem para mim e vejam o meu papel. Que vejam o meu talento, e mais nada. Você faz com que se lembrem de que eu tenho esse passado saturado do interior.

– O que é saturado? – perguntou ele.

– Essa coisa do fazendeiro germânico apaixonado.

– Eu não sou fazendeiro.

– Para eles, é – disse ela. – Para eles, nós dois acabamos de cair do caminhão de tomates. Eles acham engraçado nós sermos de Nebraska. Eles acham a palavra Nebraska engraçada. Eles falam como se fosse “Timbuktu” ou “Hoboken”.

– Como “Punxsutawney”? – perguntou ele.

– Exatamente. E eles acham hilário que tenhamos vindo para a faculdade juntos.

– Por que isso seria engraçado?

– É meigo demais – disse ela. – É exatamente o que dois moleques que acabaram de cair do caminhão de tomate fariam. Se você continuar vindo aos ensaios, eu nunca vou conseguir os papéis bons.

– Talvez eles façam *Poliana moça*.

– Lincoln, por favor.

– Eu quero ficar com você. Se eu não vier ao teatro, nunca vou te ver.

– Você vai me ver – disse ela.

Ele não viu.

Só quando eles se encontravam para tomar café na cafeteria do dormitório. Só quando ela vinha até o quarto dele bem tarde, depois dos ensaios, para pedir ajuda com algum dever ou para chorar sobre o que estava acontecendo no teatro. Ela não ficava, não com o colega de quarto dele ali. Ele se sentia faminto por ela o tempo todo.

– Passávamos mais tempo sozinhos quando morávamos com nossos pais – reclamou ele para ela em uma rara tarde de sexta-feira que ela passara em seu quarto, permitindo que ele a abraçasse.

– Não tínhamos nada além de tempo durante o ensino médio – disse ela.

– Por que todos os outros aqui têm tanto tempo? – perguntou ele.

– Quem?

– Todo mundo, menos você – disse ele. – A todo lugar que eu vou, vejo gente junta. Eles estão nos quartos uns dos outros. Estão na sala de estar e na União Estudantil. Fazendo caminhadas. – Era assim que ele tinha imaginado que seria quando estivessem na faculdade. Ele se imaginara deitado ao lado de Sam em colchões estreitos de dormitórios estudantis, segurando a mão dela a

caminho das aulas, ficando com ela em bancos e sofás de cafeterias.

– Eu tenho tempo para isso.

– Então talvez você devesse passar seu tempo com todo mundo – disse ela. Estava se afastando dele, abotoando seu cardigã preto, juntando o cabelo em uma presilha.

– Não. Eu quero passar meu tempo com você.

– Estou com você agora – disse ela.

– E está maravilhoso. Por que não pode ser assim com mais frequência? Uma vez por semana, que seja?

– Por que não dá, Lincoln.

– Por que não? – Ele se odiou por soar como um bebê.

– Porque eu não vim para essa escola para passar todo o meu tempo com meu namorado do colégio. Vim aqui para começar minha carreira.

– Eu não sou seu namorado do colégio – disse ele. – Sou seu namorado.

– Tem provavelmente meia dúzia de garotas só neste andar que adorariam passar os próximos quatro anos te abraçando. Se é isso que você quer.

– Eu quero você.

– Então fique feliz comigo.

Sam não queria voltar para casa nas férias de inverno. Ela queria ficar no *campus* e participar de uma produção local de *Um conto de Natal*. (Ela tinha certeza de que conseguiria o papel de Pequeno Tim.) Mas o pai dela usou suas milhas de voo e lhe enviou um bilhete de primeira classe para casa.

– Eu nunca voei de primeira classe antes – ela disse a Lincoln, entusiasmada. – Vou vestir algo à la Betty Grable, algo com luvas de cano curto, e pedir gim com tônica.

Lincoln iria pegar o Greyhound, o que Sam disse que seria fascinante.

– Uma experiência muito americana. Eu vou te fazer sanduíches.

Ela não fez. Disse que não podia se despedir de Lincoln na rodoviária porque tinha uma reunião no teatro naquela tarde. Ele disse a ela que tudo bem, que ele não queria mesmo que ela viesse. Uma garota que pudesse se passar por Pequeno Tim não deveria voltar para casa a pé da rodoviária.

Mas Lincoln odiou ter que, entre a viagem de ônibus e o Natal, passar uma semana sem vê-la. Ao menos estariam ambos em casa. E eles teriam a semana antes do Natal juntos, e a do Ano-Novo. Talvez isso lhes fizesse bem, ver um ao outro de volta em seu hábitat natural. Ele resolveu deixar um bilhete para Sam, dizendo a ela que sentiria sua falta, antes de pegar o ônibus. Comprou um buquê de flores baratas na loja de conveniência do outro lado da rua de seu dormitório e escreveu em um pedaço de papel pautado da faculdade:

“Sam,
Ainda que eu viaje pelo Vale da Morte,
Meu coração voa de primeira classe.
Amor, Lincoln.”

Isso soa romântico, pensou ele, caminhando até o prédio dela. E geográfico. E vagamente bíblico. Ele parou no andar dela, na área em frente ao elevador, para acrescentar um pós-escrito: “Eu te amo e eu te amo e eu te amo”. Quando ele terminou de escrever o último “amo”, um dos elevadores se abriu.

Lincoln quase sorriu ao ver Sam. Quase. Ela estava na ponta dos pés, seu corpo todo se arqueando para cima, os braços jogados em triunfo ao redor do pescoço de outro homem. Os dois estavam se beijando... com *entusiasmo demais* para notar que o elevador deles havia parado. O homem tinha um punhado dos caracóis escuros de

Sam em uma das mãos e um punhado de sua saia curta na outra. Tudo que havia de errado na situação não foi computado completamente por Lincoln até que as portas começaram a se fechar. “Eles devem estar ensaiando”, chegou a pensar. Não estava reconhecendo aquele cara do teatro?

Lincoln estendeu a mão e apertou o botão para descer. As portas tornaram a se abrir.

Claro que ele o reconhecia. Marlon. Ele era pequeno e moreno e de algum outro lugar. Brasil. Ou talvez Venezuela. Ele era o tipo de cara que sempre tinha uma multidão ao seu redor nas festas após os espetáculos. O tipo de cara que estava sempre de pé na mesa para brindar a alguma coisa. *Marlon*. Ele e Sam tinham estado em uma peça juntos em setembro, “The Straw”.

Sam respirou fundo no beijo. Lincoln pôde ver a língua dela.

– Marlon? – disse ele, em voz alta.

Sam se virou abruptamente. Seu rosto desabou quando as portas se fecharam pela segunda vez.

Lincoln começou a apertar o botão com raiva. O elevador se abriu outra vez, mas ele o ignorou. Queria o outro elevador, agora mesmo. Queria, repentina e desesperadamente, ir embora.

– Lincoln – ele ouviu Sam dizer.

Ele a ignorou. Continuou socando o botão.

– Deixe-me explicar – disse ela.

Soca, soca, soca. Desce, desce, desce.

– Não vai vir enquanto a gente estiver aqui – disse Sam. Ela ainda estava no elevador. Marlon segurava a porta aberta.

– Então vá embora – disse Lincoln.

– Você pode pegar esse elevador – disse Marlon em sua voz sexy, para lá de Ricky Ricardo.

Soca, soca, soca.

– Lincoln, pare, você vai machucar a sua mão – disse Sam.

– Ah, é claro – disse Marlon. – Este é o Lincoln.

Ele levantou as mãos em reconhecimento. *Como se fosse me abraçar*, pensou Lincoln. Não, como se fosse erguer um brinde a mim. *Senhoras e senhores, Lincoln!* As portas do elevador começaram a fechar novamente. Sam pisou na frente das portas.

– Saia do elevador – disse Lincoln –, deixe-me ir embora.

– Não – disse ela –, ninguém vai para lugar nenhum. Lincoln, você está me assustando.

Ele apertou o botão aceso com força. A luz se apagou.

– Vamos nos acalmar – disse Marlon –, somos todos adultos aqui.

Não, pensou Lincoln, você é um adulto. Eu só tenho dezenove anos. E você está arruinando o resto da minha vida. Está beijando ela. Está estragando tudo com suas mãozinhas pequenas e expressivas.

– Não é o que você pensa – disse Sam, severa.

– Não? – perguntou Lincoln.

– Bem... – disse Marlon, diplomaticamente.

– Não é, não – disse Sam. – Deixe-me explicar.

Lincoln talvez tivesse deixado que ela explicasse, mas ele estava chorando. E não queria que Marlon visse isso.

– Só me deixe ir embora – disse Lincoln.

– Você pode usar as escadas – sugeriu Marlon.

– Ah – disse Lincoln. – Certo.

Ele tentou não correr até as escadas. O choro era embaraçoso o suficiente. Chorar na descida por oito andares do dormitório das garotas. Chorar sozinho na rodoviária. Chorar através de Nevada e Utah e Wyoming. Chorar nas mangas de sua camisa de flanela xadrez como se fosse o lenhador mais triste do mundo. Tentar pensar em todas as vezes que prometera a Sam que ele jamais poderia amar outra pessoa. Isso mudaria agora? Ela podia transformar ambos em mentirosos? Se ele acreditava em amor

verdadeiro, aquilo não superava tudo? Não superava Marlon? Lincoln permitiria que ela se explicasse. Quando chegasse em casa. Não, nem mesmo pediria a ela que se explicasse.

Em algum lugar do Colorado, Lincoln começou a escrever uma carta a Sam. "Eu não acredito que você me traiu", dizia a carta. "E mesmo que tenha feito isso, não importa. Eu te amo mais do que tudo isso."

Eve o pegou na rodoviária.

– Você está horrível – disse ela. – Foi roubado por mendigos?

– Podemos passar pela casa de Sam a caminho de casa?

– Claro.

Quando eles chegaram lá, Lincoln pediu que Eve não estacionasse na entrada. O quarto de Sam ficava em cima da garagem. A luz estava acesa. Lincoln pensou em ir até a porta, mas acabou deixando a carta na caixa do correio. Torceu para que Eve não lhe perguntasse a respeito no caminho até sua casa.

CAPÍTULO 36

Lincoln ligou para Sam na manhã seguinte, e na seguinte. A mãe dela sempre dizia que Sam não estava em casa. Ela não lhe telefonou de volta até a noite da véspera de Ano-Novo.

– Eu recebi sua carta – disse ela. – Pode me encontrar no parque?

– Agora? – perguntou ele.

– Agora.

Lincoln pegou emprestado o carro da irmã e dirigiu até um parquinho perto da casa de Sam. Era ali que eles iam quando não tinham dinheiro ou gasolina. Estava vazio quando ele chegou, por isso se sentou no gira-gira para esperar. Lincoln colocou o brinquedo em movimento com o pé e deixou que girasse lentamente até ver Sam caminhando em sua direção, ainda a um quarteirão de distância. Ela usava um batom rosa gritante e um minivestido florido por cima de roupas térmicas. Sem casaco.

Ele torceu para que ela se sentasse perto dele. Ela sentou. Cheirava a gardênia. Ele quis tocá-la, pular em cima dela. Cobri-la como se fosse uma granada de mão.

Sam expirou, prática.

– Achei que deveríamos conversar – disse ela. – Pensei que eu deveria explicar...

– Você não precisa explicar – disse Lincoln, já balançando a cabeça.

Ela prendeu a saia embaixo das pernas.

– Está com frio? – perguntou ele.

– Quero que saiba que eu sinto muito – disse ela.

– Pode ficar com a minha jaqueta.

– Lincoln, *escute*. – Ela se voltou de frente para ele. Ele disse a si mesmo para não desviar o olhar. – Sinto muito – disse ela. – Mas eu acho que o que aconteceu, provavelmente aconteceu por um motivo. E forçou tudo a vir à tona.

– Que tudo?

– Tudo entre nós – disse ela, ficando impaciente. – Nossa relação.

– Eu te disse, nós não precisamos conversar sobre isso.

– Precisamos, sim. Você me viu com outro homem. Não acha que vale a pena conversar sobre isso?

Jesus. *Outro homem*. Por que ela tinha que falar aquilo daquele jeito?

– Lincoln... – disse ela.

Ele balançou a cabeça e chutou o chão outra vez até estarem em movimento.

– Eu não queria que isso acontecesse – disse ela, após duas ou três voltas. – Eu conheci Marlon quando estávamos ensaiando *The Straw*. Estávamos juntos o tempo todo, e a coisa se transformou em algo mais.

– Mas essa peça foi em setembro – disse Lincoln. Com novo sofrimento.

– Sim.

– Foi logo depois que chegamos à Califórnia.

– Eu deveria ter te contado antes.

– Não – disse Lincoln –, você deveria era... não ter feito isso.

Ambos ficaram quietos por alguns momentos. Lincoln continuou chutando, fazendo o brinquedo girar mais rápido, até Sam agarrar seu braço.

– Pare – disse ela. – Estou ficando tonta.

Ele fincou os calcanhares no chão frio e duro e abraçou uma das barras de metal.

– Como você achou que nossa relação iria acabar? – perguntou Sam quando eles pararam. Agora ela parecia estar brava. – E não diga que não pensou que terminaria. Você não é tão ingênuo.

Ele era.

– Essas coisas acabam – disse ela. – Elas sempre acabam. Ninguém se casa com seu primeiro amor. O primeiro amor é só isso: o primeiro. Está implícito que algo vai vir depois.

– Eu nunca pensei que ouviria você construir uma defesa contra *Romeu e Julieta* – disse ele.

– Eles teriam terminado se tivessem ficado vivos para uma sequência.

– Eu te amo – disse ele. Saiu parecido demais com um choramingo. – Diga que você não me ama.

– Não vou dizer isso. – O rosto dela estava frio.

– Então diga que ama.

– Eu sempre vou te amar – disse ela, realista. Mas não estava olhando para ele.

– Sempre – disse ele. – Mas não agora. Não o bastante...

– Se fosse para eu ficar com você – disse Sam –, eu não teria me apaixonado por Marlon.

Uma vez, quando Lincoln estava jogando croqué com sua irmã, ela acidentalmente o atingira na têmpora com o taco. No momento antes de cair no chão, ele pensara consigo mesmo: “Eu posso morrer agora. Isso pode ser o fim”. Foi assim que se sentiu quando Sam lhe disse que estava apaixonada por Marlon.

– Você faz parecer como se isso tivesse te acontecido – disse ele.

– Como se você não tivesse nada a ver com o fato. Você faz infidelidade soar como um buraco na calçada. Você tinha uma escolha.

– Infidelidade? – Ela rolou os olhos. – Certo. Então acho que eu escolhi ser infiel. Você ainda quer ficar comigo sabendo disso?

– Sim.

Ela jogou a cabeça para trás, enojada.

Lincoln aproximou-se dela. Havia uma barra fria de ferro entre eles (exatamente do tipo que não se deve lamber).

– Por que quis que eu fosse para a Califórnia com você? – perguntou ele. – Se sabia que nós íamos terminar?

– Eu não planejei que as coisas acontecessem desse jeito – disse ela. Menos nervosa agora, e talvez um pouco envergonhada. – Eu não sabia *quando* nós iríamos terminar.

– Eu não sabia que nós *iríamos* terminar algum dia – disse ele. – Se você tivesse me contado que já tinha chegado a essa conclusão, eu não teria te seguido e atravessado o país inteiro... – Ele parou de falar e olhou para ela. Mesmo no escuro, mesmo em janeiro, mesmo partindo seu coração, ela estava rosada e radiante. Ela lhe lembrava uma roseira florescendo em câmera lenta. – Deus... sabe o que mais? Provavelmente, eu teria ido, sim.

Ambos ficaram em silêncio de novo. Lincoln não confiava em si mesmo para falar. Tudo o que queria dizer era errado. Tudo o que queria dizer faria com que ela o quisesse menos.

– Eu quis que você fosse comigo – Sam finalmente disse – porque tinha medo de ir sozinha. E eu disse a mim mesma que estava tudo bem, deixar que você me seguisse... porque era o que você queria. E porque você não tinha outros planos. E... porque eu acho que eu não estava preparada para dizer adeus a você.

Eles ficaram quietos por outro longo período.

– Não é que eu tenha deixado de te amar – disse Sam. – Só não sou mais a mesma pessoa que era quando me apaixonei por você.

Silêncio.

– As pessoas mudam – disse ela.

– Pare de falar comigo assim – disse ele.

– Assim como?

– Como se eu fosse o Tarzan e precisasse ser educado nos modos e maneiras da humanidade. Eu sei que as pessoas mudam. Eu pensei... Pensei que mudaríamos juntos. Pensei que era isso o que significava estar apaixonado.

– Sinto muito.

Mais silêncio. Sam observou seu hálito se transformar em geada. Inclinou-se para trás apoiada nos cotovelos e deixou seu rosto se tornar distante. Depois atingido. Depois dolorido. Ela parou nessa expressão, dolorida. Lincoln a vira fazer isso tantas vezes, experimentar expressões, que aquilo não o incomodou.

– Mais cedo – disse Lincoln –, você disse que não planejou que fosse desse jeito. Como tinha planejado?

– Eu não planejei – disse ela. – Torci para que nós dois simplesmente soubéssemos quando chegasse a hora... Que tivéssemos um daqueles momentos. Como nos filmes, nos filmes estrangeiros, quando algo pequeno acontece, algo quase imperceptível, e isso muda tudo. Tipo, tem um homem e uma mulher tomando café da manhã... e o homem estende a mão para pegar a geleia, e a mulher diz: “pensei que você não gostasse de geleia”, e o homem diz: “eu não gostava. Antigamente”.

Ou talvez nem fosse algo tão óbvio. Talvez ele estendesse a mão para pegar a geleia, e ela só olhasse para ele como se já não o conhecesse mais. Tipo, no momento em que ele estende o braço para pegar a geleia, ela não consegue reconhecê-lo.

Depois do café da manhã, ele sai para uma caminhada, e ela vai até o quarto deles e faz uma mala, marrom e estreita. Ela vai parar na calçada e imagina se deve dizer adeus, se deve deixar um bilhete. Mas não deixa. Vai apenas entrar no táxi e partir.

Ele sabe assim que chega à calçada deles que ela se foi. Mas ele não volta. Não se arrepende de um único dia que passaram juntos, inclusive daquele. Talvez encontre uma das fitas dela na escada...

Sam se deitou no gira-gira. Ela falou até se colocar em uma posição de perdedora. Lincoln se deitou ao lado dela, de forma que as cabeças deles quase se tocavam no centro do brinquedo.

– Quem fará o meu papel no seu filme? – perguntou ele com gentileza.

– Daniel Day-Lewis – disse ela. Sorriu. Lincoln provavelmente poderia beijá-la agora, se quisesse. Em vez disso, ele se inclinou para perto da orelha dela para que o ouvisse sussurrar.

– Nunca houve um momento em que eu não a reconhecesse – disse ele, quase inaudível.

Ela enxugou os olhos. Seu rímel escorreu. Ele colocou o gira-gira em movimento com um leve empurrão. Poderia beijá-la agora. Se quisesse.

– Eu te conheceria no escuro – disse ele. – A mil quilômetros de distância. Não há nada em que você pudesse se transformar por que eu já não tivesse me apaixonado.

Ele poderia beijá-la.

– Eu te conheço – disse ele.

Mesmo quando ela se voltava para ele, mesmo quando a mão dela se colocava sobre o rosto dele, Lincoln sabia que isso não significava que Sam havia mudado de ideia. Ela estava dizendo sim àquele instante, não para ele. Ele tentou dizer a si mesmo que aquilo era suficiente, mas não conseguiu. Não era. Agora que ela estava em seus braços, ele precisava que ela lhe dissesse que tudo ia ficar bem.

– Diga que me ama – disse ele, entre beijos.

– Eu te amo.

– Sempre – disse ele. Saiu como uma ordem.

– Sempre.

– Só eu.

Ela o beijou.

– Só eu – disse ele, de novo.

– Não – disse ela.

– Sam... – disse ele.

– Não posso.

Ele se sentou. Saiu do gira-gira meio desnorteado.

– Lincoln – disse ela. – Espere.

Ele balançou a cabeça. Queria chorar outra vez, mas não na frente dela. Não na frente dela de novo. Começou a caminhar para o carro.

– Eu não quero que você se vá – disse Sam. Ela estava chateada.

– Não quero terminar assim.

– Você não pode escolher – Lincoln disse. – Está acontecendo, simples assim.

CAPÍTULO 37

Ela o abandonara. Isso é tudo. Não era tão ruim. Não deveria ter sido. Não era como se eles fossem casados. Não era como se ela o tivesse abandonado no altar ou fugido com seu melhor amigo e as economias da vida toda.

Pessoas são abandonadas o tempo todo. Especialmente na faculdade. Elas não abandonam os estudos. Não abandonam a vida. Não passam a década seguinte pensando a respeito toda vez que têm a chance.

Se o ano de calouro de Lincoln fosse um episódio de *Quantum Leap*, Scott Bakula teria voltado no ônibus Greyhound depois do Natal, terminado o ano escolar como um homem e começado a fazer telefonemas para o escritório de auxílio financeiro da Universidade de Nebraska. Ou talvez nem tivesse se transferido. Talvez Scott Bakula tivesse ficado na Califórnia e chamado aquela garota bonita da aula de latim de Lincoln para sair, perguntado se ela queria ver um filme da Susan Sarandon.

– Você gosta de cães basset?

Lincoln estava sentado na copa do *The Courier* tomando sopa caseira de batata e ainda pensando sobre Scott Bakula e Sam quando Doris o interrompeu. Ela estava repondo a máquina atrás dele com Diet Pepsi.

Lincoln não sabia muito bem qual era a função de Doris. Sempre que a via, estava repondo as máquinas de venda de comida, mas

aquilo não parecia ser um emprego de horário integral. Doris estava na casa dos sessenta anos, tinha cabelos grisalhos curtos e encaracolados e usava um colete vermelho, um tipo de uniforme, e óculos grandes.

– Me desculpe, o quê? – perguntou ele, torcendo para soar educado, não confuso.

– Cães da raça basset – disse ela, apontando para o jornal aberto diante dele. Havia a foto de um basset sentado no colo de uma mulher.

– Eu jamais teria um cão basset se morasse tão perto do mar – disse ela.

Lincoln olhou para a foto. Não viu nenhum mar. Doris devia estar pensando que ele já havia lido a história.

– Eles não sabem nadar, sabia? – disse ela. – São os únicos cachorros que não sabem nadar. Eles são gordos demais, e suas perninhas são muito curtas.

– Como pinguins – disse Lincoln.

– Tenho quase certeza de que pinguins sabem nadar – disse Doris.

– Mas um cão basset se afogaria numa banheira. Nós tivemos uma chamada Jolene. Ah, ela era uma menina linda. Eu chorei a noite toda quando nós a perdemos.

– Ela se afogou? – perguntou Lincoln.

– Não – disse Doris. – Leucemia.

– Ah – disse ele. – Sinto muito.

– Nós mandamos cremá-la e a colocamos em uma bela urna de cobre. É desse tamanho – disse Doris, erguendo uma lata de Pepsi Wild Cherry. – Dá para acreditar? Uma cachorra adulta como Jolene em uma urna tão pequenininha? Não sobra muito da gente depois que se retira a água. Quanto você acha que sobra de uma pessoa? – Ela esperou por uma resposta.

– Provavelmente menos do que uma garrafa de dois litros – disse Lincoln, ainda pensando que seria rude agir como se essa fosse uma conversa diferente do normal.

– Aposto que você está certo – disse Doris, triste.

– Quando ela faleceu? – perguntou ele.

– Bem, foi quando Paul ainda estava vivo, vejamos, dezesseis anos atrás. Tivemos mais dois bassets depois dela, mas eles não eram tão meigos... Meu bem, você precisa de trocados, aproveitando que estou com esse negócio aqui aberto?

– Não – disse Lincoln –, mas obrigado.

Doris fechou a máquina de Pepsi. Eles ainda conversaram mais um pouco sobre Jolene e o falecido marido de Doris, Paul, de quem Doris sentia saudade. Mas não ficou toda embargada falando dele como ficou ao falar de Jolene. Paul fumava e bebia e se recusava a comer vegetais. Nem mesmo milho.

Quando chegou a Dolly, sua primeira basset, e Al, seu primeiro marido, Lincoln já tinha se esquecido de que estava conversando com Doris só para ser educado.

Ele ficou em casa e não foi ao trabalho no dia seguinte. Em vez disso, foi até a casa da irmã e a ajudou a tirar as decorações de Natal do sótão.

– Por que não está no trabalho? – perguntou ela, desembaraçando uma corrente de *cranberries* de plástico. – Sentiu vontade de tirar uma folga?

Ele deu de ombros e pegou outra caixa.

– É. Uma folga de tirar folgas.

– Qual o problema? – perguntou ela.

Tinha ido à casa de Eve porque sabia que ela lhe perguntaria isso. E torcera para que, quando ela perguntasse, ele tivesse uma

resposta. As coisas tendiam a entrar em foco quando ela estava por perto.

– Não sei – disse ele. – Eu apenas sinto que tenho que fazer alguma coisa.

– Fazer o quê?

– Não sei. É esse o problema. Ou parte dele. Eu me sinto como um sonâmbulo.

– Você parece estar sonâmbulo – disse ela.

– E eu não sei como acordar.

– Faça alguma coisa – disse ela.

– Fazer o quê?

– Mude alguma coisa.

– Já mudei – disse Lincoln. – Me mudei de volta. Arranjei um emprego.

– Você não deve ter mudado a coisa certa ainda.

– Se eu estivesse em um filme – disse ele –, consertaria isso me voluntariando para trabalhar com crianças com necessidades especiais ou com idosos. Ou talvez eu arranjasse um emprego em uma estufa... ou me mudasse para o Japão para dar aulas de inglês.

– É? Então vai tentar alguma dessas coisas?

– Não. Não sei. Talvez.

Eve o fitou friamente.

– Talvez devesse fazer academia – disse ela.

CAPÍTULO 38

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Ter, 16/11/1999 14h16

Assunto: Meu Cara Fofo.

Não vamos mais chamá-lo de Meu Cara Fofo.

<<**Jennifer para Beth**>> Acho que nunca o chamei assim.

<<**Beth para Jennifer**>> Vamos chamá-lo de Meu Cara Superfofo. Ou talvez Meu Cara Superfofo, Gentil e Compassivo – e Também Meio Engraçado.

<<**Jennifer para Beth**>> Não acho que vá pegar. Isso significa que você tem novas informações sobre o cara fofo para compartilhar?

<<**Beth para Jennifer**>> Dã. Sim. Eu trabalhei meio que até tarde na noite passada e, quando fui à copa, lá pelas nove horas, para um delicioso saco de Cheez-Its, adivinha quem estava sentado bem ali, para o mundo todo ver? Meu Cara Fofo. Ele estava jantando e conversando com Doris.

<<**Jennifer para Beth**>> Doris, a senhora das máquinas de comida?

<<**Beth para Jennifer**>> Ela mesma. Ela estava falando com ele sobre o cachorro dela. Sobre o cachorro *morto* dela, creio eu. Na verdade, é possível que ela estivesse falando sobre um filho morto,

mas não acho que fosse isso. Enfim. Doris estava falando sobre seu cachorro, e Meu Cara Fofo estava ouvindo com atenção e fazendo perguntas, assentindo com a cabeça. Ele não podia ter sido mais gentil.

<<Jennifer para Beth>> Talvez ele goste de conversar sobre cachorros mortos.

<<Beth para Jennifer>> Nem mais fofo. Ele não podia ter sido mais fofo.

<<Jennifer para Beth>> E engraçado? Como ele foi engraçado?

<<Beth para Jennifer>> É difícil explicar. Doris estava perguntando a ele se um corpo morto caberia em uma lata de Pepsi, e ele disse que provavelmente encaixaria melhor em uma garrafa de dois litros.

<<Jennifer para Beth>> Isso parece repugnante. Alguém viu a Doris hoje?

<<Beth para Jennifer>> Dentro do contexto, não era repugnante. Acho que ela estava falando sobre cremar o cachorro. Eu estava bisbilhotando, não tomando notas. O importante é: ele foi legal – muito, muito legal mesmo.

<<Jennifer para Beth>> E muito, muito fofo.

<<Beth para Jennifer>> Ah meu Deus, sim! Você tem que ver esse cara. Sabe como eu disse que ele parecia com o Harrison Ford? Eu dei uma olhada melhor agora. Ele é como o Harrison Ford mais o cara das toalhas de papel Brawny. Ele é simplesmente forte.

<<Jennifer para Beth>> Forte, tipo Mister Universo?

<<Beth para Jennifer>> Não... é mais como o cara que eles teriam escalado como o Hulk se tivessem feito um filme do Hulk nos anos 1940 ou 1950, na época em que poderoso não queria dizer esculpido. Como se você visse o John Wayne sem camisa: ele não teria uma barriga tanquinho, mas pareceria o tipo de cara que você quer do seu lado durante uma briga. Como se talvez esse cara, o Meu Cara Fofo, levantasse peso na garagem, esse tipo de coisa. Mas jamais tocaria em um *shake* de proteína.

Sabe do que mais? Talvez tenhamos que começar a chamá-lo de Meu Cara Lindo. Ele é um pouco mais profundo do que fofo.

<<Jennifer para Beth>> Tudo bem, posso visualizá-lo agora. Harrison Ford, mais John Wayne, mais o Hulk, mais o cara da Brawny.

<<Beth para Jennifer>> Mais o Jason Bateman.

<<Jennifer para Beth>> Quem é Jason Bateman?

E também: por que você ainda estava aqui ontem à noite, às nove horas?

<<Beth para Jennifer>> Jason Bateman é o melhor amigo em *Silver Spoons*.

Você sabe que eu gosto de trabalhar até tarde.

<<Jennifer para Beth>> O cara de *Um maluco no pedaço*?

Eu simplesmente não entendo por que você não prefere estar em casa.

<<Beth para Jennifer>> O outro melhor amigo. O cara branco. Com os olhos apertadinhos e o nariz interessante. A irmã dele estava em *Caras e caretas*.

Eu gosto de trabalhar até tarde porque não gosto de chegar cedo – e tenho que trabalhar em algum momento.

Se eu chego aqui de manhã cedo, sinto que tenho de passar minhas roupas. Mas às duas da tarde, ninguém liga. E lá pelas sete, não tem ninguém aqui. (Bem, exceto pelos revisores, e eles só contam meio ponto.) Além do mais, é legal estar aqui à noite. É como estar no shopping depois que tudo fecha. Ou na escola, no sábado. E, às vezes, eu realmente preciso ficar até mais tarde. Tipo, se preciso escrever uma crítica na noite de estreia ou coisa assim.

<<Jennifer para Beth>> Acho que *eu* é que não gosto de ficar aqui até tão tarde. O ano em que trabalhei no horário noturno foi o mais solitário da minha vida.

E acho que sei quem é Jason Bateman. Eu apenas nunca tinha pensado nele como fofo.

<<Beth para Jennifer>> Bem, pode pensar de novo. E Meu Cara Fofo é ainda mais fofo que ele.

CAPÍTULO 39

Não, não, não, pensou Lincoln.

CAPÍTULO 40

Não.

Não podia ser..

Ela não poderia estar querendo dizer...

Ele se levantou de sua mesa, andou pela sala vazia de Tecnologia da Informação. Tornou a se sentar. Releu o e-mail. "Fofo", ela havia dito. "Forte", ela tinha dito. "Ah meu Deus, ela havia dito."

"Lindo."

Não. Isso deveria ser algum engano, ela não podia estar falando...
"Não."

Ele se levantou outra vez. Sentou-se. Ficou de pé. Começou a caminhar para o banheiro masculino. Havia um espelho lá? Para que ele precisava olhar, afinal? Para ver se ainda parecia consigo mesmo? Havia um espelho. De corpo inteiro. Ele olhou para o seu reflexo. *Forte*, pensou consigo mesmo. De verdade? Forte?

Grande, definitivamente. No ensino médio, o técnico de futebol americano sempre tentava recrutá-lo, mas a mãe de Lincoln o proibira. "Não, você não vai se juntar ao time de lesões cerebrais", ela dissera. Ele colocou a mão sobre sua barriga. Poderia ser chamada de barriguinha de cerveja, se Lincoln tomasse cerveja com mais frequência do que uma vez por mês. Forte.

Mas *fofo*, ela havia dito. *Lindo*, ela tinha dito. *Olhos apertadinhos*.

Ele apoiou a testa contra o espelho e fechou os olhos. Era embaraçoso se ver sorrindo daquele jeito.

CAPÍTULO 41

Na manhã seguinte, Lincoln se matriculou em uma academia. A pessoa na esteira ao lado da sua já estava assistindo *Quantum Leap* em uma das televisões enormes. Pareceu ser um sinal.

Ele parou no banco em que Eve trabalhava no caminho de volta para casa. Ela tinha uma daquelas salas no saguão com divisórias de vidro.

– Oi – disse ela –, você precisa abrir uma caderneta de poupança? Eca! Por que você está todo suado?

– Entrei numa academia.

– Entrou? Bem, bom para você. Isso significa que está ouvindo meus conselhos agora? Queria ter dito para você arranjar um apartamento. Arrume um apartamento para você!

– Posso te fazer uma pergunta esquisita?

– Se for rapidinho – disse ela. – Todas aquelas pessoas sentadas ali nos sofás estão, de fato, querendo abrir uma poupança.

– Eu me pareço com o Jason Bateman?

– Quem é Jason Bateman?

– O ator. Ele estava em *Silver spoons* e *A família Hogan*.

– O cara que fez *O garoto do futuro*?

– Esse é o Michael J. Fox – disse Lincoln. – Deixa para lá. Isso não era para ser uma conversa longa.

– O cara que fez o lobisomem em *O garoto do futuro*?

– *Isso* – disse Lincoln. – Ele mesmo.

Eve estreitou os olhos.

– Sim... – disse ela. – Na verdade, você parece mesmo um pouco com ele. Agora que mencionou, sim.

Lincoln sorriu. Ele não tinha parado de sorrir.

– Isso é bom? – disse Eve. – Você quer se parecer com Jason Bateman?

– Não é nem bom, nem ruim. Só confirma um negócio.

– Você é muito maior que ele.

– Estou indo – disse Lincoln, se afastando.

– Obrigada por escolher o Second National – disse ela, enquanto ele ia embora.

Naquela noite, o departamento de TI levou uma eternidade para se esvaziar. Todos estavam ficando tensos a respeito do bug do milênio. Kristi, a parceira de mesa de Lincoln, queria fazer um ensaio da véspera do Ano-Novo, para ver se o código que tinham escrito funcionaria. Mas Greg disse que se eles fossem fechar o jornal e talvez causar um blecaute de seis quarteirões, podiam muito bem esperar até a véspera de Ano-Novo de verdade, quando seria menos humilhante. Os membros da Força de Ataque Internacional ficaram de fora da discussão. Ficaram sentados em um canto, escrevendo código ou talvez hackeando a NASA.

Lincoln ainda tentava monitorar o progresso deles e ajudá-los, mas eles o evitavam. Estava quase certo de que sabiam que não era um deles, que ele nunca tinha feito um curso de computação, na verdade, e que a área em que tirara sua nota mais alta no vestibular tinha sido em Humanas. Todos os caras de TI exibiam camisas polo sem marca, tênis New Balance e a mesma expressão convencida. Lincoln se recusava a pedir a ajuda deles com a impressora digital colorida no andar de cima, apesar de estar no último fiapo de paciência com aquela maldita coisa. A intervalos de poucos dias ela

ficava louca e começava a cuspir folha após folha de magenta intenso.

– Como podemos nos preparar para o pior cenário possível – estava dizendo Kristi –, se não compreendemos qual o pior cenário possível?

Lincoln estava se coçando para abrir a pasta WebShark. *Morrendo de vontade* de abri-la.

Greg disse que não precisava enfiar seu Nissan no rio para saber que isso seria a porra de um desastre.

– Isso nem se compara – disse Kristi, e então falou que gostaria que Greg não usasse palavrões. Naquele momento, Lincoln estava desejando que o sistema realmente falhasse a 00h01 de 1º de janeiro. Que ele caísse espetacularmente. E que ele fosse demitido e substituído por alguém da Força de Ataque, provavelmente o bósnio. Mas primeiro, ele queria dar uma olhada na pasta WebShark. *Agora.*

Talvez não precisasse esperar pela saída de todos... Não era segredo que ele olhava a pasta WebShark. *Não é nada de mais*, disse para si mesmo, *checar a pasta WebShark é meu trabalho*. O que era uma racionalização tão fraca que ele decidiu não se permitir uma olhada, mesmo depois que todo mundo fosse para casa.

Quando ele finalmente abriu a pasta, em algum momento após a meia-noite, disse a si mesmo para não esperar uma revelação como a da noite passada. Quais seriam as chances de que Beth estivesse falando sobre ele outra vez? Quais as chances de que ela o tivesse visto de novo? Se ela o tivesse visto, será que teria notado que ele estava vestindo uma camisa boa e que passara vinte minutos aquela tarde penteando o cabelo?

CAPÍTULO 42

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Ter, 16/11/1999 10h16

Assunto: Você.

Ei, como está se sentindo?

<<**Jennifer para Beth**>> Bem. Normal. Na mesma.

<<**Beth para Jennifer**>> Verdade?

<<**Jennifer para Beth**>> Verdade? Não.

Na verdade, eu me sinto meio como um bombardeiro suicida. Como se estivesse andando por aí fingindo ser normal, sabendo o tempo todo que estou carregando algo que vai mudar – possivelmente, destruir – o mundo como eu o conheço.

<<**Beth para Jennifer**>> “Destruir” me parece uma palavra um tanto forte.

<<**Jennifer para Beth**>> Todos ficam me falando que tudo vai mudar quando o bebê chegar, que minha vida toda vai ser diferente. Isso, acho, implica que a vida que eu tenho agora vai deixar de existir. Destruída.

<<**Beth para Jennifer**>> Quando você se apaixonou pelo Mitch, ele mudou toda a sua vida, certo? Ele não a destruiu.

<<**Jennifer para Beth**>> Destruiu sim, mas tudo bem. Minha vida antes do Mitch era uma porcaria.

<<**Beth para Jennifer**>> Tão pessimista. Se tivessem colocado você junto da Pequena Órfã Annie, *Annie* não seria um musical.

<<**Jennifer para Beth**>> E alguém sentiria falta dele?

CAPÍTULO 43

Certo, então ela não escreveu mais nada sobre ele. Mas pelo menos não tinha escrito “Dei uma olhada melhor naquele cara, e ele não é tão fofo quanto eu pensei. Nem de longe”.

Lincoln ainda podia se sentir sorrindo pelo resto da noite. Ele jogou Palavras Cruzadas online até seu turno acabar e dormiu assim que sua cabeça atingiu o travesseiro.

– Acordou cedo – disse sua mãe, quando ele desceu as escadas no dia seguinte às nove.

– É, acho que vou malhar.

– Mesmo.

– Sim.

– E onde é que você vai fazer isso? – indagou ela, desconfiada, como se a resposta pudesse ser “no cassino” ou “na massagista”.

– Na academia – disse ele.

– Que academia?

– Corpos Sarados.

– Corpos Sarados? – perguntou ela.

– É logo ali, subindo a rua.

– Eu sei. Já vi. Você quer um bagel?

– Claro – disse ele, sorrindo. Porque isso era só o que ele fazia ultimamente. E porque havia desistido de pedir a ela que não o alimentasse, especialmente depois do confronto com Eve. Comida sempre tinha sido algo bom entre ele e sua mãe. Algo desprendido.

– Obrigado.

Ela começou a preparar-lhe um bagel, passando uma grossa camada de cream cheese, salmão defumado e cebola roxa.

– Corpos Sarados – repetiu ela. – Não é um mercado de carne?

– Não sei – disse ele. – Só estive lá uma vez, e o pessoal era composto principalmente por idosos. Talvez o mercado comece quando as pessoas deixam o trabalho.

– Hum – disse a mãe dele, parecendo obviamente pensativa. Lincoln fingiu não notar.

– É só que – disse a mãe dele – esse nome... Põe tanta ênfase no corpo. Como se fosse por isso que as pessoas deveriam se exercitar, para ter um corpo bom. Nem mesmo um corpo bom: um corpo *sarado*. Como se as pessoas deveriam andar por aí olhando umas para as outras e pensando: “Meu corpo é tão *mais sarado* do que o seu”.

– Eu te amo, mãe – disse ele. Estava falando sério. – Obrigado pelo café. Estou indo para a academia.

– Você toma banho lá? Não use o chuveiro. Imagine a quantidade de fungos lá, Lincoln.

– Agora vou imaginar.

Não era difícil ir para a academia, desde que ele fosse assim que acordava, antes de ter tempo para pensar em não ir. Aqueles exercícios matinais o faziam sentir como se estivesse começando seu dia como uma bola de pinball, com uma injeção gigante de impulso. A sensação às vezes durava até as seis ou sete da noite (quando ele era normalmente dominado pela sensação de que estava apenas “quicando”, indefeso, de uma situação para a outra sem nenhum propósito ou direção).

Lincoln gostava de todas as máquinas na academia. Gostava de pesos e polias e diagramas de instrução. Era fácil passar uma ou

duas horas pulando de uma máquina para a outra. Ele pensou em tentar os pesos livres, só para encarnar a impressão que Beth tinha dele. Mas, para isso, teria de pedir a ajuda de alguém, e Lincoln não queria conversar com ninguém na academia. Especialmente não com os *personal trainers*, que estavam sempre fofocando na recepção quando ele pegava uma toalha.

Ele gostava de como se sentia limpo quando saía. Como suas pernas e seus braços ficavam relaxados. Como o ar parecia mais frio quando seu cabelo estava molhado. Flagrou-se se mexendo mesmo quando não era necessário, correndo para atravessar a rua mesmo quando não havia nenhum carro vindo, subindo os degraus aos saltos só porque sim.

Naquele fim de semana, na partida de *Dungeons*, Lincoln fez Rick gargalhar tanto que ele expeliu Mountain Dew pelo nariz. Era uma piada de orc, difícil de explicar, mas Christine soltou risadinhas pelo resto da noite, e até Larry riu.

Talvez Lincoln fosse O Engraçado.

CAPÍTULO 44

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Seg, 29/11/1999 13h44

Assunto: Da próxima vez que minha irmã se casar...

Me lembre de que eu odeio casamentos. E a minha irmã.

<<**Jennifer para Beth**>> Acontece que eu sei que você adora casamentos – e que você dá uma estrela a mais para filmes por ter uma cena de casamento. Não foi essa regra que te forçou a dar quatro estrelas para *Quatro casamentos e um funeral*, apesar de você ter achado que Andie MacDowell estava péssima?

<<**Beth para Jennifer**>> Tem razão. Eu adoro casamentos. Só odeio a minha irmã.

<<**Jennifer para Beth**>> Por quê?

<<**Beth para Jennifer**>> Basicamente... porque ela está se casando antes de mim. Sou como a irmã mais velha e mesquinha em um drama de época. "Mas papai, ela não pode se casar antes de mim! *Eu sou a mais velha.*"

<<**Jennifer para Beth**>> Ah, eu adoro dramas de época, especialmente dramas de época estrelando Colin Firth. Sou como a Bridget Jones, se ela fosse gorda de verdade.

<<**Beth para Jennifer**>> Ah... Colin Firth. Ele deveria fazer apenas dramas de época. E dramas de época só deveriam ser

estrelados por Colin Firth. (Uma estrela extra por ter Colin Firth. Duas, se Colin Firth estiver vestindo um colete.)

<<Jennifer para Beth>> Continue digitando o nome dele, até o nome é bonito.

<<Beth para Jennifer>> Acho que encontramos o único cara pelo qual brigaríamos em um bar de aeroporto.

<<Jennifer para Beth>> Está se esquecendo do Ben Affleck. Também está se esquecendo de reclamar para mim sobre o casamento da sua irmã.

<<Beth para Jennifer>> Ben Affleck! Tem certeza de que não posso te convencer a ficar com o Matt Damon? Poderíamos sair em encontros duplos...

Eu não me esqueci. Só imaginei que você estava tentando mudar de assunto porque eu estava sendo ridícula. Não tenho nada real de que reclamar. Minha queixa é: eu sempre pensei que já estaria casada a essa altura.

<<Jennifer para Beth>> Isso não é tão ridículo.

<<Beth para Jennifer>> Não, é sim. Eu tinha todo um plano para quando me formasse no ensino médio:

Eu iria me formar, sair com uns poucos caras e, então, conhecer *o cara* no final do meu primeiro ano na faculdade, talvez no começo do segundo. Estaríamos noivos na formatura e casados no ano seguinte. E, então, depois de viajar um pouco, começaríamos nossa família. Quatro filhos, três anos entre eles. Queria já ter acabado quando chegasse aos 35.

<<Jennifer para Beth>> Quatro filhos? Isso não é um pouco exagerado?

<<Beth para Jennifer>> Não importa. Não é mais matematicamente possível.

Eu não estou casada. Nem estou perto de casar. Mesmo que eu acabe tudo com Chris amanhã e conheça alguém no dia seguinte, não daria para salvar meu plano. Levaríamos um ou dois anos para saber se seríamos a pessoa certa um para o outro, pelo menos seis meses de noivado... Isso me deixa com 31, 32 antes que eu possa engravidar.

E isso sendo muito otimista. Se eu terminar tudo com Chris amanhã, eu ficaria mal por um ano (30). Daí, talvez levasse mais um ano para conhecer outra pessoa (31). Poderia levar até seis anos para encontrar outra pessoa (36). Como posso me planejar com tantas variáveis?

<<Jennifer para Beth>> Estou confusa. Achei que você tivesse 28.

<<Beth para Jennifer>> Talvez meu plano nunca tenha sido viável. Talvez eu tivesse pensado nisso tudo antes, se não passasse minhas aulas de trigonometria mandando bilhetinhos para meu namorado do ensino médio.

Mas a coisa – a mesquinhez da coisa – é que eu não consigo evitar a sensação de que isso não deveria estar acontecendo comigo. Eu nunca me preocupei em encontrar um cara.

Na sexta série, namorei o cara mais bonitinho da classe. Nós conversamos por telefone duas vezes em seis meses e ficamos de mãos dadas em uma matinê de *Superman III*. Eu sempre tinha um acompanhante, o acompanhante certo, para todos os bailes. Me apaixonei pela primeira vez no segundo ano do ensino médio, pelo cara por quem eu deveria me apaixonar. Terminei com ele depois de um ano, e isso também estava previsto.

Eu tinha bastante certeza de que nunca precisaria me preocupar em conhecer o cara certo. Pensei que fosse acontecer comigo como aconteceu com meus pais e meus avós. Eles chegaram à idade certa, encontraram a pessoa certa, se casaram, tiveram filhos.

<<Jennifer para Beth>> Você está meio que me fazendo te odiar.

<<Beth para Jennifer>> Por ser o tipo de garota que sempre tinha um namorado?

<<Jennifer para Beth>> Tipo... Eu nunca tinha parceiro para baile nenhum. Eu nunca aceitei como algo garantido que um cara, qualquer cara, fosse se apaixonar por mim. Quanto mais o cara certo.

<<Beth para Jennifer>> Eu não te culpo por meio que me odiar. Mas eu meio que te odeio também. Você *encontrou* exatamente a pessoa certa, exatamente no momento certo. Você *se casou* com o cara mais bonito e legal da classe. E agora está grávida.

<<Jennifer para Beth>> Mas você conheceu a pessoa certa, não?

<<Beth para Jennifer>> Não sei nem se ainda acredito nisso. O cara certo. O cara perfeito. O único. Perdi a fé no "o".

<<Jennifer para Beth>> E como você se sente a respeito do "um"?

<<Beth para Jennifer>> Indiferente.

<<Jennifer para Beth>> Então, está considerando uma vida sem artigos?

<<**Beth para Jennifer**>> Nem amor verdadeiro.

CAPÍTULO 45

Lincoln comia seu jantar na copa no mesmo horário todas as noites agora, pensando que isso talvez aumentasse suas chances de ver Beth. Doris apreciava a companhia. Ela gostava de fazer seu intervalo às nove em ponto. Sempre trazia um sanduíche de peru no pão branco e comprava uma Diet Slice da máquina.

– Sua namorada que faz esses jantares elaborados para você? – perguntou ela uma noite, enquanto ele esquentava um prato de pizza de espinafre com batata.

– Minha mãe que faz – disse ele, encabulado.

– Não é de se espantar que você seja tão grande – disse Doris.

Ele retirou seu prato do micro-ondas e o observou. Era realmente uma quantidade imensa de pizza. Tinha ouvido algumas pessoas falarem que seu apetite diminuía quando se exercitavam bastante, mas ele estava mais faminto do que nunca. Começara a levar bananas para a academia para ter algo para comer no carro assim que saía de lá.

– Ela deve cozinhar bem, sua mãe. Sempre cheira como um restaurante chique quando você está aqui.

– Definitivamente, ela é uma ótima cozinheira.

– Eu nunca fui muito boa na cozinha. Posso fazer bolo de carne e costelinhas de porco e caçarola de ervilhas, mas Paul tinha que cozinhar para si mesmo quando queria algo mais chique. O que é isso? Parece um sanduíche gigante.

– É pizza – disse Lincoln. – Com massa em dobro, espinafre e batata. Acho que é uma receita italiana. Quer experimentar um

pouco?

– Se você está oferecendo – disse Doris, ávida.

Ele tirou uma fatia de sua pizza para ela. Ainda restou bastante em seu prato.

– Ah, isso é bom – disse Doris após uma garfada. – E eu nem gosto de espinafre. Você é italiano?

– Não – disse ele. – Alemão, na maior parte, e um pouco de irlandês. Minha mãe só gosta de cozinhar mesmo.

– Sorte sua – disse ela, dando outra garfada grande.

– Você tem filhos? – perguntou Lincoln.

– Não. Paul e eu nunca tivemos filhos. Acho que fizemos o mesmo que todo mundo faz, mas nunca aconteceu nada. Naqueles tempos, se você não tivesse filhos, não tinha filhos. Não ia a um médico para ver quem era o responsável. Minha irmã ficou casada por quinze anos antes de engravidar. Pensei que isso pudesse acontecer conosco também, mas nunca ocorreu... E tudo bem, eu acho.

Ambos mastigaram em silêncio. Lincoln não confiava em si mesmo para mais conversa fiada. Não tivera a intenção de fazer uma pergunta tão pessoal.

– Minha mãe fez bolo de cenoura hoje cedo – disse ele – e me mandou muito. Quer dividir?

– Se você está oferecendo.

Estavam terminando de comer o bolo quando uma jovem entrou na copa. Lincoln caprichou para se endireitar na cadeira até reconhecê-la como uma das revisoras, a baixinha que lhe oferecera pão de banana. Ela sorriu para ele, nervosa.

– Você é o cara de TI, certo? – perguntou ela.

Ele assentiu.

– Desculpe por interromper seu jantar. Liguei para sua sala, mas você não estava lá. Alguns de nós não estão conseguindo acesso ao servidor. Estamos meio que em cima do prazo. Me desculpe – a

garota olhou para Doris –, eu não sabia que vocês estavam no intervalo.

– Não se desculpe, meu bem – disse Doris. – Não será a primeira vez que um homem me troca por uma mulher mais jovem.

Lincoln já estava se levantando.

– Tudo bem, deixe-me ver se posso ajudar.

– Eu sinto muito mesmo – disse a garota, quando entraram na redação.

– Tudo bem – disse ele –, de verdade. É o meu trabalho.

– Me desculpe por ter te chamado de cara de TI. Eu não... ninguém na redação sabe o seu nome.

– Eu atendo se você me chamar de cara de TI, não se preocupe.

Ela meneou a cabeça, desconfortável.

– Mas meu nome é Lincoln – disse ele, estendendo a mão para ela.

– Prazer em conhecê-lo – disse ela, aliviada, aceitando a mão dele.

– O meu é Emilie.

Eles tinham chegado ao computador dela.

– Pode me mostrar o que está acontecendo? – pediu ele.

Ela se sentou e tentou entrar no servidor. Uma mensagem de erro apareceu.

– Isso sempre acontece – disse ela.

– Isso é fácil de resolver – disse ele, inclinando-se para tomar o mouse dela. A mão dela ainda estava ali. As mãos de ambos pularam, e ele se sentiu corando. Se era assim que ele agia perto de uma garota pela qual não se sentia atraído, como agiria se algum dia precisasse consertar o computador de Beth? Podia até vomitar nela.

– Talvez eu devesse me sentar – disse ele.

Emilie ficou de pé e ele se sentou na cadeira dela. Estava tão alta, que os pés dela não deviam sequer encostar no chão. Ela estava de

pé atrás dele agora, e ambos estavam praticamente da mesma altura. Contra sua vontade, Lincoln pensou em Sam. Sam, tão pequena, que ele conseguia levantá-la com um braço só. Sam, aninhada junto a ele no *drive-in*. Sam, dançando uma música lenta com ele, o rosto colado no terceiro botão da camisa de Lincoln.

– Pronto – disse ele a Emilie –, você está no servidor. Isso não deve voltar a acontecer. Mas me ligue, caso aconteça. Ou... acho que você sabe onde me encontrar. Você disse que mais alguém estava tendo problemas?

Lincoln ajudou dois outros revisores a entrar na rede. Quando se afastou, Emilie estava de pé junto a uma impressora. Ela era bonita, de um jeito pálido e despretensioso.

– Ei, Lincoln – disse ela.

Ele parou.

– Nós geralmente comemos nesse horário, nas nossas mesas – disse ela. – Às sextas, nós pedimos pizza. Você deveria subir e ficar com a gente. Digo, não que você não iria querer comer com a Doris. Ela é bem legal.

– Claro – disse Lincoln, imaginando-se passando algum tempo no andar de cima, depois olhando nervosamente para os fundos da redação. – Obrigado.

CAPÍTULO 46

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Sex, 03/12/1999 13h35

Assunto: Gente baixinha não tem motivo para viver.

Por que caras altos sempre são atraídos por mulheres baixinhas? Nem são mulheres moderadamente baixas... Mulheres minúsculas. Polly Pockets. Os caras mais altos sempre, sempre, sempre vão nas mais baixinhas. Sempre.

É como se eles fossem tão apaixonados pela própria altura, que sempre querem alguém que os faça se sentirem ainda mais altos. Alguém sobre quem possam assomar. Uma bonequinha que sempre os fará se sentirem maiores e mais fortes.

Quando eu vejo um cara muito alto com uma garota muito baixa, sempre tenho vontade de chamá-lo de canto e dizer: "Você percebe que seus filhos jamais vão jogar basquete, certo?".

Não seria tão ruim se os caras mais baixos se sentissem atraídos pelas mulheres altas. Mas não se sentem. Eles não querem saber da gente.

<<**Jennifer para Beth**>> Isso é sobre o Chris? Ele está te corneando com a Holly Hunter?

<<**Beth para Jennifer**>> Holly Hunter?

<<**Jennifer para Beth**>> É a única baixinha de que pude me lembrar. E que tal a Rhea Perlman?

<<**Beth para Jennifer**>> “Corneando”? Quem fala “cornear”?

<<**Jennifer para Beth**>> Não brigue comigo. Não sou eu quem está saindo escondido com a Crystal Gayle.

<<**Beth para Jennifer**>> Crystal Gayle não é baixinha.

<<**Jennifer para Beth**>> Não é por isso que o cabelo dela parece tão comprido?

<<**Beth para Jennifer**>> Não estou falando do Chris. Chris não está interessado em ninguém, nem mesmo em mim. Estou falando do Meu Cara Fofo.

<<**Jennifer para Beth**>> O homem da Brawny? Ele está te traindo com a Mary Lou Retton?

<<**Beth para Jennifer**>> Pior. Eu o vi conversando com aquela Emilie do pessoal da noite.

<<**Jennifer para Beth**>> Aquela loirinha pequena?

<<**Beth para Jennifer**>> Ela mesma.

<<**Jennifer para Beth**>> Ela não é apenas baixinha. Ela é como uma pessoa de tamanho normal que foi miniaturizada para que tudo nela ainda estivesse em perfeita proporção. Ela é como algo que você encontraria em uma casinha de bonecas elaborada, tão minúscula e tão parecida com o real.

Já reparou na cintura dela? É infinitesimal.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu poderia colocar minhas mãos ao redor da cintura dela. Se ficar de pé ao lado dela faz com que *eu* me sinta forte e masculina, ela deve fazer o Meu Cara Fofo se sentir um deus.

<<Jennifer para Beth>> Ela é liliputiana.

<<Beth para Jennifer>> Não deixariam que ela entrasse na Splash Mountain.

<<Jennifer para Beth>> Sabe do que eu não gosto nela? O jeito como ela pronuncia o nome com "ie" no final. Todo mundo sabe que Emily se escreve "Emily". Não é fofinho pronunciar isso com "ie". Não faz de você algo único. Não te separa de todas as outras Emilys no mundo. É confuso e sem sentido.

<<Beth para Jennifer>> Os pais dela provavelmente acharam que era bonitinho. Não é culpa dela, na verdade.

<<Jennifer para Beth>> Ah, é verdade. Ao contrário daquele corpo minúsculo, pequenino, perfeito.

Quando você viu os dois juntos?

<<Beth para Jennifer>> Na noite passada. Eu terminei uma resenha e fui até a redação para entregar aos revisores. E lá estavam eles. Conversando. Na frente de Deus e de todos.

<<Jennifer para Beth>> Talvez estivessem falando de trabalho.

<<Beth para Jennifer>> Que trabalho? Ele não é da redação. O que diabos ele *faz*, afinal? Eu não acho que seja propaganda – ele usa calças cargo. Quem mais precisa trabalhar à noite? Talvez ele seja segurança. Ou zelador.

<<Jennifer para Beth>> Talvez ele trabalhe nas gráficas. Aqueles caras ficam aqui à noite.

<<Beth para Jennifer>> Ele não é da gráfica. Eles usam macacões azuis, e todos eles têm bigodes. Além do mais, ele não

estava conversando com a Emilie sobre trabalho. Ela estava rindo. E enrolando aquele rabo de cavalo amarelo dela como uma colegial.

<<Jennifer para Beth>> Ele estava rindo?

<<Beth para Jennifer>> Não exatamente. Ele estava mesmo era se mostrando pra ela. E sorrindo.

Ah, maldita seja você, Emilie Miniatura, sua sedutora diminuta.

<<Jennifer para Beth>> Isso significa que vamos ter que começar a chamá-lo de O Cara Fofo da Emilie?

<<Beth para Jennifer>> Nunca!

<<Jennifer para Beth>> Sorte sua que você já tem um homem extremamente alto em sua vida sem a síndrome de Thumbelina.

<<Beth para Jennifer>> Está tentando me fazer sentir culpada? Você nem gosta do Chris.

<<Jennifer para Beth>> Desculpe. Puxei isso da minha mãe. Eu não consigo resistir a uma oportunidade de fazer alguém se sentir culpado. Por outro lado, Chris é seu namorado.

<<Beth para Jennifer>> Que é isso? Não é como se eu o estivesse corneando.

<<Jennifer para Beth>> Acho que eu ficaria magoada se descobrisse que Mitch pensa em alguém no trabalho como "Minha Garota Fofa".

<<Beth para Jennifer>> Isso é diferente. Mitch trabalha em uma escola de ensino médio. Com garotas, de fato.

<<Jennifer para Beth>> Você sabe o que eu quis dizer.

CAPÍTULO 47

– Por que você está todo alegreinho? – perguntou Doris, atacando seu manicotti. Ela ficou emocionada quando Lincoln lhe disse que tinha trazido o suficiente para os dois.

– Não estou todo alegreinho – disse Lincoln. – Estou sorrindo. Como uma pessoa normal.

– Acho que isso tem algo a ver com uma garota.

Lincoln sorriu ainda mais e deu uma garfada.

– Eu não o culpo. Aquela Emilie é uma graça. Dava para ver que ela gostou de você.

– Não é Emilie – disse Lincoln, com a boca cheia.

– Não é ela? – perguntou Doris. – Quem é então?

– Eu não sei – disse ele, meio que honestamente.

– Bem, Emilie não é nada má. É esperta. E saudável. Ela come muitos palitinhos de cenoura.

– Ela não faz meu tipo – disse Lincoln, sentindo-se alegre. Estupidamente alegre. O que aquilo realmente significava no grande esquema das coisas, o fato de Beth tê-lo visto, ter ficado com ciúmes...?

Aquilo significava que a garota em quem ele mais pensava e de quem mais gostava também pensava nele.

– Ah, não faz? – perguntou Doris.

– Ela é um pouco baixinha – riu Lincoln.

– Ora, ora, se não somos um tanto exigentes. Diga, que tipo de queijo a sua mãe pôs nisso aqui?

– Romano – disse Lincoln.

– Hum. O cheiro é horrível, mas o gosto é delicioso.

O dia seguinte era sábado, e Lincoln tinha a academia toda só para si. Tinha ampla escolha de esteiras e revistas masculinas de exercício. Não que ele fosse capaz de ler naquele momento; não conseguia se concentrar em nada. Não conseguia parar de pensar na mensagem de Beth.

Beth.

Ela gostava dele.

Ela não o conhecia, mas gostava dele. Ela pensava nele de uma maneira física. Ela pensava em quanto espaço ele ocupava no mundo.

E ela estava com ciúmes. Quando foi que uma garota havia sentido ciúmes dele? *Sam nunca*, pensou ele, balançando a cabeça ao pensar nela, tentando afastar o pensamento com um safanão.

Beth não o conhecia. Não era ciúme de verdade. Não era nada de verdade.

Mas talvez pudesse ser. Ele gostava tanto dela, e ela gostava dele. Bem, ela gostava da aparência dele, e isso era um bom começo. Tinha de haver um jeito de ele fazer algo acontecer, conseguir ficar perto dela, tentar chamar sua atenção ou se encontrar com ela.

Ele estava distraído na esteira. Aumentou a velocidade para não tropeçar.

Beth tinha um namorado; isso era um problema. Mas estava claro que o relacionamento deles não era saudável. (Lincoln e Justin passavam mais noites de fins de semana com o namorado dela do que ela mesma.) Ele podia passar pela mesa de Beth quando sabia que ela estaria lá...

E se funcionasse? E se ela gostasse dele? Gostasse dele de verdade?

Ele não podia contar a ela sobre os e-mails. Teria de manter aquilo em segredo. Mesmo que eles se casassem e tivessem filhos. As pessoas não mantinham segredos daquele jeito o tempo todo? Um dos tios de Lincoln não sabia que sua esposa tinha sido casada antes até o funeral dela, quando todos os três ex-maridos dela apareceram...

Lincoln teria que contar a Beth.

Mas não podia contar a ela. Isso não iria funcionar. Era estúpido.

Ainda assim... ela pensava nele. Ela sentia ciúme.

Lincoln tinha tanta energia sobrando após a esteira, que foi até a sala dos pesos livres. Não havia ninguém lá, e a atendente estava lendo uma revista.

– Com licença – disse ele. – Eu preciso marcar uma aula para aprender a usar os pesos livres?

Ela abandonou a revista.

– Normalmente, sim – disse ela, olhando ao redor para a sala vazia. – Mas não hoje.

O nome dela era Becca, e ela estava se formando em Nutrição. Lincoln não sabia que era possível se formar em Nutrição. Ela era um pouco musculosa demais, um pouco bronzeada demais. Mas era extremamente paciente. E ficava assegurando a Lincoln que ele não parecia idiota.

Ela o ajudou a montar um programa de levantamento de pesos e anotou tudo em uma ficha especial.

– Assim que você pegar o jeito com isso, devia tentar acrescentar um pouco de massa – disse Becca. – Você poderia ficar bem grande. Dá para dizer pelo tamanho dos seus cotovelos.

– Meus cotovelos?

– Não há gordura no cotovelo – disse ela. – Por isso, ele é uma boa maneira de analisar a estrutura óssea, o quanto seu corpo pode

crescer. Eu tenho cotovelos pequenos para médios, então sou realmente limitada. Nunca chegarei ao nível de competição.

Lincoln agradeceu Becca com sinceridade quando terminaram, e ela lhe disse para procurá-la se ficasse entediado com seu programa de exercícios.

Ele se sentia todo dolorido quando voltou para seu carro. Ficou tentando olhar para seus cotovelos, mas era meio que impossível sem um espelho.

Naquela noite, quando ele chegou à casa de Dave e Christine, ela o recebeu na porta. Ele podia ouvir gente discutindo na sala de estar.

– O jogo já começou?

– Não, estamos esperando Teddy sair do trabalho. Dave e Larry estão jogando cards de *Star Wars* enquanto esperamos. Você joga?

– Não. É divertido?

– É, se você quiser gastar o dinheiro da faculdade dos seus filhos em um jogo de cards colecionáveis.

– Nossos filhos vão receber bolsas de estudo! – gritou Dave da sala de estar. – Lincoln, vem ver. Estou esmagando os Rebeldes sob as minhas botas!

– Não – disse Christine, sorrindo. – Venha me fazer companhia. Estou fazendo pizza.

– Claro – disse Lincoln, seguindo-a para a cozinha.

– Você pode cortar as cebolas – disse ela. – Odeio cortar cebolas. Elas me fazem chorar, e depois que eu começo a chorar, começo a pensar em coisas tristes e não consigo parar mais. Aqui, me dê sua jaqueta.

A cozinha já estava cheirando a alho. Christine tinha os ingredientes do jantar – e tudo mais – espalhados pelo balcão. Ela

Ele entregou uma faca afiada e uma cebola.

– É só abrir um espaço.

Ele afastou dois sacos de batatas, um garrafão de vinho tinto e uma iogurteira elétrica. *Essa é a garota que minha mãe queria que eu levasse para casa*, pensou ele enquanto lavava as mãos. *Ou essa é a garota que minha mãe iria querer que eu levasse para casa, se ela quisesse mesmo que eu levasse uma garota para casa. Uma garota assim, que faz seu próprio iogurte e amamenta enquanto conta algo que ela leu em um livro de ervas medicinais.*

Ele observou Christine fazer um prato para seu filho com uvas passas e fatias de banana. “O que sua mãe poderia encontrar de errado em Christine?”, imaginou ele. Alguma coisa. Eve diria que Christine sorria demais e que ela deveria usar um sutiã com mais suporte.

Ele picou a cebola em quadrados certinhos e partiu para os tomates. Seus braços ainda estavam estranhos por causa dos pesos, e seu rosto ainda estava estranho por todos os sorrisos.

– Você está diferente, Lincoln – disse Christine, abrindo mais espaço no balcão para abrir a massa. Ela olhou para ele como se estivesse fazendo uma conta em sua mente. – O que é?

Ele riu.

– Não sei. O que é?

– Você está diferente – disse ela. – Acho que perdeu peso. Você perdeu peso?

– Provavelmente – disse ele. – Estou tentando me exercitar.

– Hum – disse ela, analisando-o, massageando a massa –, isso é alguma coisa. Mas não é isso ainda... Seus olhos estão mais desanuviados. Você está com uma postura melhor. Parece estar florescendo.

– Isso não é algo que se diz a uma garota de dezesseis anos?

– Isso tem algo a ver com uma garota de dezesseis anos?

– Claro que não – disse ele, rindo outra vez. – Onde é que eu iria conhecer uma garota de dezesseis anos?

– Mas é uma garota – disse Christine, empolgada. – É uma garota!

– Quem é uma garota? – perguntou Dave, entrando. Ele foi até o refrigerador e pegou duas cervejas. – Lincoln está grávido?

Lincoln balançou a cabeça para Christine, o que, ele percebeu, a deixou ainda mais curiosa.

– Você já acabou de esmagar a Rebelião? – perguntou ela.

Dave franziu o cenho.

– Não – disse ele, irritadiço, voltando para a sala. – Mas vou conseguir.

– É uma garota! – Christine sussurrou, assim que Dave saiu. – Nossas preces foram atendidas! Conte-me tudo sobre ela.

– Você tem mesmo rezado por mim? – perguntou Lincoln.

– É claro – disse ela. – Eu oro por todo mundo de que nós gostamos. Além disso, gosto de rezar por coisas que parecem possíveis. Há tantas coisas pelas quais eu oro, que parecem grandes demais até para Deus. É recompensador rezar por algo que pode, de fato, acontecer. Isso meio que me mantém de pé. Às vezes, eu só rezo por uma safra melhor de abobrinha ou por uma boa noite de sono.

– Então você acha possível eu conhecer uma garota? – Ele se sentia genuinamente grato ao pensar que Christine estava rezando por ele. Se ele fosse Deus, ouviria as preces de Christine.

– A garota – disse Christine, sorrindo. – Mais do que possível. Até provável. Conte-me sobre ela.

Ele queria. Queria contar a alguém. Por que não a Christine? Ele não conseguia pensar em alguém menos crítico.

– Se eu contar – disse Lincoln –, você não pode dizer isso a ninguém. Nem mesmo ao Dave.

A expressão dela desabou.

– Por que não? Você está enrascado? É um segredo ruim? Ah meu Deus, você está tendo um caso? Não me conte se estiver tendo um caso. Ou indo contra a lei.

– Não estou indo contra a lei... – disse ele. – Mas posso ter utilizado uma ética questionável.

– Agora você tem que me contar – disse ela. – Ou então eu vou ficar louca.

Então ele contou tudo a ela, desde o começo, tentando não dar destaque às partes da história em que ele soava meio suspeito, mas sem disfarçá-las também. No final, Christine tinha nervosamente aberto a massa da pizza até ficar da espessura de uma folha de papel vegetal.

– Não sei o que dizer – disse ela, tornando a amontoar a massa em uma bola. Ele não podia decifrar a expressão dela.

– Você acha que eu sou horrível? – perguntou ele, certo de que ela diria que sim.

– Não – disse ela. – Ah, não, claro que não. Eu não sei como você poderia ler os e-mails das pessoas sem realmente *ler*, se esse é o seu trabalho.

– Mas eu não deveria ter continuado a ler o dela – disse ele. – Não há como contornar esse fato.

– Não – disse ela, franzindo a testa. Até essa expressão no rosto dela parecia querer se transformar em um sorriso. – Não, essa parte é complicada. Você realmente nunca encontrou com ela? Nem sabe qual a aparência dela?

– Não – disse Lincoln.

– Tem algo muito romântico nisso. Toda mulher quer um homem que se apaixone por sua alma, tanto quanto por seu corpo. Mas e se você a conhecer e não achá-la atraente?

– Acho que não me importo com a aparência dela – disse Lincoln.

Não que ele não tivesse pensado nisso. Não que não fosse excitante, de um jeito esquisito, não saber, mas só imaginar.

– Ah, isso é romântico – disse Christine.

– Bem – disse Lincoln, sentindo que estava escapando fácil demais –, eu sei que ela é atraente. O namorado dela é o tipo de cara que sai com mulheres atraentes. E eu sei que ela teve outros namorados...

– Ainda é romântico – disse Christine – apaixonar-se por alguém por quem ela é e pelo que ela diz e as coisas em que acredita. Na verdade, é muito mais romântico do que a queda dela por você, que deve ser algo completamente físico. Você não deve ser nada parecido com o que ela pensa que é.

Lincoln nunca tinha visto a situação por esse ângulo.

– Ah, não que ela vá ficar desapontada – disse Christine, tranquilizadora. – Como poderia ficar?

– Me pareceu suficiente que ela me achasse fofo – disse ele.

– Lincoln – disse ela, baixinho –, fofura nunca foi o seu problema.

Lincoln não soube o que dizer então. Christine sorriu e lhe entregou dois pimentões verdes.

– Seu problema – disse ela –, ao menos no sentido mais imediato, é que você precisa parar de ler os e-mails dessa mulher.

– Se eu parar, você acha que eu poderia tentar me encontrar com ela?

– Não sei – disse Christine, abrindo a massa de novo. – Você precisa contar a ela sobre o e-mail, e ela pode não ser capaz de superar isso.

– Você seria capaz de superar algo assim?

– Não sei... me pareceria bem bizarro. David roubou meus dados em um verão antes de começarmos a namorar, para ter algo meu perto dele durante as férias. Ele os carregava no bolso. Me pareceu meio romântico, mas meio bizarro também, e o seu caso é muito

mais esquisito. Você teria de contar para ela que foi a shows do namorado dela e que passa pela mesa dela. Não sei...

Christine começou a espalhar molho de tomate com os dedos em espirais de vermelho-vivo pela massa.

– Tem razão – disse Lincoln. Não importava que Christine não fosse tão crítica quanto Eve ou sua mãe ou qualquer outra pessoa com quem ele poderia ter conversado sobre Beth. Não havia ninguém para quem pudesse contar, ninguém que ele respeitasse, que lhe dissesse que isso fosse funcionar. – Acho que eu estraguei tudo no momento em que decidi continuar lendo os e-mails dela. O negócio é: eu nunca decidi isso conscientemente. Não foi uma decisão formal.

– Pense – disse Christine, colocando o primeiro disco de massa no forno. – Se você nunca tivesse lido as mensagens dela, ela ainda teria uma baita queda por você. Ainda estaria fofocando a seu respeito com a amiga dela. Isso deveria te fazer sentir melhor.

Mas não fez.

Naquela noite, Lincoln jogou de modo tão temerário com seu personagem, que o pobre anão perdeu três dedos do pé e foi amaldiçoado com uma cegueira. Lincoln comeu pizza demais, bebeu duas canecas da bebida caseira de Dave e desmaiou de sono no sofá.

Na manhã seguinte, Christine lhe serviu aveia e tentou aconselhá-lo a se segurar ao impulso em sua vida, a tentar canalizar tudo em uma direção mais saudável.

– Lembre-se – disse ela –, nem todos que vagueiam estão perdidos.

Ele agradeceu pelo café da manhã e por tudo mais e saiu apressado, torcendo para que ela não visse o quanto ele estava

irritado. Aquilo lhe pareceu uma coisa muito sem sentido e excêntrica a se dizer. Ainda que fosse uma de suas citações favoritas de *O Senhor dos Anéis*.

CAPÍTULO 48

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 06/12/1999 09h28

Assunto: Aposto que você é o tipo de garota que já escolheu os nomes dos bebês.

Estou certa? Quais são os nomes?

<<**Beth para Jennifer**>> Como se eu fosse te contar. Pra uma pessoa grávida.

<<**Jennifer para Beth**>> Eu não vou roubá-los.

<<**Beth para Jennifer**>> É o que todas dizem. Está começando a escolher nomes?

<<**Jennifer para Beth**>> Eu não. O Mitch está. Na verdade, ele já tem um nome de que gosta: Cody.

<<**Beth para Jennifer**>> Para menina ou menino?

<<**Jennifer para Beth**>> Tanto faz.

<<**Beth para Jennifer**>> Hummm.

<<**Jennifer para Beth**>> Vá em frente, pode dizer. Eu sei que é horrível.

<<**Beth para Jennifer**>> É, sim. Tanto para menino como para menina.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei.

<<Beth para Jennifer>> Esse nome é tão cafona quanto fazer escova na franja.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei.

<<Beth para Jennifer>> Coleciona apanhadores de sonhos.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei.

<<Beth para Jennifer>> Grita por "Dawn" como nome do meio.

<<Jennifer para Beth>> Eu sei, eu sei, eu sei.

<<Beth para Jennifer>> Então você disse: "Nenhum filho meu vai se chamar Cody, não nessa vida, nem nas próximas cinquenta"?

<<Jennifer para Beth>> Eu disse: "Vamos esperar para pensar em nomes quando soubermos o sexo do bebê".

E ele disse: "Mas é essa a beleza de Cody. Funciona para tudo".

<<Beth para Jennifer>> Eu sei que é maldoso rir de alguém que talvez precise chamar seu primogênito de Cody, mas não consigo evitar. *Funciona para tudo.*

De quais nomes você gosta?

<<Jennifer para Beth>> Não sei. Nem consigo pensar nele desse jeito, como algo com um nome.

Eu sinto que Mitch deveria escolher o nome porque ele está mais envolvido nesse assunto. É como quando você vai sair para jantar e não liga muito para onde vai, mas a outra pessoa quer muito ir a um restaurante chinês. Talvez você não adore o restaurante chinês, mas

é meio rude argumentar quando você nem mesmo se importa de verdade.

<<**Beth para Jennifer**>> Hum. Olha, eu acho que você está muito envolvida com esse bebê. É você quem o está carregando.

<<**Jennifer para Beth**>> Sim, mas Mitch é muito mais apegado a ele.

<<**Beth para Jennifer**>> Seu cordão umbilical discorda disso.

<<**Jennifer para Beth**>> Você acha que eu já tenho cordão umbilical? Só estou com seis semanas de gestação.

<<**Beth para Jennifer**>> Não é ele que alimenta o bebê?

<<**Jennifer para Beth**>> Sim, mas ele não aparece assim, do nada. Não é como se você já tivesse um cordão no seu útero, só esperando pela tomada em que vai ser ligado.

<<**Beth para Jennifer**>> Acho que ele se forma com o bebê. Isso não está em *O que esperar quando você está esperando*?

<<**Jennifer para Beth**>> Estou certa de que não sei. Não suporto esse tipo de livro. Por que toda grávida deveria ler o mesmo livro? Ou qualquer livro? Estar grávida não é tão complicado. *O que esperar quando você está esperando* não deveria ser um livro. Deveria ser um *post-it*: "Tome suas vitaminas. Não beba vodca. Acostume-se com cinturas estilo império".

<<**Beth para Jennifer**>> Eu posso ver se existe um livro chamado *O que esperar quando sua melhor amiga rabugenta está esperando*. Quero saber sobre o cordão umbilical.

<<**Jennifer para Beth**>> Bacana de sua parte dizer que eu sou sua melhor amiga.

<<Beth para Jennifer>> Você é minha melhor amiga, tonta.

<<Jennifer para Beth>> É mesmo? Você é *minha* melhor amiga. Mas eu sempre supus que outra pessoa era a sua melhor amiga e estava totalmente bem com isso. Você não precisa dizer que sou sua melhor amiga só para me fazer sentir bem.

<<Beth para Jennifer>> Você é tão besta.

<<Jennifer para Beth>> Por isso que eu imaginava que outra pessoa fosse sua melhor amiga.

CAPÍTULO 49

Naquela noite, quando Lincoln estava trocando o toner de uma impressora perto da redação, ouviu um dos revisores reclamando sobre alguns números que talvez estivessem errados em uma história.

– Se estudantes de jornalismo fossem obrigados a estudar matemática, eu poderia ter certeza – disse o cara, jogando uma calculadora para fora da mesa, frustrado.

Lincoln apanhou a calculadora e se ofereceu para conferir a conta. O revisor, Chuck, ficou tão agradecido que convidou Lincoln para sair com um pessoal da revisão depois do trabalho. Eles foram a um bar do outro lado do rio. Os bares em Iowa ficavam abertos até as duas da manhã.

Olha só para mim, pensou Lincoln, estou saindo. Com gente. Gente nova.

Ele até fez planos de jogar golfe com alguns dos caras no dia seguinte. Chuck disse a Lincoln que os revisores faziam tudo juntos porque “o horário de merda te impede de conhecer as pessoas normais”. “E também te impede”, disse outro revisor, “de descobrir que sua mulher está dormindo com algum cara que conheceu na igreja”.

Os revisores tomavam cerveja barata e pareciam meio amargos. A respeito de tudo. Mas Lincoln se sentiu em casa com eles. Todos liam muito, e assistiam muita TV, e discutiam sobre filmes como se eles fossem algo que tinha realmente acontecido.

A loirinha, Emilie, se sentou perto de Lincoln no bar e tentou fazê-lo falar sobre *Star Wars*. O que funcionou. Especialmente depois que ela lhe comprou uma Heineken e disse que não tinha notado nenhuma diferença entre o filme original e a edição especial.

Tudo a respeito de Emilie – seu narizinho empinado, seus ombros delicados, seu rabo de cavalo – lembrava Lincoln de tudo o que Beth havia escrito sobre ela. O que o fez rir e corar muito mais do que ele pretendia.

No jogo de *D&D* do fim de semana seguinte, Christine puxou Lincoln de canto para perguntar sobre sua situação no trabalho.

– Você parou de ler o e-mail daquela mulher? – perguntou ela.

– Não – disse Lincoln –, mas não passei pela mesa dela essa semana.

Christine mordeu o lábio e ninou o bebê, nervosa.

– Não sei se isso conta como progresso.

CAPÍTULO 50

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 13/12/1999 09h54

Assunto: Como foi o chá de panela?

Sua festa ao estilo chá inglês para a Kiley foi nesse fim de semana, certo?

<<**Beth para Jennifer**>> Ugh. Foi. Nem pergunte.

<<**Jennifer para Beth**>> Você tem que me contar. É para provar que você tem as habilidades necessárias para fazer o meu chá de bebê.

<<**Beth para Jennifer**>> Não quero pensar em chás neste momento. Posso até deixar de tomar chás.

<<**Jennifer para Beth**>> O que aconteceu? Você derramou chá no colo de alguém?

<<**Beth para Jennifer**>> Não. Para isso, alguém precisaria ter me dado a oportunidade de efetivamente servir chá. Aparentemente, Tri-Deltas não tomam chá. Elas tomam Coca diet – Pepsi diet, num aperto –, mas chá quente? Nem tanto.

Eu tinha cinco variedades de chás, o aparelho de porcelana da minha avó, cubos de açúcar e creme de verdade. Mas não me ocorreu comprar Coca diet quando estava me abastecendo para meu chá.

Tive que mandar o Chris para o Kwik Shop.

<<Jennifer para Beth>> O Chris foi ao chá?

<<Beth para Jennifer>> Não é que ele tenha ido. Ele simplesmente não saiu. O que foi fantástico, porque eu não tinha imaginado que sanduichinhos de festa são, tipo, oito vezes mais complicados que sanduíches normais. Chris fatiou pepinos ingleses e branqueou aspargos e passou provavelmente uma hora cortando as cascas dos pães.

De novo, não que alguém tenha reparado. Sabe do que mais Tri-Deltas não gostam, além de chá? Pão. Uma das damas de honra de Kiley chegou a dizer: "Eu nunca como pão nos fins de semana. Poupo meus carboidratos para as festas".

<<Jennifer para Beth>> A que tipo de festas ela vai? Festinhas de cupcakes?

<<Beth para Jennifer>> Acho que ela estava falando de cerveja.

<<Jennifer para Beth>> Ah, é. E, então, o que você fez?

<<Beth para Jennifer>> O que eu podia fazer? Chris foi comprar Coca diet. Todas elas o adoraram, aliás. Elas não viram nada de mais em recusar meu chá, desprezar meus sanduíches e flertar com meu namorado.

<<Jennifer para Beth>> Ele flertou de volta?

<<Beth para Jennifer>> Não exatamente. Ele foi muito solícito. Pegou gelo, copos, uma garrafa de rum e todos os vegetais extras da cozinha. E, de vez em quando, passava os dedos pelos cabelos enquanto preparava os drinks para elas, o que as fazia suspirar. Se ele não tivesse saído de fininho enquanto Kiley estava abrindo os presentes, aquelas garotas não teriam ido embora nunca.

<<Jennifer para Beth>> Foi muito legal da parte dele te ajudar. Sinto muito pela festa ter sido um desastre.

<<Beth para Jennifer>> Foi *mesmo* legal da parte dele. Ele foi legal o dia todo. Voltou para casa cerca de uma hora depois de elas terem ido embora, e eu ainda estava sentada no sofá, sentindo pena de mim mesma e pensando em como cada uma daquelas idiotas iria se casar antes de mim e em como Coca diet e rum era a bebida mais besta de todos os tempos. Deveriam batizar esse drinque de "Besta", para que as garotas que o pedem tivessem que chamar a si mesmas no bar.

Chris entrou e se sentou do meu lado, e ficou todo "não se preocupe com isso" e "pérolas aos porcos" e "você nem quer impressionar garotas como aquelas". E eu apontei que elas pareciam gostar bastante dele.

"O que isso diz a meu respeito?", disse ele. "Que eu sou atraente para mulheres que tomam Coca diet e rum?"

"Esse não é o drinque mais besta de todos os tempos?", eu disse. "O rosto de todas elas se iluminou quando você ofereceu."

"Posso reconhecer uma bebedora de Skinny Pirate a um quilômetro de distância."

E eu fiquei tipo: "Hum. Então já existe um nome para aquilo".

Daí ele me lembrou de que havia dúzias de sanduichinhos na cozinha, a maioria deles com cream cheese. Então tomamos chá e comemos sanduichinhos suficientes para alimentar uma irmandade inteira.

<<Jennifer para Beth>> Às vezes, eu realmente gosto dele.

<<Beth para Jennifer>> Eu também. Se ele fosse sempre a pessoa que foi no sábado, eu estaria levando uma vida encantada.

<<Jennifer para Beth>> Quem ele é normalmente?

<<Beth para Jennifer>> Não é como se ele fosse outra pessoa. É como se ele não fosse ninguém.

Isso soa terrível. Eu não deveria dizer isso.

<<Jennifer para Beth>> Você sente como se ele te ignorasse?

<<Beth para Jennifer>> Não. Eu sinto como se ele não me visse. Ou não visse nada. Eu diria que é como viver com um fantasma, mas fantasmas te assombram, certo? Chris, em geral, não faz nada tão envolvente.

<<Jennifer para Beth>> Você acha que ele é assim com todo mundo?

<<Beth para Jennifer>> Não. Acho que ele faz um esforço maior com desconhecidos. Quando ele está nos shows, ele meio que finge interagir com o público... Acho que isso o exaure. Acho que ele fica aliviado de voltar para casa, para alguém que não espera que ele finja. Que não espera nada.

Enfim. Como vai você? Como foi seu fim de semana?

<<Jennifer para Beth>> Tenho algumas novidades: eu dei a Mitch as más notícias sobre Cody.

<<Beth para Jennifer>> Pensei que você fosse ignorar o assunto e torcer para que desaparecesse.

<<Jennifer para Beth>> Era o que eu iria fazer, mas ele começou a chamar minha barriga de "Pequeno Cody". Eu não consegui aguentar, tive de dizer a ele para parar. Tive que dizer a ele que nenhuma parte do meu corpo – nem nada que viesse dele – jamais iria se chamar Cody.

"E que tal Dakota?", ele perguntou.

"Jamais. Sinto muito."

“Bem, não precisa ser Cody...”, disse ele. “Que nomes você prefere?”

Eu disse a ele que não sabia, mas gostava de nomes mais clássicos, distintos, como Elizabeth para menina. Ou Sarah, com H. Ou Anna. E, para menino, John ou Andrew ou até mesmo Mitchell. Eu disse a ele que adoro o nome Mitchell.

Ele nem ficou desapontado, não que eu pudesse perceber. Disse que gostava de todos aqueles nomes. Foi um alívio tão grande! Eu já estou gostando mais desse bebê, agora que sei que não se chamará Cody.

Mitch está tão feliz que isso esteja acontecendo. Acho que ele me deixaria escolher qualquer nome que eu quisesse. Ele estava sendo tão meigo, que eu quase lhe disse que Dakota talvez ficasse bom como nome do meio...

Aí decidi que preciso começar a pensar como uma mãe, com uma criança a proteger.

<<Beth para Jennifer>> Eu sabia que o seu instinto maternal entraria em ação em algum momento.

CAPÍTULO 51

Lincoln leu essa conversa mais de uma vez. Mais de duas. Mais do que deveria. E todas as vezes que leu, o nó em seu estômago se apertou um pouco mais.

Ele ainda não podia ver essa garota. Essa mulher. Mas podia visualizar Chris claramente, e, pela primeira vez desde... bem, desde que tudo isso havia começado, Lincoln ficou com raiva.

Ele odiava pensar em Chris sendo tão terno com Beth. Fazendo chá para ela, acalmando os nervos dela. Escolhendo ficar com ela. E odiava também pensar em Chris negligenciando-a, sendo ninguém com ela. Odiava pensar nos oito anos que ambos estavam juntos. Lincoln odiava pensar que mesmo que ele *pudesse* falar com Beth, ainda que isso fosse possível, ainda que não tivesse se encurralado nesse beco sem saída, ela ainda estaria apaixonada por outra pessoa.

Ele estava tão agitado durante o jantar, que deixou Doris comer sua porção de bolo de abóbora.

– Essa cobertura de limão está maravilhosa – disse ela –, tão azeda. Quem pensaria em colocar cobertura de limão num bolo de abóbora? Sua mãe deveria abrir um restaurante. O que ela faz para viver?

– Ela não trabalha – disse ele.

Sua mãe nunca havia trabalhado, desde que ele podia se lembrar. Ela ainda tinha um pouco de dinheiro do pai de Eve, de quem havia se divorciado anos antes de Lincoln nascer. E ela era uma massagista terapêutica licenciada. Aquilo tinha sido um negócio sério

por algum tempo. Às vezes, durante o verão, ela fazia massagens em uma cadeira nos mercados de pulgas. A mãe dele nunca parecia estar sem dinheiro. *Mas Lincoln provavelmente deveria estar pagando aluguel*, pensou, ou ao menos, ajudando com as compras... especialmente agora que ela também estava alimentando Doris.

– E o seu pai? O que ele faz?

– Não sei – disse Lincoln. – Nunca o conheci.

Doris fez “tsc, tsc, tsc” e engasgou com o bolo. Ela colocou a mão no ombro dele. Lincoln torceu para que Beth não entrasse naquele momento.

– Pobrezinho – disse Doris.

– Não é tão ruim assim – disse ele.

– Não tão ruim? É uma coisa terrível crescer sem um pai.

– Não foi, não – disse Lincoln, mas talvez fosse, como ele podia saber? – Foi tudo bem.

Doris deu-lhe alguns tapinhas de consolação na mão antes de retirar a dela.

– Não é de se espantar que sua mãe cozinhe para você.

Lincoln voltou para sua mesa após o jantar e tentou pensar sobre seu pai. (A quem ele realmente nunca tinha conhecido. Que talvez nem soubesse que Lincoln existia.) Acabou pensando em Sam, em vez disso. Ela costumava dizer a Lincoln que ele devia “trabalhar essa coisa de garoto sem pai”.

– É muito romântico – disse ela. Estavam no parque. Sentados no topo do trepa-trepa. – Muito James Dean em *Vidas amargas*.

– James Dean é um garoto sem mãe em *Vidas amargas*. – Lincoln não havia assistido ao filme, mas lera o livro. Ele tinha lido tudo de Steinbeck.

– E que tal *Juventude transviada*?

– Acho que ele tinha pai e mãe nesse.

– Detalhes – disse Sam. – James Dean fedia a garoto sem pai.

– E como é que isso é romântico? – Lincoln perguntara.

– Faz você parecer imprevisível – disse ela. – Como se um abismo de tristeza pudesse se abrir em sua personalidade a qualquer momento.

Ele rira então, mas agora aquilo não parecia tão engraçado. Talvez fosse ali que ele estivesse preso. No abismo de tristeza.

– Mamãe disse que você tem agido de modo estranho – disse Eve quando ele a encontrou para o almoço no dia seguinte, no KFC. (Escolha de Eve.)

– Como assim, estranho?

– Ela disse que seu humor oscila o tempo todo e que está perdendo peso. Ela acha que você pode estar tomando pílulas para emagrecer. Ela o comparou a Patty Duke.

– Estou perdendo peso porque entrei numa academia – disse ele, soltando seu “garfolher”. – Eu já te contei sobre isso. Eu vou lá antes do trabalho.

– Na verdade, dá para notar – disse ela. – Você está bem. Está com uma postura melhor. E sua barriga de cerveja está sumindo.

– Eu não tomo tanta cerveja assim.

– É um modo de dizer – disse ela. – Você está muito bem.

– Obrigado.

– E, então, por que está agindo de modo tão estranho?

Ele quase argumentou que não estava, mas aquilo lhe pareceu sem sentido e meio mentiroso.

– Não sei – disse, em vez disso. – Às vezes, acho que estou muito feliz. Eu me sinto melhor, fisicamente, do que senti por muito tempo. E, socialmente, também me sinto melhor. Como se estivesse me conectando às pessoas. Estou conversando com gente nova, e não é tão difícil como costumava ser.

Isso era verdade, apesar de que as pessoas novas provavelmente não fossem o tipo de pessoa com que Eve esperava que ele se conectasse...

Doris.

E Justin e Dena, que não eram exatamente novos.

E os revisores, que eram muito parecidos com jogadores de *D&D* que não jogavam *D&D*. Vários deles eram garotas – não garotas em quem Lincoln estivesse interessado, mas garotas.

Beth e Jennifer pareciam contar. Apesar de obviamente não contarem.

– Sinto que finalmente estou superando as coisas – disse Lincoln.

– Isso parece estúpido, não é?

A irmã dele observava seu rosto com atenção.

– Não – disse ela –, isso parece muito bom.

Ele assentiu.

– Mas ainda me sinto sem esperança algumas vezes. Não gosto do meu trabalho. E parei de pensar em arrumar outro. E, embora eu raramente pense em Sam, ainda parece impossível que eu possa ter algo como aquilo outra vez. Um relacionamento, acho.

Se ele tivesse feito essa confissão para a mãe, ela teria explodido em lágrimas. Mas Eve olhou para Lincoln do jeito que ele olhava para as pessoas quando elas estavam explicando seus problemas com o computador. Ele se sentiu parcialmente responsável por aquela ruga entre as sobrancelhas dela.

– Certo – disse ela. – Acho que isso é bom.

– Como pode ser bom?

– Bem, você acaba de me contar sobre todas essas coisas boas na sua vida – disse ela. – Grandes melhoras de onde estava há apenas seis meses.

– É.

– Então, que tal se, em vez de pensar em resolver toda a sua vida, você pensasse em simplesmente acrescentar coisas boas? Uma de cada vez. Deixe sua pilha de coisas boas crescer.

– Isso é conselho de investimento, não é? Você está fazendo *personal banking* comigo.

– É um conselho bom – disse ela.

Ele ficou quieto por um momento.

– Eve, você acha que foi prejudicial crescer sem um pai?

– Provavelmente – disse ela, roubando o biscoito dele. – É isso o que está te incomodando?

– Estou apenas tentando descobrir o que há de errado comigo.

– Bem, pare com isso – disse ela. – Já falei, descubra o que há de certo em você.

Antes de saírem, ela o convenceu a levar seu filho mais velho para assistir ao filme do Pokémon naquele fim de semana.

– Não posso levá-lo – disse Eve –, sou alérgica a Pikachu. – Daí ela disse: – Pegou? Pikachu? *Pikachu*. Soa como se eu estivesse espirrando.

Quando eles saíram do KFC, Lincoln parou Eve na calçada para lhe dar um abraço. Ela permitiu que ele o envolvesse em seus braços por apenas um momento. Depois lhe deu alguns tapinhas desajeitados nas costas.

– Certo, é o bastante – disse ela. – Poupe isso para a mamãe.

Lincoln encontrou Justin e Dena no Ranch Bowl naquela noite. Lincoln usava sua jaqueta jeans nova. Tivera de comprar jeans novos naquela semana, menores, e a jaqueta havia sido uma compra de impulso. Ele vestia uma parecida na época do ensino médio, e aquela tinha sido a última vez que ele havia chegado perto de se sentir “o cara”. Ele se esqueceu de tirar a etiqueta de preço,

por isso Justin o chamou de “a porra da Minnie Pearl” e “Extra-Extra-Grande” a noite toda. Eles ficaram na rua até tão tarde, que Lincoln dormiu demais e não teve tempo de tomar um banho antes de pegar seu sobrinho na tarde seguinte.

– Você está cheirando a fumaça de cigarro – disse Jake Jr., entrando no carro de Lincoln. – Você fuma?

– Não. Eu fui a um show ontem à noite.

– Com cigarros? – perguntou o menino de seis anos. – E bebida?

– Algumas pessoas estavam fumando e bebendo – disse Lincoln –, mas eu, não.

Jake balançou a cabeça com tristeza.

– Esse negócio vai te matar.

– Mas é verdade – disse Lincoln.

– Espero que essa fumaça não pegue em mim. Tenho que ir para a escola amanhã.

O filme do Pokémon foi ainda pior do que Lincoln havia esperado. Era quase um alívio toda vez que Jake Jr. precisava ir ao banheiro.

– Minha mãe diz que eu não posso ir sozinho – sussurrou Jake. – Ela diz que eu sou tão bonitinho que alguém pode tentar me levar.

– Minha mãe costumava me dizer a mesma coisa – disse Lincoln.

CAPÍTULO 52

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Seg, 20/12/1999 13h45

Assunto: Meu Cara Fofo tem um filho.

Dá para acreditar? Um filho! E provavelmente uma esposa também. Como ele pôde fazer isso comigo?

<<**Jennifer para Beth**>> ???

<<**Beth para Jennifer**>> Exatamente o que eu pensei.

<<**Jennifer para Beth**>> O que eu quis dizer foi: me dê a informação que você possui e eu não – essa que está fazendo você falar como alguém doido.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu o vi (os vi) ontem no Cinema Center. Estava indo assistir a *Clube da luta* outra vez e, enquanto comprava meu ingresso, vi Meu Cara Fofo na fila da pipoca. Então – não julgue – entrei na fila atrás dele (deles), logo atrás dele, e apenas absorvi sua presença por três minutos e meio.

<<**Jennifer para Beth**>> Ainda estou confusa. Você o viu com sua esposa e o filho? E então absorveu a presença dele? O que é que isso significa?

<<**Beth para Jennifer**>>

Só a criança. Uma criança de cinco a dez anos de idade.

E “absorver a presença dele” significa:

Ficar de pé. Exaltando. Inalando. Tentando não morder o ombro dele.

Perceber que minha boca fica na altura exata do ombro dele.

Memorizar o que ele estava vestindo – calças camufladas, botas de caminhada, uma jaqueta jeans da Levi's. (Uma jaqueta jeans muito 1985. Difícil de explicar, mas muito, muito fofa.)

Reparar que os ombros dele podem ser os ombros mais largos que eu já vi em alguém que não fosse um lenhador. Me maravilhar por ser o tipo de garota que acha um pescoço largo ridiculamente atraente. (Será que é qualquer pescoço largo? Ou será só o dele? Não sei.)

Imaginar que se eu ficar de pé tão perto dele assim em outro lugar qualquer, como num mercado ou num restaurante, as pessoas poderiam pensar que estivéssemos juntos.

Decidir que o cabelo dele é uns três tons mais claro que o meu. Cor de chocolate cadbury.

Pensar que eu provavelmente podia esbarrar nele e fazer parecer acidental.

Imaginar qual é o nome dele. E se ele é tão legal quanto parece ser. E se ele gosta de piña colada e de ser surpreendido pela chuva...

*
—

<<Jennifer para Beth>> Hum. Estou julgando. Não consigo evitar.

<<Beth para Jennifer>> Mas não cheguei a *fazer* nada. Ele estava lá. E eu estava lá. E nós dois gostamos de pipoca...

<<Jennifer para Beth>> Você não precisava se exaltar.

<<Beth para Jennifer>> *Au contraire, mon frere.* Teria sido impossível fazer outra coisa.

<<Jennifer para Beth>> Como você sabe que era filho dele? Talvez fosse seu irmãozinho. Ou seu Irmão Caçula.

<<Beth para Jennifer>> Não, eles estavam agindo como pai e filho. Eu tive 75 minutos para avaliar a situação. Eu acabei – lembre-se, não julgue – seguindo os dois para dentro da sala deles, *Pokémon, o Filme: Mewtwo contra-ataca*, e me sentei seis fileiras atrás deles. MCF se sentou com o braço ao redor da cadeira do menino o tempo todo. Ele até se levantou três vezes para levá-lo ao banheiro. E quando o filme terminou, ele, com muito cuidado, colocou o cachecol no menino.

<<Jennifer para Beth>> Então você ficou lá o filme todo? Não foi ver *Clube da luta*? (Julgando *bastante* neste momento.)

<<Beth para Jennifer>> Você acha que eu iria perder a chance de me sentar no escuro com Meu Cara Fofo por uma hora e meia? Eu já sei quem é o Tyler Durden. (E eu voltei para pegar o último horário de *Clube da luta* depois de seguir Meu Cara Fofo até em casa.)

<<Jennifer para Beth>> Desminta isso. Você não o seguiu até em casa.

<<Beth para Jennifer>> Eu tentei. Mas o perdi na rodovia.

<<Jennifer para Beth>> Isso é algo que uma pessoa assustadora faria.

<<Beth para Jennifer>> Sério? Eu me senti mais intrometida que assustadora.

<<Jennifer para Beth>> Como você o perdeu? Ele fez manobras evasivas?

<<Beth para Jennifer>> Não. Você já seguiu algum carro? É muito difícil, apesar de ele dirigir um carro bastante característico, um Toyota Corolla. (Um Toyota Corolla antigo, do tipo que as pessoas dirigiam na época em que ainda era embaraçoso dirigir um carro japonês.) Estou torcendo para que isso signifique que ele é divorciado e não pode bancar um carro decente. Mas pode ser meio maldoso torcer por isso; afinal, há uma criança envolvida. Queria saber se ele usa aliança.

<<Jennifer para Beth>> Não acho que Emilie estaria se jogando para cima dele se ele usasse aliança.

<<Beth para Jennifer>> Boa observação. Mesmo assim... Não tenho certeza se estou pronta para ser madrasta.

<<Jennifer para Beth>> É muita coisa para se pensar.

<<Beth para Jennifer>> É, sim.

<<Jennifer para Beth>> Você não vai tentar segui-lo outra vez, vai? Agora que sabe que carro ele tem?

<<Beth para Jennifer>> Hum. Provavelmente não. Mas ainda vou ficar muito tempo ali pela copa, torcendo para topar com ele.

<<Jennifer para Beth>> É justo. Não acho que você possa ser presa por isso. O que você faria se *topasse* com ele?

<<Beth para Jennifer>> Se eu literalmente topasse com ele? Não tenho certeza. Mas talvez envolvesse nunca mais lavar esse suéter.

<<Jennifer para Beth>> Você conversaria com ele? Flertaria com ele?

<<Beth para Jennifer>> Está brincando? Que tipo de piranha você acha que eu sou? Eu tenho um namorado. Mais do que um namorado. Estou vivendo em pecado.

<<Jennifer para Beth>> Você é uma mulher complicada.

<<Beth para Jennifer>> Não diga.

CAPÍTULO 53

Lincoln não passou pela mesa de Beth naquela noite. Na próxima vez que visse Christine, ele queria poder dizer a ela que ainda não tinha voltado a fazer isso. Mas, no final da noite, antes de ir embora, ele imprimiu o parágrafo que Beth havia escrito sobre ele. Percebeu que isso era cruzar outra fronteira. (Quantas fronteiras se pode ter?) Mas era o mais próximo de receber uma carta de amor – ainda que ele não tivesse de fato recebido a carta, e, sim, tomado – e ele queria poder ler aquilo de novo. Guardou o parágrafo em sua carteira.

Na noite seguinte, Lincoln estacionou seu Corolla bem junto à porta de entrada do *The Courier*. *Estou aqui*, pensou ele. *Encontre-me. Siga-me. Torne isso inevitável.*

CAPÍTULO 54

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Ter, 21/12/1999 11h46

Assunto: Vão demolir o Indian Hills em março.

Acabo de receber uma ligação do antigo dono. Eles vão fazer um fim de semana de despedida antes que comecem a retirar os assentos. Estão esperando que venha gente de fora da cidade para o evento. Fãs de Cinerama.

<<**Jennifer para Beth**>> Uma pena. Toda vez que eu passava de carro por ali e via que o edifício ainda estava lá, pensava que talvez eles fossem mudar de ideia.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu também.

Pelo menos, estão fazendo uma grande festa de despedida. E os lucros irão para uma entidade de caridade para preservação de filmes. Estou escrevendo uma história a respeito.

<<**Jennifer para Beth**>> Vai ter terminado pela hora do almoço?

<<**Beth para Jennifer**>> Provavelmente. Por quê?

<<**Jennifer para Beth**>> Eu queria ver se você podia me dar uma carona. Vou me encontrar com Mitch no consultório da doula. É a nossa primeira visita regular de pré-natal. Parece que já vamos conseguir ouvir o coração.

<<**Beth para Jennifer**>> Claro que eu posso te dar uma carona. Isso é tão empolgante! É como se fosse *real* agora. Não está ficando empolgada? Nem um pouquinho?

<<**Jennifer para Beth**>> Acho que devo estar. Eu finalmente contei para minha mãe que estou grávida. Só uma pessoa empolgada (ou burra) faria isso.

<<**Beth para Jennifer**>> Ela ficou feliz? Aposto que ficou feliz.

<<**Jennifer para Beth**>> Ficou. Eu havia acabado de levá-la para pagar a conta de gás, e estávamos jantando no Hardee's. Eu despejei tudo e ela quase engasgou com uma batata frita curly. Ela ficou: "Um bebê? Vamos ter um bebê? Ah, *um bebê*. Um bebê todo nosso". Eu achei a resposta dela estranhamente possessiva, mas também foi positiva. Ela ficou tentando me abraçar.

Daí ela disse: "Ah, espero que seja uma menininha, meninas são tão divertidas". Acho que ela queria acrescentar um "de estragar", mas enfim.

Passaram-se 45 minutos no total antes de ela dizer algo maldoso: "É melhor você tentar não engordar tudo aquilo de novo. Mitch não chegou a te ver gorda". O que nem é verdade. Eu usava tamanho 52 quando começamos a namorar. Só fui perder peso *anos* depois. Eu disse isso a ela, e ela respondeu: "Você usava tamanho 52? Com a sua altura? Eu não sabia que tinha chegado a esse ponto".

<<**Beth para Jennifer**>> Às vezes eu tenho pena da sua mãe... e às vezes eu simplesmente a odeio.

<<**Jennifer para Beth**>> Bem-vinda aos últimos vinte anos da minha vida. Acho que ela pensa que me fez um favor ao me criar me fazendo acreditar que o mundo inteiro estava contra mim, certificando-se de que eu nunca acreditasse muito em algo.

Quando eu cheguei em casa, Mitch estava arrumando a luz no quarto de visitas. (Eu sei que ele está transformando aquilo no quarto do bebê, mas não estou pronta para conversar a respeito.) É sempre esquisito passar da minha mãe para o Mitch. Não parece que eu deveria ser capaz de conseguir essa vida a partir da antiga, como se não houvesse sequer estradas ligando esses dois lugares.

De qualquer maneira, eu entrei, e Mitch – que obviamente não sabia o inferno que eu havia acabado de atravessar – disse algo tão bacana, que eu consegui deixar tudo para trás.

<<Beth para Jennifer>> O que ele falou?

<<Jennifer para Beth>> É meio pessoal.

<<Beth para Jennifer>> Tenho certeza de que é bastante pessoal. Mas você não pode dizer “e então Mitch disse algo tão maravilhoso, que curou a tuberculose que é a minha mãe” sem me contar o que ele disse.

<<Jennifer para Beth>> Não é nada tão profundo. Ele só disse, em vez de oi, que eu estava linda – e que, quando a gente se casou, ele nunca tinha imaginado que eu ficaria mais linda para ele a cada ano que se passava. Ele disse que isso não tinha nada a ver com o fato de eu estar reluzindo. “Apesar de você estar.” Ele estava em cima de uma escada quando disse isso, o que fez tudo parecer quase shakespeariano.

<<Beth para Jennifer>> Se você morrer em um acidente bizarro, vou me casar com o Mitch e viver feliz para sempre. (Eu vou viver feliz para sempre, porque Mitch é o melhor marido de todos os tempos. Mitch, contudo, vai passar o resto da vida sofrendo pelo seu amor verdadeiro. Você.)

<<Jennifer para Beth>> Minha consulta é às 12h30.

<<**Beth para Jennifer**>> Estarei pronta ao meio-dia.

CAPÍTULO 55

Chuck, o revisor, convidara Lincoln para se juntar ao clube dos cinco noturnos. Alguns revisores e algumas pessoas da montagem se reuniam toda quarta ao meio-dia em um restaurante no centro. Chuck lhe contou que o pessoal da montagem era um cruzamento entre um revisor e um artista, mas com facas. Ele tinha levado Lincoln até a sala de produção uma noite para vê-los trabalhando.

The Courier ainda não fazia paginação nos computadores, por isso todas as histórias eram impressas em longas colunas, então cortadas e coladas com cera em páginas mestras, diferentes mestras para cada edição. Lincoln assistiu a um artista da montagem reconstruir a primeira página em cima do prazo, fatiando e colando colunas, reorganizando tudo como pedaços de um quebra-cabeça.

Os artistas da montagem e os revisores estavam razoavelmente seguros de que conseguiriam colocar o jornal na rua a tempo na manhã de Ano-Novo, mesmo se os computadores os deixassem na mão.

– E quando é que eles não deixam a gente na mão? – disse Chuck, com a boca cheia de club sandwich. – Sem ofensa, Lincoln.

– Não me ofendi – disse Lincoln.

– Os computadores vão mesmo falhar? – uma das artistas lhe perguntou, lambendo ketchup do polegar. Ela perguntava como se estivesse torcendo para que ele dissesse que sim. Lincoln não conseguia se lembrar do nome dela, mas ela tinha um cabelo todo bagunçado e olhos grandes e castanhos. Ele não gostava de pensar nela com um estilete na mão.

– Acho que não – disse Lincoln. – O código é bem simples, e temos um supertime de especialistas internacionais em computação trabalhando nisso. – Ele pretendia soar sarcástico, mas acabou soando sincero.

– Está falando daquele moleque croata que consertou a impressora colorida? – perguntou Chuck.

– Alguém consertou a impressora colorida? – perguntou Lincoln.

– Eu só sei que não vou levar a culpa se o editor não puder ler seu jornal enquanto come seu ovo mole na manhã do Ano-Novo – disse Chuck. – Já vou ter de pagar pensão neste mês.

Até Doris estava preocupada com o bug do milênio.

Ela tinha perguntado a Lincoln naquela semana se deveria se dar ao incômodo de vir trabalhar no dia de Ano-Novo. Quando os computadores todos parassem, perguntou ela, será que as máquinas de venda de comida também seriam afetadas? Lincoln disse a ela que achava que nada iria parar. Ele, então, lhe oferecera uma fatia de torta de batata-doce.

– Acho que vou ficar em casa nessa noite de qualquer jeito – disse ela. – Armazenar as necessidades básicas.

Lincoln imaginou um refrigerador cheio de sanduíches de peru e armários cheios de produtos Pepsi.

– Não comia uma torta de batata-doce como essa desde que era garotinha – disse Doris. – Preciso escrever um bilhete de agradecimento a sua mãe.

A mãe de Lincoln não conseguia se decidir se o problema do milênio era uma coisa boa ou ruim. Ela tinha certeza de que seria o caos, mas, talvez – dissera –, recuar um pouco faria bem a todo mundo.

– Eu não preciso de uma rede global – disse ela. – Não preciso ter meus vegetais entregues por via aérea de outros continentes. Ainda

temos uma máquina de lavar de rolos no porão, sabia? Vamos nos virar.

Lincoln não tentou argumentar. Ele achava que sua mãe provavelmente gostaria muito do movimento Steampunk.

Enquanto isso, sua irmã havia preenchido um quarto no porão *dela* com enlatados.

– É uma situação boa por todos os ângulos – disse Eve. – Se tudo for bem, não preciso ir ao mercado por um ano. Se não, a mamãe vai ter que vir até a minha casa e viver de espaguete em lata, e vai ter que gostar.

Lincoln planejava trabalhar na noite de Ano-Novo, com o resto do pessoal de TI. Mas Justin e Dena queriam que ele fosse a uma grande festa de Ano-Novo no Ranch Bowl. Sacajawea seria a banda principal, e haveria champanhe nas torneiras. Justin estava chamando aquilo de “libertinagem do milênio”.

E Christine o convidara para uma Festa de Reaniversário naquela noite.

– Você não vai mesmo chamar a festa assim, vai?

– Não provoque, Lincoln. O Ano-Novo é meu feriado favorito. E este é o maior Ano-Novo de todos.

– Mas é um feriado de nada, Christine. É um odômetro girando.

– As pessoas adoram ver odômetros girar – disse ela.

– É um número.

– Não é – disse ela. – É uma chance de acordar novo em folha.

CAPÍTULO 56

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Qua, 22/12/1999 11h36

Assunto: E então...

Como foi a sua consulta?

<<**Jennifer para Beth**>> Blah. Já engordei duas vezes o que deveria ter engordado, mesmo com todo o vômito. O bebê estava na posição errada para ouvir a batida do coração, e Mitch não parava de perguntar coisas para a doula. Ele queria saber tudo sobre epidurais e episiotomia e algo chamado de "amadurecimento cervical". Isso não soa repugnante? Agora ela acha que *nós dois* somos loucos.

<<**Beth para Jennifer**>>

Por que a sua doula acha que *você* é louca?

Como é que alguém sabe quando a sua cervical está madura? Dá uma batidinha nela?

<<**Jennifer para Beth**>>

Todos os meus assuntos mais malucos vêm à tona no consultório dela. Sexo. Maternidade. Ficar nua na frente dos outros.

Eu não sei. Eu estava tentando não prestar atenção. Mas ficou claro que Mitch tem lido sobre parto escondido de mim e que ele está apaixonado pela ideia de *parto natural*, o que me parece bastante cômico. Eu não me importaria com uma anestesia geral.

<<**Beth para Jennifer**>> Uma pena que ele não possa engravidar.

<<**Jennifer para Beth**>> Ah, meu Deus, ele adoraria isso.

CAPÍTULO 57

Com todos falando sobre o Ano-Novo, o Natal chegou como uma lembrança de última hora.

Lincoln precisou trabalhar na noite da véspera de Natal.

– Alguém precisa vir – disse Greg –, e não serei eu. Aluguei uma fantasia de Papai Noel.

Não importava. Eve passaria o Natal com a família de Jake no Colorado, e a mãe de Lincoln não gostava muito do Natal nem “desses feriados judaico-cristãos”.

Lincoln trabalhou na noite da véspera de Natal, depois foi jantar com uma porção dos revisores. Havia um cassino do outro lado do rio com um bufê aberto 24 horas.

– Hoje tem patas de caranguejo – disse Chuck –, por causa do nascimento de Cristo.

A mini Emilie foi junto. Lincoln podia dizer que ela o observava, mas tentou não encorajá-la. Ele não queria trair Beth. *Eles não permitiriam que você andasse na Splash Mountain*, pensou ele.

Ele passou o dia de Natal com sua mãe, comendo biscoitos frescos de gengibre e assistindo a filmes de Jimmy Durante na TV aberta.

Quando ele desceu as escadas na manhã seguinte, sua mãe estava no telefone, falando sobre manteiga.

– Pfff – disse ela –, é comida de verdade. Comida de verdade não faz mal. É todo o resto que está nos matando. As tintas. Os pesticidas. Os conservantes. Margarina. – Sua mãe tinha um desdém

especial por margarina. Descobrir que uma família mantinha margarina no porta-manteiga era como descobrir que seus animais de estimação não tinham sido treinados para estar dentro de casa. Se margarina era uma ideia tão boa, dizia ela, por que Deus não a havia dado para nós? Por que Ele não prometeu aos israelitas que os levaria para a terra de margarina e mel? Os japoneses não comem margarina, dizia ela. Os escandinavos não comem margarina. – Meus pais eram saudáveis feito cavalos – disse ela a quem estava do outro lado da linha –, e eles tomavam a nata diretamente do topo do balde.

Lincoln pegou o último biscoito de gengibre e foi para a sala. Eve tinha dado à mãe um DVD player de Natal, e ele prometera que iria instalar o aparelho. Ele achou que estava tudo funcionando – eles não tinham nenhum DVD para testar – quando sua mãe entrou na sala.

– Bem – disse ela, sentando-se lentamente no sofá.

– Que foi? – perguntou ele. Podia ver que ela queria que perguntasse.

– Bem... – disse ela. – Eu acabo de sair de uma conversa com uma mulher chamada Doris.

Lincoln rapidamente olhou para cima. Sua mãe já estava olhando para baixo, para ele, como se estivesse confrontando-o com alguma evidência incriminatória. Como se estivesse claro que ele havia cometido o crime com o castiçal na sala de estar, e ela tivesse o castiçal para provar tudo.

– Ela agiu como se eu devesse reconhecer o nome dela – disse a mãe – e não parava de me agradecer.

Lincoln sentiu seu rosto desabar. Por que Doris ligaria para ele em casa?

– Eu posso explicar – disse ele.

– Doris já explicou – disse sua mãe. Ele não conseguia distinguir se ela estava nervosa ou não. – Ela disse que você divide seu jantar com ela quase todas as noites.

– Bem – disse ele, com cuidado –, é verdade.

– Eu sei que é verdade. Aquela mulher sabe tudo que saiu da minha cozinha no último mês. Ela quer a receita dos bolinhos de salmão da sua avó.

– Me desculpe – disse Lincoln. – Eu não pude evitar. Você precisava ver o que ela leva para jantar: peito de peru no pão de forma, todo santo dia. E você sempre me manda um banquete. Eu me senti culpado de comer na frente dela.

– Eu não ligo que você divida – disse a mãe dele. – Só não sei por que você não me contou que estava fazendo isso, que estava dando minha comida para... uma desconhecida...

Ela o encarou com os olhos estreitados.

– Eu me perguntava como você podia comer tanto e ainda perder peso. Pensei que estava tomando esteroides.

– Não estou tomando esteroides, mãe. – Aquilo o fez rir.

E fez com que ela risse.

– Então é isso? – perguntou ela. Ainda havia algo em sua voz. Preocupação.

– O que quer dizer?

– Você sente pena dela?

– Bem – disse Lincoln. Ele não tinha como contar à mãe que ele jantava com Doris para aumentar suas chances de encontrar uma garota que nunca tinha conhecido de fato. – Acho que somos amigos. Doris, na verdade, é bem engraçada. Nem sempre intencionalmente...

A mãe dele respirou fundo, como se estivesse se preparando. A voz de Lincoln foi sumindo.

– Ah, mãe, não! Não é nesse sentido. Não poderia estar mais longe disso. Mãe! Meu *Deus*.

Ela colocou a mão na testa e soltou o ar.

– Por que você está sempre se preparando para que eu te conte algo bizarro? – perguntou ele.

– O que é que eu devo pensar quando ouço que você janta com a mesma mulher todas as noites? E não seria tão bizarro, sabe, várias amigas minhas desfrutam da companhia de homens mais jovens.

– *Mãe*.

– Tem certeza de que Doris compreende as suas intenções?

– *Sim*. – Agora era ele que estava com a testa nas mãos.

– Você sempre foi generoso demais – disse ela, pousando a mão sobre a cabeça dele. – Lembra-se de quando colocou todos os seus bonequinhos na caixa de doações do Exército da Salvação?

Ele se lembrava. Snaggletooth e Luke Skywalker, piloto da X-Wing. Tinha sido um impulso. Ele acabou chorando até pegar no sono aquela noite quando compreendeu as repercussões de seu ato.

Ela empurrou o cabelo dele para o lado, para longe da testa, e segurou-o ali por um instante.

– Está com vontade de waffles? – perguntou ela, de repente, levantando-se. – Eu já fiz a massa. Ah, e não coma o resto do cordeiro. Eu disse a Doris que você levaria uma costeleta para ela...

– Foi por isso que ela ligou? – perguntou ele. – Para te agradecer?

– Ah, não – disse a mãe dele, falando mais alto enquanto entrava na cozinha. – Ela ligou para você. Está se mudando; você sabia que ela estava se mudando? Ela disse que o pessoal da mudança apareceu para pegar a mobília e que eles estavam jogando as coisas de um lado para o outro como o gorila da Samsonite. Ela não confiou neles para levar a cristaleira da avó dela, e eu não a culpo. Eu ofereci para que você fosse até lá, afinal, tem costas jovens e fortes, mas ela disse que isso pode esperar alguns dias. O que você

acha, chantilly ou xarope de bordo nos waffles? Ou as duas coisas?
Temos as duas coisas.

– Os dois – disse Lincoln. Ele a seguiu para a cozinha, sorrindo, mas tonto. Até quando ele e sua mãe estavam na mesma página, Lincoln sentia como se mal estivesse acompanhando.

CAPÍTULO 58

Todos de TI ficaram até mais tarde naquela semana, até o pessoal que não estava ajudando diretamente com o código. Greg estava dominado pela ansiedade. Ele tinha certeza de que os moleques do Y2K o estavam enrolando. Ele disse a Lincoln que seu médico lhe passara uma receita de Paxil. Lincoln continuava observando a Força de Ataque Internacional em busca de sinais de medo ou evasão. Mas eles apenas ficavam sentados no canto, encarando telas cheias de código, calmamente digitando e tomando Mountain Dew.

Com toda a empresa e todo o trabalho, Lincoln não teve uma chance de ficar obcecado pela pasta WebShark ou andar à toa pela redação. Ele nem mesmo tirou um intervalo real para o jantar até a quinta-feira. (T-menos 27 horas). Doris ficou contente ao vê-lo, e mais contente ainda ao ver que ele trouxera bolo de chocolate.

– Rapaz, sua mãe é uma figura – disse ela, enquanto Lincoln desembulhava o bolo. – Um dínamo, posso ver logo, além de ser uma boa cozinheira. Aposto que ela também é bonita. Por que é que ela não se casou de novo?

– Não sei dizer – disse ele.

Ele não conseguia imaginar sua mãe casada, apesar de saber que ela o tinha sido, brevemente, com o pai de Eve. Vira a foto dela no casamento, usando um minivestido de renda branca e seu cabelo em uma bolha loira. Lincoln não conseguia sequer imaginar sua mãe saindo em um encontro. Eve disse que tudo era diferente antes de ele nascer. Ela se lembrava de homens e festas e desconhecidos no café da manhã...

– Não fui capaz nem de pensar em namorar pelos primeiros anos depois que meu Paul morreu – disse Doris. – Mas aí percebi que eu poderia viver por mais quarenta anos. Isso é mais tempo do que Paul e eu estivemos juntos. Eu não acho que ele iria querer me ver chorando por aí por quarenta anos, eu sei que não.

– E então você começou a namorar?

– Com certeza, sim – disse Doris. – Tenho dois cavalheiros que vejo regularmente. Nada sério ainda, mas nunca se sabe.

Lincoln estava começando a pensar se estava jantando com Doris só para ser gentil, ou se era o contrário.

– Minha mãe disse para eu avisar para não se preocupar com a pressão arterial – disse ele, entregando um garfo de plástico para Doris. – Ela fez o bolo com azeite de oliva.

– Azeite de oliva em um bolo? – disse Doris. – Ele é verde?

– É bom – disse Lincoln. – Eu já comi três pedaços.

Doris deu uma boa garfada.

– Minha nossa – disse ela, com a boca cheia de farelos –, isso é bom. Tão úmido. E a *cobertura*... você acha que ela usou azeite de oliva nela também?

– Acho que a cobertura foi feita com manteiga – disse ele.

– Ah, tudo bem.

Uma mulher entrou na copa e parou na frente da máquina de salgados atrás deles. Ela era jovem, da idade de Lincoln, e alta. Seu cabelo estava preso no alto em um coque escuro e espesso, e ela tinha sardas espalhadas pelo rosto. Bonita...

– Oi, Doris – disse ela.

– Oi, querida – disse Doris. – Trabalhando até tarde?

A mulher, a garota, sorriu para Doris e assentiu, depois sorriu para Lincoln. Ela tinha ombros largos e um peito alto e generoso. A garganta de Lincoln se apertou. Ele sorriu de volta. Ela se virou para a máquina de salgados. Ele nunca a vira antes, ou vira? Ela se

inclinou para pegar algo da máquina. Mechas de cabelo estavam escapando em caracóis suaves em sua nuca. Ela caminhou decidida para a porta. Estava usando uma camisa branca justa e calças sociais de veludo rosa-choque. Cintura mais para pequena. Quadril um tanto amplos. Uma curva suave no final das costas. Tão bonita.

– Uma pena que essa daí tenha namorado – disse Doris, quando a porta se fechou atrás da mulher. – É uma garota boa... e do seu tamanho também. Você não precisaria quebrar o pescoço quando fosse lhe dar um beijo de boa noite.

Lincoln pôde sentir suas bochechas e seu pescoço enrubescerem. Doris gargalhou.

– E com isso – disse ele, ficando de pé –, acho melhor voltar ao trabalho.

– Obrigada pelo bolo, rapaz – disse ela.

Lincoln passou pela redação, hesitante, em sua volta para o escritório de TI.

Talvez fosse ela. Beth. Talvez. Talvez esta fosse a noite, sua noite, de falar com ela. Na véspera da véspera do novo milênio. Ela tinha sorrido para ele. Bem, estava provavelmente sorrindo para Doris, mas olhara para ele enquanto ainda estava sorrindo.

Talvez fosse ela. A "ela" *dele*.

E talvez ela fosse estar sentada em sua mesa hoje à noite, e Lincoln pararia para dizer oi – do jeito que homens em todo o mundo paravam e diziam oi para mulheres o tempo todo. *Acordar renovado*, ele disse a si mesmo com firmeza enquanto o nó em seu estômago se apertava.

Ele não chegou à baía de Beth.

A garota da copa estava sentada na mesa da cidade, perto do rádio policial, falando ao telefone. Ela provavelmente era a nova repórter policial, Megan alguma coisa, ele tinha visto sua assinatura em algum artigo. Não Beth. Ainda não era Beth.

Ele se permitiu olhar para a garota por um ou dois momentos, apesar de não ser ela. Era tão bonita, essa garota. Tão mais do que bonita. Ele pensou no cabelo dela, caindo do coque. Pensou no sorriso dela.

CAPÍTULO 59

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Sex, 31/12/1999 16h05

Assunto: Bocejo do Milênio

Essa vai ser minha sugestão para o concurso da manchete da primeira página, o que você acha?

<<Jennifer para Beth>> Merd@. É muito melhor do que a minha – Meh-lênio.

<<Beth para Jennifer>> Está brincando? “meh-lênio” é excelente. Derek escreveu: “Ano-Novo? Velha porcaria”, o que é pior que não ter manchete nenhuma.

É errado admitir que estou meio que desapontada por nada terrível ter acontecido ainda?

<<Jennifer para Beth>> Não, eu sei! É uma decepção tamanha. Eu sinto como se todos os países à nossa frente no fuso horário estivessem arruinando o suspense.

<<Beth para Jennifer>> A CNN deveria estar anunciando “Alerta de spoiler” na sua faixa de legendas no rodapé.

<<Jennifer para Beth>> Inclusive, é bem menos empolgante que uma véspera de Ano-Novo comum. Não vou nem ficar acordada para ver.

<<Beth para Jennifer>> Eu vou, tenho que trabalhar. Nenhum dos turnos especiais de Y2K foi cancelado. Além do mais, estou

torcendo para passar a maior parte da noite na copa.

<<Jennifer para Beth>> A copa... Isso tem algo a ver com o Seu Cara Fofa?

<<Beth para Jennifer>> Hum... Arrã.

Lembra-se de quando eu disse que, se algum dia topasse com o MCF, não conversaria com ele? Porque isso faria de mim uma piranha ou alguma bobagem assim?

<<Jennifer para Beth>> Vividamente.

<<Beth para Jennifer>> Então... Eu estava enganada sobre isso. Se eu topasse com ele algum dia, definitivamente conversaria com ele. Talvez até ficasse ali de pé, sorrindo meu melhor sorriso convidativo e torcendo para ele não notar que eu estava murchando a barriga.

<<Jennifer para Beth>> Piranha. Você o seguiu de novo?

<<Beth para Jennifer>> Só até a copa.

Eu o vi sair de uma sala no primeiro andar, aquele com o leitor extra de cartões. Ele deve trabalhar na segurança, no fim das contas. O que explica por que ele trabalha à noite. E por que eu o vi em departamentos diferentes. E seu tamanho tremendo. (Não explica de fato o tamanho dele, mas o tamanho dele explica por que ele seria contratado para trabalhar na segurança. Eu me sinto mais segura só de ficar do outro lado da mesma sala em que ele está.) Me pergunto por que ele não usa uniforme, como os guardas da recepção. Você acha que ele é um agente à paisana? Um detetive, como o Sêrpico?

<<Jennifer para Beth>> Sêrpico não era um traficante de drogas?

<<Beth para Jennifer>> Acho que você está pensando no *Scarface*.

Enfim. Eu o segui até a copa, aí andei de um lado para o outro no corredor uma dúzia de vezes, tentando me decidir se deveria entrar lá e o que faria se entrasse. E daí eu finalmente decidi jogar a precaução para o alto.

<<Jennifer para Beth>> A precaução e a fidelidade. Piranha.

<<Beth para Jennifer>> Eu entrei toda casual, tipo, "Não se incomodem comigo, só estou aqui por causa das máquinas de salgados", e lá estava ele, sentado com Doris. Os dois estavam comendo bolo de chocolate. E eu toda: "Oi, Doris". Eu sorri para os dois, fiz contato visual com os dois, dei meu melhor sorriso convidativo para um deles, comprei um pedaço de beef jerky e fui embora.

<<Jennifer para Beth>> Beef jerky?

<<Beth para Jennifer>> A essa altura eu estava apertando botões a esmo. E, como eu disse, murchando a barriga.

<<Jennifer para Beth>> Rolaram fogos de artifício quando os olhos de vocês se encontraram?

<<Beth para Jennifer>> De minha parte? Sim, com S maiúsculo. Velas romanas. Da parte dele? Bem, ele olhou para mim de uma forma muito agradável, como se dissesse: "Qualquer amiga de Doris é amiga minha".

<<Jennifer para Beth>> Os dois estavam comendo bolo de chocolate? Estavam dividindo o mesmo garfo?

<<Beth para Jennifer>> Não seja tonta.

<<Jennifer para Beth>> Ah, eu é que estou sendo tonta. Certo. Pensei que você estava abrindo mão da caça ao Cara Fofa por ter percebido que seria esquisito se ele realmente te notasse e tentasse conversar com você.

<<Beth para Jennifer>> Não consigo abrir mão dele. O que eu teria para me fazer ansiar pelo futuro?

<<Jennifer para Beth>> Eu me recuso a continuar falando sobre isso. Só te encoraja.

Mitch me ligou para se gabar. Eu tentei convencê-lo a ir ao Sam's Club ontem à noite para comprar algumas coisas para nosso estoque do milênio, mas ele se recusou a ir. Disse que preferia o Armagedon ao Sam's Club.

Você armazenou alguma coisa?

<<Beth para Jennifer>> Deus do céu, não. Se a civilização desmoronar à meia-noite, a última coisa que eu quero é ficar presa no meu apartamento, vivendo de água engarrafada e feijões enlatados.

CAPÍTULO 60

Quando Lincoln subiu à redação – porque foi para lá que ele foi, para lá que ele teve de ir, assim que leu as palavras “tremendo” e “velas romanas” e “não consigo abrir mão dele” –, a sala estava cheia e zumbindo de atividade. A maioria dos repórteres deviam estar em um turno especial devido ao Y2K. Eles estavam em amontoados ao redor da redação, rindo e conversando. Lincoln respirou fundo, o ar parecendo champanhe em seus pulmões.

Ela estava lá. A garota da copa. Beth. Ela estava lá, na mesa dela. Seu cabelo estava solto, seus óculos tinham sido empurrados para cima, para a testa, e ela estava conversando ao telefone, enrolando o fio ao redor dos dedos. Ali estava ela. Lincoln iria dizer oi.

Não, ele iria esperar até ela desligar o telefone. E daí diria oi.

Não, daí ele iria lhe dar um beijo.

Não, ele iria só lhe dar um beijo. Não iria esperar. Ela o beijaria de volta. Ele tinha certeza absoluta de que corresponderia ao beijo.

E daí ele lhe diria que a amava.

E daí ele diria a ela seu nome.

E daí, e daí e daí... *o quê?*

– Se tudo for para o inferno à meia-noite, quero que você se junte à minha gangue de saqueadores selvagens.

– O quê? – Lincoln se virou. Chuck estava de pé atrás dele. Ele estava com um marcador azul em sua boca e olhava para um gráfico de pizza.

– Esses percentuais fazem sentido? – disse Chuck, mostrando o gráfico.

– Não sei – disse Lincoln.

– Estou lhe pedindo para conferir.

– Você disse alguma coisa sobre saquear?

– Sim – disse Chuck. – Mas isso era mais como um convite. Se as coisas virarem Mad Max por aqui mais tarde, quero você na minha equipe. Não me pergunte o que você ganha com isso. Eu ainda não resolvi esses detalhes.

– Não posso fazer isso agora – disse Lincoln, empurrando o papel para longe.

– Por que não?

– Eu... eu tenho que ir.

– Você está bem?

– Não. – Lincoln olhou de novo para Beth e começou a se afastar de Chuck. E da redação. – Tenho que ir.

– Você sabe de algo sobre a rede de energia que nós não sabemos? – Chuck gritou atrás dele. – O que as máquinas estão te contando?

– Tenho que ir para casa – disse Lincoln, quando chegou ao departamento de TI.

– Você está com uma cara horrível – disse Greg. – Mas não pode ir para casa. Estamos à beira de uma nova era.

– Eu *me sinto* terrível. Preciso ir embora.

– Se você for – perguntou Greg –, quem vai liderar a Força de Ataque pelo momento crucial?

Lincoln olhou para a televisão na mesa de Greg. As pessoas estavam celebrando em Londres. A meia-noite já havia chegado com uma pancadinha anticlimática em Paris, Moscou e Pequim. Até Wolf Blitzer parecia entediado. Os membros da Força de Ataque estavam descaradamente jogando Doom.

– Tudo bem – disse Greg, franzindo o cenho. – Mas você vai perder uma boa. Vamos pedir pizza.

Lincoln desligou seu computador apressadamente e correu para fora do prédio até seu carro. Ele nem mesmo afivelou seu cinto de segurança até alcançar a rodovia. Sequer sabia para onde estava indo até chegar lá. O apartamento de Justin. Lincoln tinha levado Justin para casa algumas vezes, mas nunca havia estado lá dentro. Talvez Justin ainda estivesse lá. Talvez Lincoln ainda pudesse participar da libertinagem do milênio.

Dena atendeu a porta. Ela estava usando seu uniforme de trabalho, um avental rosa com pequenos dentinhos estampados. Dentes inteiros, com raiz e tudo. Eles deveriam ser bonitinhos, mas ele achava dentes sem gengivas desconcertantes.

– Oi, Lincoln.

– Oi. O Justin está?

– Ainda não chegou. Ele teve de trabalhar até tarde. Você está bem?

– Sim, estou. Eu estava pensando em ir ao show com vocês. Se estiver tudo bem. Se a oferta ainda estiver de pé.

– Sim, claro – disse ela. – Justin vai estar aqui em breve. Sente-se. Ele se sentou. No único lugar que havia na sala de Justin, uma poltrona reclinável gigante de couro.

– Posso pegar algo para você? Uma cerveja?

– Seria ótimo, obrigado.

Ela lhe entregou uma Mickey's boca larga. Cerveja, malt liquor, tudo a mesma coisa.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntou ela.

– Completamente.

– Eu estava indo me aprontar.

– Sim, claro. Definitivamente. Vá em frente. Não ligue para mim, eu fico assistindo a TV.

– Tudo bem – disse Dena. Ela hesitou por um momento, depois saiu.

Lincoln tinha certeza de que ir até lá era um erro. Mas não podia ter permanecido no trabalho. Sabendo que Beth estava lá, que ela talvez estivesse pensando nele. Sabendo que não podia conversar com ela. Que não tinha a coragem, seria isso? Ou seria porque ele sabia que era errado, que até mesmo conversar com ela seria como se aproveitar de informação privilegiada?

Ou talvez apenas estivesse com medo de fazer algo real.

Estava pior agora que ele sabia qual a aparência dela. Já estava pior. Agora que seus pensamentos dispersos e sentimentos calorosos tinham um rosto. E sardas. E calças justas de veludo rosa-choque. Era insuportável pensar naquele rosto procurando por ele nos corredores. Iluminando-se quando ela o via. Observando-o.

Talvez ela ainda estivesse lá. Na mesa dela. Talvez ele ainda pudesse apanhá-la e beijá-la e lhe contar que... lhe contar *o quê?*

Quando Justin entrou, Lincoln não tinha certeza se esperara na sala por alguns minutos ou uma hora. Provavelmente uma hora. Ele tomara três Mickeys. Três Mickeys de estômago vazio. Não estava exatamente bêbado, mas estava meio tonto.

– O que está fazendo aqui? – disse Justin, contente. – Pensei que precisava trabalhar.

– Eu precisava. E aí não precisei mais.

– Aconteceu alguma coisa?

Ele pensou em Beth e seu longo cabelo castanho e no fio do telefone se enrolando ao redor dos dedos dela. Pensou em si mesmo, de pé como um idiota contra a parede.

– Não – disse ele –, nada acontece, nunca. Eu tinha que sair de lá.

– Bem, tudo certo. Deixe-me trocar de roupa e colocar algo em que Dena possa vomitar sem problemas, e então vamos começar essa porra.

Lincoln ergueu sua garrafa vazia.

– Saúde – disse ele.

Dena veio se sentar com Lincoln enquanto Justin se vestia. Ela havia colocado roupas de sair. Calça jeans preta justa e botas de salto grosso. Tinha colocado maquiagem que ficaria bem no bar, mas parecia forte e brilhante demais à luz da sala.

– Vamos nos encontrar com algumas amigas minhas no Friday's primeiro – disse ela. – Está com fome?

– Claro – disse ele. – Parece legal.

– Elas são todas solteiras – disse ela.

– Garotas solteiras no Ano-Novo – Justin gritou do quarto. – Aposta dobrada!

– Minha amiga Lisa vai estar lá – disse Dena. – Você se lembra dela? Do Steel Guitar?

Lincoln se lembrava. Ainda podia sentir o gosto de anis. Justin ofereceu outra Mickey's no caminho para a porta, e Lincoln aceitou.

O T.G.I. Friday's foi um borrão. Ele distraiu as amigas de Dena pedindo qualquer coisa que elas pedissem, bebidas com chantilly e cerejas e cubos de gelo plástico. Até o bife de Lincoln tinha whisky na receita. Ele estava ainda mais alegre quando chegaram ao Ranch Bowl. "Caras podiam ficar alegres", divagou ele, "ou, se você era um cara, só havia estágios diferentes de bêbado?". Quantos graus de embriaguez ele detinha no momento? O que aconteceria se ele parasse de beber naquele instante? Iria se sentir pior ou melhor?

Eles cronometraram sua chegada com perfeição. O Sacajawea estava subindo ao palco. Justin usou Lincoln como cunha para abrir espaço no bar.

– Você está bem, grandão? Lincoln? Ei. – Dena estava falando com ele.

Lincoln assentiu. Ele estava bem. Ele estava ótimo.

A primeira música começou com um solo de guitarra. Todas as músicas do Sacajawea começavam com solos de guitarra. Justin gritou e as garotas ao redor deles berraram.

– Ah, meu Deus, olha só para ele – disse alguém perto do cotovelo de Lincoln. – Ele é tão gostoso!

Lincoln olhou para Chris. Bruxuleante. Serpenteando até a borda do palco. Isso não tinha sido uma boa ideia. Ir até lá. *Olhe só para ele*, pensou Lincoln. *Olhe para ele. Ela é dele. Aquela linda garota. Aquela garota em quem eu penso quando não estou pensando em mais nada. Quando eu não consigo pensar em mais nada. Olhe para ele. Aquela garota mágica. Aquela luz. Dele.* As mulheres no salão, as mulheres ao redor de Lincoln, oscilavam de um lado para o outro, acompanhando a guitarra de Chris, estendendo as mãos abertas para ele. Todas essas garotas não eram a garota. Todas essas garotas não eram a única garota que importava. Lincoln imaginou-se abrindo caminho através delas até chegar a Chris. Imaginou com quanto peso seu punho cairia sobre o rosto delicado de Chris.

– Essa música é tão boa quanto “Stairway” – disse Justin, emocionado.

Ele e Dena estavam bem diante de Lincoln, perto o bastante para ele sentir como se estivesse atrás deles em uma foto de escola. Dena não estava observando Chris. Ela observava Justin. Lincoln notou a mão de Justin na cintura de Dena, seus dedos sob a camisa dela, na parte baixa das costas.

E Lincoln parou de notar qualquer coisa.

Eles o estavam levando escada acima.

– Devíamos ter deixado ele no carro – disse Justin.

– Está congelando lá fora – disse Dena.

– Talvez assim ele acordasse. Jesus Cristo, é como arrastar um cavalo.

– Mais um lance.

– Eu posso andar – disse Lincoln, encontrando sua língua. Ele tentou se sustentar e deu um arranco adiante.

– Vamos deixar ele aqui – disse Justin.

– Só mais alguns degraus, Lincoln – disse Dena.

Eles o ajudaram a tropeçar pela entrada da casa de Justin. Ele bateu a cabeça no batente.

– Isso é por me fazer perder o bis – disse Justin –, seu gigante fodido!

– Eu consigo andar – disse Lincoln. Não conseguia. Eles o soltaram na poltrona. Em cima dela. Dena estava tentando fazê-lo tomar água.

– Eu vou morrer? – perguntou ele.

– Espero que sim – disse Justin.

Lincoln acordou em algum ponto antes do amanhecer e tropeçou pelo cômodo em busca do banheiro. Ele caiu de volta na poltrona, de cara, e a reclinou totalmente, até ficar quase reta. Seus pés ainda ficaram pendurados na ponta. As costas da poltrona cheiravam a gel de cabelo e cigarro. Tudo cheirava a cigarro. Ele abriu os olhos. O sol já aparecia agora. Justin estava sentado no braço da poltrona, fumando um cigarro e usando o cinzeiro embutido na poltrona.

– Ele está acordado – gritou Justin para a cozinha. Lincoln gemeu.

– Dena estava preocupada com você – disse Justin, ligando a TV. – Você dorme como um morto.

– O quê?

– Você não respira – disse Justin.

– Respiro, sim.

– Não de maneira visível – disse Dena, entregando-lhe algo vermelho para beber.

– O que é isso?

– Vodca e suco de tomate – disse ela. – Com molho A-1.

– A-1, não – disse Justin. – Worcestershire.

– Não, obrigado – disse Lincoln.

– Você devia beber alguma coisa – disse Justin. – Está desidratado.

– Eu desmaiei na noite passada?

– Mais ou menos – disse Dena. – Num minuto, você estava de pé. No seguinte, estava desabado no bar. Como se estivesse descansando a cabeça. Eu não vejo alguém beber tanto desde a faculdade.

– Eu nunca bebi tanto, nem na faculdade.

– O que explica por que você é tão fraco para bebida – disse Justin. – Francamente. Um homem do seu tamanho. É embaraçoso.

– Eu sinto muito mesmo – Lincoln disse a Dena.

– Tudo bem – disse ela. – Quer ovos ou algo assim?

– Só um pouco de água. – Ele se arrastou para fora da poltrona, e Justin imediatamente deslizou para o seu lugar. O mundo não havia acabado. Nem mesmo só na área do Fuso Horário Central. *SportsCenter* estava no ar. Dena seguiu Lincoln até a cozinha. Ela estava vestindo camiseta e calças estampadas. Mais dentes. Ela lhe entregou um copo de água da torneira.

– Você conseguiu espantar para longe? – perguntou ela.

– O quê?

– Seja lá o que for que te fez querer beber tanto.

Ele fechou os olhos. *Beth*.

– Não – disse ele –, mas acho que vou parar de tentar.

Lincoln tomou quase um galão de água antes de deixar o apartamento de Justin. Ele passou na academia antes de ir para casa, pensando que talvez aquilo o fizesse se sentir melhor. Corpos Sarados não fechava nos feriados – ficou aberta inclusive por meio período no dia de Natal – e bastante gente já estava por lá, começando suas resoluções de Ano-Novo. Lincoln teve que esperar em uma fila por uma esteira. Ele não se sentia mais enjoado, não precisamente. Só extenuado e taciturno. Não pôde evitar pensar em Beth, mas pensar nela era como se encurralar em um beco sem saída. É como perceber, no final de um quebra-cabeça de lógica, que você cometeu um erro logo no começo e que não há meio de chegar à solução sem começar de novo. Sem apagar tudo. Sem jogar fora todas as suas hipóteses.

Agora que ele conhecia a aparência de Beth, não podia se lembrar de como era não conhecer. Não conseguia se lembrar de imaginá-la de alguma outra forma. Ela não era nada parecida com Sam fisicamente. E Sam era sua única referência. Como seria estar com uma garota, uma mulher, que mal conseguia encaixar sua cabeça sob o queixo dele? “Do seu tamanho”, era isso o que Doris tinha dito? Ele adorava o fato de Sam ser pequena. Um passarinho. Um fiapo. Como ele podia cobri-la, engoli-la. Como precisava se conter para não quebrá-la.

Como seria abraçar uma garota diferente? Uma garota cujos quadris e ombros quase encontrassem com os dele, que não desaparecesse debaixo dele. Uma garota cujo beijo não estivesse sempre tão fora de seu alcance.

Ele acabou treinando por tempo demais, ou pesado demais, ou com ressaca demais. Sentiu-se fraco e tonto no chuveiro e acabou comprando três daquelas barras de proteína horrorosas da recepção. A garota que trabalhava ali o convenceu a tomar algo com eletrólitos

que supostamente tinha gosto de melancia, mas que, em vez disso, tinha sabor de Kool-Aid feito com xarope de milho e sal.

Lincoln ficou embaraçado por ter cedido, ainda que por um instante, ao frenesi do Ano-Novo. Por ter acreditado que haviam forças cósmicas trabalhando a seu favor. Seu momento havia chegado e passado na noite anterior na redação. E Lincoln deixara a bola cair.

CAPÍTULO 61

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Ter, 04/01/2000 13h26

Assunto: Sou só eu ou o mundo está muito menos fofo do que costumava ser?

Acho que não atraio coisas boas. Já faz cinco dias desde que vi o Cara Fofo pela última vez. Eu vi Doris no corredor ontem, e meu estômago saltou. Eu não quero começar a ficar empolgada quando vir a Doris.

<<**Jennifer para Beth**>> Meu mundo é abundantemente fofo. Mitch e eu fomos comprar o berço ontem à noite. Não tínhamos planejado sair para comprar o berço – estávamos em busca de uma lava-louças, na verdade –, mas passamos pelos berços, e lá estava ele. Creme, com um cavalo de balanço esculpido na cabeceira. Agora não podemos pagar por uma lava-louças.

<<**Beth para Jennifer**>> Um berço? Já? Eu queria ajudar a escolher o berço. Posso ajudar a escolher as roupas de cama? Você não pode fazer todas essas coisas de bebê sem mim. Estou tentando ter uma gravidez de segunda mão aqui.

<<**Jennifer para Beth**>> Me desculpe. Foi imprevisto. Provavelmente vou escolher a tinta para o quarto do bebê neste fim de semana. Quer vir?

<<**Beth para Jennifer**>> Você sabe que eu quero. E que eu não posso. Esse fim de semana é o grande casamento.

<<Jennifer para Beth>> Ah, é. Está ansiosa?

<<Beth para Jennifer>> Ansiosa para que acabe logo.

<<Jennifer para Beth>> A Kiley sabe o quanto sua dama de honra está ranzinza?

<<Beth para Jennifer>> Ela está delirantemente feliz demais para notar.

Eu peguei meu vestido no domingo. É delirantemente feio, especialmente comigo dentro, e eu ainda não consegui uma ideia aprovada pela Kiley para esconder os meus braços.

<<Jennifer para Beth>> Seus braços são ótimos.

Esse casamento não iria ter um tema do milênio? Isso ainda vai acontecer?

<<Beth para Jennifer>> Teria, de fato. Kiley iria fazer dois mil tsurus em origami para espalhar pela recepção, mas perdeu o gás quando chegou a 380. Agora o tema é Maravilhas do Inverno. (Por isso, os vestidos tomara que caia, acho.)

E, aliás, você só acha que meus braços são ótimos porque eu os mantenho cobertos. Porque eu dominei a arte da distração. Todas as minhas roupas são engendradas para afastar o olhar da área de meus ombros e braços.

<<Jennifer para Beth>> Pensando nisso agora, nós nos conhecemos há seis anos, e eu nunca te vi de roupa de praia. Ou de regata.

<<Beth para Jennifer>> Não é uma coincidência, minha amiga. Eu tenho os braços de uma avó siciliana. Braços feitos para colher azeitonas e mexer densos molhos de tomate. Ombros feitos para carregar baldes de água do rio até a casa da fazenda.

<<**Jennifer para Beth**>> O Chris já viu os seus ombros?

<<**Beth para Jennifer**>> Ele os viu. Mas não *viu*.

<<**Jennifer para Beth**>> Entendi, mas não *entendi*.

<<**Beth para Jennifer**>> Nada de camisolas sem mangas. Sem luz solar direta. Às vezes, quando estou saindo do chuveiro, eu grito: "Olha, um gato do mato!".

<<**Jennifer para Beth**>> Aposto que ele cai nessa toda vez.

<<**Beth para Jennifer**>> É o Chris, então drogas recreativas são um fator a ser considerado.

Enfim, eu comprei um cardigã chique que pensei que poderia usar com meu vestido de dama de honra, mas Kiley disse que ele é muito "feio" e tem o tom errado de verde. E aí ela disse: "Deus, Beth, ninguém vai olhar para os seus braços".

E minha mãe disse: "Ela tem razão, Beth, todos os olhos estarão na noiva".

O que só me enfureceu. Por que isso me enfureceu? É verdade. Mas tudo em que eu podia pensar era: se ninguém vai olhar para mim, então por que eu não posso vestir a porra do meu suéter? Estávamos na Victoria's Secret. Eu mencionei que estávamos na Victoria's Secret? Minha irmã não estava feliz com seu sutiã sem alça, então *todas nós* tivemos que ir à Victoria's Secret. Eu também não estou feliz com meu sutiã sem alça. Porque não estou feliz com meu vestido sem alça.

Enquanto Kiley estava experimentando sutiãs, minha mãe me deu uns tapinhas no braço e disse: "Querida, este é o dia da Kiley. Deixa rolar". Eu mencionei também que nenhuma dessas mulheres tem braços grandes? Eu puxei à mãe do meu pai, minha avó italiana,

uma mulher que agora está morta, mas que, enquanto viveu, teve o bom senso de nunca usar um vestido tomara que caia.

<<Jennifer para Beth>> Eu posso esperar até a semana que vem para fazer as compras do bebê.

<<Beth para Jennifer>> Você faria isso por mim?

<<Jennifer para Beth>> Claro que faria. Até vou deixar que use seu suéter verde feio.

O Chris vai ao casamento com você?

<<Beth para Jennifer>> E ao jantar de ensaio. E ao brunch de domingo. Ele me disse que não achava que eu devesse fazer nada relacionado ao casamento sozinha. Ele disse: "Toda vez que você fala sobre isso, fica toda tensa". O que, é claro, me fez chorar. Ele é muito bom quando eu choro. Não fica confuso.

<<Jennifer para Beth>> Muito bem, Chris.

<<Beth para Jennifer>> Eu sei. Cinco estrelas. Ele até me deixou comprar um casaco e calças de verdade para ele. Calças sociais. Mas não tenho permissão para chamá-las assim. A expressão dá calafrios nele. Normalmente, eu não tenho permissão de comprar nenhum tipo de roupa para ele.

<<Jennifer para Beth>> Fico aliviada em saber que não é você quem escolhe aqueles jeans justos que ele usa. O que ele vai fazer com o cabelo? Prender em um rabo de cavalo?

<<Beth para Jennifer>> Não há nada que se possa fazer com aquele cabelo. Você tem que segurar na mão de Deus e ir.

Ei, sabe do que mais? Toda essa conversa sobre meu namorado fofo está reduzindo minha avidez por fofo.

<<**Jennifer para Beth**>> E tudo está como deveria ser.

CAPÍTULO 62

Beth sentia saudade dele.

Lincoln pensou ter atingido o fundo do poço no Ano-Novo, e aquilo tinha sido um alívio. Não era atingindo o fundo do poço que você se obrigava a colocar algum juízo na cabeça? Não era o fundo do poço que te mostrava qual era o caminho para cima?

CAPÍTULO 63

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Sex, 07/01/2000 14h44

Assunto: Você está aqui?

Me distraia.

<<**Beth para Jennifer**>> Distrair você? Com todo o prazer. Produtividade é um mito.

No que você deveria estar trabalhando?

<<**Jennifer para Beth**>> Não sei. Escrevendo manchetes, acho. Lendo as mesmas histórias várias e várias vezes para ter certeza de que o idiota do repórter não usou "serião" em vez de "seriam". Mudando "este"s para "esse"s. Discutindo com alguém sobre sequência de tempos verbais.

<<**Beth para Jennifer**>> O que diabos é uma sequência de tempos verbais?

<<**Jennifer para Beth**>> É coisa ultrassecreta de revisão.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu não sabia que isso existia.

<<**Jennifer para Beth**>> Está brincando? Tudo a respeito de ser um revisor é ultrassecreto – via de regra, na verdade –, porque ninguém mais está nem aí.

<<**Beth para Jennifer**>> Posso perguntar por que você precisa de distração? Eles estão te fazendo revisar a seção de esportes outra

vez?

<<Jennifer para Beth>> Não, não é pelo trabalho.

Eu venho tendo essas câimbras esquisitas nos últimos dias. Não chegam nem a ser câimbras – são mais uns puxões bem assertivos. Eu liguei para nossa doula e os descrevi para ela, e ela pareceu bastante confiante de que não há nada errado. Ela disse que é natural sentir o seu útero se reajustando no final do terceiro trimestre. “Esta é a sua primeira gravidez”, ela disse. “Você vai se sentir estranha mesmo.” Ela também me falou que eu poderia me sentir melhor se conversasse com o bebê.

<<Beth para Jennifer>> O que você deve dizer? Deve falar em voz alta? Ou tentar entrar em contato com ele no plano astral?

<<Jennifer para Beth>> Eu devo conversar em voz alta. “Relaxe”, ela disse. “Coloque uma música suave para tocar. Acenda algumas velas. Sintonize-se à vida dentro de você.” Eu devo dizer ao bebê que ele é bem-vindo e desejado e que ele não precisa se preocupar com nada no momento, exceto ficar grande e forte.

Eu tentei algumas vezes, sozinha no carro. Mas nunca consigo passar da conversa fiada. Eu me sinto meio como se estivesse invadindo o espaço do bebê ou como se ele fosse se perguntar, depois de dois meses de silêncio respeitoso, por que eu subitamente resolvi que precisamos ficar íntimos um do outro.

E eu também não quero deixar evidente que pode haver algo errado. Então eu tento manter a conversa leve. “Espero que você esteja confortável. Espero estar comendo ferro suficiente. Desculpe por ter parado de tomar as vitaminas mais caras, elas me faziam vomitar.” Eu geralmente acabo chorando e torcendo para que o bebê não esteja prestando muita atenção.

<<Beth para Jennifer>> Eu meio que gosto da ideia de você conversando com o bebê. Mesmo que ele não te entenda. Tem algo

vivendo dentro de você. Faz sentido manter uma política de boa vizinhança com ele.

Talvez eu comece a conversar com meus óvulos. Discursos para animá-los. Como o de William Wallace em *Coração valente*.

<<Jennifer para Beth>> Acho que vou me sentir menos ridícula falando com ele depois que ele tiver orelhas.

<<Beth para Jennifer>> Quando é que as orelhas aparecem?

<<Jennifer para Beth>> Não sei. Eu perguntaria ao Mitch, mas não quero que ele fique sabendo de nada disso.

Eu sinto como se soubesse o tempo todo que algo tinha que dar errado em algum ponto desta gravidez. Foi tudo fácil demais até agora.

<<Beth para Jennifer>> Nada tem que dar errado. Nada *tem que*, ponto final. E as chances de que tudo dê certo são muito maiores.

<<Jennifer para Beth>> Para você é fácil falar. Para a doula é fácil falar. É tão fácil para outra pessoa dizer "Não se preocupe, tudo vai dar certo". Por que *não* dizer? Não custa nada. Não significa nada. Ninguém vai te acusar se você estiver errado.

<<Beth para Jennifer>> Sua doula fala que vai dar tudo certo porque ela passou a vida toda trabalhando com mulheres grávidas. Está falando por experiência.

E eu digo porque confio nela e porque acredito que sofrer sobre algo ruim que pode nem mesmo acontecer não vai te fazer bem nenhum.

<<Jennifer para Beth>> Eu discordo. Acredito que se preocupar com algo ruim prepara você para o fato quando ele

ocorrer. Se você se preocupar, a coisa ruim não te atinge tão forte. Você pode aceitar o golpe se o vir chegando.

<<Beth para Jennifer>> Você está com dor? Talvez devesse ir para casa.

<<Jennifer para Beth>> Não, não dói. Parece mais com um músculo flexionando. Além disso, se eu for para casa, vou ficar poderosamente obcecada, com todas as minhas forças. Até eu acho que isso não seja uma boa ideia.

Então me distraia. Conte-me mais sobre seu segurança fofo. Reclame sobre o casamento da sua irmã. Arranje uma discussão comigo sobre terminar uma frase com uma preposição.

<<Beth para Jennifer>> Certo, aí vai algo para te distrair: eu fui a um salão de bronzeamento duas vezes esta semana. A esposa do meu irmão disse que isso faria meus braços parecerem mais finos. Acho que provavelmente só vai fazer eles ficarem mais bronzeados – mas braços grossos e bronzeados me parecem melhores do que braços grossos e pálidos, então estou me bronzeando.

<<Jennifer para Beth>> Odeio dizer isso, porque é um conselho que eu mesma nunca segui – de fato, este é provavelmente o exato oposto de como eu me comportaria na sua situação. Mas talvez a melhor coisa para você seja deixar esse negócio do braço para lá. Sim, alguém pode reparar que seus braços são um tanto desproporcionais ao resto do seu corpo, mas sejamos honestas, quase ninguém fica bem em um vestido tomara que caia.

<<Beth para Jennifer>> Então por que ele virou o modelo predominante de nossa era? Você sabia que eles nem fazem mais vestido de noiva com mangas? Todo mundo, independentemente de peso, tamanho dos seios, acne nas costas, estrias, ombros curvados

ou clavícula proeminente, é forçado a usar um. Por quê? Todo o sentido das roupas é esconder suas vergonhas. (Gênesis, 3:7)

<<Jennifer para Beth>> É sério que você acaba de consultar uma Bíblia?

<<Beth para Jennifer>> Derek tem uma na mesa dele, não foi grande coisa.

Ei, eu tenho que ir embora agora. Estou saindo mais cedo para me preparar para o jantar de ensaio. Me liga no fim de semana se precisar de mais distração, está bem?

<<Jennifer para Beth>> Você estará envolvida com atividades do casamento.

<<Beth para Jennifer>> E tenho certeza de que ficarei grata pela interrupção.

<<Jennifer para Beth>> Aposto que você vai se divertir bastante no casamento e se sentir mal por ter temido esse momento por meses.

<<Beth para Jennifer>> Pode acontecer, acho. Vai ser open bar.

CAPÍTULO 64

Lincoln não teve vontade de voltar para casa naquela noite após o trabalho. Não parava de pensar em Beth usando um vestido tomara que caia. Os ombros brancos como creme. Sardas. Talvez ele devesse sair com uma das garotas que Justin sempre tentava jogar para cima dele. Ou com uma das luteranas de sua irmã. Ou com aquela garota que trabalhava na academia, Becca. Ultimamente, ela vinha ajudando Lincoln no supino e parecia tocar sempre nos braços dele, mesmo quando não era necessário. Talvez ainda estivesse impressionada com seus cotovelos.

Lincoln acabou indo parar no Village Inn, sozinho. Quando a garçonete veio, ele pediu duas fatias de torta mousse de chocolate. Ela trouxe o pedido em dois pratos separados, o que ele achou embaraçoso, por algum motivo.

Ele estava com uma cópia do jornal do dia seguinte, uma das vantagens de trabalhar no *The Courier*, mas estava tão agitado que não conseguia ler.

Estava tão agitado, tão perdido, que não percebeu até chegar à segunda fatia de torta que Chris estava sentado na mesa diante da dele. O Chris da Beth. Ele estava, na verdade, de frente para Lincoln, ambos sentados sozinhos em suas mesas.

Lincoln se lembrou de que, da última vez que vira Chris, na véspera de Ano-Novo, havia cogitado pular por cima da mesa para quebrar a cara dele. Mas perdera o impulso.

Chris parecia diferente. Arrumado. Ele estava usando uma camisa social, dissolutamente desabotoada, é óbvio, e um casaco. Seu

cabelo parecia macio e brilhante. *Como a porra de um comercial de shampoo*, pensou Lincoln. E então: *ah, é, o jantar de ensaio*. E aí Lincoln começou a rir. Um pouco. Ria por dentro, na maior parte.

Porque ele não deveria saber disso, mas sabia. E deveria odiar esse cara, mas não odiava. Ele não queria matar Chris. Queria trocar de lugar com ele. Não, nem mesmo isso. Se Lincoln tivesse sido o par de Beth para o jantar de ensaio hoje à noite, estaria em casa com ela agora. Se fosse o par dela para o casamento amanhã, estaria contando as horas até ela colocar aquele vestido. Até ela tirá-lo de novo.

Ele riu outra vez. Por fora.

Chris ergueu os olhos para Lincoln então e pareceu reconhecê-lo.

– Oi – disse Chris.

Lincoln parou de rir. Até aquele momento, havia acreditado, de alguma forma, que era invisível a Chris. Assim como era invisível a Beth. (Exceto pelo fato de que não era.)

– Oi – disse Lincoln.

– Oi, hã, você não teria um cigarro, teria? – perguntou Chris.

Lincoln balançou a cabeça, negando.

– Me desculpe.

Chris meneou a cabeça e sorriu.

– Estou despreparado hoje. Nada para fumar. Nada para ler. – Ele também parecia agitado, mas a inquietação caía melhor nele do que em Lincoln.

– Pode ficar com um caderno do meu jornal – disse Lincoln.

– Obrigado – disse Chris. Ele se levantou e foi até a mesa de Lincoln, apoiou-se contra ela e pegou o caderno de Entretenimento.

– Eu perdi a resenha de cinema de hoje – disse Chris.

– Fã de cinema? – disse Lincoln, meio bobo.

– Fã da resenhista de cinema – disse Chris. – A minha garota, ela é a crítica de cinema... Ei, esse é o jornal de amanhã.

– O de hoje, tecnicamente... – disse Lincoln. – Eu trabalho no *The Courier*.

– Talvez você a conheça então.

– Eu não conheço muita gente – disse Lincoln. Ele se sentia tão tenso, que mal podia acreditar que sua boca estivesse se mexendo. Sentia como se, caso dissesse a palavra errada, pudesse realmente se transformar em pedra. Como se fosse se transformar de qualquer maneira. – Eu trabalho à noite.

– Você saberia – disse Chris, assentido para si mesmo e olhando para fora pela janela, outra vez se agitando –, você saberia se a conhecesse. Ela é uma força. Uma força a ser considerada. Um ato de Deus, sabe como é?

– Como um furacão? – perguntou Lincoln.

Chris riu.

– Mais ou menos isso – disse ele. – Eu estava pensando mais tipo... eu não sei em que eu estava pensando, mas é, isso aí. Ela é... – Ele apalpou o bolso do peito com nervosismo, depois passou a mão pelo cabelo. – Você é solteiro, certo? Digo, eu nunca te vi nos nossos shows com ninguém.

– Certo – disse Lincoln. “Não apenas eu não sou invisível, como sou visivelmente sozinho”.

Chris riu de novo. Agudo. Sarcástico. Desfez um pouco do charme de seu sorriso.

– Eu nem consigo lembrar como isso é... – Ele balançou a cabeça com pesar, tornou a tocar o cabelo. – É esse casaco – disse Chris. – Tive que tirar meu cigarro porque dava para ver o maço aparecendo acima do bolso. Elegante, não é? Não consigo me lembrar de outra ocasião em que passei tanto tempo sem... Você já fumou?

– Não – disse Lincoln, ainda petrificado. – Nunca tentei.

– Sem cigarros, sem namorada, você está levando uma vida desimpedida, meu amigo.

– É um modo de ver as coisas – disse Lincoln, olhando fixamente para o homem diante dele e desejando que algum milagre ao estilo *Sexta-feira muito louca* acontecesse ali, naquele exato momento.

– Ah – disse Chris, desconcertado. Ele era bonito o bastante para merecer essa palavra. – Certo. Eu não quis dizer... – Ele olhou para baixo e segurou o caderno de Entretenimento. – Obrigado. Por isso. Vou deixar você em paz... Normalmente, eu nem teria incomodado... é o casaco, sabe? Não sou eu mesmo.

Lincoln conseguiu dar um sorriso. Chris se levantou.

– Eu te vejo depois – disse Chris, voltando para sua mesa e deixando lá alguns dólares. – Vamos tocar em Sokol na semana que vem, você deveria passar para dar um oi se estiver por lá.

Lincoln observou Chris se afastar e pegou-se torcendo – torcendo de verdade, com esperança e todas as forças de seu coração – que o outro estivesse indo para casa, para ela.

CAPÍTULO 65

Havia ainda menos trabalho do que o habitual no departamento de TI. A Força de Ataque Internacional tinha ido embora há muito. Nada restara deles, a não ser uma pilha de CDs virgens e algumas marcas de cigarro na mesa.

– Quando foi que isso aconteceu, porra? – perguntou Greg.

Lincoln deu de ombros. Greg queria que Lincoln mudasse todas as senhas do sistema e reforçasse os *firewalls*; estava até distribuindo novos crachás de segurança para todo o departamento.

– Aqueles caras sempre me deram medo – disse Greg. – Especialmente aquele moleque de Millard South... Existe um limite quanto ao que se deve ter de conhecimento em computadores, acho.

Os turnos de Lincoln pareciam durar décadas.

Não havia nada de Beth na pasta WebShark na noite de segunda. Nada sobre o casamento. Nada de nada. Também estava vazio na noite de terça. E na de quarta-feira.

Lincoln ficou atento para vê-la nos corredores e tirou longos intervalos para jantar. Viu o nome dela no jornal, então sabia que ela estava indo trabalhar. Checava a pasta WebShark toda noite, a intervalos de poucas horas.

Quinta, vazio. Sexta, vazio. Segunda, nada.

Na noite de segunda, Lincoln passou pela mesa de Beth às seis da tarde, depois de novo às oito da noite. Trouxe torta de frango com alho-poró para dividir com Doris e ficou na copa com ela por duas horas, conversando. Esperando. Doris lhe disse que iria lhe ensinar a

jogar besigue. Disse que ela e Paul costumavam jogar e que era bem divertido.

– Eu sempre quis aprender – disse Lincoln.

Na terça, quando Beth e Jennifer ainda não haviam aparecido, ele conferiu a pasta de e-disciplina para ver se outra pessoa de TI tinha lhes mandado uma advertência. Ele se perguntou, por um momento, se um dos moleques do Y2K podia ser o responsável. Mas não havia nenhum sinal de advertência. Havia copos frescos de café na mesa de Beth – ela não tinha desaparecido por completo.

Na quarta, quando a pasta do WebShark surgiu vazia de novo, Lincoln se sentiu estranhamente leve. Talvez era assim que iria terminar. Não com uma confrontação humilhante e dolorosa. Não com autocontrole e disciplina. Talvez ele não precisasse se forçar a parar de ler os e-mails dela. Talvez a coisa fosse parar por si só.

CAPÍTULO 66

Será que nosso cérebro podia literalmente rejeitar informação? Como se fosse um órgão estranho? Doris estava tentando ensinar Lincoln a jogar besigue, e as regras batiam em seu cérebro e ricocheteavam. Felizmente, ou talvez infelizmente, isso não a desencorajava. Ele pensou em comer na sua mesa. Se não estivesse tentando se encontrar com Beth, poderia comer lá. Mas aquilo não parecia justo com Doris, ainda mais agora que sua mãe enviava gostosuras específicas para ela. Agora que era Doris quem dividia o *seu* bolo com ele.

– Algumas pessoas simplesmente têm problemas com jogos – disse ela. – Eu dou as cartas desta vez. – Ela fazia truques enquanto embaralhava. – Diga, você tem grandes planos para este fim de semana?

– Não – disse Lincoln. Talvez fosse jogar *D&D*. Talvez jogasse golfe com Chuck. Um dos outros revisores estava fazendo uma festa de “Ano quase novo” para a qual Lincoln tinha sido convidado. (“Sempre celebramos alguns dias mais tarde”, explicara Chuck. “Aqueles safados do turno da manhã não cobrem a gente nos feriados.”)

– É que eu ainda estou com aquela cristaleira no meu apartamento antigo... – disse Doris. – Eu disse ao síndico que estaria tudo fora de lá no dia 31.

– Ah, é, me desculpe – disse Lincoln. – Eu posso ir no sábado à tarde, se você quiser.

– Que tal no domingo? Eu tenho um encontro no sábado.

Lógico que tinha. Por que não teria?

– Claro – disse ele. – Domingo.

Enquanto jogavam golfe, Chuck tentava convencer Lincoln a ir à festa do pessoal da revisão.

– Eu não gosto muito de festas – disse Lincoln.

– Não vai ser uma grande festa, sabe? Revisores fazem festas horríveis.

– Você está mesmo me mostrando o lado bom.

– Emilie vai estar lá...

– Pensei ter ouvido que ela estava namorando alguém.

– Eles terminaram. Por que você não gosta da Emilie? Ela é adorável.

– É – disse Lincoln –, ela é bonitinha.

– Ela é *adorável* – disse Chuck – e consegue recitar a lista completa de preposições. E ela vai levar pão de abóbora e um jogo de Trivia.

– Parece que *você* gosta da Emilie.

– Eu não. Estou tentando me reconciliar com minha esposa. Qual é a sua desculpa?

– Estou meio que... saindo de um relacionamento ruim.

– Quando foi que terminou?

– Pouco tempo antes de começar – disse Lincoln.

Chuck soltou uma gargalhada, pequenas explosões de vapor quebrando o ar de janeiro.

– Não está frio demais para jogar golfe? – perguntou Lincoln.

– A luz do sol me dá dor de cabeça – disse Chuck.

Lincoln não mudou de ideia. Ele não estava a fim de festas. Ou de jogos. Ou de gente.

Três semanas. Era esse o tempo que Beth e Jennifer não apareciam na pasta WebShark. “Isso é bom”, Lincoln disse a si mesmo. “Mesmo que não faça sentido que elas estejam tão quietas. Mesmo sendo completamente fora do padrão. Elas estão deixando tudo mais fácil para você. Ainda mais fácil.”

Ele resolveu alugar um filme, *Ensina-me a viver*. Não assistia a esse filme desde o ensino médio e queria ver a cena no final em que Harold joga seu Jaguar de um penhasco e começa a tocar banjo. Torceu para que não houvesse ninguém do jornal na Blockbuster para vê-lo alugando *Ensina-me a viver*. (Chuck lhe contara que antes de descobrirem seu nome, todos na revisão chamavam Lincoln de “Namorado da Doris”.) Ele quase escondeu a caixa do filme quando alguém tocou-lhe o braço.

– Lincoln. Lincoln? É você mesmo?

Ele se virou.

O mais estranho de se ver alguém pela primeira vez em nove anos é o jeito como a pessoa parece totalmente diferente, apenas por um segundo, um *milésimo* de segundo, e depois tem exatamente a mesma aparência que sempre teve, como se o tempo não tivesse passado para vocês dois.

Sam estava exatamente igual a Sam. Pequena. Cabelo castanho cacheado – um pouco mais comprido agora, não naquele corte todo esparramado que tinha sido popular na faculdade. Olhos grandes e brilhantes, tão escuros, que mal se podia ver as pupilas. Roupas pretas que pareciam ter sido compradas em outro estado. Anéis prateados nos dedos. Uma gravata rosa amarrada na cintura, como um cinto.

Ela ainda o estava tocando. Tinha pegado os dois braços dele.

– Lincoln! – disse ela.

Lincoln não se mexeu nem falou, mas se sentiu como Keanu Reeves naquela cena de *Matrix*, aquela em que ele retarda a passagem do tempo para se desviar de uma saraivada de balas.

– Simplesmente não posso acreditar que é você. – Ela apertou os braços dele, agarrou a frente da jaqueta dele, pressionou as palmas das mãos no peito dele. – Ah, meu Deus. Você está exatamente igual!

Ela puxou a jaqueta dele em sua direção. Ele não acompanhou a roupa.

– Você até cheira igual – disse ela. – Pêssegos! Não posso acreditar que seja você. Como vai? – Ela puxou a jaqueta dele outra vez. – Como *vai*?

– Estou bem – disse ele. – Tudo ótimo.

– É destino eu topar com você assim – disse Sam. – Acabei de me mudar de volta no mês passado e venho pensando em você todo dia. Acho que não tenho nenhuma lembrança dessa cidade que não incluía você. Todas as vezes que vou para a casa dos meus pais ou entro na rodovia, minha cabeça fica “Lincoln, Lincoln, Lincoln”. Deus, como é bom ver você. Como você *está*? *De verdade*? Digo, da última vez que fiquei sabendo, bem... – Ela fez uma cara triste. Tocou-lhe os braços, os ombros, o queixo. – Mas isso foi anos atrás... Como você *está*? Como você *está* agora? Conte-me tudo!

– Ah, você sabe – disse ele. – Estou aqui. Trabalhando. Digo, eu trabalho. Com computadores. Não *aqui-aqui*. Por perto. – O que mais ele podia dizer? Que ainda morava com sua mãe? Que estava alugando um filme que provavelmente tinha visto com Sam pela primeira vez? Que ela era o Jaguar que ele precisava jogar de um penhasco?

Exceto que ela não era. Era?

Lincoln sentiu uma injeção de algo como força. Ele largou *Ensina-me a viver* disfarçadamente e pegou outra coisa: *Hairspray*.

– E você? – perguntou ele. – O que a trouxe de volta?

– Ah, Deus – Sam revirou os olhos, como se fosse necessário três horas e um coro grego para explicar. – Trabalho. Família. Eu voltei porque queria que meus meninos conhecessem seus avós. Dá para acreditar que eu sou mãe? Deus! E tem esse trabalho na Playhouse. Desenvolvimento, levantar fundos, sabe como é, fazer gente rica se sentir importante. Atrás das cortinas, mas não fora do palco. Não sei, é uma grande mudança. Um grande risco. Liam vai ficar em Dublin por seis meses, caso não dê muito certo. Você sabia que eu estava em Dublin?

– Dublin – disse Lincoln. – Com Liam. Seu marido?

– Pode-se dizer assim – disse Sam, fazendo outro gesto de “é uma história insuportavelmente longa”. – Eu jurei que nunca mais iria me casar com outro homem de passaporte estrangeiro. Gato escaldado, *et cetera*.

Ela falou a última palavra como três sílabas: et-cé-tra. Suas mãos, pequenas e com unhas perfeitamente bem-cuidadas e rosas, esvoaçavam ao redor enquanto ela falava, mas sempre voltavam a pousar no peito e no braço de Lincoln.

– Eu te conto a aventura toda outra hora – disse para ele. – Outra hora, *em breve*. Temos que colocar os assuntos em dia. Eu sempre senti que duas pessoas que dividiram tantas coisas como nós dividimos e compartilharam anos tão importantes nunca deveriam ter perdido o contato. – A voz dela havia abaixado em um tom íntimo. Do palco para a tela. – Não é certo.

– Eu tenho uma ideia – disse ela, ainda segurando a jaqueta dele com as duas mãos e ficando nas pontas dos pés, inclinando-se para junto dele. Ele mentalmente inclinou-se para trás. – O que você está fazendo *agora*?

– Agora? – perguntou ele.

– Vamos até o Fenwick’s tomar sorvete de banana. E você vai me contar *tudo*.

– Tudo? – disse ele, tentando imaginar que parte de tudo ele iria querer contar a Sam.

– Tudo! – disse ela, achegando-se a ele.

Ela cheirava a gardêneas. E algo mais almiscarado, gardêneas com conhecimento carnal.

– O Fenwick’s fechou alguns anos atrás – disse ele.

– Então vamos ter que entrar no carro e ficar dirigindo até encontrar sorvete de banana. Em que direção devemos seguir – perguntou ela, rindo –, Austin ou Fargo?

– Não posso – disse ele. – Não posso. Não essa noite. Eu tenho... um compromisso.

– Compromisso? – perguntou ela, voltando a pousar sobre os calcanhares.

– Uma festa – disse ele.

– Ah – disse ela. E então ela começou a remexer sua bolsa preta de veludo. Ela tinha uma alça rígida cor de osso que parecia ser de marfim. – Aqui – disse, pressionando algo na palma da mão dele. – Este é o meu cartão. Me liga. Me liga *ontem*, Lincoln, estou falando sério.

Ela fez uma cara séria. Ele assentiu e segurou o cartão.

– Lincoln – disse ela, com um sorriso insinuante e cílios pesados. Ela segurou os ombros dele e o beijou rapidamente nas duas bochechas. – Destino!

E então ela estava indo embora. As solas dos sapatos de salto alto dela eram rosa. Ela nem sequer alugou um filme.

E Lincoln... Lincoln ainda estava lá, de pé.

CAPÍTULO 67

Ele não alugou *Hairspray* nem *Ensina-me a viver*.

Alguns minutos depois de Sam partir, depois de ficar de pé, parado e tonto, no meio dos Hs, Lincoln resolveu que não estava mais com vontade de ir para casa. Não queria ficar parado ou ficar quieto. Ele deixou a Blockbuster de mãos vazias e parou do lado de fora para jogar o cartão de visitas de Sam no lixo. Não foi um gesto terrivelmente carregado de significado: ele sabia onde Sam trabalhava e ainda sabia o telefone da casa dos pais dela de cor. Mas aí Lincoln pegou sua carteira e encontrou a cópia do e-mail de Beth sobre ele, aquele com a frase “tentando não morder o ombro dele”. Ele o releu. E leu de novo. E mais uma vez. Aí amassou-o em uma bola bem apertada e jogou-a fora.

E então... ele foi a uma festa. A festa do Ano Quase Novo. Chuck havia lhe dado um panfleto, e Lincoln tinha certeza de que ele ainda estava em seu carro. Quando procurou por ele no banco de trás, notou que suas mãos estavam tremendo. *Tudo bem*, pensou ele. *Ainda de pé*. Quando estava estacionando em paralelo em frente à casa de Chuck, flagrou-se sorrindo no espelho retrovisor.

A festa já estava a pleno vapor quando ele entrou.

Emilie liliputiana estava lá com seu pão de abóbora, e Lincoln não se desviou dela. Não quis desviar. Emilie era perfeitamente bacana e achava todas as piadas dele engraçadas – o que fez com que ele contasse piadas mais engraçadas, porque não precisava se preocupar com a possibilidade de ninguém rir. Além disso, ela o fazia

sentir com dois metros e meio de altura. O que era uma sensação boa, não havia como negar.

Ele mandou bem no jogo de Trivia.

Ele bebeu vários Shirley Temple.

Ele levou a festa abaixo quando, durante as charadas, fez uma reencenação totalmente silenciosa de *O sexto sentido* em dois minutos.

– Quando você imitou o anel caindo no chão – disse Chuck, aplaudindo –, eu me esqueci de que já sabia que ele estava morto.

E então o relógio bateu meia-noite – era um relógio de videocassete, e nem tanto bateu quanto piscou –, Lincoln beijou Emilie no rosto. Aquilo imediatamente lhe pareceu um erro, portanto ele agarrou a artista de montagem e a beijou também. O que pareceu um erro ainda maior. Ele rapidamente beijou todas as outras garotas que estavam ao seu alcance, inclusive Danielle, a chefe dos revisores; duas mulheres que nunca vira antes; a ex-esposa de Chuck e, finalmente, o próprio Chuck.

Em seguida, todo mundo cantou “Auld Lang Syne”. Lincoln era o único que sabia a letra do que vinha depois de “*should auld acquaintance be forgot*” e o refrão. Ele cantou a plenos pulmões em um claro tenor:

*We two have run about the slopes,
And picked the daisies fine;
But we've wandered many a weary foot,
Since auld lang syne...*

CAPÍTULO 68

Quando Lincoln acordou, estava nevando. Ele deveria se encontrar com Doris no apartamento dela às dez da manhã, mas só chegou lá às dez e quinze. Precisou estacionar a alguns quarteirões de distância, em frente a uma padaria. Desejou que tivesse tempo de entrar lá.

Não havia muitas vizinhanças como aquela na cidade. Uma bela mistura de casas antigas e caras, prédios residenciais de tijolos, lojas estilosas e restaurantes. O prédio de Doris era de tijolos amarelos – quatro andares, com um pátio e uma fontezinha.

Lincoln subiu os degraus da entrada correndo, chacoalhando a neve de seu cabelo, e apertou o botão com o nome dela.

Ela o deixou entrar.

– Estou no terceiro andar – gritou ela. – Pode subir.

A escadaria tinha um cheiro bom. Empoeirada. Antiga. Lincoln ficou pensando em como Doris subia todos aqueles degraus diariamente com seu joelho ruim. Ela o aguardava na porta.

– Estou contente por você ter chegado – disse ela. – Eles já desligaram o aquecedor, e eu estou congelando. A cristaleira está logo ali.

Não havia mais nada no apartamento além da cristaleira envolta em plástico bolha. Lincoln olhou para a sala de estar, para o teto alto de estanho e as paredes lisas de gesso. O piso de madeira era escuro, com alguns arranhões, e a iluminação parecia com algo que se podia encontrar em um antigo teatro de ópera.

– Por quanto tempo você morou aqui? – perguntou ele.

– Desde que me casei – disse ela. – Quer o grande tour de trinta segundos?

– Claro.

– Bem, é isso. Lá atrás tem o quarto. – Lincoln passou por uma porta entrando num quarto banhado em luz do sol. Havia um banheiro minúsculo para lá de outra porta, com uma banheira e uma pia à moda antiga (pequena, com torneiras separadas para água fria e quente).

– Ali fica a cozinha – disse Doris. – É tudo velho como o pecado. Esses balcões estão aqui desde a Segunda Guerra Mundial. Você deveria ver minha cozinha nova: Corian* por todo lado.

Lincoln deu uma olhada na cozinha. A geladeira era nova, mas o resto do cômodo realmente podia dizer a diferença entre Red Skelton e Red Buttons. Havia um telefone de disco preso à parede. Lincoln estendeu a mão para tocar no aparelho de baquelite.

– Vai sentir falta desse lugar? – perguntou ele.

– Creio que sim – disse Doris. – Como tudo o mais. – Ela estava abrindo as gavetas da cozinha, certificando-se de não ter esquecido nada. – Não sentirei falta dos radiadores. Ou do vento encanado. Ou daquelas malditas escadas.

Ele olhou pela janela acima da pia, para o pátio.

– É difícil entrar nesse prédio?

– Bem, tem acesso seguro.

– Digo, alugar aqui.

– Por quê? Está procurando por um apartamento?

– Eu... bem... – Estava?

Não.

Mas se estivesse... Esse era exatamente o tipo de lugar que iria querer.

– Se quiser, podemos conversar com Nate, o síndico, na saída. Ele é um cara bom. Um daqueles alcoólatras que parou de beber. Se ele

se esquecer de consertar o banheiro, te dá um desconto.

– Sim – disse Lincoln –, claro, vamos conversar com ele.

Ele apanhou a cristaleira, estourando algumas bolhas.

– Erga com seus joelhos – disse Doris.

Nate disse que algumas pessoas já haviam perguntado sobre o apartamento, mas que ele estava disponível até que alguém lhe desse um cheque para cobrir o depósito. Lincoln não estava com seu talão, mas Doris estava.

– Eu sei que você vai cobrir – disse ela.

Nate pegou a chave de Doris e a entregou a Lincoln.

– Esse foi um dia curto de trabalho – disse Nate.

Lincoln foi com Doris até a nova torre de aposentados. Ele carregou a cristaleira lá para cima, conheceu a irmã dela e admirou a cozinha Corian. Então Doris lhe ofereceu um pouco de pão de ló Sara Lee, e eles olharam velhas fotos dela com Paul e uma série de bassets.

– Rapaz, isso é excitante – disse ela, quando o deixou perto do carro dele. – Eu sinto como se estivéssemos mantendo esse velho lugar na família. Terei que te apresentar a todos os vizinhos.

Depois que ela foi embora, Lincoln caminhou de volta até o prédio, subiu ao terceiro andar e abriu a porta do apartamento. Seu apartamento.

Ele caminhou por cada cômodo, tentando absorver tudo. Cada cantinho. Havia um assento junto à janela no quarto, ele não tinha notado isso antes, e luminárias que desciam das paredes como copos-de-leite. Havia janelas altas, com batente de carvalho, na sala, e uma área ladrilhada do lado de dentro da entrada que dizia “bem-vindo” em alemão.

Ele teria de comprar um sofá. E uma mesa. E toalhas.

Ele teria de contar a sua mãe.

CAPÍTULO 69

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Seg, 24/01/2000 11h26

Assunto: Você já viu a Amanda?

Sério, você a viu hoje?

<<**Jennifer para Beth**>> Se eu a vi? Sinto que deveria pagar um jantar para ela.

<<**Beth para Jennifer**>> Como ela pode andar pela redação, fazer contato visual com as pessoas, quando está praticamente nua até a cintura?

<<**Jennifer para Beth**>> Eu não conseguiria fazer nem uma entrevista por telefone em uma blusa como aquela.

<<**Beth para Jennifer**>> Estou acostumada a usar camisas decotadas (ou me recusar a abotoar outras, decentes), mas, sério, não acho que já tenha visto tanto dos seios de outra mulher. Talvez no ensino médio, no vestiário...

<<**Jennifer para Beth**>> Se a minha mãe estivesse aqui, se ofereceria para emprestar um suéter a Amanda. E se ela dissesse não, daí minha mãe lhe diria o que aconteceu com a rainha Jezebel.

<<**Beth para Jennifer**>> E o que foi que aconteceu com a rainha Jezebel?

<<Jennifer para Beth>> Os servos de Deus a empurraram de uma janela. Por ser promíscua. (E pagã.) Amanda tentou conversar comigo há algumas semanas – usando um cardigã sem nada por baixo. Ela começou a fazer picuinha comigo por causa de uma chamada que eu havia escrito, e eu deliberadamente tirei meus óculos. Não consigo ver nem meus próprios seios sem meus óculos.

<<Beth para Jennifer>> Não sei o que ela está tentando dizer com todo aquele decote.

<<Jennifer para Beth>> Acho que ela está dizendo “Olhem para meus peitos”.

<<Beth para Jennifer>> Sim, mas por quê?

<<Jennifer para Beth>> Porque quando as pessoas estão olhando para os peitos dela, não estão lendo suas chamadas entediadas?

<<Beth para Jennifer>> Heh.

<<Jennifer para Beth>> O que é “heh”?

<<Beth para Jennifer>> É como “ha”, mas mais maldoso. Vou voltar ao trabalho agora.

<<Jennifer para Beth>> Mais uma coisa: eu meio que te amo por não me perguntar como eu estou me sentindo.

<<Beth para Jennifer>> Se sentindo sobre o quê?

<<Jennifer para Beth>> Obrigada.

CAPÍTULO 70

Hum.
Lá estavam elas.
De volta.

Em vez de voltar para casa naquela noite, Lincoln foi para seu novo apartamento.

Ele imaginou que sua mãe não fosse se preocupar, que ela não pensaria em esperar por ele acordada em uma noite de segunda-feira. Sempre podia lhe dizer no dia seguinte que dormira na casa de Justin, se precisasse dizer alguma coisa.

Lincoln arrastou para lá um velho saco de dormir que mantinha em seu porta-malas (e que cheirava a roupas de academia e a fumaça de escapamento) e tentou pegar no sono no piso de sua nova sala de estar. Apesar de ser tarde, ele podia ouvir gente caminhando no apartamento de cima. Em outro lugar, havia um rádio. No apartamento abaixo do dele, talvez, ou na outra ponta do corredor. Quanto mais Lincoln escutava a música, mais próxima ela lhe soava, até que conseguiu identificar cada música – todas clássicos sonolentos dos anos 1950 e 1960, músicas lentas e temas de formatura.

“Come go with me”.

“Some kind of wonderful”.

“In the still of the night”.

Lincoln tentou não escutar. Tentou não pensar.

O que significava Beth e Jennifer voltarem a trocar e-mails?

Provavelmente nada, decidiu. Provavelmente, as últimas semanas de silêncio delas havia sido um acaso. Não o jeito de Deus ajudar Lincoln a seguir em frente com sua vida. Aquilo havia sido algo estúpido a se pensar. Estúpido e pomposo.

Lincoln ouviu o rádio fantasma por muito tempo depois do pessoal do apartamento de cima ir dormir. "Only you." "Sincerely." Talvez tentasse encontrar essa estação ele mesmo amanhã à noite. Ficou pensando em quando havia aprendido a letra de "You send me" e se ela *devia* ser uma música triste. E então pegou no sono.

CAPÍTULO 71

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Ter, 08/02/2000 12h16

Assunto: Você queria...

Trabalhar na revisão.

<<**Beth para Jennifer**>> Hum... Não queria, não.

<<**Jennifer para Beth**>> Hoje iria querer. Derek escreveu uma história sobre como o zoológico está inseminando artificialmente os tigres, e Danielle decidiu que ele não pode usar a palavra p*nis. Ela disse que não passa no teste do café da manhã. Ela o está forçando a dizer "parte reprodutiva do macho" em vez disso.

<<**Beth para Jennifer**>> O que é o teste do café da manhã?

<<**Jennifer para Beth**>> Tem certeza de que frequentou a faculdade de jornalismo? A ideia é não escrever nada tão nojento que leve as pessoas que leem o jornal durante o café da manhã a desistirem de seus cereais.

<<**Beth para Jennifer**>> Acho que estou mais propensa a desistir dos meus cereais pelo duplo homicídio na primeira página do que por tigres inférteis.

<<**Jennifer para Beth**>> Foi o que o Derek disse. Ele também disse que só alguém tão se#ualmente reprimida como Danielle

julgaria inseminação artificial em tigres excitante demais para compartilhar com nossos leitores.

<<Beth para Jennifer>> Você faz parecer que estão inseminando tigres artificiais. Isso é bem depravado.

<<Jennifer para Beth>> Ele acaba de perguntar a Danielle se ela coloca uma tarja preta em todos os palavrões nos seus romances Harlequin.

<<Beth para Jennifer>> Ele vai ser demitido.

CAPÍTULO 72

Todas as mensagens entre Beth e Jennifer eram assim ultimamente.

Elas tinham voltado a escrever uma para a outra, mas algo havia mudado entre as duas. Faziam piada e reclamavam sobre o trabalho, elas apareciam... – mas não escreviam mais sobre nada importante.

Por que isso o frustrava? Por que isso o deixava inquieto?

Estava horrível lá fora, frio e cinzento, com a chuva se esforçando muito para ser neve. Mas Lincoln não aguentaria mais, por outras seis horas, ficar sentado no departamento sem ar de TI. Ele resolveu dirigir até o McDonald's para o jantar. Estava a fim de algo gorduroso e quente.

As ruas estavam ainda piores do que Lincoln esperava. Ele quase foi atingido por um utilitário que não conseguiu frear a tempo para um farol vermelho. A viagem toda tomou a maioria do tempo de seu intervalo para o jantar, e, quando ele voltou ao escritório, sua vaga no estacionamento tinha sido ocupada. Ele precisou estacionar na área alagada a alguns quarteirões de distância.

Quando ouviu o choro pela primeira vez, pensou se tratar de um gato. Era um som terrível. Lamentoso. Ele olhou ao seu redor, procurando por ele, e viu uma mulher de pé junto a um dos últimos carros ainda no estacionamento. Ela estava encolhida sobre o carro e no meio de uma poça gigantesca de lama.

Quando Lincoln se aproximou, viu o pneu vazio e o macaco caído na lama perto dela.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Sim. – Ela soou mais apavorada do que convencida. Era uma mulher pequena, sólida, com cabelo alourado. Ele a vira algumas vezes antes, no turno do dia. Ela estava ensopada e chorando inconsolavelmente. Não conseguia olhar para ele. Lincoln ficou ali de pé, sem saber o que fazer, sem querer deixá-la ainda mais desconfortável, mas sem vontade de deixá-la sozinha.

Ela tentou se recompor.

– Você tem um celular que eu possa usar?

– Não – disse ele. – Me desculpe. Mas posso ajudar a trocar o pneu.

Ela limpou o nariz, o que pareceu inútil, considerando-se como estava molhada.

– Tudo bem – disse ela.

Ele procurou um lugar para colocar seu jantar, mas não havia nenhum, então entregou à mulher seu saco do McDonald's e pegou a chave de roda. Ela já havia tirado algumas das porcas; isso não iria demorar.

– Você trabalha no *The Courier*? – perguntou ela. Ainda estava tão chateada que ele desejou que ela não tentasse conversar.

– É – disse ele.

– Eu também, na revisão. Meu nome é Jennifer. O que você faz? Jennifer. Jennifer?

– Segurança – disse ele, surpreendendo-se. – Segurança do sistema.

Ele levantou o carro com o macaco e olhou em volta, procurando pelo estepe.

– Ainda está no porta-malas – disse ela.

Claro que estava. Lincoln não conseguia mais olhar para ela; e se ela o reconhecesse? Talvez não fosse ela. Quantas Jennifers trabalhavam na revisão? Ele abaixou o carro, abriu o porta-malas,

pegou o estepe, tornou a erguer o carro. Estava quase certo de que ela estava chorando de novo, mas não sabia como confortá-la.

– Eu tenho batatas fritas aí, se você quiser – disse ele, percebendo, assim que as palavras tinham saído, que aquilo o fazia parecer esquisitão. Pelo menos, ela não parecia mais estar com medo dele. Quando voltou a olhar para ela, ela estava comendo as batatas fritas.

Ele levou quinze minutos para trocar o pneu. Jennifer (*Jennifer?*) não tinha um estepe de verdade, só um daqueles pneus temporários que alguns carros novos traziam de fábrica. Ela lhe agradeceu e devolveu o que tinha sobrado de seu jantar.

– Isso aqui é quase só uma câmara – disse ele. – Você deveria consertar seu pneu assim que puder.

– Certo – disse ela. – Vou fazer isso.

Ela não parecia estar prestando atenção. Lincoln sentiu que ela só queria que ele fosse embora. E ele queria ir embora. Esperou ela entrar no carro e ligar o motor antes de ir embora andando. Mas, quando olhou para trás, o carro dela não tinha se mexido. Ele parou de andar.

Perguntou-se por que Jennifer – se é que essa era Jennifer, a Jennifer – estava chorando, o que havia acontecido. Talvez ela tivesse brigado com Mitch. Mas não havia nenhum sinal disso nos e-mails dela. Talvez...

Oh.

Oh.

Quando tinha sido a última vez que ela mencionara... Por que ele não havia notado... Ele deveria ter adivinhado quando os e-mails pararam, pelo jeito como elas estavam conversando, pelo que elas não estavam falando.

O bebê. Ele deveria ter adivinhado.

Ele era tão *egoísta*. Tudo com que se importava era encontrar a si mesmo nas conversas delas. Não que tivesse alguma importância se ele *tivesse* reparado. Não que ele pudesse ter dito que sentia muito ou enviado um cartão para ela.

Lincoln voltou e bateu na janela dela. Estava embaçada. Ela limpou um círculo na janela, viu que era ele e abriu o vidro.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou ele.

– Estou, sim.

– Sinto que eu deveria ligar para o seu marido.

– Ele não está em casa – disse ela.

– Uma amiga, então, ou sua mãe, ou algo assim.

– Eu juro, vou ficar bem.

Ele não podia deixá-la sozinha. Especialmente agora que sabia, ou achava que sabia, qual era o problema.

– Se uma pessoa de quem eu gosto estivesse chorando sozinha em um estacionamento – disse ele, desejando poder contar que ela *era* uma pessoa de quem ele gostava –, a essa hora da noite, eu iria querer que ela ligasse para mim.

– Olha, você tem razão. Eu não estou bem, mas vou ficar. Estou indo embora agora. Prometo.

Ele queria falar para ela não dirigir, de jeito nenhum. As ruas estavam uma bagunça, ela estava uma bagunça... Mas Lincoln não podia lhe dizer o que fazer. Não conseguia dizer nada que servisse de conforto para Jennifer. Ele lhe entregou seu saco do McDonald's.

– Tudo bem. Só... Por favor, vá para casa.

E então ela foi embora. Lincoln observou-a deixar o estacionamento e entrar na rodovia. Quando ela saiu de vista, ele correu para o prédio do *The Courier*. Estava tão molhado e gelado que tirou os sapatos enlameados quando chegou à sua mesa e tentou adivinhar qual dos respiradores no teto estava expelindo mais calor, para poder se encolher embaixo dele. Acabou comprando seu

jantar nas máquinas de salgados. (Teria de avisar a Doris que os sanduíches pareciam estar se estragando poucos dias antes da data de validade.) Ele ficou pensando se Jennifer havia chegado bem em casa e se estava certo quanto ao que acontecera. Podia não ser nada tão terrível. Podia nem ser a mesma Jennifer.

Lincoln passou a noite em seu apartamento de novo. Ainda estava gelado lá fora, e era mais perto dirigir até lá do que ir para casa. Ele pensou em ligar para a mãe para avisá-la que estava bem, que não tinha se envolvido em nenhum acidente. Ela ainda não tinha mencionado o fato de ele não estar voltando para casa todas as noites. Talvez estivesse tentando lhe dar espaço. E se ele não precisasse se mudar? E se ele pudesse simplesmente ir ficando...

CAPÍTULO 73

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Qua, 09/02/2000 10h08

Assunto: Acho que conheci o Seu Cara Fofa.

A menos que haja dois caras fofos, de cabelos escuros e praticamente hercúleos vagando por aqui.

<<Beth para Jennifer>> *Conheceu? Você o conheceu?*

<<Jennifer para Beth>> Sim, na noite passada. Quando eu estava saindo do trabalho.

<<Beth para Jennifer>> Você está aumentando o suspense para seu próprio divertimento?

<<Jennifer para Beth>> Não sei se eu quero te contar. É o tipo de história que pode te deixar preocupada a meu respeito, e eu realmente não quero isso.

<<Beth para Jennifer>> Tarde demais. Eu já estou preocupada com você. Conte-me tudo – em detalhes.

<<Jennifer para Beth>> Bem...

Eu fiz um turno intermediário ontem, o que quer dizer que tive de estacionar naquela área de cascalho debaixo da rodovia, e não saí daqui até as nove, e estava frio lá fora, e com aquela chuva quase neve, um tempo horróroso, e, quando eu finalmente cheguei ao meu carro, estava com um pneu furado. (Isso já está parecendo uma cena de abertura de um episódio de *Law & Order*, não é?)

Então... Eu imediatamente peguei meu telefone para ligar para Mitch, mas estava sem bateria. Naquele momento, eu deveria apenas ter voltado para o prédio e chamado um guincho ou algo do tipo. Em vez disso, resolvi trocar eu mesma o pneu. Digo, já troquei pneus antes, não sou completamente indefesa. Enquanto estava tirando o macaco, tive um instante de "talvez eu não devesse estar fazendo isso em minha condição".

E aí me lembrei de que não estou mais em condição nenhuma.

Levei vinte minutos para tirar as duas primeiras porcas. A terceira não se mexia. Eu tentei até ficar de pé em cima da chave de roda. Ela escapou, saiu girando e acertou minha canela. Eu já estava enlameada a essa altura do campeonato e ensopada até os ossos e chorando. Digamos que histericamente.

Aí eu vejo uma sombra imensa de uma pessoa andando na minha direção, e tudo em que posso pensar é: "espero que ele não me estupe, porque eu deveria esperar seis semanas antes de ter relações".

A sombra imensa me diz: "Você está bem?".

Eu digo "Sim", esperando que ela vá continuar andando. Aí ele se aproxima o bastante para eu ver que ele é fofo – fofo de uma maneira bem específica e inesperada: rústica, poderia se dizer – e veste uma jaqueta jeans meio antiquada. Na mesma hora, penso "Este é o Cara Fofo da Beth" e, então, paro de sentir medo dele, o que é bem engraçado, considerando-se que, apesar de toda a sua paixonite, nenhuma de nós sabe nada a respeito desse cara. E talvez nem fosse ele.

Enfim, ele trocou o pneu para mim.

Levou oito minutos, no máximo. Eu apenas fiquei ali, segurando o jantar dele (McDonald's) e assistindo a tudo. E chorando. Devo ter parecido loucamente patética porque ele disse: "Eu tenho batatas fritas aí, se você quiser". Eu pensei que era algo muito esquisito a se

oferecer, mas, francamente, eu sou exatamente o tipo de pessoa que se sente reconfortada com batatas fritas, então as comi.

E então – é sério – *minutos* depois ele tinha terminado (e também estava coberto de lama, o estacionamento todo era uma poça cinzenta só). Ele me disse que eu ainda devia consertar meu pneu e saiu andando.

Aí eu entrei no meu carro, liguei o ar quente... e comecei a chorar ainda mais do que antes. Mais forte do que chorei desde que tudo aconteceu. Eu não sei se já havia chorado daquele jeito antes. (Talvez quando meu pai foi embora.) Eu estava tremendo e fazendo uns ruídos horríveis, ocos, como de elefantes. Ficava pensando na palavra “desespero” e como eu nunca a compreendi antes, lendo-a fora de contexto.

Eu estava bem fundo nesse sentimento quando ouvi uma batida na minha janela. Seu Cara Fofa. Ele ainda estava ali, de pé. Ele pareceu embaraçado pela situação toda, sofrendo dores quase físicas por ter de lidar comigo. Ele disse “Sinto que eu devia ligar para o seu marido”, todo firme e determinado. (Fiquei só um pouco magoada por ele presumir que eu tivesse um marido. Foi meio como ser chamada de “madame” quando você ainda se sente uma “*mademoiselle*”.)

Eu fiquei repetindo que ficaria bem, e então ele disse: “Se uma pessoa de quem eu gosto estivesse chorando sozinha em um estacionamento a essa hora da noite, eu iria querer que ela me ligasse”.

Foi exatamente o que ele disse. Não é simpático?

Eu disse a ele que tinha razão, que eu não estava bem, mas iria ficar, e prometi que iria para casa. Por um minuto, pareceu que ele não me deixaria ir, como se fosse simplesmente ficar ali com sua mão na minha janela. O que faria sentido – meus olhos estavam

quase fechados de tão inchados, e eu provavelmente parecia pronta a jogar o carro de um penhasco.

Mas ele meneou a cabeça, me entregou seu pacote do McDonald's (?) e foi embora.

Só então eu saí. Fui para casa e comi seus dois cheeseburgers (com picles extra) enquanto esperava pelo Mitch, que, devo frisar, ficou, na verdade, aliviado ao me ver chorar. Acho que ele estava começando a pensar que eu era desumanamente fria ou que estava implodindo em silêncio.

Basicamente, eu chorei a noite toda. Estava tão inchada e vermelha quando cheguei aqui hoje que disse a Danielle que havia sofrido uma reação alérgica a ostras.

<<Beth para Jennifer>> Você deveria ter ficado em casa.

<<Jennifer para Beth>> Não quero que ninguém comece a imaginar por que eu andei tirando tantos dias de afastamento por doença.

<<Beth para Jennifer>> Se eles soubessem, te dariam uma licença tranquilamente.

<<Jennifer para Beth>> Não quero que ninguém sinta pena de mim. Tudo bem, isso não é verdade, eu sinto como se o mundo todo devesse sentir pena de mim. Sou patética e estou sofrendo. Mas não quero ninguém sentindo pena de mim se isso significa que eles precisam pensar a respeito do meu útero.

<<Beth para Jennifer>> Está se sentindo melhor hoje? Aliviada por ter liberado um pouco do que sentia?

<<Jennifer para Beth>> Não sei. Ainda não quero conversar a respeito.

<<**Beth para Jennifer**>> Mas podemos conversar a respeito do Meu Cara Fofa, certo?

<<**Jennifer para Beth**>> *Ad nauseam.*

<<**Beth para Jennifer**>> Não posso acreditar que você o *conheceu*. Andei seguindo-o por meses sem conseguir fazer mais do que contato visual, e você vai e o *conhece*. E não só conheceu. Teve um encontro fofo. É feio de minha parte estar com ciúmes de você no momento?

<<**Jennifer para Beth**>> O que é um encontro fofo?

<<**Beth para Jennifer**>> É aquele momento num filme que o mocinho e a mocinha se encontram. Eles nunca se conhecem normalmente. Nunca é tipo: "Harry, esta é Sally. Sally, este é o Harry". Eles sempre se encontram de um jeito fofo, tipo: "Ei, você deixou cair chocolate na minha manteiga de amendoim!"/"Do que você está falando? Foi você que colocou manteiga de amendoim no meu chocolate!".

Ser resgatada (chorando na chuva em um estacionamento) por um homem bonito, ele trocar seu pneu e dividir batatas fritas com você, isso é muito encontro fofo.

Droga, era eu que devia ter o encontro fofo.

<<**Jennifer para Beth**>> Seu encontro fofo teria sido assim: "Ei, você deixou cair chocolate na minha manteiga de amendoim!"/"Me desculpe, eu tenho um namorado".

Além disso, sinto que eu deveria destacar que era uma chuva congelante. Chuva congelante não é fofo.

<<**Beth para Jennifer**>> Mas você ainda conseguiu vê-lo de cabelo molhado...

Então, me diga, qual impressão ele te passou? Parece que você o achou esquisito.

<<Jennifer para Beth>> Eu não diria esquisito. Diria desajeitado, meio tímido. Ele pareceu muito desconfortável – como se só seu cavalheirismo e decência comum o impedissem de ir embora.

<<Beth para Jennifer>> Então: desajeitado, cavalheiresco, decente...

<<Jennifer para Beth>> E muito gentil. Foi muito bondoso parar e ficar até eu me recompor. Muitos caras teriam continuado andando ou, na melhor das hipóteses, chamado a emergência.

<<Beth para Jennifer>> Desajeitado, cavalheiresco, decente, gentil...

<<Jennifer para Beth>> E muito, muito fofo. Você não estava exagerando. Não fofo como um modelo da Sears. Mais um fofo à moda antiga. E, quanto mais eu olhava pra ele, mais fofo ele ficava. Ele tem o porte físico de um tanque. Eu meio que achei que o veria levantar meu carro com as próprias mãos.

<<Beth para Jennifer>> O porte de um tanque, vestido como se tivesse acabado de ganhar a feira de ciências. Como esse cara é fofo.

<<Jennifer para Beth>> Muito fofo.

<<Beth para Jennifer>> Pode apostar que vou começar a estacionar na área de cascalho. Você sabe disso, não é?

<<Jennifer para Beth>> Não faça isso. Aquele estacionamento é assustador. Atenha-se à copa.

CAPÍTULO 74

Ainda sou o cara fofo dela, pensou Lincoln, dirigindo para casa.

Ele foi para a academia cedo no dia seguinte e correu até seus joelhos começarem a ceder.

Ainda sou dela.

– Lincoln! Cara! Você está vivo!

– Justin, oi.

– Me desculpe ligar para você no trabalho, mas andei ligando tanto para a sua casa que a sua mãe provavelmente acha que estou querendo dormir com você. Eu sinto como se não te visse desde a sexta série.

– É – disse Lincoln –, eu não tenho... – Ele não estava evitando Justin. Estava evitando o Sacajawea.

– Você se lembra de como era grande na sexta série? Você era “A Porra do Meu Guarda-Costas”. Olha, você vai sair essa noite. Comigo e com a Dena.

– Eu tenho que trabalhar essa noite.

– A gente espera. Não viramos abóboras quando dá meia-noite. Eu não preciso trabalhar amanhã; Dena precisa, mas ela consegue se virar com menos de oito horas de sono... *Ah, você consegue, sim. Não precisa de oito horas para sugar a saliva da boca dos outros... Digo, com um aspirador...* Ei, Lincoln, a gente se vê no Village Inn, tudo bem? Eu vou ver se consigo pegar nossa mesa de sempre.

– Tá, tudo bem. Eu chego lá à uma.

– Uma, então.

Justin e Dena estavam acabando de fazer seus pedidos quando Lincoln chegou lá. Eles já haviam pedido a torta de mousse de chocolate dele.

– Essa fatia e a próxima são por minha conta – disse Justin. – Estamos celebrando.

– Qual é a ocasião? – perguntou Lincoln.

– Mostre a ele, meu bem – disse Justin.

Dena estendeu uma das mãos, na qual pousava um anel do tamanho da sua articulação. Trabalhar em marketing hospitalar devia dar dinheiro.

– É lindo – disse Lincoln. – Parabéns. – Ele se inclinou sobre a mesa para dar um tapinha no ombro de Justin. – Parabéns.

– Estou mais feliz que porco na merda – disse Justin –, e parte disso é graças a você.

– Não.

– Sim. Você foi meu parceiro, para começo de conversa, e aí colocou juízo na minha cabeça quando eu quase deixei essa linda mulher escapar das minhas mãos. Não se lembra? Você me mostrou que eu estava errado com aquela bobagem de não querer sossegar.

– Você teria chegado à mesma conclusão sozinho – disse Lincoln. – Estava apaixonado.

– Talvez – disse Justin –, mas quero te agradecer mesmo assim, e eu... Dena e eu gostaríamos que você fizesse parte do nosso casamento.

– De verdade?

– De verdade. Quer ser padrinho?

– Claro – disse Lincoln, surpreso. E emocionado. – Claro, eu adoraria.

– Bem, tudo certo, então – disse Justin. Ele deu uma garfada generosa no purê de batatas. – Certo! Eu nem te contei a melhor parte. Adivinha quem vai tocar na nossa festa? – Ele não esperou que Lincoln adivinhasse. – Sacajawea!

– Essa é a melhor parte? – perguntou Dena.

– A melhor parte, tirando o casamento – disse Justin.

– Sacajawea... – disse Lincoln.

– É isso aí. Eu entrei em contato com eles através do gerente do Ranch Bowl e conversei com o vocalista. Ele disse que eles tocariam na porra de um *bar mitzvah* se pudéssemos pagar o cachê deles.

– Vai sair mais caro que o *open bar* – disse Dena.

– Vai ser incrível – disse Justin.

Eles contaram mais sobre o casamento. Seria grande: Dena tinha muitas irmãs da fraternidade. Lincoln percebeu que Justin teria que cavoucar bastante para encontrar tantos padrinhos.

– Quando é o grande dia? – perguntou Lincoln.

– Sete de outubro.

– Estamos procurando uma casa agora – disse Justin.

– Estamos procurando uma churrasqueira – disse Dena.

– Um grill – disse Justin –, e não sei qual é o problema nisso. Eu preciso saber como vai ser o grill antes de encontrarmos a casa, para poder visualizá-lo no quintal. Eu não quero me mudar para uma casa e descobrir seis meses depois que a porra do grill não se encaixa. Por que alguém iria querer começar sua vida a dois abrindo mão do que quer?

Dena revirou os olhos e chamou a garçonete para pedir outra Coca diet.

– Queremos que você nos visite para comer um bife, Lincoln – disse Dena.

– Bife o caralho – disse Justin –, vou te chamar quando a gente se mudar. Dena tem um sofá modular de couro que vai precisar de três

homens adultos e um rinoceronte para carregar.

Lincoln percebeu que o rinoceronte era ele.

– Não é tão grande assim – disse Dena.

– Ficarei feliz em ajudar – disse Lincoln. – De verdade. Parabéns, pra vocês dois.

Ele passou as três noites seguintes em seu apartamento. Comprou um colchão, um box de molas, e um abajur. Comprou um porta-escovas de dente e uma saboneteira e um sabonete com cheiro de erva-doce. Ficou por vinte minutos no setor de cama, mesa e banho da Target, tentando escolher um conjunto de lençóis masculino, e acabou levando um com estampa de violetas, porque ele gostava de violetas e porque quem mais iria ver seus lençóis, afinal?

CAPÍTULO 75

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 14/02/2000 10h00

Assunto: Saudações da pessoa mais egocêntrica do mundo.

Noite passada, deitada, mas acordada, enquanto dizia a mim mesma o quanto desprezível eu sou, percebi que realmente *sou* uma pessoa desprezível. Sou, no mínimo, uma amiga terrível. Em todas essas semanas, não afastei os olhos do meu umbigo sofrido nenhuma vez para te perguntar sobre o casamento da Kiley. Sinto muitíssimo mesmo.

Então, por favor, me conte. Como foi o casamento?

<<Beth para Jennifer>> Por que é que você estava acordada, pensando que é uma pessoa terrível?

<<Jennifer para Beth>> Para manter minha mente ocupada quando não consigo dormir. Algumas pessoas contam carneirinhos. Eu odeio a mim mesma.

<<Beth para Jennifer>> Consigo entender por que você pode estar com problemas para dormir, mas não por que estaria se odiando.

<<Jennifer para Beth>> Não consegue? Não mesmo?

<<Beth para Jennifer>> Não. O que aconteceu foi terrível, mas você não é terrível.

<<Jennifer para Beth>> O que aconteceu só aconteceu porque eu sou terrível. Como foi o casamento?

<<Beth para Jennifer>> Não é, não. Claro que não. Você acredita mesmo que as coisas ruins acontecem às pessoas porque elas merecem?

<<Jennifer para Beth>> Em geral, não. Nesse caso, sim.

Lembra-se de quando minha doula me disse para conversar com o bebê, para que ele pudesse sentir minhas emoções e minha atenção? E eu disse que aquilo era maluco, e você disse que provavelmente fazia sentido?

Bem, agora eu concordo com você. Tem algum sentido.

O bebê podia sentir o que eu desejava. Eu estava enviando vibrações maternas pelo meu cordão umbilical ou algo assim. E pelas primeiras seis ou sete semanas, a mensagem que eu estava enviando era "vá embora". "Vá embora, vá embora, vá embora." E ele foi.

Você pode discordar de mim o quanto quiser e me dizer que não é culpa minha, que essas coisas apenas acontecem. Mas eu sei que, por baixo de todas as suas garantias carinhosas, você sabe melhor do que ninguém o quanto eu era negativa, o quanto estava ansiosa e com raiva e maldosa. Eu sei que eu te deixava desconfortável.

<<Beth para Jennifer>> Concordo que você estava dividida e infeliz, mas muita gente infeliz tem filhos. Você não consegue desligar uma gravidez com pensamentos negativos.

<<Jennifer para Beth>> Não apenas negativos. Corrosivos.

<<Beth para Jennifer>> Mas você superou isso. Você aceitou o fato de estar grávida. Mais do que aceitou a gravidez, você estava feliz com ela.

<<Jennifer para Beth>> Irônico, hein? (É irônico ou apenas triste? Eu confundo às vezes.)

<<Beth para Jennifer>> Por favor, não faça isso. Não simplifique demais tudo pelo que passou desse jeito. Você precisava experimentar aqueles sentimentos horríveis. Você precisava encará-los, confrontar sua amargura e pessimismo, e decidir que não queria mais ser daquela maneira.

<<Jennifer para Beth>> Bem a tempo de ficar terrivelmente desapontada. É isso o que eu ganho.

<<Beth para Jennifer>> Se você está determinada a ver o que aconteceu como algum tipo de justiça universal, considere que a lição aqui talvez não seja a de se recolher ao cinismo, mesmo que seja o ponto em que você se sinta mais confortável. Talvez a lição seja colocar-se acima disso.

<<Jennifer para Beth>> Bem, isso parece um pouco rude.

<<Beth para Jennifer>> Achei que você queria que eu fosse honesta.

<<Jennifer para Beth>> Se isso é você sendo honesta, acho que prefiro que continue seguindo a linha de sempre, coisas que posso arquivar como "Encorajamento", "Aceitação" ou "Sinto muito por algo ter morrido dentro de você". Eu não preciso de "Acorde e saia dessa".

<<Beth para Jennifer>> Não foi isso o que eu quis dizer. Me desculpe.

<<Jennifer para Beth>> Não foi o que você quis dizer? Foi o que disse.

<<**Beth para Jennifer**>> Então eu não deveria ter dito.

CAPÍTULO 76

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 14/02/2000 15h15

Assunto: Mas enfim...

Como foi o casamento?

<<**Beth para Jennifer**>> Isso quer dizer que você me perdoou por ser insensível?

<<**Jennifer para Beth**>> Para ser perfeitamente honesta, não. Talvez eu não a perdoe até que uma de nós esteja em seu leito de morte. (Não consigo evitar, eu gosto de guardar uma mágoa.) Mas até que eu faça outra amiga, não posso me dar ao luxo de ficar com raiva de você.

<<**Beth para Jennifer**>> Eu realmente sinto muito. Não quero que você sinta que não pode falar comigo a respeito do que aconteceu.

<<**Jennifer para Beth**>> Por favor. Com quem mais eu vou conversar? Conte-me sobre o casamento.

<<**Beth para Jennifer**>> Tudo bem. Mas eu já vou avisando, é uma história bem longa. Posso levar mais tempo para te contar sobre o casamento do que efetivamente passei no casamento, incluindo a missa católica. Me dê algumas semanas para digitar tudo.

<<Jennifer para Beth>> Te dou algumas horas. Acho que posso encontrar algo para revisar enquanto espero.

<<Beth para Jennifer>> Tem certeza de que está tudo bem entre nós? Porque eu posso pedir mais desculpas. Sou muito boa em penitência.

<<Jennifer para Beth>> Apenas me conte sobre o casamento.

CAPÍTULO 77

De: Beth Fremon

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Seg, 14/02/2000 15h15

Assunto: Para amar e respeitar.

Certo, eu digitei isso aqui em um documento chamado Notícias e salvei no sistema para não perder e ter que começar tudo de novo. Confira direitinho para não arquivar na pasta da edição matinal, está bem?

Agora, tem certeza de que está preparada para isso? É uma história bem comprida.

E tem certeza de que não está mais brava comigo? Quer conversar mais sobre o bebê? Porque o casamento pode esperar. (Não se trata de um furo de notícia, a essa altura.)

<<**Jennifer para Beth**>> Sim, estou preparada, e não, não estou brava. Agora, despeja tudo!

<<**Beth para Jennifer**>> Certo, bem, aí vai...

O casamento, em si, foi perfeitamente adorável.

Conforme o esperado, fiquei praticamente monstruosa no meu vestido de dama de honra. Mas eu parecia ser a única a notar isso, e até eu estava cheia de me ouvir reclamando, então botei uma máscara de bravura. O que acabou se mostrando muito mais atraente do que a máscara que a maioria das outras damas de honra estavam usando. Todas elas quiseram "olhos esfumados" – "sabe, como a Helen Hunt na cerimônia do Oscar". Tenho quase certeza de

que minha irmã Gwen e eu somos as únicas que não vão ficar parecendo vítimas de violência doméstica nas fotos do álbum.

A cerimônia teve seus momentos emocionantes, mas foi tão insuportavelmente longa – uma missa completa, como eu comentei – que foi difícil me concentrar em qualquer outra coisa além de travar meus joelhos para não desmaiar. (Isso aconteceu no casamento do meu primo. Um dos padrinhos caiu em uma cadeira e cortou a orelha. Ele sangrou copiosamente em seu smoking de aluguel.) Eu pensei que, se desmaiasse em cima da pequena Tri-Delta atrás de mim, poderia esmagá-la.

Chris se comportou superbem. Ele se sentou com meus pais durante a cerimônia e, depois, foi apresentado a todos os membros da minha família estendida. Ele foi tão encantador que eu comecei a chamá-lo de Chris Perfeito.

E quando chegou a hora de tirar a grande foto de família com todos os cônjuges e netos, Kiley insistiu que Chris fosse incluído. Ela nem lhe deu a chance de protestar. “Você está com a gente há mais tempo do que qualquer um desses maridos”, disse ela.

O jantar foi delicioso – as velhinhas italianas da igreja dos meus pais fizeram macarrão ao forno e calabresa com pimentão vermelho. Minha irmã ficou com tanto medo de manchar seu vestido que não comeu nada além de pão de alho. (Se eu comi o macarrão dela? Ora, sim, claro que comi.)

Kiley e Brian estavam adoráveis dançando ao som de Louis Armstrong. Ela estava linda. Eu tive de dançar com um dos Sigma Chi durante a dança dos padrinhos – a música tema de *Titanic* –, e ele ficou obviamente olhando para dentro do meu decote, o que foi nojento, mas um tantinho lisonjeiro. Aparentemente, eu ainda estou com tudo.

Assim que meus deveres oficiais de dama de honra terminaram, vesti meu cardigã e me senti um milhão de vezes melhor. Estava

com um humor fantástico, na verdade, aliviada pelas partes difíceis terem acabado e realmente entusiasmada em passar o resto da noite com Chris. Eu me sentia tão apaixonada por ele como jamais estive.

Em primeiro lugar, ele estava perigosamente lindo. Estava vestindo o casaco cinza-chumbo que eu comprei com algo que se podia chamar de uma "gravata-borboleta" frouxa, azul, de cetim. Essa roupa o deixava com cara de quem deveria estar escrevendo poesia francesa. (Expressamente para seduzir virgens.) Minha mãe perguntou a ele se ele estava usando uma echarpe.

Em segundo lugar, eu sabia que ele estava sendo tão charmoso apenas porque me amava. Como um favor para mim. Eu senti esse bom comportamento da parte dele como evidência incontestável de que ele se importava. Eu não deveria precisar de evidências, mas elas podem ser bastante tranquilizadoras.

Durante o jantar, Chris foi para o lado de fora para fumar e se afastar da minha família, e, quando eu o encontrei, do lado de fora da porta dos fundos, ele pareceu tão feliz por me ver quanto eu estava ao vê-lo. "Agora você é minha?", perguntou ele. Ele me disse que eu estava linda. Ele me beijou. Ele me disse para tirar o cardigã. "Vamos para casa", ele disse.

Eu disse a ele que eu não podia sair, que prometera a minha irmã que iria dançar. Ela não queria uma daquelas festas em que só as crianças dançam, então fez todas as damas de honra prometerem ficar na pista de dança até a "Dança da galinha".

"Então acho que vamos dançar", ele disse, e puxou uma última tragada do cigarro. Ele tem esse jeito de inclinar a cabeça para baixo e olhar para mim enquanto traga que me faz entender por que esses meninos de doze anos acham que fumar é legal.

Então nós voltamos para a recepção e dançamos todas as músicas. Dançamos mais ou menos. Estávamos principalmente

abraçando um ao outro e oscilando de um lado para o outro, enquanto trocávamos beijinhos de esquimó.

Lembra-se de quando eu fiquei obcecada com aquele restaurantezinho lituano no centro? E que só abria quando a velhinha rabugenta que cuidava dele estava com vontade? Eu passava lá todo dia, por uma semana, para nada. E, então, quando eu já estava desistindo de saborear as tortas Napoleão outra vez, eu passava e via a placa de “Aberto” na janela.

Bem, estar com o Chris é como tentar namorar aquele restaurante. Eu nunca sei quando ele vai estar lá e o quanto vai estar aberto para mim. Ele quase nunca está *todo* ali, disposto. Quase nunca consigo o Chris que tive na noite do casamento de Kiley – placa de “Aberto”, sopa fria de pepino, rouladen, kolaches de semente de papoula.

Eu me peguei pensando que é assim que eu gostaria de dançar no meu casamento. (Tirando todas as músicas das Dixie Chicks e do Alan Jackson.) O tipo de dança que é mais o tocar um ao outro com música. Que é mais como se você fechasse os olhos e tentasse pensar como diria a alguém que o ama se não tivesse palavras ou sexo.

Chris estava com um dos braços ao redor da minha cintura e estava emaranhando seus dedos nos meus cabelos. Ele beijou minha testa, sorrindo. Ele olhou para mim, diretamente para mim, e eu senti que estava apaixonada pelo sol.

E então – é impossível você não rir de mim agora – o DJ tocou a música “Rocky mountain high”.

Porra, eu amo “Rocky mountain high”. Eu não ligo muito para águias, para lagos ou para o Colorado. Mas “Rocky mountain high” é como a euforia soaria, se tivesse um som. Quando você escuta John Denver cantar: “Ele nasceu no verão de seu 27º ano...”, como pode não sentir seu coração se abrir para o cosmos?

Então "Rocky mountain high" começou a tocar, e eu comecei a beijar Chris como se não pudesse esperar para chegar ao refrão, cheio de adoração e vulnerabilidade e "Eu vi chover fogo do céu". E Chris correspondeu aos meus beijos. E quando ele se afastou – mais ou menos no momento que o compositor está admitindo que sua vida é cheia de maravilhas, mas seu coração ainda conhece o medo –, Chris disse: "Beth, eu te amo. Eu te amo mais do que pretendia amar. Mais do que já disse".

E eu comecei a dizer a ele que o amava também, mas ele me interrompeu, me beijou e disse: "Espere, eu não acabei ainda. Isso é importante".

Você vai me achar uma tonta se eu te disser que pensei que ele estava se preparando para me pedir em casamento? Eu não tinha certeza. Provavelmente teria apostado contra isso. Mas, se ele algum dia fosse me propor casamento, jamais haveria um momento mais provável, mais perfeito.

"Às vezes", disse ele, "eu te amo tanto que não consigo suportar. Às vezes, eu simplesmente não tenho a energia para isso, para ter algo tão grande vindo de mim. E eu não consigo parar ou diminuir. Às vezes, eu fico cansado só de saber que vou te ver".

Eu ainda não estava pronta para abrir mão do meu sonho. Eu estava pensando: "Cansado *no bom sentido*, certo?".

"Eu sempre vou te amar", ele disse, "mas preciso que você saiba que nunca vou me casar com você".

Eu devo ter feito cara de quem não entendeu, porque ele repetiu. Enfaticamente. "Beth, eu nunca vou me casar com você." Ele ainda estava me olhando com olhos suaves e cheios de amor. Se você estivesse olhando para nós a alguns metros de distância e visse o rosto dele, pensaria que ele *realmente* tinha acabado de pedir a minha mão.

O que eu me flagrei pensando, ao menos de imediato, foi que havia certa violência em dizer aquilo do jeito que ele disse. Que *ele* não se casaria *comigo*. Será que ele não podia ter dito que *nós* nunca iríamos nos casar? Não podia ter sugerido uma decisão mútua? Isso não teria sido um pouco mais educado?

E daí ele tentou me beijar, ou continuar beijando, na verdade, com todo o amor e a paixão e o John Denver que estávamos compartilhando antes do seu pronunciamento. Mas eu sentia que ainda havia mais coisas a dizer. Então recuei e disse: "Você quer dizer que nunca vai se casar? Ou que nunca vai se casar comigo?"

Ele pensou a respeito. "As duas coisas", disse ele, afagando meu cabelo, "mas principalmente a última".

"Principalmente que não vai se casar *comigo*."

Ele assentiu. "Mas não porque eu não a amo. Eu te amo. Amo você demais. Você é demais."

Eu o empurrei para longe e, então, comecei a andar em um círculo estranho ao redor da pista de dança. Meio que vaguei pelos dançarinos e acabei saindo pela porta da frente. Andei pelo estacionamento por um minuto até perceber que não sabia onde Chris tinha estacionado e que ele ainda estava com as minhas chaves. (Se eu fosse o tipo de pessoa para quem se apaixonar significa em algum momento casar, eu deixaria minhas damas de honras usarem vestidos com bolsos.) Olhei para trás e lá estava ele, de pé, na porta do salão. "Não faça isso", ele gritou.

"Não sou eu quem está fazendo isso", eu disse. "Você é que está." E assim eu resolvi que cairia mortinha antes de dar mais um passo na direção dele. Então disse a ele para me jogar as chaves. Ele não queria, disse que iria me levar para casa. E eu: "Não se aproxime de mim. Jogue as minhas chaves para cá".

"Eu sabia que você não entenderia isso", ele disse. "Sabia que você me entenderia mal."

Como eu deveria entender?

Ele disse que eu deveria “ver a *verdade*”. “Que eu te amo o suficiente para ser honesto com você.”

“Mas não o suficiente para se casar comigo”, eu disse.

“Demais para me casar com você.”

Mesmo no estado em que eu me encontrava, consegui revirar os olhos ao ouvir aquilo.

“Eu não fui feito para isso”, ele gritou. “Olhe para mim. Você sabe que é verdade.” E, pela primeira vez, talvez desde sempre, ele não parecia descolado. Ele soou como se estivesse em pânico. E um pouco bravo. “Eu não quero amar tanto alguém a ponto de essa pessoa ocupar toda a minha cabeça, todo o meu espaço. Se eu soubesse que ia me sentir desse jeito a seu respeito, teria ido embora muito tempo atrás, enquanto ainda podia.”

Continuei gritando para ele me jogar minhas chaves. Acho que o chamei de “um grande e horrível cretino”. Como se eu estivesse xingando em alguma língua estrangeira. Ele me jogou as chaves, que acertaram o carro atrás de mim como uma bola de beisebol. “Não volte para casa”, eu disse. “Eu não quero te ver.”

“Eu tenho que voltar para casa”, ele disse. “Preciso da minha guitarra.”

Você já assistiu a *A garota do adeus*? Não assista se ainda quiser desfrutar de comédias românticas. Ele faz todos os filmes com a Julia Roberts ou a Sandra Bullock se chicotearem de vergonha. Também não assista a *A garota do adeus* se achar problemático pensar no Richard Dreyfuss como loucamente atraente pelo resto da vida, mesmo depois de assisti-lo em *Nosso querido Bob* e *Mr. Holland – adorável professor*.

Em *A garota do adeus*, no finalzinho extremamente maravilhoso, essa personagem (Marsha Mason, parecendo uma fadinha ferida), que havia desistido do amor verdadeiro depois de ter sido

abandonada por uma fila de atores perdedores, percebe que o personagem de Richard Dreyfuss vai voltar para ela de verdade, como havia prometido que faria, *porque ele deixou sua guitarra no apartamento dela*. E é assim que ela sabe que ele realmente a ama, de verdade.

Quando Chris falou da sua guitarra, foi o momento em que eu soube que ele realmente não me amava, de verdade. Foi quando eu vivi aquela cena da Marsha Mason, só que ao contrário.

Eu entrei no meu carro e dirigi até achar que ele não podia mais me alcançar a pé, apesar de não esperar de fato que ele fosse tentar. Aí eu parei no estacionamento de um Arby's e tentei chorar, mas ainda estava atônita demais. Eu estava presa naquele milésimo de segundo depois de receber um soco no estômago, quando você ainda não tem fôlego bastante para dizer "puta merda, isso doeu". Eu estava cansada, exausta, e sentia que não podia ir para casa; eu tinha certeza de que Chris estaria lá. E todos aqueles cuja casa eu poderia recorrer para passar a noite ainda estavam no casamento. Aí me hospedei no Holiday Inn do outro lado da rua do Arby's e assisti a HBO de graça até dormir.

Eu dormi até a hora de fazer o *checkout* e deixei aquele vestido satânico no quarto. (Eu tinha roupas de academia no carro.) Aí voltei para o meu apartamento.

Chris estava lá, é claro, preparando o chá. Ele tinha acabado de tomar uma ducha. Seu cabelo ainda estava úmido e encaracolado, e sua camiseta estava sobre uma cadeira. Eu juro que ele tinha três quilômetros entre o começo da garganta e o primeiro botão da calça jeans. Ele disse que estava preocupado comigo.

"Eu não queria te ver", eu disse.

"Não queria?", disse ele, despejando água quente em duas canecas.

"Não quero."

“Beth...” Ele tinha voltado a ser descolado. Olhou para mim como se achasse que olhar para mim bastaria. “Você não pode abandonar o que há entre nós. Eu tentei... Nós temos um feitiço”, ele disse. “Somos mágicos.”

Eu disse a ele que não queria magia, que eu queria alguém que não fosse me deixar se pudesse. Que não achasse que se comprometer comigo era um fardo tão pesado.

“Eu estou comprometido”, disse Chris. “Eu nunca te traí.”

O que nem era o que eu queria dizer. “Você disse que fica cansado quando olha para mim”, eu disse.

“Eu disse que, às vezes, é demais.”

“Bem, eu quero alguém que não pense assim. Quero alguém cujo coração seja grande o bastante para que eu caiba lá.”

“Você quer alguém cujo amor caiba ao redor do seu dedo.”

“Você deveria escrever isso”, eu disse. “Soa como a letra de uma música.”

Foi uma coisa fria a se dizer, mas eu estava perdendo minha coragem. Estava olhando para a cozinha à minha volta, olhando para ele, pensando que aquela era uma vida boa, na verdade. Pensando que era absurdo terminar com ele por ter dito em voz alta algo que, lá no fundo, eu já sabia. Pensando em como ele estaria quentinho e carinhoso, que dia maravilhoso ainda podíamos ter, se eu simplesmente deixasse aquilo para lá.

“Eu quero que você vá embora”, eu disse.

“Para onde eu vou?”

“Não posso deixar que isso seja problema meu.”

“Não pode? Você é *incapaz* de se importar comigo?”

“Você pode ficar com o Stef. Ou com seus pais.”

“Esta também é a minha casa.”

“Então eu saio”, eu disse. “Você vai ter que assinar um novo contrato de aluguel.” Isso foi algo abominável a se dizer. Eu sei que

ele não consegue pagar o aluguel sozinho.

“Beth, vem cá. Para com isso. Olha para mim.”

“Eu não posso mais olhar para você.”

Nós discutimos por mais algum tempo antes que ele concordasse em partir. E então eu saí, para que ele pudesse arrumar as coisas dele. Fui para a casa dos meus pais.

Meus *pais*... que ficaram em júbilo quando eu lhes contei o que havia acontecido. Acho que eles ficaram mais felizes com o término do meu namoro do que com o casamento da Kiley. “Eu sabia que tinha sido um erro deixar ele entrar para a foto da família”, minha mãe disse. “Minha menina esperta e forte”, meu pai ficava dizendo.

Chris me ligou assim que terminou de fazer as malas para perguntar sobre o toca-discos. É meu, mas ele é o único que escuta discos. Eu disse que ele podia levar, junto com o resto do equipamento de som. “Jesus”, disse ele, “se eu soubesse que você seria tão bacana, eu não teria empacotado todos os seus CDs.” Aquilo me fez rir um pouco. “Ontem”, ele disse, “você era toda minha. Cada sarda. E, hoje, estamos conversando sobre quem fica com o videocassete”.

“Eu fico com o videocassete”, eu disse.

Não falei com ele desde então. Ele me liga, mas eu não ligo para ele. Sou fraca demais. Ele deixou um dos seus suéteres no armário, e eu venho chorando nele há cinco semanas. Sinto como se tivesse chutado um dos meus rins para fora do apartamento.

Certo, acho que é isso. Foi isso o que aconteceu no casamento da minha irmã.

<<Jennifer para Beth>> Beth... eu estou sem palavras. Praticamente sem letras para digitar. Por que você esperou tanto para me contar?

<<Beth para Jennifer>> Eu tentei te ligar do Arby's, mas você não estava em casa, e, quando te telefonei naquela segunda, descobri que o seu fim de semana tinha sido ainda pior do que o meu. Quando você me contou sobre o bebê, eu não podia contar sobre o Chris. Não queria que você sentisse que precisava gastar nem um tantinho de energia que fosse comigo.

<<Jennifer para Beth>> Você é uma amiga tão boa. Eu estou simplesmente chocada. Realmente não pensei que você iria terminar com ele algum dia.

<<Beth para Jennifer>> Apesar de querer que eu terminasse.

<<Jennifer para Beth>> Às vezes.

<<Beth para Jennifer>> Eu sempre soube que ele era egoísta e autoindulgente e meio preguiçoso; isso é praticamente pré-requisito para ser guitarrista principal. Também sabia que a música era essencialmente a única coisa na vida que ele achava que valia seu esforço. Mas pensei que eu fosse parte do "essencialmente". Como eu poderia ficar com ele depois de saber que ele sentia que estar apaixonado por mim era uma cruz a ser carregada?

<<Jennifer para Beth>> Não poderia.

<<Beth para Jennifer>> A ideia de que ele fosse ficar tão sobrepujado por amor que o casamento iria esmagá-lo...

<<Jennifer para Beth>> É uma desculpa.

<<Beth para Jennifer>> É, eu sei. Quando penso a respeito disso, que é constantemente, não consigo decidir se...

a) ele é capaz de amadurecer e ter um relacionamento de verdade com alguém; ele apenas não *me* ama o suficiente; ou...

b) ele é incapaz, e também um idiota.

<<Jennifer para Beth>> Provavelmente as duas coisas.

<<Beth para Jennifer>> Mas mais a segunda.

Você acha que eu desperdicei nove anos da minha vida?

<<Jennifer para Beth>> Não, só os últimos dois ou três. Você não tinha como saber, quando o viu na União Estudantil, que o coração dele era três números menor do que deveria ser.

<<Beth para Jennifer>> Eu acho que você está tentando me agradar. Acho que você pensa que Chris era emocionalmente instável desde o primeiro dia – e que eu queria isso, por algum motivo medonho.

<<Jennifer para Beth>> Tem razão. Eu acho isso.

<<Beth para Jennifer>> Então eu causei isso a mim mesma?

<<Jennifer para Beth>> Talvez. Eu não sei. Não acho que o que eu penso ou o que eu vi importa ou não que aconteceria. Você tinha de enxergar com seus próprios olhos. Tinha de ir até o final.

<<Beth para Jennifer>> Obrigada por ser honesta.

<<Jennifer para Beth>> Se eu te fizer uma pergunta difícil, você responde com honestidade?

<<Beth para Jennifer>> Sim.

<<Jennifer para Beth>> Você me acha responsável por ter perdido o bebê?

<<Beth para Jennifer>> Não.

Noventa e três por cento não. Eu não acho sua atitude responsável pelo que aconteceu, mas não acho que tenha colaborado para que não acontecesse.

<<Jennifer para Beth>> Não sei se posso viver com 93 por cento.

<<Beth para Jennifer>> Pode.

<<Jennifer para Beth>> Quero tentar engravidar de novo, você acha isso horrível e disfuncional?

<<Beth para Jennifer>> Acho que depende do motivo.

<<Jennifer para Beth>> Acho que o motivo é... porque eu realmente quero ter um bebê. Mas não confio em mim mesma para dizer que não existe algum outro motivo distorcido rondando meu subconsciente. Eu sinto que perdi algo muito importante. Eu sei que não mereço. Eu não mereço um bebê.

<<Beth para Jennifer>> Ninguém merece um bebê.

<<Jennifer para Beth>> Eu sinto que deveríamos estar tendo essa conversa do lado de uma garrafa de Blue Nun.

<<Beth para Jennifer>> Foi mal. Achei que estávamos.

<<Jennifer para Beth>> A ideia de que você seja difícil de amar é ridícula.

CAPÍTULO 78

Não mudava nada saber que Beth estava solteira. Que estava solteira há semanas. Praticamente *meses*.

O que aquilo mudava? Nada, certo? Nada mesmo.

– Você está ouvindo? – disse Doris. Eles estavam jogando baralho e comendo sanduíches comprados nas máquinas. (Doris nunca pegava nada de graça.) Lincoln passara a noite em seu apartamento de novo e fora direto para o trabalho.

– Estou tentando te falar sobre os dez – disse Doris.

Chris nunca tinha sido o problema. Não o maior, pelo menos. Não que isso ainda importasse.

– Não é tão complicado – disse Doris.

Nada mudara. Nada.

– Escute – disse Doris –, eu preciso falar com você sobre algo. Sua mãe me ligou hoje.

– O quê?

– Ela ia me passar a receita daquele negócio que ela faz com frango e cenouras. Aquele com aipo e arroz. Bem, ela acabou me dizendo que está preocupada com você. Disse que não tem voltado para casa à noite. Você não me disse que não iria contar para sua mãe que estava se mudando.

– Mas eu não me mudei. Eu não levei nada para lá.

– Isso é loucura. Isso tem algo a ver com aquela garota?

– Que garota?

– Sua mãe me contou o que aquela garota fez com você, aquela atriz.

- Você quer dizer Sam? Ela não fez nada comigo – disse Lincoln.
- Ela não te deixou com as mãos abanando por um portoriquenho?
- Não – disse Lincoln. – Quer dizer, não exatamente.
- E agora ela tem telefonado para a sua casa.
- Sam tem ligado para minha casa?
- E não culpe a sua mãe por não te dar os recados – disse Doris. – Olha só o segredo que você vem escondendo dela. Está se encontrando com essa garota no meu apartamento?
- Não.
- Isso explicaria por que você anda tão sentimental. E por que ignora tudo que anda de saias.
- *Não.* – Aquilo soou muito agudo. Lincoln apertou a palma da mão contra a têmpora e tentou não soar como uma criança. – Você contou para minha mãe sobre o apartamento?
- Sou velha demais para ficar mentindo para a mãe dos outros – disse Doris.

Já era muito tarde para conversar com sua mãe quando Lincoln chegou em casa naquela noite.

Quando ele desceu as escadas na manhã seguinte, ela estava na cozinha, fatiando batatas. Havia uma panela fervendo no fogão. Lincoln se apoiou no balcão perto dela.

- Ah – disse ela –, eu não sabia que você estava aqui.
- Estou.
- Está com fome? Eu posso fazer café da manhã. Mas você provavelmente está de saída para a academia.
- Não – disse ele –, eu não estou com fome. E não estou de saída. Esperava que pudéssemos conversar.

– Estou fazendo sopa de batata – disse ela –, mas posso reservar um pouco do bacon. Quer bacon e ovos? – Ela já estava quebrando ovos em uma frigideira de ferro, despejando leite e mexendo. – Também tem muffins ingleses. Dos bons.

– Eu realmente não estou com muita fome – disse ele. Ela não olhou para ele. Lincoln colocou a mão no braço dela, e ela arranhou o fundo da frigideira com o garfo. – *Mãe* – disse ele.

– É tão estranho... – disse ela. Ele não soube dizer pela voz dela se ela estava triste ou brava. – Posso me lembrar de uma época em que você precisava de mim para tudo. Você era como um filhotinho de gato, chorava se eu te tirasse do colo mesmo que por um segundo. Não sei como eu conseguia tomar banho ou fazer o jantar; acho que não fazia nenhum dos dois. Eu tinha medo de segurar você no colo perto demais do fogão.

Lincoln ficou olhando para os ovos. Ele odiava quando ela falava daquele jeito. Era como vê-la de camisola sem querer.

– Por que você acha que eu consigo me lembrar disso e você não? – perguntou ela. – Por que a natureza faz isso com a gente? Como isso ajuda na evolução? Aqueles foram os anos mais importantes da minha vida, e você nem consegue se lembrar deles. Não consegue entender por que é tão difícil para mim te entregar para outra pessoa. Você quer que eu aja casualmente.

– Você não está me entregando. Não há outra pessoa.

– Aquela garota. Aquela garota terrível.

– Não existe nenhuma garota. Eu não estou saindo com a Sam.

– Lincoln, ela liga para cá. Não faz sentido negar.

– Eu não tenho conversado com ela. Não estava aqui para atender às ligações. Olha, eu sinto muito por ter mentido para você, por não ter te contado sobre o apartamento. Mas não estou com a Sam. Não estou com ninguém. Eu queria estar com alguém. Eu deveria estar. Estou com quase 29 anos. Você deveria desejar que eu estivesse.

Ela bufou.

– Eu quero te mostrar o apartamento – disse ele.

– Eu não preciso vê-lo.

– Mas eu quero que veja. Quero mostrá-lo para você.

– Conversamos sobre isso depois que você comer.

– Mãe, eu disse que não estou com fome... – Ele a puxou pelo braço para si, para longe do fogão. – *Por favor*. Vem comigo?

A mãe de Lincoln entrou no carro com relutância. Odiava andar no banco do carona, dizia que a deixava nauseada. (Eve dizia que deixar qualquer outra pessoa no controle de uma situação por mais de trinta segundos era o que a deixava nauseada.) Ela ficou em silêncio enquanto ele dirigia até sua nova vizinhança, a apenas alguns quilômetros de distância, e estacionava diante do prédio residencial.

– É esse – disse ele.

– O que você quer que eu diga? – perguntou ela.

– Não quero que diga nada. Quero que veja.

Ele saiu do carro antes que ela pudesse argumentar. Ela o seguiu, hesitante, parando do lado de fora do carro, no meio da calçada e nos degraus. Ele não parou com ela, então ela o seguiu. Para dentro do prédio, em silêncio, subindo as escadas, atravessando a porta. “Willkommen.” Lincoln segurou a porta aberta. Sua mãe deu alguns passos para dentro – olhou ao redor, olhou para cima – e deu mais alguns passos na direção da janela. A luz do sol caía na sala de estar em grossas faixas douradas. Ela estendeu a mão aberta para a luz.

– Eu vou te mostrar a cozinha – disse Lincoln, após um momento, fechando a porta. – Bem, o que serve de cozinha. Dá para ver daqui, praticamente. E aqui é o quarto. – A mãe dele foi atrás dele para o cômodo seguinte, olhando para baixo, para o novo colchão. – E o banheiro fica logo ali. É bem pequeno.

Ela foi até a janela do quarto, olhou para fora, depois se sentou no assento junto à janela.

– É legal, não é? – ele perguntou.

Ela olhou para ele e anuiu.

– É um belo espaço. Eu não sabia que se podia encontrar apartamentos como esse por aqui.

– Nem eu – ele disse.

– Os tetos são tão altos – disse ela.

– Mesmo sendo no terceiro andar.

– E as janelas... Doris morava aqui?

Ele assentiu.

– Combina mais com você.

Ele queria sorrir e sentir alívio, mas ainda havia algo nela – sua voz, o jeito como estava sentada – que lhe dizia que não deveria.

– Eu simplesmente não entendo – disse ela, recostando-se contra o vidro – o porquê.

– Por que o quê?

– É legal – disse ela –, é bonito. Mas não entendo por que você iria *querer* se mudar se não era necessário. Se realmente não há nenhuma garota. Por que você *escolheria* ficar sozinho?

Ele não soube como responder.

– Enquanto estiver em casa, pode economizar seu dinheiro para outras coisas – disse ela. – Você tem bastante espaço para si mesmo, pode fazer o que quiser, eu estou lá se você precisar de mim... por quê?

– E não me diga – disse ela, pegando velocidade – que se mudar é algo que as pessoas fazem. Porque... porque quem se importa com o que as pessoas fazem? Além do mais, isso nem é verdade. Isso é uma mudança recente. Uma mudança ocidental. Essa coisa de dividir a família em pedacinhos minúsculos. Como seria se você não tivesse nenhum lugar para onde ir quando voltou da Califórnia? E se

eu tivesse dito a você a mesma coisa que a minha mãe me disse quando eu deixei o pai de Eve? “Você está por conta própria agora”, ela disse. “É uma mulher adulta.” Eu tinha vinte anos. E estava sozinha. Eu pulei de uma casa para outra, dormindo nos sofás. Com aquela menininha tão pequena. Eve era tão pequenina... Ela dormia bem aqui – a mãe dele colocou a mão sobre o próprio peito, bem embaixo da garganta –, porque eu tinha medo de derrubá-la ou de perdê-la entre as almofadas... Você nunca vai precisar lutar assim para se manter, Lincoln. Nunca vai precisar ficar sozinho. Por que você iria *querer* isso?

Ele se apoiou na parede do quarto e foi escorregando até estar sentado no aquecedor de ferro fundido.

– Eu só... – disse ele.

– Só?

– Preciso viver minha própria vida.

– Não está levando sua própria vida agora? – perguntou ela. – Eu certamente não lhe digo o que fazer.

– Não, eu sei, é só que...

– Só que?

– Eu não me *sinto* como se estivesse levando a minha vida.

– O quê?

– Parece que, enquanto eu estiver em casa, estarei vivendo a *sua* vida. Como se eu ainda fosse uma criança.

– Isso é bobagem – disse ela.

– Talvez – disse ele.

– Sua própria vida começa no instante que você nasce. Antes disso até.

– É só que eu sinto como se, enquanto morar com você, não vou... eu não... é como George Jefferson.

– Do programa de TV?

– Isso. George Jefferson. Enquanto ele esteve em *All in the family*, era só alguém que tornava a história de Archie Bunker mais interessante. Ele não tinha nada de seu. Não tinha um enredo ou personagens de apoio. Eu não sei se a gente chegava a ver a casa dele. Porém, depois que ele recebeu seu próprio programa, George tinha sua própria sala de estar e sua cozinha... e quarto, acho. Ele tinha até um elevador. Lugares em que ele podia existir, em que sua história podia acontecer. Como este apartamento. Isso é algo que é meu.

Ela olhou para ele, desconfiada.

– Não sei não – disse ela. – Eu nunca assisti a *The Jeffersons*.

– E que tal *Rhoda*? – perguntou Lincoln.

Ela franziu a testa.

– Então você está me dizendo que quer ser o astro de seu próprio programa agora? Que está na hora de eu desaparecer na velhice?

– Deus do céu, não – disse ele. – Não é como cancelar *All in the family* quando *The Jeffersons* estreou.

– Pare de falar de televisão. Pare de me dizer como tudo se parece.

– Certo – disse ele, tentando pensar claramente e com franqueza.

– Eu quero viver minha própria vida. E quero que você viva sua própria vida. Separadamente.

– Mas você é a minha vida! – disse ela, deixando escapar lágrimas de frustração. – Você se tornou a minha vida no dia em que nasceu. Você é parte de mim, você e Eve, a parte mais importante de mim. Como eu posso me separar disso?

Lincoln não respondeu. Sua mãe passou por ele ao sair do quarto. Ele deslizou mais para baixo, até o chão, e segurou o rosto nas mãos.

Ele ficou daquele jeito por vinte minutos mais ou menos, até perceber que manter aquela posição estava exigindo algum esforço, até se sentir mais cansado do que culpado ou bravo.

Encontrou sua mãe sentada no chão da sala, olhando para o lustre.

– Você pode pegar o sofá do solário – disse ela, quando ele entrou –, aquele marrom. Tem muitos móveis naquele cômodo mesmo. Ele ficaria bem aqui. Vai parecer quase roxo nessa luz.

Ele meneou a cabeça.

– E eu vou achar alguns pratos decentes pra você em uma loja de segunda mão. Não compre mais nada de plástico. Isso penetra na sua comida, sabia? – disse ela. – E simula o estrogênio. Esse hormônio se acumula nas suas células de gordura e causa câncer de mama... Eu não sei o que causa nos homens. Se eu soubesse que você estava precisando de pratos... Vi um conjunto completo no outro dia na loja do Exército da Salvação, com uma manteigueira, uma molheira e tudo o mais. Branco com margaridinhas azuis. Não era exatamente masculino, mas ainda assim...

– Não sou exigente – disse ele.

Ela assentiu e continuou assentindo.

– Você pode pegar o que quiser do seu quarto, claro, ou pode deixar lá. Ele sempre vai ser o seu quarto. Exatamente como o da sua irmã. Você sempre pode voltar para casa se precisar, ou mesmo se quiser. Aquela casa é o seu lar, enquanto for o meu.

– Tudo bem – disse ele. – Obrigado.

Ele foi até ela e estendeu as mãos, ajudando-a a ficar de pé. Ela segurou as mãos dele, apertou-as e começou a alisar a saia comprida.

– Suponho que sua irmã já saiba disso – disse ela.

– Não – disse Lincoln.

– Ah. – Isso era uma boa notícia. – Talvez eu ligue para ela. Talvez veja se ela quer me ajudar a escolher as coisas para a sua cozinha.

– Claro – disse ele. Então ele a abraçou, apertado, e desejou ter pensado em fazer isso antes.

– É mesmo um lindo apartamento – ela disse.

Eve telefonou para Lincoln no trabalho no dia seguinte. Tudo o que ela foi capaz de dizer foi “Bom para você” e “Estou tão orgulhosa de você”. Ela ofereceu a ajuda de Jake Sr., caso Lincoln precisasse carregar alguma coisa.

– Só um sofá – disse ele.

– Qualquer coisa – disse Eve.

Não havia muito o que levar para lá além de roupas e seu computador.

Ele foi para casa, para a casa de sua mãe, para almoçar ao longo de toda a semana seguinte. Ela se despedia dele com caixas cheias de tigelas para cereal e copos de bebidas. Uma estante. Uma mesinha de centro que mal cabia no banco traseiro dele. Panos de prato bordados à mão.

– Tudo isso é tão velho – disse Eve, quando foi conhecer seu apartamento. – É como se a avó de alguém tivesse morrido e você tivesse se mudado.

– Eu gosto – disse ele.

– Vou comprar alguma coisa de aço inoxidável para você – disse ela –, algo bem de solteiro.

CAPÍTULO 79

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: Qui, 29/02/2000 15h48

Assunto: Eu contei a Derek sobre o Chris...

E agora toda a ala leste da redação sabe que eu estou solteira. Melissa veio até aqui e me consolou com tapinhas na mão por, te juro, vinte minutos. Ela disse que vai me levar para uma boate super quente – “cheia de gatinhos” – onde se pode tomar *appletinis* por metade do preço depois das dez em noites de semana.

Eu disse a Derek que se eu for forçada a tomar *appletinis* em uma noite de semana, vou arrastar ele e sua boca enorme comigo.

<<Jennifer para Beth>> O que você tem contra *appletinis*?

<<Beth para Jennifer>> Eu apenas não entendo por que tudo tem que ser um Martini. Não gosto de beber em copos de Martini, é preciso fazer um biquinho muito esquisito para não deixar escorrer nada.

<<Jennifer para Beth>> Como é que você vai encontrar outro homem se não tomar martínis?

<<Beth para Jennifer>> Não vou, pelo jeito. Da última vez que saí em um primeiro encontro, eu não tinha idade suficiente para beber.

<<Jennifer para Beth>> Você pelo menos já está interessada em ter encontros de novo?

<<Beth para Jennifer>> Não sei. De certa forma, não me sinto solteira de verdade. Minha vida não mudou substancialmente depois que o Chris foi embora, o que demonstra, acho, como eu o via pouco. Eu quase poderia fingir que ainda estou em um relacionamento sério. Derek acha que eu deveria retirar todas as fotos de Chris da minha baia. (Ou, nas palavras dele: "Jesus Cristo, Beth, até eu já estou cansado de olhar para esse cretino".) O que você acha?

<<Jennifer para Beth>> Acho que isso é com você. Olhar para elas te deixa triste?

<<Beth para Jennifer>> Deixa, sim. Eu deveria tirá-las.

<<Jennifer para Beth>> O Seu Cara Fofa nunca vai te chamar para sair se a sua baia estiver cheia de fotos de outro homem.

É sério... não há nada impedindo-a de fazer contato com SCF agora.

<<Beth para Jennifer>> Não posso ter um relacionamento real com ele. Eu já venho namorando-o de mentira há meses. Se começarmos a namorar, eu teria que, em algum momento, contar a ele sobre a vez que o segui do cinema até em casa. Isso não parece saudável.

<<Jennifer para Beth>> Mas ele é tão legal.

<<Beth para Jennifer>> Você está dizendo isso porque ele te deu batata frita?

<<Jennifer para Beth>> Estou dizendo isso porque ele pareceu ser bem, bem legal.

<<Beth para Jennifer>> Eu preciso namorar um cara a quem eu não tenha já contaminado com um apelido.

CAPÍTULO 80

Emilie passou no departamento de TI na noite de quinta entre as edições. Ela fazia isso agora, algumas vezes por semana, só para dar oi. Bem, não só para dar oi; Lincoln sabia que ela estava interessada nele. Mas ainda não havia resolvido o que fazer com esse conhecimento.

Ele estava interessado em se sentir do jeito que se sentia perto de Emilie. Como a coisa mais brilhante e reluzente da sala. Alto. E esperto. E divertido. Quando Emilie estava por perto, ele nunca se atrapalhava em sua imitação do Christopher Walken. Mas não conseguia ver nada nos olhos dela além de seu próprio reflexo. E agora que Beth estava de volta, ele não conseguia se forçar a querer mais.

Emilie estava torcendo seu rabo de cavalo ao redor dos dedos.

– Então, alguns de nós vamos a um karaokê amanhã à noite. Tem um bar muito brega em Bellevue, você devia vir, vai ser divertido...

– Parece divertido – disse Lincoln. – Mas eu jogo *Dungeons & Dragons* nas noites de sábado. Normalmente. – Ele havia perdido mais algumas partidas ultimamente, desejando ter os finais de semana só para si em seu novo apartamento. – Faz algumas que não vou, então não posso mesmo perder a de amanhã à noite.

– Ah, você joga *Dungeons & Dragons*?

– Sim... – disse ele.

– Legal... – disse ela.

Aquilo fez Lincoln sorrir. O que fez Emilie sorrir ainda mais. O que o fez sentir meio culpado.

Dave atendeu a porta. Ele olhou para Lincoln e franziu o cenho.

– Ou você faz parte do jogo ou não faz – disse Dave, após Christine servir um prato de tacos feitos em casa e uma jarra (uma jarra de verdade) de cerveja para Lincoln. – Você não pode simplesmente aparecer de quando em quando.

Dave apontou para Troy, que estava tentando não deixar pingar molho de taco em sua camiseta desbotada do Rush.

– Troy vem arrastando seu anão inconsciente em um trenó, só para manter você na campanha. Você tem sido um dreno constante na magia dele.

– Era o mínimo que eu podia fazer – disse Troy, formal. – Eu devo minha vida a 'Smov desde que lutamos lado a lado na Cidade Livre de Greyhawk.

– Troy, isso foi sete anos atrás – disse Dave, desconfortável –, e aquela aventura toda aconteceu fora da continuidade.

– Eu não esperaria que um *halfling* como você compreendesse a natureza de uma dívida de sangue – disse Troy.

– Obrigado, Troy – disse Lincoln, abaixando a cabeça.

– É uma honra, irmão.

– Estou tentando administrar uma campanha aqui – disse Dave. – Isso não é improvisação. Leva planejamento. Preciso saber com quem posso trabalhar.

– Talvez Lincoln tenha tido um bom motivo para ficar em Omaha – disse Christine. Ela sorriu para ele, cheia de esperança.

– Todos nós temos bons motivos para não estar aqui – disse Larry, franzindo a testa. – Você acha que eu não tenho nada mais importante para fazer?

– Eu podia estar no hospital, salvando vidas – disse Teddy, sem emoção.

– Eu podia estar na minha reunião do colegial – murmurou Rick.

– Vocês não estão ajudando – disse Christine. Ela voltou a olhar para Lincoln, erguendo as sobrancelhas, cheia de expectativa.

– Bem – disse ele, engolindo seco. – De fato, eu tenho novidades. Christine juntou as mãos.

– Eu me mudei para um apartamento.

Todos olharam para ele.

– Você saiu da casa da sua mãe? – disse Troy.

– Estava mais do que na hora – disse Larry.

– 'Smov – disse Troy, aproximando-se para um abraço espesso de sândalo –, estou tão orgulhoso de você!

Lincoln correspondeu ao abraço.

Rick sorriu.

– E *eu* estou tão orgulhosa de você – disse Christine. – E essa nem foi a boa notícia que eu estava esperando.

– Não sei, não – disse Dave, esfregando sua barba. – Se eu pudesse voltar a morar sem pagar aluguel, eu voltaria.

– Nunca pensei que você faria isso, Lincoln – disse Larry. – Pensei que você fosse um daqueles caras.

Lincoln fez uma careta.

– Eu nunca pensei que ele sairia dos dormitórios estudantis – disse Dave.

– Certo – disse Lincoln –, já chega.

Ele queria que ficassem felizes por ele, mas não tão felizes. Não tão surpresos. Não tinha percebido que todos – até mesmo Troy, que morava em um apartamento estilo estúdio em cima de uma oficina mecânica – sentiam pena dele. Era como ser parabenizado por perder peso quando você achava que mais ninguém percebia que você precisava emagrecer.

Christine sorria para ele do outro lado da mesa. Até o bebê na tipóia estava sorrindo. Lincoln decidiu sorrir também.

– Vamos jogar ou não? – disse Teddy. – Meu turno começa em seis horas.

– Agora, só precisamos encontrar uma mulher para você – disse Troy, dando um tapa nas costas de Lincoln.

– Já chega – disse Lincoln –, vamos jogar.

– *E com um ribombar de trovão* – disse Dave –, *nuvens negras cobriram as colinas de Kara-Tur...*

CAPÍTULO 81

De: Jennifer Scribner-Snyder

Para: Beth Fremont

Enviado: Seg, 13/03/2000 15h08

Assunto: Essa mensagem quase foi sobre Doritos.

Mas não acho que consigo isso. Não faz parte da minha personalidade ser trivial.

<<**Beth para Jennifer**>> Fica quieta. O que você quer dizer com isso?

<<**Jennifer para Beth**>> Por esses dias, estou gastando todas as minhas energias em questões de vida ou morte. Todo o resto me parece um desperdício de tempo. Noite passada, assisti a *60 minutos* em vez de *Grease – Nos tempos da brilhantina*. Até ouvi a NPR essa manhã, no caminho para o trabalho.

<<**Beth para Jennifer**>> Espere aí, estava passando *Grease – Nos tempos da brilhantina*? Droga.

O que você normalmente escuta no caminho para o trabalho?

<<**Jennifer para Beth**>> Flame 98, trazendo os hits do country direto para o coração do interior. Eu gosto muito de Kat and Mowzer de manhã. Pelo menos, costumava gostar. Ultimamente, não suporto ouvi-los – nem qualquer um dos outros programas matinais. Todos soam como som-e-fúria, história-contada-por-um-idiota, significando-nada.

<<Beth para Jennifer>> Essa deve ter sido a primeira vez que alguém quase citou Shakespeare ao se referir a Kat and Mowzer.

<<Jennifer para Beth>> Eu sinto como se não tivesse tempo para nada trivial. Todas as noites, quando Mitch chega em casa, eu o arrasto para conversas excruciantemente pesadas. Em geral sobre se deveríamos tentar engravidar de novo e o que significa ser pai e se é realmente melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.

<<Beth para Jennifer>> Tenho pensado bastante a respeito dessa última questão, pessoalmente.

<<Jennifer para Beth>> Você está se segurando bem?

<<Beth para Jennifer>> Sim. Na maior parte do tempo. Tive um instante trêmulo no mercado noite passada quando percebi que estava comprando uma banana só. Não tem nada mais triste do que comprar uma banana de cada vez. É como anunciar para o mundo que não há uma alma que vá comer com você em algum momento próximo. Eu já nem compro pão. De jeito nenhum eu conseguiria acabar com um pacote de pão antes que ele começasse a estragar. Não consigo decidir o que é mais deprimente: fazer compras para um ou sentar sozinha em um restaurante.

<<Jennifer para Beth>> Você deveria ir comer com a gente. Mitch sempre cozinha algo saudável e delicioso. Ontem foi tempurá de camarão.

<<Beth para Jennifer>> E ainda ouvi dizer que a conversa durante o jantar é fascinante.

<<Jennifer para Beth>> Você é bem-vinda sempre que quiser. Sério mesmo, por que não vai hoje?

<<**Beth para Jennifer**>> Só se você me contar a história do Doritos agora mesmo.

<<**Jennifer para Beth**>> Não é uma grande história. Eu fui pegar um M&M's no refeitório hoje e acabei na fila atrás do editor na máquina de vendas. Eu tinha certeza de que ele escolheria um petisco conservador e tradicional – talvez nozes mistas ou uma bela barra americana de Hershey's – mas não, ele foi direto no Doritos Salsa Verde.

<<**Beth para Jennifer**>> Isso vai de encontro a tudo que eu pensei saber sobre nossa política editorial.

<<**Jennifer para Beth**>> Eu sei. Como alguém que come Doritos Salsa Verde pode se opor com tanta veemência ao casamento gay?

<<**Beth para Jennifer**>> E as ações afirmativas?

<<**Jennifer para Beth**>> E as rotatórias no trânsito?

<<**Beth para Jennifer**>> Não posso acreditar que você pensou que isso fosse trivial.

<<**Jennifer para Beth**>> Então... *you* tem alguma história interessante da copa para contar? Tem passado pela máquina de beef jerky mesmo sem estar com fome?

<<**Beth para Jennifer**>> Hum, não. E desde quando você advoga esse tipo de comportamento?

<<**Jennifer para Beth**>> Eu te disse. Mudei completamente de posição a respeito do Seu Cara Fofo. Você está solteira agora, e ele é o tipo de cara que ajuda donzelas em perigo. Desfrute o dia, eu digo. *Carpe cara fofo!*

<<Beth para Jennifer>> Ainda é muito bizarro. E eu não estou pronta para sair com ninguém. Não me sinto pronta nem para recuperação. Eu me sentiria como se estivesse dando em cima de alguém no funeral do meu marido.

<<Jennifer para Beth>> Ele não era seu marido, e ninguém morreu.

<<Beth para Jennifer>> Mesmo assim.

CAPÍTULO 82

Naquela noite, deitado em sua cama nova, encarando seu novo teto, Lincoln pensava furiosamente. Os mesmos pensamentos vezes sem-fim, até que tentar não pensá-los era como tentar tirar uma música da sua cabeça.

"Oi, meu nome é Lincoln. Eu te vi na copa..."

"Oi, meu nome é Lincoln, eu sou amigo da Doris..."

"Oi, nós já nos vimos antes? Na copa? Eu sou amigo da Doris..."

"Oi, meu nome é Lincoln. Eu trabalho no andar de baixo, no departamento de Tecnologia de Informação..."

"Oi, eu trabalho no andar de baixo, no suporte. Meu nome é Lincoln. Olha, eu sei que isso pode parecer vir do nada, mas gostaria de tomar café comigo alguma hora?"

"Gostaria de sair para jantar?"

"Gostaria de se juntar a Doris e a mim na copa? Minha mãe cozinha para nós."

"Quer sair? Para uma bebida? Ou um café? Ou jantar?"

"Antes de irmos, tem algo que eu preciso te contar."

"Acho que, antes de irmos, eu deveria confessar uma coisa."

"Eu tenho segredos, Beth, segredos que jamais vou revelar, e você simplesmente precisa aceitar isso. Eu sou esse tipo de cara."

"E se eu te contasse que eu tenho um segredo, um segredo só, que você nunca deve me pedir para dividir com você? Porque, se você pedir, eu vou ter que te contar a verdade. Mas se eu contar a verdade, nós nunca seremos felizes. É uma coisa meio A bela e a fera/Rumpelstiltskin/Esposa Grou..."

"Oi, meu nome é Lincoln, eu trabalho no andar de baixo. Você quer se encontrar comigo, talvez sair para algum lugar?"

Lincoln deu uma festa em sua casa naquele fim de semana. Foi Eve quem deu a ideia.

– Vai ser como uma festa de estreia – disse ela –, sabe, como se você fosse um debutante.

– Deus do céu – disse Lincoln –, não coloque nenhum dos dois nos convites.

A mãe dele levou o jantar – lasanha e alcachofra recheada e torta de ricota com mel – e um conjunto completo de talheres, CDs de *world music* e flores frescas. Ela insistia em atender à porta quando a campainha tocava.

– Ela está agindo como se fosse a dona do lugar – reclamou Eve.

Lincoln sorriu. Ele já estava comendo uma alcachofra. Assim como Eve.

– Não é suficiente saber que ela não é?

Doris foi a primeira convidada de fora da família a chegar. Ela trouxe um acompanhante, um jornalista aposentado, e uma forma de brownies. E cumprimentou a mãe de Lincoln como se ambas fossem amigas de infância.

– Maureen! Olhe só para você!

Chuck foi. Com sua esposa praticamente-não-mais-ex. Justin e Dena não puderam ir, pois iriam para Vegas naquele fim de semana. Mas a maioria dos jogadores de *D&D* foi, e Dave e Christine levaram seus filhos. (E os dados, sabe como é, só para prevenir.)

Todos disseram coisas boas sobre o apartamento de Lincoln e coisas ainda melhores sobre a lasanha de sua mãe. Depois de Doris e Chuck irem embora, a festa acabou mesmo virando uma sessão de

D&D. Jake Jr. estava hipnotizado. Ele quis ficar e aprender a jogar. Eve ficou horrorizada.

– Você é novo demais – disse ela –, e bom demais em socializar.

– Vou comprar dados para o aniversário de onze anos dele – disse Lincoln.

A mãe dele ficou até depois da meia-noite. Ela e Christine lavaram a louça juntas e tiveram uma conversa de duas horas sobre parto natural e leite puro. Elas trocaram números de telefone.

– Sua mãe é tão sábia – disse Christine mais tarde. – Eu posso aprender tanto com ela.

Quando o último convidado partiu, Lincoln imaginou como seria ter alguém de pé ao lado dele na porta. Imaginou Beth juntando os copos na sala de estar, caindo na cama ao lado dele.

"Oj, meu nome é Lincoln, nós quase nos encontramos algumas vezes na copa. Olha, eu sei que isso está vindo do nada, mas gostaria de ir a algum lugar, algum dia, e conversar?"

CAPÍTULO 83

Lincoln cortou o cabelo antes de ir trabalhar na noite de segunda. A garota no Grandes Cortes lhe perguntou que estilo ele queria, e ele lhe disse que queria um cabelo parecido com o do Morrissey. Ele sempre quis ter o cabelo igual ao Morrissey. Ela não sabia quem era esse.

– James Dean? – perguntou ele.

– Deixe eu falar com minha supervisora – disse ela.

A supervisora dela estava na casa dos quarenta. Ela carregava uma escova cor-de-rosa com um cabo tão afiado quanto uma navalha.

– James Dean... – disse ela, batendo no queixo com a escova. – Tem certeza de que não quer o George Clooney?

Ele não queria.

– Vamos fazer nosso melhor – disse ela.

Lincoln ficou embaraçosamente feliz com o resultado. Ele comprou algo chamado cera de modelagem e deixou uma gorjeta de 75%. (Nove dólares.)

Resolveu ir para casa e trocar de roupa antes de ir trabalhar. Vestiu uma camiseta branca de manga curta e tentou não flexionar os músculos quando conferiu seu reflexo no espelho. Era assim que as mulheres se sentiam quando colocavam minissaias?

Quando chegou ao *The Courier*, ele foi direto à redação, direto para a mesa de Beth. Não sabia exatamente o que faria quando chegasse lá. Não estava pensando nisso, porque se pensasse – se pensasse em qualquer parte disso –, não faria nada. E ele precisava

fazer isso. Mais do que precisava fazer qualquer coisa, naquele momento, naquele dia, nessa vida, nessa encarnação, naquela tarde de segunda-feira, Lincoln precisava conversar com Beth.

E precisava ser ele a pessoa a iniciar a conversa. Ele precisava ficar de pé junto à mesa dela, à luz do dia, com os ombros para trás e a cabeça erguida, e suas mãos... Deus, o que ele faria com suas mãos? *“Não pense nisso. Não pense. Uma única vez em sua maldita vida, não pense.”*

Lincoln caminhou até a baia de Beth, sem tentar fingir que estava fazendo alguma outra coisa. Sem disfarçar. Sem ser furtivo. (Não que houvesse alguém prestando atenção, provavelmente.)

Ele foi direto até a baia dela.

Ela não estava lá.

Lincoln não havia pensado no que faria se Beth não estivesse lá. Portanto, apenas ficou ali, junto à baia dela. Com os ombros para trás, a cabeça erguida e tudo mais. Ele olhou para a mesa dela. Olhou ao redor. Pensou na última vez em que tentara conversar com ela, na véspera de Ano-Novo, e como tinha fugido. *Não vou fugir desta vez, pensou.*

O sujeito da baia ao lado, “Derek Hastings”, segundo seu crachá, estava no telefone – mas observando Lincoln. Após alguns minutos, uma conversa sobre o zoológico local e ursos panda, Derek desligou o telefone.

– Posso ajudá-lo? – disse ele.

– Hum, não – disse Lincoln. – Preciso falar com Beth, Beth Fremont.

– Ela não está – disse Derek.

Lincoln assentiu.

– Quer deixar um recado para ela? – perguntou Derek. – Tem algo errado com o computador dela?

Então ele sabe o que eu faço e quem eu sou, pensou Lincoln. Não é um segredo.

– Não – disse Lincoln, mantendo sua posição. Mantendo sua posição junto a Beth.

Derek o encarou, desconfiado, e lentamente desembrolhou um pirulito Dum Dum, do tipo que dão às crianças no banco. Lincoln podia aguentar a suspeita e a encarada, mas não suportou o pirulito.

– Eu volto depois – disse ele, tanto para Derek quanto para si mesmo. *Não posso me forçar a conversar com ela se ela nem mesmo está aqui, pensou. Isso não conta como fuga.*

CAPÍTULO 84

De: Beth Fremont

Para: Jennifer Scribner-Snyder

Enviado: 20/03/2000 12h22

Assunto: Lembra quando eu disse que era cedo demais para um encontro?

Acho que eu estava errada. Tenho um encontro.

<<**Jennifer para Beth**>> Com o Seu Cara Fofa?

<<**Beth para Jennifer**>> Com *um* cara fofo, mas não Meu Cara Fofa. Lembra, ano passado, na primeira vez que eu escrevi sobre o cinema Indian Hills, quando eu disse para aquele estudante de farmácia que eu entrevistei que estava noiva?

Bem, eu o encontrei noite passada, na grande festa de despedida.

Ele veio conversar comigo e disse que vinha lendo minhas resenhas desde que eu o entrevistei e que minha crítica do *Titanic* o fez gargalhar. E eu disse que *Titanic* tinha me feito gargalhar. E então nós dois rimos pelo fato de eu ser tão engraçada, e ele me perguntou se seria um conflito de interesse ele me pagar uma bebida.

Eu achei que provavelmente seria, daí eu paguei uma bebida para ele. E nós acabamos sentando juntos durante a exibição do último filme do Indian Hill, *A conquista do Oeste*, um dos últimos filmes feitos em Cinerama.

A conquista do Oeste tem 162 minutos de duração, quase três horas, mais um intervalo. Eu assisto a tantos filmes sozinha que

tinha me esquecido como é sentar ao lado de um cara no cinema, um cara que fica olhando para você de tempos em tempos, do mesmo jeito que você fica olhando para ele. Tinha me esquecido dos ombros se tocando e dos sussurros e da proximidade.

Sean – isso mesmo, ele tem um nome, um nome de verdade, não vai existir um “Gostosão do Protesto” ou “Estudante de Farmácia Ruivinho” – e eu ficamos em nossos assentos durante o intervalo e conversamos sobre como o Henry Fonda era melhor do que John Wayne, e o Karl Malden era melhor do que os dois.

E quando o filme acabou, ficamos sentados até o final dos créditos, depois enrolamos um pouco no saguão. Finalmente, ele disse: “Suponho que você provavelmente ainda esteja noiva”.

“Na verdade”, eu disse, “não estou”. (Algumas pessoas podem dizer que eu nunca estive.)

Ele fez uma adorável cara de surpresa, como se a resposta o tivesse desconcertado completamente. “Ah... Sinto muito, acho.”

Eu balancei a cabeça. “Não sinta.”

E então ele me disse que esperava se sentir miserável e derrotado a noite toda, mas, em vez disso, se sentia como se estivesse acabando o “melhor primeiro encontro” da sua vida.

E *então* ele me perguntou se podíamos nos ver de novo.

<<Jennifer para Beth>> E você disse?

<<Beth para Jennifer>> Eu disse *sim!*

Mas eu disse a ele que não poderíamos ter nosso primeiro encontro até eu terminar de cobrir o assunto do Indian Hills. Conflito de interesse, etc. Ele prometeu que não haverá mais processos ou protestos ou apelos à Comissão de Planejamento. “De repente, estou muito feliz em dizer que nossas opções se esgotaram”, ele disse. “O esforço de preservação está total e completamente terminado.”

Eu disse a ele que minha última história seria sobre a demolição.

“Estarei lá”, ele disse.

“Eu também.”

“Então”, ele riu, o que fez o que ele falou em seguida soar feliz e gentil, em vez de brega e estúpido, “é um encontro”.

Então é isso – eu tenho um encontro!

<<Jennifer para Beth>> Parabéns! Você está feliz, certo?

<<Beth para Jennifer>> Estou mesmo. Eu sei que é recente. Mas, até agora, eu realmente gosto desse cara, e ele gosta mesmo de mim. (Mesmo, mesmo – dava para perceber.) Se eu dissesse não, quem sabe quando o próximo cara-legal-que-gosta-de-mim iria aparecer? Talvez nunca.

Além disso, por mais legal e fofo que ele seja e por mais que eu esteja me divertindo, eu não senti como se ele estivesse jogando um feitiço amoroso em mim (i.e. Chris).

Ele pode até ser o anti-Chris. Um estudante de farmácia? Ativista comunitário? Um cara que possui um terno azul-marinho? E ele é pelo menos quinze centímetros mais baixo.

<<Jennifer para Beth>> Bem, eu aconselhei você a *carpe* cara fofo. Acho que tem meu selo de aprovação. Quando eles vão demolir o cinema?

<<Beth para Jennifer>> No sábado. Aqueles estudantes de enfermagem precisam de um lugar para estacionar.

<<Jennifer para Beth>> Então, *tecnicamente*, você *vai* sair em um encontro com esse cara antes de escrever sua última história sobre o Indian Hills. É melhor tentar não citá-lo, isso seria antiético.

<<Beth para Jennifer>> Imagina a citação:

“Você beija no primeiro encontro?”, perguntou um manifestante.

“Cereal açucarado é para crianças?”, esta repórter respondeu.

CAPÍTULO 85

Lincoln deletou as mensagens. Em seguida, foi fundo no disco rígido do WebShark e começou a apagar. Esfregou e queimou cada camada de memória, jogou lixívia em cada restinho de informação.

Quando terminou, ninguém seria capaz de voltar e ver quem o WebShark havia marcado, quantas vezes nem por que motivo. Ele limpou seu próprio disco rígido também, apagando seu quase inexistente histórico de e-mails. Ele formatou a máquina e reinstalou todos os programas.

Daí limpou sua mesa – bem, a gaveta que Kristi havia separado para ele. Não havia muito ali. Chiclete. Pipoca de micro-ondas. Alguns CDs.

Quando ele acabou, já havia passado das dez da noite, tarde demais para ligar para Greg. Conversaria com Greg amanhã. Ele encontrou Doris na copa, jogando paciência e comendo os últimos pistaches.

– Oi – disse ele.

– Oi, querido. Ei, olha só você! Gostei do corte de cabelo. Sabe, costumávamos chamar isso de BP, porque é igualzinho a uma bunda de pato.

Ele tentou passar a mão pelo cabelo, amassá-lo um pouco, mas seus dedos ficaram presos na cera modeladora.

– Já comeu? – Ela empurrou os pistaches para ele.

– Não, acho que esqueci. Olha, Doris, eu vim te dizer que... acho que vou me demitir amanhã.

– Amanhã? O que aconteceu?

– Nada aconteceu – disse Lincoln, e nada jamais iria acontecer. – É só que eu odeio este emprego.

– É mesmo? – Ela pareceu surpresa. Será que ele nunca havia reclamado para Doris sobre o trabalho?

– É – disse ele. – Odeio. Odeio o horário. Odeio ler o e-mail de todo mundo.

– Você lê o e-mail de todo mundo?

– É o meu trabalho – disse ele. – E eu o odeio. Odeio ficar sentado naquela sala sozinho. Odeio ficar acordado a noite toda. Eu nem sequer gosto desse jornal. Eu discordo dos editoriais, e eles não publicam nenhuma das minhas tirinhas favoritas.

– Você não gosta da “Blondie”? – perguntou ela. – E do “Fox Trot”?

– “Fox Trot” é razoável – disse ele.

– Está mesmo se demitindo?

– Sim, estou – disse ele.

– Bem... bom para você. Não faz sentido ficar em um lugar depois que percebe que não quer estar lá. Bom para você. E bom para mim que você tenha ficado por tanto tempo. Você já arrumou outro emprego?

– Ainda não. Mas vou encontrar. Tenho uma poupança grande o suficiente para não ter que arrumar um logo em seguida.

– Nós deveríamos comemorar – disse Doris.

– Deveríamos?

– Claro. Devíamos fazer uma festa de despedida.

– Quando?

– Agora mesmo – disse ela. – Vamos pedir uma pizza e jogar besigue até dar a hora de ir embora.

Ele não tinha pensado que sentiria vontade de celebrar, mas sentiu. *O bastante é o bastante*, pensou. O bastante é o bastante é o bastante. Eles pediram pizza na Pizza Hut – uma Pan Pizza média

de carne para cada um. E Doris ganhou seis partidas de besigue. Quando chegou a hora de ir para casa, a voz dela ficou meio embargada.

– Você é um bom menino – disse ela – e um bom amigo.

– Ainda vamos nos ver – disse ele. – Eu te levo para jantar quando você se aposentar.

Ele parou na mesa de Chuck no caminho de volta para o departamento de TI.

– Não posso conversar, estou com prazo apertado – disse Chuck.

– Eu só vim te dizer que estou me demitindo.

– O quê? Você não pode se demitir – disse Chuck.

– Eu odeio trabalhar aqui.

– Todos nós odiamos trabalhar aqui. Isso não significa que vamos nos demitir. Só perdedores se demitem.

– Eu estou me demitindo.

– Acho que isso é um adeus então – disse Chuck.

– Não é um adeus. Ainda podemos jogar golfe.

– Bobagem – disse Chuck. – Você vai arrumar um emprego diurno. Vai se esquecer da gente. Não vai haver ninguém para nos ajudar com matemática.

– Talvez você esteja certo – disse Lincoln.

– Filho da mãe.

– Não conte a ninguém até amanhã.

– Filho da mãe desertor.

Quando voltou para sua mesa, Lincoln resolveu que não voltaria amanhã para se demitir em pessoa. Ele não iria voltar nunca mais. Não queria ver Beth de novo. Não queria se pegar abrindo a pasta WebShark depois de prometer a si mesmo que não iria abrir pela milionésima vez.

Por isso, pegou um bloco de anotação e escreveu dois bilhetes. O primeiro era para Greg. Uma breve carta de demissão e um pedido

de desculpas.

No segundo, ele se demorou. Não precisava escrever aquele. Provavelmente *não deveria* escrever aquele. Mas ele queria ir embora do jornal aquela noite (aquela manhã, mais precisamente) se sentindo livre de fato e por completo, com sua consciência tão limpa quanto possível sem ter que se crucificar publicamente.

“Beth”, escreveu ele, apenas para recomeçar. Eles não estavam exatamente no nível de se tratarem pelo primeiro nome.

Olá,

Nós não nos conhecemos, mas eu sou o cara cujo trabalho é impor a política de informática da empresa. Seu e-mail levanta bandeiras vermelhas. Com muita frequência. Eu deveria ter enviado advertências a você, do mesmo modo que faço com todo mundo, mas não enviei – porque ler o seu e-mail me fez gostar de você. Eu não queria lhe dizer que você estava quebrando as regras porque não queria deixar de conhecer você e sua amiga, Jennifer.

Isso foi uma invasão odiosa à sua privacidade e, por isso, eu peço desculpas profundamente.

Não vou culpá-la se me delatar, mas estou me demitindo de qualquer forma. Eu jamais deveria ter aceitado este emprego, e não gosto da pessoa que me tornei aqui.

Estou escrevendo este bilhete porque lhe devo um pedido de perdão – ainda que um pedido covarde e anônimo – e porque pensei que deveria alertá-la para deixar de usar o computador da empresa para enviar mensagens pessoais.

Eu realmente sinto muito.

Ele dobrou o bilhete e fechou o envelope antes que pudesse mudar de ideia ou pensar em reescrevê-lo. Ela não precisava saber que ele estava apaixonado por ela. Não havia sentido em deixar aquele bilhete ainda mais bizarro do que o necessário.

Lincoln estava dando a Beth prova, por escrito, de que ele havia lido os e-mails dela, mas ele não sabia o que podia ser feito com aquilo. Greg não poderia demiti-lo, mesmo que quisesse. E provavelmente não iria querer. Ler e-mails era o trabalho de Lincoln. Greg havia praticamente lhe dado permissão de ler qualquer coisa que quisesse, até o que não levantava nenhuma bandeira no WebShark. Na posição de Lincoln, Greg provavelmente teria feito coisa muito pior.

Lincoln queria confessar. Queria se desculpar. E queria tornar impossível para si mesmo voltar atrás.

A redação estava escura quando ele chegou lá em cima. Ele acendeu as luzes e foi até a mesa de Beth. Ele deixou o envelope no teclado dela, resolvendo colá-lo ali com fita adesiva para que não o derrubassem. E então saiu.

O bastante é o bastante é o bastante.

CAPÍTULO 86

O telefone acordou Lincoln às 7h45 na manhã seguinte. Era Greg. Ele estava furioso, mas também queria que Lincoln mudasse de ideia.

– Eu não vou mudar de ideia – disse Lincoln, sem nem abrir os olhos.

Greg lhe ofereceu mais dinheiro, muito mais dinheiro, o que fez com que Lincoln desejasse ter tentado se demitir alguns meses antes de estar realmente pronto para isso.

– Você sequer me deu duas semanas de aviso – disse Greg.

– Isso foi mesmo desagradável de minha parte. Sinto muito, de verdade.

– Me dê duas semanas.

– Não posso – disse Lincoln. – Me desculpe.

– Você já tem outro emprego?

– Não.

Greg gritou com ele por alguns minutos, depois pediu desculpas e disse que Lincoln podia usá-lo como referência se precisasse.

– No que você vai dizer que eu sou bom? – perguntou Lincoln. – Ficar sentado?

– Você não ficava simplesmente sentado lá – disse Greg. – Quantas vezes eu preciso te dizer? Você estava mantendo a chama acesa em casa. Alguém tem que atender o telefone e dizer: “Help Desk”.

– Tenho certeza de que você vai encontrar alguma outra pessoa para fazer isso.

– Não tenha tanta certeza – suspirou Greg. – Só os malucos se candidatam para o turno da noite.

Lincoln se perguntou se Beth havia lido seu bilhete – provavelmente ainda não – e se ela iria registrar alguma reclamação contra ele. Aquela ameaça ainda não lhe parecia substancial o suficiente para se preocupar. Ele torcia para que seu bilhete não a assustasse; ele não pretendia assustá-la. Talvez devesse ter pensado mais a esse respeito.

Na manhã de sábado, Lincoln dirigiu até a rua 84 com a West Dodge Road para assistir a uma equipe de demolição colocar o cinema Indian Hills abaixo. Eles haviam tirado tudo de lá de dentro no dia anterior. Tudo o que restava eram a tela e o prédio. Uma multidão razoável se reunia no estacionamento, mas Lincoln não se aproximou o bastante para ver o rosto de ninguém; ele acompanhou do estacionamento da loja de rosquinhas do outro lado da rua. Depois de cerca de uma hora, ele entrou e comprou duas rosquinhas açucaradas, uma caixa de leite e um jornal. Jogou fora todos os cadernos, menos os Classificados, antes de se sentar.

Em seguida, pegou um velho caderno de espiral e abriu-o ao meio. Na sua lista. Ele copiou quatro itens da lista nas margens dos Classificados:

“Nº 19. Destruir computadores/desemaranhar gargantilhas.”

“Nº 23. Ser prestativo.”

“Nº 5. Não se preocupar com coisas que ele realmente não deveria se preocupar.”

E, finalmente, “Nº 36. Ser BOM”.

Os anúncios estavam cheios de vagas relacionadas a computadores. Ele eliminou algumas ofertas que lhe soaram

imprecisas ou sorrateiras e qualquer uma que dissesse:
"Imprescindível boa comunicação interpessoal".

Ele circulou um. "Precisa-se de técnico sênior em computação. St. James University, Departamento de Enfermagem. Tempo Integral. +benefícios."

CAPÍTULO 87

Eve o provocou por trabalhar no *campus* e se matricular para quase uma carga integral de aulas.

– É como se você tivesse voltado para a escola através de uma técnica – disse ela, depois do primeiro semestre dele. – O que é que há com você e a escola? É viciado no cheiro de auditórios embolorados?

Talvez ele fosse. Auditórios embolorados. Cadeiras rangedoras de bibliotecas. Gramados verdes e extensos.

Lincoln tinha sua própria mesa no Escritório da Reitoria de Enfermagem. Ele era o único homem na equipe administrativa e a única pessoa com menos de 45 anos. Suas habilidades em informática embasbacavam as senhoras do escritório. Elas o tratavam por Gandalf. Ele tinha uma escrivãzinha, mas não precisava se sentar lá. Podia ir até as salas ou fazer o que fosse necessário para manter tudo funcionando.

Parte do seu trabalho era a segurança da Internet – mas isso era pouco mais do que atualizar os programas antivírus e lembrar às pessoas para não abrir anexos suspeitos. Seu supervisor do escritório central de TI disse que nunca tinha havido nenhum incidente com pornografia na Faculdade de Enfermagem e que, além de pornô e jogos, as pessoas tinham liberdade total para fazer o que quisessem online.

– Existe algum filtro de e-mail? – perguntou Lincoln.

– Está brincando? – o cara havia dito. – Os administradores da faculdade teriam um surto.

Lincoln ainda pensava em Beth. O tempo todo, no começo.

Ele assinou o jornal só para poder ler as resenhas dela no café da manhã e, outra vez, no almoço. Ele tentou imaginar como ela estava através de sua escrita. Ela parecia estar feliz? Estava sendo dura demais com as comédias românticas? Ou generosa demais?

Ler essas resenhas mantinha a memória dela viva de uma forma que ele provavelmente não deveria querer. Como uma luz de emergência dentro dele. Aquilo doía de vez em quando, quando ela era especialmente engraçada ou perceptiva, ou quando ele conseguia ler além das palavras dela algo verdadeiro que sabia sobre ela. Mas a dor também foi diminuindo. As coisas melhoram – doem menos – com o tempo. Se você permitir.

Quando as aulas de outono começaram, Lincoln desenvolveu uma paixão por sua professora de literatura medieval, uma mulher de inteligência inflamável no meio da casa dos trinta. Ela tinha lábios cheios e uma franja brutal, e ficava poética ao falar sobre *Beowulf*. Ela sublinhava frases nos trabalhos dele com tinta verde fosforescente e escrevia notinhas nas margens. “Exatamente!” ou “Irônico, não?”. Ele pensava em convidá-la para sair quando o semestre terminasse. Ou podia se matricular para o seminário avançado que ela ministrava.

Uma das mulheres em seu escritório ficava tentando arranjar encontros para ele com sua filha, Neveen, uma revisora de propaganda que fumava cigarros orgânicos. Eles chegaram a sair algumas vezes, e Lincoln gostou de Neveen o suficiente para levá-la ao casamento de Justin e Dena.

A cerimônia aconteceu em uma igreja católica imensa nos subúrbios. (Quem imaginaria que Justin fosse católico? E devoto o bastante para fazer Dena se converter. “Meus filhos não vão ser

criados como Unitarianos”, ele dissera a Lincoln no jantar de ensaio. “Aqueles veados mal acreditam em Jesus.”)

A recepção ocorreu em um belo hotel, a alguns quilômetros de distância. Houve um bufê com tema polonês e um quarteto de cordas tocando durante o jantar. Lincoln se sentiu ansioso por ver o Sacajawea tocar. Comeu muitos pirogi.

A banda subiu ao palco depois da dança dos noivos (“My Heart Will Go On”), a dança dos padrinhos (“Leather and Lace”) e a dança dos pais dos noivos (“Butterfly Kisses”). Justin fez um anúncio enquanto eles aprontavam os instrumentos, pedindo a tias e tios mais velhos que eles aproveitassem do *open bar* ou que “puxassem o carro” “porque a coisa vai esquentar pra caralho aqui”.

A pontada que Lincoln esperava sentir ao ver Chris nunca veio. Chris ainda era um belo espécime. Algumas das primas adolescentes de Dena se amontoaram na ponta do palco em que Chris se encontrava e ficaram remexendo em suas gargantilhas. Uma garota mais velha, em idade universitária, tinha vindo com a banda. Ela tinha cabelo loiro e comprido e uma pele luminosa, e entregava a Chris cerveja e garrafas de água entre as músicas.

Não houve pontada. Mesmo quando Chris pareceu reconhecer Lincoln e acenou. Agora – para Lincoln, pelo menos –, Chris era apenas outro cara que não estava com Beth.

Era difícil dançar ao som de algo que era uma mistura de Zeppelin com Radiohead, mas a maioria dos amigos de Justin e Dena estava bêbada o bastante para tentar. Inclusive a acompanhante de Lincoln. Lincoln não estava bêbado, mas ainda assim sentiu vontade de pular e gritar e cantar alto demais. Ele pegou quem fazia *stage dive* do palco. Girou Neveen até ela ficar tonta. Descaradamente fez chifrinhos com os dedos para o céu.

CAPÍTULO 88

Estava frio para outubro. As crianças teriam de vestir casacos fofos por cima de suas fantasias de Dia das Bruxas e, em toda porta, perguntariam do que estavam vestidas.

Outubro, pensou Lincoln consigo mesmo. *Viva, hurra!*

Ele estava de pé junto à janela do quarto, apenas por um momento, para deixar que a lembrança o atravessasse. *Feliz outubro.*

Uma das melhores coisas sobre seu apartamento era o fato de que havia um cinema ao qual podia ir a pé. Um velho cinema de arte chamado The Dundee, a cerca de apenas um quilômetro e meio. Era o único lugar que Lincoln conhecia que servia RC Cola na torneira. Ele acabava ali quase todo final de semana. Na maior parte do tempo, nem se importava com o que estivesse passando.

Naquela noite, Lincoln vestiu um grosso suéter de gola alta e sua jaqueta jeans por cima de calças cargo verde-oliva. Conferiu seu cabelo no espelho que pendurara logo na entrada. Ele tinha mantido o cabelo Morrissey – apesar de Eve dizer que ele o deixava parecido com Luke Perry. Ou como se ele estivesse tentando ficar parecido com Luke Perry.

– Você precisa disso? – perguntara ela. – Já não é alto o suficiente?

– Eu não preciso disso – dissera ele. – Eu gosto disso.

Eve o convidara para a casa dela naquela noite, mas ele recusou. Deveria se encontrar com os revisores mais tarde, em algum bar de Iowa que servia cerveja de tomate. Talvez ele fosse... Talvez.

Já estava escuro lá fora às seis e meia da tarde. Pareceu certo. O frio parecia certo.

Lincoln podia ver gente jantando dentro das grandes casas em seu caminho até o cinema. Era o tipo de vizinhança onde as pessoas nunca fechavam as cortinas em suas janelas panorâmicas.

– Sabe por que essas grandes casas têm janelas frontais imensas? – sua mãe lhe perguntara certa vez. – Porque, antigamente, quando alguém na sua família morria, o velório acontecia na sua casa. Você precisava de uma janela grande o bastante para passar o caixão.

Lincoln havia resolvido continuar acreditando que as janelas tinham como função deixar as pessoas exibirem suas árvores de Natal.

Quando chegou ao The Dundee, um funcionário estava mudando a marquise de *Dançando no escuro* para *Billy Elliot*.

Lincoln entrou no pequeno saguão para comprar seu ingresso, uma RC e uma caixa de pipocas amanteigadas. O cinema estava quase vazio e ele pegou um assento bem na frente. Um assento de veludo vermelho. Esse devia ser o único lugar, agora que o Indian Hills se fora, que não tinha poltronas reclináveis de plástico ou “namoradeiras” com descansos de braço ajustáveis. Ainda havia cortinas diante da tela que eram recolhidas quando os trailers começavam. Antigamente, Lincoln achava que isso não tinha nenhum sentido. Agora, era por isso que ele esperava.

Naquele instante, enquanto ele aguardava, alguém no fundo do cinema derrubou uma caixa de doces, algo duro, que fez bastante barulho – M&M’s ou Skittles, que se espalhou pelo chão de concreto em rampa. Lincoln virou para trás sem pensar. Foi quando a viu, sentada algumas fileiras atrás dele, alguns assentos para lá.

Beth.

Tão bonita.

Cabelo escuro. Rosto em forma de coração. Sardas. Beth.

Lincoln desviou o olhar assim que percebeu que era ela – mas Beth já o havia reconhecido. Ela olhara diretamente para ele. Ela parecera... qual era a expressão dela?

Surpresa. Apenas surpresa.

Era de se imaginar que ele tivesse pensado sobre aquele momento, pela quantidade de vezes que pensara em Beth nos últimos meses. Não era como se eles morassem em Tóquio ou Mumbai ou em algum lugar onde as pessoas pudessem se perder umas das outras de verdade. Aquela era uma cidade pequena. Uma cidade pequena com relativamente poucos lugares para ir, especialmente se você fosse um crítico de cinema. Lincoln pensava no *The Dundee* como o *seu* cinema, mas, de fato, era como se ele tivesse aparecido no escritório de Beth.

E agora ele tinha que ir embora. Ela iria querer que ele fosse, certo? Especialmente se tivesse juntado as peças a essa altura. Isso era outra coisa que ele havia feito um grande esforço para não pensar a respeito. Será que Beth ainda pensava nele como seu Cara Fofa? Ou tinha descoberto que ele era o esquisitão que lia seu e-mail?

Ele tinha que partir. Imediatamente. Não. Assim que as luzes se apagassem. Não podia suportar os olhos dela nele outra vez.

Lincoln inclinou-se adiante em seu assento, cobriu o rosto com uma das mãos e desejou que as luzes se apagassem. Após alguns dolorosos minutos, elas obedeceram. As luzes diminuíram, o projetor ganhou vida com alguns rangidos, as antigas cortinas se abriram e Lincoln começou a vestir sua jaqueta.

No mesmo momento em que Beth se sentava ao lado dele.

Ele congelou, um braço ainda na jaqueta. Ele não falou nada. Nem se moveu. Apenas seu sistema nervoso automático seguiu em frente.

Ele não podia ir embora, não com ela sentada ao seu lado – por que ela estava sentada ao seu lado? –, e não conseguia olhar para ela. Então tornou a se sentar lentamente, com cuidado para não tocá-la. Ele se recostou e esperou.

Mas Beth não disse nada.

E não falou nada. E não se mexeu. E não falou nada.

Durante todos os trailers, pelos créditos de abertura.

Finalmente, Lincoln não pôde evitar olhar para ela. Deu uma espiada. Ela estava encarando a tela como se aguardasse instruções do Espírito Santo, olhos arregalados, agarrando sua caneta esferográfica com as duas mãos. Uma música do T. Rex tocava na trilha sonora. "Cosmic Dancer."

Lincoln olhou para o outro lado. Disse a si mesmo para ser paciente, para esperar que ela fizesse alguma coisa ou dissesse alguma coisa. Mas a espera era sufocante. Ou talvez fosse o fato de estar sentado tão perto dela que fosse sufocante. O desejo de olhar para ela de novo.

Assim, Lincoln viu-se dizendo o que sempre dizia para mulheres, o que de fato precisava dizer para Beth.

– Me desculpe – murmurou ele, olhando por cima do ombro.

– Não – disse ela.

Ela estava olhando para ele agora, direta e determinada. Sua mandíbula estava tensa. *Ela devia saber*, pensou ele, seu coração se afundando no piso de concreto. Ela devia saber que ele era o esquisitão. Talvez fosse até gritar com ele. Ou dar-lhe um tapa. Ele se flagrou contando os centímetros que os separavam. Trinta e oito, no máximo quarenta. Ele nunca tinha estado próximo a ponto de ver as orelhas dela antes. Eram perfeitas.

Beth ergueu sua mão direita então, ainda segurando a caneta, até o rosto dele. Até o queixo dele.

Lincoln fechou os olhos. Parecia a coisa certa a se fazer, não importava o que viesse em seguida. Ele fechou os olhos e sentiu as pontas dos dedos dela tocando sua bochecha, sua testa, suas pálpebras. Ele respirou fundo – tinta e sabonete.

– Eu – ele a ouviu sussurrar, mais próxima do que ele esperava, trêmula e estranha – acho que devo ser uma garota muito estúpida.

Ele balançou a cabeça, negando. Muito levemente. Para que apenas alguém que estivesse segurando sua bochecha e seu pescoço notasse.

– Sim – disse ela, soando ainda mais perto. Ele não se mexeu, não abriu os olhos. E se ele abrisse os olhos e ela visse o que estava fazendo?

Ela beijou o rosto dele, e ele deixou sua cabeça se inclinar adiante nas mãos dela. Ela beijou o outro lado de seu rosto. E seu queixo. O espaço sob seu lábio inferior.

– Garota estúpida – disse ela, perto do canto da boca dele, soando incrédula e decidida –, o que você podia estar pensando?

Lincoln encontrou sua boca.

– Garota perfeita – disse ele, tão baixo que só alguém com as mãos no cabelo dele e os lábios praticamente tocando os dele pudesse ouvir. – Garota linda. – Ele encontrou a boca de Beth. – Perfeita. – Beijo. – Mágica. – Beijo. – Única garota.

Existem momentos em que você não consegue acreditar que algo maravilhoso está acontecendo. E existem momentos em que toda a sua consciência é preenchida com o conhecimento absoluto de que algo maravilhoso está acontecendo. Lincoln se sentia como se tivesse enfiado a cabeça em uma pia cheia de Pop Rocks e aberto a torneira.

Ele jogou sua jaqueta no chão e pôs seus braços em volta de Beth.

E tudo em que conseguia pensar era *Beth*. Tudo o que podia fazer era deixar que esse sonho se realizasse.

Ele não ouviu o filme acabar. Não ouviu nada por duas horas além do trovejar da sua pulsação e do ocasional *clique* dos dentes dela contra os seus. Mas Beth deu um pulo quando as luzes se acenderam. Ela saltou, endireitou-se e se afastou dele. Foi como sair da cama quentinha na manhã mais fria. Lincoln inclinou-se adiante, sem querer perder a proximidade dela. Temeroso de que algo terrível estivesse acontecendo, que em algum lugar um relógio estivesse batendo a meia-noite.

– Estou em cima do prazo – disse Beth. Ela tocou sua boca e então seu cabelo, o rabo de cavalo caindo. – Eu... tenho que ir, tenho que...

Ela se virou para a tela vazia como se talvez houvesse algo ali que ainda pudesse ser útil para ela. As cortinas haviam se fechado.

Ela se agachou no chão, procurando alguma coisa.

– Meus óculos – disse ela –, eu estava usando óculos?

Eles estavam enfiados em seu cabelo. Lincoln cuidadosamente os soltou.

– Obrigada – disse ela. Ele a ajudou a ficar de pé e tentou abraçá-la por um instante, mas ela se afastou assim que ficou de pé e começou a se apressar pelo corredor. – Eu nunca fiz isso antes – disse ela. Estava olhando para a tela. – Você assistiu a alguma parte? Houve dança, certo? Tenho certeza de que houve.

Então ela olhou ao redor, com medo de que alguém a tivesse ouvido. Ela tocou os lábios novamente, com a palma e quatro dedos, como se estivesse conferindo para ter certeza de que ainda estavam lá.

Em seguida ela correu – quase correu – para a saída, de costas, a princípio, para observá-lo, depois, eventualmente, dando-lhe as costas.

Lincoln não se lembrava da caminhada de volta a seu apartamento e, quando chegou lá, não quis entrar. Não queria quebrar o encanto. Assim, sentou-se nos degraus da entrada e ficou revivendo as últimas duas horas. Prestando testemunho a si mesmo: “*sim, aquilo acaba de acontecer*”.

– O que você podia estar pensando? – ela se perguntara.

O que ela *podia* estar pensando? Ela nem conhecia Lincoln. Não como ele a conhecia. Ele sabia por que queria beijá-la. Porque ela era linda. E, antes disso, porque ela era gentil. E, antes disso, porque ela era esperta e engraçada. Porque ela tinha exatamente o tipo certo de esperteza e graça. Porque ele podia imaginar fazer uma longa viagem de carro com ela sem ficar entediado nem um instante. Porque, toda vez que ele via algo novo e interessante, ou novo e ridículo, ele sempre imaginava o que ela diria sobre aquilo – quantas estrelas ela daria e por quê.

Ele *sabia* por que quisera beijá-la. Por que ainda queria. Ainda podia senti-la em seus lábios, em seu colo. Em sua cabeça, como névoa. Era assim que tinha se sentido quando beijava Sam? (Ele não conseguia se lembrar no momento, não queria lembrar.) Se tivesse sido assim, talvez nove anos não fosse um tempo tão longo para superar Sam, afinal.

Em todo o tempo que Lincoln trabalhara no *The Courier*, lendo o e-mail de Beth, pensando nela, ele nunca realmente acreditara que haveria alguma sequência de eventos, um caminho adiante dele ou uma rota pelo *continuum* espaço-tempo que levaria a isso.

Sim. Aquilo acaba de acontecer.

E talvez... talvez ainda estivesse acontecendo.

Lincoln levantou-se de repente e procurou nos bolsos pelas chaves do carro. Quanto tempo fazia desde que ela se fora? Trinta minutos? Trinta e cinco? Beth ainda estaria no *The Courier*. E Lincoln já não

precisava mais manter uma distância respeitável. Ele não precisava desejar e ansiar e se sentir culpado. Não precisava fazer a coisa mais honrada. Ou talvez a coisa mais honrada tivesse mudado no instante em que Beth se sentara ao lado dele. Tudo havia mudado.

Lincoln estacionou nos fundos do *The Courier*, junto à doca de carga. Meia dúzia de caminhões já esperavam ali, em ponto morto, enquanto equipes os carregavam com pilhas da primeira edição. Ele entrou correndo pela porta de uma garagem, passando pela roleta de funcionários – o vigia de serviço o reconheceu e acenou – e, então, correu escada acima para a redação, como se corresse por sua vida, como se estivesse em cima do prazo. Como se, caso parasse, talvez fosse se acomodar em sua personalidade antiga, ficando preso em seu ciclo antigo. E se houvesse para ele apenas um modo de agir naquele prédio? Naquele contexto?

Chuck ergueu os olhos quando Lincoln passou correndo pela mesa dos revisores. Lincoln lançou-lhe um cumprimento com a cabeça e continuou correndo. Ele olhou para a mesa da cidade: sem Beth. Nos fundos da redação, na seção de Entretenimento; estava escuro, mas Lincoln seguiu em frente, tentando não pensar em todas as noites que passara por esse caminho depois de ter certeza de que ela já havia ido embora.

Ela estava lá, no telefone. Sentada em sua baia escura, o monitor iluminando seu rosto como uma vela.

– Não, eu sei – ela disse no aparelho. Seu cabelo estava completamente solto agora, e ela estava sem óculos. Ainda parecia meio tonta e inchada de tanto beijar. – Eu sei – disse ela, esfregando a testa. – Olha, isso nunca vai...

Lincoln parou na baia ao lado dela e tentou não ofegar como um cavalo de corrida. Beth olhou para cima, o viu e perdeu o resto da frase que estava dizendo.

Ele não soube o que fazer, então sorriu, esperançoso, mordendo o lábio.

– Obrigada – ela disse ao telefone. – Eu sei. Obrigada... tudo bem.

Ela desligou e o encarou, boquiaberta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela.

– Eu posso ir embora – disse ele, recuando um passo.

– Não – disse ela, ficando de pé. – Não. Eu...

– Pensei que devíamos conversar – disse ele.

– Tudo bem – disse ela.

– Tudo bem – concordou Lincoln.

Havia talvez sessenta centímetros e uma divisória de baia entre eles.

– Ou talvez não devêssemos – disse Beth, cruzando os braços.

– O quê?

– Eu sinto que, se conversarmos sobre isso, pode dar tudo terrivelmente errado. Mas, se deixarmos como está, talvez a coisa possa continuar parecendo, sei lá, de alguma forma, terrivelmente certa.

– Como está? – perguntou ele.

– Claro – disse ela, falando rápido demais. – Podemos nos encontrar em cinemas escuros... e se eu precisar te contar algo, mando para outra pessoa em um e-mail.

Lincoln se afastou dela, como se tivesse sido esbofeteado.

Ela fez uma careta e fechou os olhos.

– Me desculpe – disse ela. – *Me desculpe*. Eu te avisei. Não sou boa em conversar. Sou melhor por escrito.

Ela sabe, era tudo em que Lincoln conseguia pensar. *Que eu sou o esquisitão. Não o cara fofo. Ela sabe... E mesmo assim, sentou do meu lado.*

– Terminou? – ele disse.

– De me envergonhar? Provavelmente não.

- Sua resenha.
- Se é que se pode chamá-la assim.
- Então vem comigo.

Lincoln estendeu a mão para ela e sentiu que tinha vencido algo quando, depois de outro instante de atordoamento, ela a pegou. Ele começou a sair da redação, desejando saber para onde a levar. Não era como se o *The Courier* tivesse um pátio romântico escondido. Ou uma sacada. Ou uma mesa escondida em um cantinho.

Eles acabaram na copa.

– Espere – disse Beth, enquanto ele abria a porta. A sala estava escura. As mesas tinham sumido. As máquinas ainda estavam ali, iluminadas e zumbindo, mas estavam vazias.

– Está fechado – disse Beth, baixinho. – Tem um refeitório novo, lá embaixo. Este vai virar um escritório, acho, para o pessoal da Web.

Ela olhou para o corredor, nervosa, e recolheu sua mão.

– Perfeito – disse Lincoln.

Ele entrou no refeitório e segurou a porta aberta para ela. Ela olhou para ele, surpresa, e o seguiu. A porta se fechou atrás dele e Lincoln parou por um momento para deixar seus olhos se ajustarem à luz da máquina da Pepsi. Havia um espaço limpo contra a parede, junto à cafeteira. Beth o seguiu até lá – ele ainda esperava que ela não o seguisse –, e eles afundaram até o chão, de frente um para o outro.

Ele queria tocá-la, pegar sua mão outra vez, mas ela puxou a saia para baixo, cobrindo os joelhos, e pressionou as mãos fechadas em punho no colo. Ele não tinha reparado na roupa dela antes. Uma saia jeans até o joelho, um cardigã cor-de-rosa, meia-calça violeta e botas de couro azul de cano alto. *Ela parecia um pôr do sol*, pensou.

– Então agora nós conversamos? – perguntou ela.

– Acho que sim – disse Lincoln.

Beth olhou para seus punhos.

– Não consigo pensar em nada para te dizer que você já não saiba.

– Não fale isso – disse ele. – Não é assim.

– Não é? – Ela parecia brava.

– Me desculpe – disse ele.

– Não se desculpe – disse ela, a voz se partindo. – *Por favor.* Eu realmente, realmente não quero que você peça perdão.

– Não quer?

– *Não* – disse ela.

– O que você quer que eu diga?

– Quero que me diga alguma coisa, eu não sei o quê. Mas *algo* que torne perfeitamente compreensível para mim estar aqui – ela falou de modo rápido e trêmulo. Ele pensou até que ela estivesse começando a chorar. – Digo, Jennifer vai entrar em trabalho de parto quando eu contar isso a ela. Ela ainda pensa que nós deveríamos te entregar. Mas te entregar por quê? E para quem? Ela me acusou de me deixar abalar por sua vasta fofice... sua fofa vastidão...

– Jennifer está grávida? – perguntou Lincoln, sorrindo fora de contexto.

Beth esfregou os olhos com o suéter e olhou para ele.

– Está.

– Isso é ótimo – disse ele, com sinceridade. – É ótimo mesmo.

– É... – disse ela, ainda o encarando, depois escondendo o rosto nas mãos. – Ah, meu Deus, isso é tão esquisito.

– Me desculpe – disse ele.

– *Pare.*

– Certo, me desculpe, *olha*, ajudaria se eu dissesse que eu nunca pretendi começar a ler suas mensagens? Nem as da Jennifer, nem as de ninguém? Eu só estava checando o filtro, e você caía lá, sabe como é, por quebrar as regras, e aquelas eram as únicas mensagens que eu lia, apenas as que caíam no filtro, e apenas as suas. Digo,

talvez isso deixe as coisas ainda piores, mas eu não lia regularmente os e-mails de mais ninguém. Eu não tive que deixar bilhetes na mesa de mais ninguém quando me demiti.

– Por que você teve que deixar um bilhete na minha? Eu juro, aquele bilhete foi a parte mais estranha.

– Eu queria me desculpar – disse ele, resistindo ao impulso de desviar o olhar.

– Mas *por que* se desculpar? Por que isso importava?

– Porque você importava – disse ele. – Eu queria ser honesto com você.

– Anonimamente?

Lincoln não queria pedir desculpas outra vez, então não disse nada.

– Eu ficava pensando em você – disse Beth. – Pensando em como isso funcionaria em um livro ou nos filmes. Se isso fosse um romance da Jane Austen, não seria tão ruim. Se você estivesse interceptando minhas cartas lá, e eu estivesse espiando por cima da sua cerca-viva... Computadores deixam tudo pior.

– Eu deixei tudo pior – disse ele. – Não deveria ter escrito aquele bilhete para você. Digo, além de tudo o mais. Sinto muito que aquilo tenha te chateado.

– Mas o negócio é esse... – disse ela. – Eu não tenho muita certeza de que tenha me chateado. Talvez no início, pensando em um estranho lendo meu e-mail. Mas não levei muito tempo para descobrir que era você. Eu não te vi mais pelo prédio. E perguntei ao Derek um dia – Derek, você sabe, aquele que se senta perto de mim – 'O que aconteceu com aquele grandão de cabelo castanho que costumava jantar com a Doris?'. E ele respondeu: 'O cara de TI? Ele se demitiu.'. E foi quando eu juntei tudo. Que você era... você.

Beth tinha parado de chorar e relaxado contra a parede. Sua saia havia subido sobre os joelhos na meia-calça roxa. Lincoln queria cair

no colo dela. Eles ainda estavam sentados de lado, um de frente para o outro, e ela colocou sua mão perto da dele no chão, de modo que a ponta de seus dedos quase se tocavam.

– Como isso funcionaria em um filme? – perguntou ela, olhando para as mãos deles, parecendo cada vez mais suave a cada sílaba. – Como Meg Ryan e Tom Hanks deixariam essa situação menos estranha?

– Você diz, como em *Sintonia de amor*? – perguntou ele.

– Isso – disse ela –, ou *Mensagem para você*. Digo, em primeiro lugar, nós teríamos essa conversa longe das câmeras. É complicado demais.

– Se isso fosse um filme com Meg Ryan e Tom Hanks – disse Lincoln –, eu apenas beijaria você, provavelmente no meio de uma frase. Isso ajeitaria tudo.

Ela sorriu. Ele já a havia visto sorrir daquele jeito? Com todo o seu rosto sardento?

– Entra Louis Armstrong – disse ela.

– Mas eu não vou te beijar – disse ele. Precisou forçar as palavras para fora.

– Não vai?

– Não. Porque você tem razão. Isso deveria ser explicável. Nós deveríamos ser. Eu quero que você seja capaz de olhar para trás, para essa noite, e acreditar que isso é plausível, que isso é um jeito de duas pessoas se encontrarem uma à outra.

– Ah – disse Beth. – *Harry e Sally – Feitos um para o outro*. – Se o sorriso dela se abrisse mais, ela o quebraria.

– *Joe contra o vulcão* – disse ele.

– *Jerry Maguire: a grande virada* – disse ela.

– *O Império contra-ataca*.

Ela riu.

– Eu não teria feito o que eu fiz no cinema se... bem, eu perguntei a Doris sobre você.

– É?

– E ela disse que você era um dos caras mais legais que ela já conheceu, talvez até mais do que o marido dela, Peter...

– Paul.

– Paul – disse Beth. – E que você dividia seu jantar com ela e a ajudou a se mudar. Ela também me disse que você era solteiro, que as garotas na revisão flertavam com você, mas que você era um perfeito cavalheiro. Ela disse que você largou seu emprego porque ler o e-mail dos outros o fazia se sentir como um pervertido e que trabalhar à noite fazia você se sentir como o Conde Chocula.

– Ela te disse isso tudo?

– Aqui mesmo. Ao longo de três partidas de besigue.

– Você deveria ter continuado como repórter.

– Viu? – sussurrou ela, fechando os olhos apenas por um momento. – *Isso*. O que eu posso contar a meu respeito que você já não conheça? O que eu posso dizer, *sabendo* o que você sabe?

– Não é assim – repetiu ele.

– Tudo o que eu escrevi sobre você, como eu te chamava...

– Eu sabia que não era sério – disse ele. – Eu sabia que você tinha um namorado.

– Era por isso que você lia meu e-mail? Porque eu tinha uma queda por você?

– Não. Quando você escreveu aquilo, eu já sentia... tudo.

– Eu *estava* falando sério – disse ela. – Mais do que eu admitia para Jennifer. Eu te seguia sempre que podia. Eu tentei te seguir até em casa uma vez.

– Eu sei – ele disse, em um fio de voz.

Ela olhou para baixo. Puxou a saia.

– Eu tinha essa sensação a seu respeito – disse ela. – Isso é bobagem?

– Espero que não.

Ficaram quietos.

– Então tudo bem – disse Beth, levantando sua expressão e inclinando-se adiante, num rompante, como se tivesse resolvido alguma coisa. – Quando eu estava na sétima série, eu vi um trecho de um videoclipe dos Sundays, da música “Here’s Where the Story Ends”. Conhece essa música?

Ele assentiu. Ela empurrou o cabelo para trás das orelhas.

– Eu quase nunca conseguia assistir a MTC, só quando estava na casa da minha amiga Nickie, e só quando os pais dela não estavam. Mas eu vi esse vídeo, nem mesmo a coisa toda, e simplesmente soube que essa seria minha música favorita para... para o resto da minha vida. E ela ainda é. Ainda é minha música favorita... Lincoln, eu disse que você era fofo porque não sabia como dizer. Porque eu não achei que *pudesse dizer* mais nada. Mas toda vez que eu te via, me sentia do mesmo jeito que senti quando ouvi aquela música pela primeira vez.

Ela estava jogando estrelas em cima dele. Era difícil escutar. Era difícil olhar para ela. Ele ainda sentia como se estivesse roubando alguma coisa.

– Lincoln? – chamou ela.

– Sim?

– Você acredita em amor à primeira vista?

Ele se forçou a olhar para o rosto dela, para seus olhos bem abertos e a testa ansiosa. Para sua boca insuportavelmente doce.

– Não sei – disse ele. – Você acredita em amor antes disso?

A respiração dela ficou presa em sua garganta como um soluço dolorido.

E então foi demais tentar não beijá-la.

Ela veio prontamente para os braços dele. Lincoln inclinou-se contra a cafeteira e puxou-a completamente para junto dele. Ali estava outra vez, o beijo impossível de descrever. *Era assim que* 2001 – Uma odisséia no espaço *deveria ter acabado*, ele pensou. Isso é o infinito.

Beth se afastou, mas ele a puxou de volta.

– Eu não sei... – disse ela, sentada no colo dele, pousando sua bochecha sobre a cabeça dele. – Eu não sei o que você quis dizer com amor antes de à primeira vista.

Lincoln enfiou o rosto no ombro dela e tentou pensar em uma boa maneira de responder.

– É só que... Eu sentia como me sentia a seu respeito antes mesmo de te ver – disse ele –, quando eu ainda pensava que talvez nunca fosse te ver..

Ela segurou a cabeça dele entre suas mãos e inclinou-a para trás para poder ver o rosto dele.

– Isso é ridículo – disse ela. O que o fez rir.

– Absolutamente – disse ele.

– Não, estou falando sério – disse Beth. – Homens se apaixonam com os olhos. – Ele fechou os olhos. – Isso é praticamente *ciência*.

– Talvez – disse Lincoln. Os dedos dela eram tão gostosos em seu cabelo. – Mas eu não podia te ver, então...

– Então, o que você via?

– Apenas... o tipo de garota que escreveria as coisas que você escrevia.

– *Que coisas?*

Lincoln abriu os olhos. Beth estava analisando seu rosto. Ela parecia cética – talvez a respeito de mais coisas além da última que ele havia dito. Isso era importante, ele percebeu.

– Tudo – disse ele, sentando-se mais reto, mas ainda segurando a cintura dela. – Tudo o que você escrevia sobre seu trabalho, sobre

seu namorado... O jeito como você confortava Jennifer e a fazia rir durante o problema com o bebê e depois. Eu visualizava uma garota que pudesse ser tão bondosa, e tão divertida. Imaginei uma garota que fosse *viva*...

Ela parecia cautelosa. Lincoln não podia dizer pelos olhos dela se a estava afastando ou conquistando.

– Uma garota que nunca se cansava de seus filmes favoritos – disse ele suavemente. – Que guardava vestidos como entradas de shows. Que podia ficar alegre com o clima... Imaginei uma garota que tornava cada momento, cada coisa que tocava e todos ao seu redor mais leves e doces. Imaginei *você* – disse ele. – Eu só não sabia como era sua aparência. E aí, quando eu soube qual era sua aparência, você parecia com a garota que era tudo isso. Você parecia com a garota que eu amava.

Os dedos de Beth tremeram no cabelo dele, e a testa dela desceu contra a dele. Uma lágrima pesada e molhada caiu nos lábios de Lincoln, e ele a lambeu. Ele a puxou mais para perto, tão perto quanto era possível. Como se não se importasse naquele momento se ela era capaz de respirar. Como se houvesse dois deles, e apenas um paraquedas.

– Beth – ele mal conseguiu dizer, pressionando seu rosto contra o dela até seus cílios se roçarem, pressionando sua mão na parte de trás da cintura dela. – Eu não acho que vá conseguir explicar. Não acho que posso fazer mais sentido do que isso. Mas vou continuar tentando. Se você quiser.

Ela quase balançou a cabeça.

– Não – disse ela –, chega de explicação. E de desculpas. Eu não acho que ainda importe como terminamos aqui. Eu só... Eu quero ficar... Eu quero...

Ele a beijou então.

Bem ali.

No meio da frase.

CAPÍTULO 89

– Acho que a sua mãe não gostou de mim – disse Beth. Eles estavam voltando para o apartamento dele, e ela equilibrava uma forma gigante de lasanha no colo.

– Eu acho que ela te adorou – disse ele. – Foi por isso que ela parecia tão triste. Ela teria ficado muito mais feliz se houvesse algo obviamente errado com você. Devia ter visto a cara dela quando você disse que ia votar em Ralph Nader.

– Eu vi, ela parecia furiosa.

– Porque ela adora o Ralph Nader.

– Por que a sua irmã riu?

– Porque ela adora ver minha mãe frustrada.

Beth chacoalhou a cabeça. Estava chovendo lá fora, e o cabelo dela estava molhado e cacheando ao redor da testa.

– Isso é loucura – disse ela.

– Agora você está entendendo – disse ele.

Eles tinham resolvido não contar para a mãe dele nem para Eve – nem para ninguém – exatamente como haviam se conhecido. Diziam a todos que tinham se encontrado no trabalho. (“O que é verdade”, disse Beth. “Tecnicamente.”) Apenas Christine sabia toda a verdade, e Jennifer, claro, e provavelmente Mitch. Beth disse que eles podiam contar a quem quisessem depois que estivessem juntos tempo o bastante para que aquilo parecesse uma nota de rodapé em seu relacionamento. E não toda a história bizarra.

– Bem, meus pais te amam – disse ela, abraçando a lasanha. – Não há nada complicado a respeito. Minha mãe acha que você tem

um senso de humor delicioso, e meu pai me disse que te acha bem bonito. “Masculino”, ele disse. Até comentou sobre o tamanho das suas mãos. Não fique surpreso se ele tentar dançar com você no nosso casamento... – Beth parou de falar abruptamente. Quando Lincoln olhou, ela havia virado o rosto para a janela.

– Eu danço com o seu pai – disse ele, colocando a mão na nuca de Beth e afagando o rosto dela com o polegar. – Desde que ele me guie. Não sou um grande dançarino.

Quando ela sorriu para ele, Lincoln sentiu seu coração inchar dentro do peito. Ele se sentia assim o tempo todo agora. Mesmo quando a estava abraçando, ele sentia que havia algo dentro dele tentando escapar e abraçá-la também.

– Eu não sabia que podia ser assim – disse ela, mais tarde.

Não mais tarde naquela mesma noite. Mas em uma noite muito parecida com aquela. Uma noite que terminou com Beth nos braços dele, com ela em todo lugar de encontro a ele.

Lincoln estava quase dormindo.

– Assim, como? – perguntou ele.

– Eu não sabia que o amor podia deixar a luz acesa o tempo todo. Sabe o que quero dizer?

– Não exatamente – disse ele, encontrando um jeito de puxá-la ainda mais para perto. Ele podia apenas divisar a silhueta dela no escuro, a cabeça levantada, o cabelo caindo sobre o peito dele.

– Pensei que ele tirava mais sonecas – disse ela, lutando para encontrar as palavras certas. – Ou piscava. Não sabia que podia simplesmente seguir em frente e em frente desse jeito, sem cair em um precipício. Como pi.

– Como assim, bi? – murmurou ele.

– Não, *pi*... – disse ela. – Lincoln...

Ele não respondeu.

– Lincoln? Está dormindo? Eu não sabia que alguém podia me amar assim – disse ela. – Podia me amar e amar e amar e amar sem... precisar de espaço.

Lincoln não estava dormindo. Ele rolou para cima dela.

– Não existe ar no espaço – disse ele.

SOBRE A AUTORA

Rainbow Rowell é uma ex-repórter de jornal e vive em Nebraska com seu marido e seus dois filhos. *Anexos* é seu primeiro romance.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



* Referência a Link, personagem do game *The Legend of Zelda*. (N.E.)

* Referência à canção "Maria", do filme *Amor, sublime amor* (West Side Story), de 1961. No original: "Say it loud and there's music playing. Say it soft and it's almost like praying". (N.E.)

* Jogo de estratégia em que cinco grandes potências lutam pela supremacia. Alemanha e Japão são aliados contra a grande aliança do Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos. (N.E.)

* Citação a uma música chamada "Escape", de Jimmy Buffett, em que o cantor diz que colocou um anúncio procurando sua alma gêmea com essas qualidades. (N.E.)

* É um material rígido, exclusivo da DuPont, que serve para fazer balcões e outras superfícies que normalmente seriam de pedra. (N.E.)